
Segundo volume da trilogia best-seller de
SIMONE ELKELES
Leis da Atração
GLOBO Alt

Leis da atração

SIMONE ELKELES

Tradução
Fal Azevedo

GLOBO Alt

Sumário

Pular sumário [»»]

Capítulo 1: Carlos

Capítulo 2: Kiara

Capítulo 3: Carlos

Capítulo 4: Kiara

Capítulo 5: Carlos

Capítulo 6: Kiara

Capítulo 7: Carlos

Capítulo 8: Kiara

Capítulo 9: Carlos

Capítulo 10: Kiara

Capítulo 11: Carlos

Capítulo 12: Kiara

Capítulo 13: Carlos

Capítulo 14: Kiara

Capítulo 15: Carlos

Capítulo 16: Kiara

Capítulo 17: Carlos

Capítulo 18: Kiara

Capítulo 19: Carlos

Capítulo 20: Kiara

Capítulo 21: Carlos

Capítulo 22: Kiara

Capítulo 23: Carlos

Capítulo 24: Kiara

Capítulo 25: Carlos

Capítulo 26: Kiara

Capítulo 27: Carlos

Capítulo 28: Kiara

Capítulo 29: Carlos

Capítulo 30: Kiara

Capítulo 31: Carlos

Capítulo 32: Kiara

Capítulo 33: Carlos

Capítulo 34: Kiara

Capítulo 35: Carlos

Capítulo 36: Kiara

Capítulo 37: Carlos

Capítulo 38: Kiara

Capítulo 39: Carlos

Capítulo 40: Kiara

Capítulo 41: Carlos

Capítulo 42: Kiara

Capítulo 43: Carlos

Capítulo 44: Kiara

Capítulo 45: Carlos

Capítulo 46: Kiara

Capítulo 47: Carlos

Capítulo 48: Kiara

Capítulo 49: Carlos

Capítulo 50: Kiara

Capítulo 51: Carlos

Capítulo 52: Kiara

Capítulo 53: Carlos

Capítulo 54: Kiara

Capítulo 55: Carlos

Capítulo 56: Kiara

Epílogo: Vinte e seis anos depois

Agradecimentos

Notas

Sobre a autora

Créditos

Para Karen Harris, uma incrível amiga, mentora, parceira de escrita e muito mais. Eu estaria perdida sem sua orientação e amizade nos últimos sete anos. Obrigada um milhão de vezes por compartilhar esta jornada comigo.



capítulo 1

Carlos

Quero viver minha vida nos meus próprios termos. Mas sou mexicano, então *mi familia* está sempre lá para me guiar em tudo o que faço, quer eu queira ou não. Bom, "guiar" não é bem a palavra certa. "Ditar" seria mais correto.

No meu último ano da escola, *mi'amá* não perguntou se eu queria sair do México e me mudar para o Colorado, para morar com meu irmão Alex. Ela tomou a decisão de me mandar de volta à América "para o meu próprio bem" — palavras dela, não minhas. Quando o resto de *mi familia* a apoiou, estava resolvido.

Será que eles realmente acham que me enviar de volta para os Estados Unidos vai me impedir de acabar em um caixão ou na prisão? Desde que eu fui demitido do engenho de açúcar, há dois meses, vivo *la vida loca*. Nada vai mudar isso.

Olho pela pequena janela do avião, enquanto sobrevoamos as Montanhas Rochosas cobertas de neve. Definitivamente não estou mais em Atencingo… E tampouco nos subúrbios de Chicago, onde vivi toda minha vida antes de *mi'amá* nos obrigar a fazer as malas e mudar para o México, no meu segundo ano do colegial.

Quando o avião pousa, observo a corrida dos outros passageiros para desembarcar. Eu continuo no meu assento, tentando assimilar a minha situação. Estou prestes a ver meu irmão pela primeira vez em quase dois anos. Nem sei se quero vê-lo.

O avião está quase vazio, então não posso mais enrolar. Pego minha mochila e sigo as placas até as esteiras de bagagem. Ao sair do terminal, vejo meu irmão, Alex, esperando por mim além das grades. Achei que talvez não fosse reconhecê-lo, ou que ia me sentir como se fôssemos estranhos em vez de família. Mas não há como confundir meu irmão mais velho… Seu rosto é tão familiar para mim quanto o meu. Fico levemente satisfeito por estar mais alto do que ele agora, e por não ser mais aquele garoto magricela que ele deixou para trás.

— *Ya estás en Colorado* — diz ele, me envolvendo em um abraço.

Quando ele me solta, noto cicatrizes acima de suas sobrancelhas e de suas orelhas, cicatrizes que não estavam lá da última vez que o vi. Ele parece mais velho, mas está perdendo aquele olhar reservado que sempre teve, como um escudo. Acho que herdei esse escudo.

— *Gracias* — respondo, seco. Ele sabe que eu não queria estar aqui. Tio Julio ficou ao meu lado até a hora da partida, me obrigou a subir no avião e ameaçou ficar no aeroporto até ter certeza de que meu traseiro estava fora do chão.

— Você se lembra de como falar inglês? — pergunta meu irmão, enquanto caminhamos até a esteira de bagagem.

Reviro os olhos.

— Só estamos no México há dois anos, Alex. Ou melhor dizendo, eu, *mamá* e Luis nos mudamos para o México. Você abandonou a gente.

— Eu não abandonei vocês. Estou fazendo uma faculdade pra poder fazer algo realmente útil da minha vida. Você devia tentar, uma hora dessas.

— Não, obrigado. Gosto muito da minha vida improdutiva do jeito que é.

Pego minha mochila na esteira e sigo Alex para fora do aeroporto.

— Por que você está usando isso em volta do pescoço? — pergunta meu irmão.

— É um rosário — respondo, tocando a cruz preta e branca. — Eu virei religioso.

— Religioso é o cacete. Eu sei que isso é um símbolo de gangue — diz ele quando chegamos a um Beemer conversível prateado. Meu irmão não tem dinheiro para comprar um carro incrível como esse; deve ser emprestado da sua namorada, Brittany.

— E se for? — Alex fazia parte de uma gangue quando morávamos em Chicago. Antes dele, *mi papá* tinha sido da mesma gangue. Quer Alex admita ou não, ser marginal é o meu legado. Eu tentei viver dentro da lei. Nunca me queixei quando ganhava menos de cinquenta *pesos* por dia e trabalhava como um cavalo depois da aula. Depois que fui demitido e comecei a andar com a *Guerreros del barrio*, passei a ganhar mais de mil *pesos* por dia. Podia ser dinheiro sujo, mas era o que colocava comida na nossa mesa.

— Você não aprendeu nada com os meus erros? — pergunta ele.

Caralho, quando Alex fazia parte da gangue Latino Blood, em Chicago, eu o idolatrava.

— Você não quer ouvir a resposta pra essa pergunta.

Sacudindo a cabeça em sinal de frustração, Alex pega a mochila da minha mão e a joga no porta-malas. E daí que ele foi expulso da Latino Blood? Ele vai ter suas tatuagens pelo resto da vida. Independentemente de sua vontade, ele sempre estará associado à gangue, sendo ou não um membro ativo dela.

Examino meu irmão com atenção. Ele mudou, com certeza; senti isso no momento em que o vi. Pode até se parecer com Alex Fuentes, mas dá para ver que perdeu o espírito de luta que possuía. Agora que está na faculdade, Alex acha que pode viver uma vida certinha e fazer do mundo um lugar brilhante. É incrível a rapidez com que ele esqueceu que, não muito tempo atrás, vivíamos na periferia dos subúrbios de Chicago. Algumas partes do mundo não podem brilhar, não importa o quanto você tente se livrar da sujeira.

— *Y mamá?* — pergunta Alex.

— Ela está bem.

— E o Luis?

— Continua o mesmo. Nosso irmãozinho é quase tão esperto quanto você, Alex. Ele acha que vai ser um astronauta, como José Hernández.

Alex assente, como um pai orgulhoso, e acho que ele realmente acredita que Luis pode realizar seu sonho. Os dois deliram… Meus dois irmãos são sonhadores. Alex acha que pode salvar o mundo criando curas para doenças e Luis acha que pode deixar este planeta para explorar outros.

Quando entramos na rodovia, vejo uma cadeia de montanhas ao longe. Ela me faz lembra do relevo acidentado do México.

— Aquilo é o Front Range. A universidade fica no sopé das montanhas — diz Alex. Ele aponta para a esquerda. — Aquelas são as Flatirons. As rochas são retas como tábuas de passar. Vou te levar lá algum dia. A Brit e eu gostamos de caminhar ali quando queremos ficar longe do campus.

Quando Alex olha para mim, eu o estou encarando como se ele fosse um bicho de duas cabeças.

— O quê? — pergunta.

Ele está brincando?

— *¿Me está tomando los pelos?* Estou só me perguntando quem é você e o que você fez com o meu irmão. Meu irmão Alex costumava ser um rebelde,

e agora ele fala sobre montanhas, tábuas de passar e passeios com a namorada.

— Você prefere que eu fale sobre ficar bêbado e drogado?

— Sim! — exclamo, fingindo empolgação. — E aí você pode me dizer onde eu posso ficar bêbado e drogado, porque não vou durar muito se não colocar algum tipo de substância ilegal no meu corpo — minto. *Mi'amá* provavelmente disse a ele que suspeitava que eu estivesse usando drogas, então posso muito bem manter a farsa.

— Sim, claro. Guarda essa conversa furada para a *mamá*, Carlos. Não acredito nisso. Nem você.

Coloco os pés no painel.

— Você não tem ideia.

Alex empurra meus pés para baixo.

— Você pode não fazer isso? O carro é da Brittany.

— Você virou um puta capacho, cara. Quando você vai se livrar da *gringa* e começar a se comportar como um estudante universitário normal, saindo com um monte de garotas? — pergunto a ele.

— Brittany e eu não saímos com outras pessoas.

— Por que não?

— Se chama *namorar*.

— Se chama ser um *panocha*. Não é natural pra um cara ficar só com uma garota, Alex. Eu sou um agente livre e planejo continuar assim pra sempre.

— Só pra deixar claro, *señor agente livre*, você não vai transar com ninguém no meu apartamento.

Ele pode até ser meu irmão mais velho, mas nosso pai já está morto e enterrado faz muito tempo. Não quero nem preciso de suas regras idiotas. Já é hora de eu criar algumas só minhas…

— Só pra deixar claro, planejo fazer a merda que eu quiser enquanto estiver aqui.

— Só faça um favor a nós dois e me escute. Você pode até aprender alguma coisa.

Dou uma risadinha. Claro, claro. O que eu vou aprender com ele? Como preencher formulários de admissão para universidades? Como fazer experimentos de termoquímica? Não pretendo fazer nenhuma dessas coisas.

Ficamos em silêncio no carro durante os quarenta e cinco minutos

seguintes, as montanhas se aproximando a cada quilômetro. Passamos pelo campus de Boulder, da Universidade do Colorado. Edifícios de tijolos vermelhos se projetam do chão e estudantes universitários com mochilas nas costas estão espalhados por toda parte. Alex acha mesmo que pode nadar contra a maré e encontrar um trabalho bem-remunerado, para não ser pobre pelo resto de sua vida? Sem chance. As pessoas vão olhar para ele e suas tatuagens e jogá-lo de volta na rua.

— Preciso estar no trabalho em uma hora, mas vou te ajudar a se instalar primeiro — diz ele, estacionando o carro em uma vaga.

Sei que ele conseguiu emprego em uma oficina mecânica para ajudar a pagar um monte de empréstimos estudantis e do governo.

— É aqui — diz ele, apontando para o prédio à nossa frente. — *Tu casa*.

A monstruosidade redonda de oito andares, que mais parece uma espiga de milho gigante, é a coisa mais distante de um lar, mas tanto faz. Pego minha mochila no porta-malas e sigo Alex prédio adentro.

— Espero que este seja o lado pobre da cidade, Alex — digo. — Porque gente rica me dá alergia.

— Eu não estou vivendo no luxo, se é isso que você quer saber. São apartamentos estudantis subsidiados.

Nós descemos do elevador no quarto andar. O corredor cheira a pizza velha e o carpete está coberto de manchas. Duas meninas gostosas, em roupas de ginástica, passam por nós. Alex sorri para elas. Pelos olhares, não ficaria surpreso se de repente elas se ajoelhassem e beijassem o chão onde ele pisa.

— Mandi e Jessica, este é o meu irmão, Carlos.

— O-*lá*, Carlos — diz Jessica, me analisando dos pés à cabeça. Acho que cheguei ao epicentro do tesão da universidade. Posso definitivamente sentir isso. — Por que você não disse que ele era tão gato?

— Ele ainda está no colégio — adverte Alex.

Quem é ele, meu empata-foda?

— Estou no último ano — exclamo, na esperança de minimizar o golpe de saberem que não estou na faculdade. — Faço dezoito anos daqui a alguns meses.

— Vamos fazer uma festa de aniversário pra você — diz Mandi.

— Legal — digo. — Meu presente pode ser vocês duas?

— Se o Alex não se importar — diz Mandi.

Alex se afasta e passa uma mão pelo cabelo.

— Eu vou me meter em confusão se entrar nessa conversa.

Desta vez, as meninas riem. Em seguida saem correndo pelo corredor, olhando para trás e acenando.

Entramos no apartamento de Alex. Ele definitivamente não está vivendo no luxo. Uma cama de casal coberta por um cobertor fino de lã preta de um lado, uma mesa e quatro cadeiras à direita e, perto da porta, uma cozinha tão pequena que duas pessoas teriam dificuldade em usá-la ao mesmo tempo. Não é sequer um apartamento de um quarto. É um estúdio. Um estúdio *pequeno*.

Alex aponta para uma porta ao lado de sua cama.

— O banheiro é ali. Você pode deixar suas coisas no armário em frente à cozinha.

Jogo minha mochila no armário e caminho pelo apartamento.

— Hum, Alex… Onde você espera que eu durma?

— Peguei um colchão inflável emprestado da Mandi.

— *Está buena,* ela é bonitinha. — Olho novamente ao meu redor. Na nossa casa de Chicago, eu dividia um quarto muito menor com Alex e Luis. — Cadê a televisão? — pergunto.

— Não tenho uma.

Merda. Isso não é bom.

— E o que eu devo fazer quando ficar entediado?

— Leia um livro.

— *Estás chiflado*, você está maluco. Eu não leio.

— A partir de amanhã, você lê — diz ele, enquanto abre a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco. — Eu já recebi o seu histórico escolar. Estão esperando você na Flatiron High amanhã.

Escola? Meu irmão está falando sobre escola? Cara, essa é a última coisa na qual um cara de dezessete anos quer pensar. Achei que teria pelo menos uma semana para me adaptar a viver nos Estados Unidos de novo. Hora de mudar o rumo da conversa.

— Onde você guarda a erva? — pergunto, sabendo que estou testando o limite de sua paciência. — Melhor me mostrar logo pra eu não precisar revistar o apartamento.

— Não tenho.

— O.k., então… Quem é o seu fornecedor?

— Você não entendeu, Carlos. Eu não uso mais essa merda.

— Você disse que trabalha. Você não ganha dinheiro?

— Sim, pra conseguir comer, pagar a faculdade e mandar o que sobrar para a *mamá*.

Ainda estou tentando assimilar as novidades quando a porta do apartamento se abre. Reconheço a namorada loira do meu irmão no mesmo instante, com suas chaves e bolsa em uma das mãos e um grande saco de papel marrom na outra. Ela parece uma Barbie que ganhou vida. Meu irmão pega o saco de papel e a beija. Eles parecem casados.

— Carlos, você se lembra da Brittany.

Ela abre os braços e me abraça.

— Carlos, é tão bom ter você aqui! — diz Brittany, com sua voz animada. Tinha esquecido que ela era líder de torcida na escola, mas me lembro disso assim que ela abre a boca.

— Bom pra quem? — pergunto, ríspido.

Ela se afasta um pouco.

— Pra você. E para o Alex. Ele sente falta de ter a família por perto.

— Até parece.

Brittany pigarreia e parece um pouco desconfortável.

— Bom… o.k. Eu trouxe comida chinesa pra vocês almoçarem. Espero que esteja com fome.

— Nós somos mexicanos — digo a ela. — Por que você não trouxe comida mexicana?

As sobrancelhas muito bem esculpidas de Brittany se erguem.

— Isso foi uma piada, né?

— Na verdade, não.

Ela se volta para a cozinha.

— Alex, quer me ajudar aqui?

Alex aparece com pratos de papel e talheres de plástico nas mãos.

— Carlos, qual é o seu problema?

Eu dou de ombros.

— Nenhum problema. Eu só estava perguntando para a sua namorada porque ela não trouxe comida mexicana. Ela é que ficou toda na defensiva.

— Tenha modos e diga "obrigado", em vez de fazê-la se sentir uma bosta.

Fica muito claro pra mim de que lado meu irmão está. Um dia, Alex disse que tinha entrado para a Latino Blood para proteger nossa família, para que

Luis e eu não precisássemos entrar na gangue. Mas eu posso ver agora que a família não significa porra nenhuma para ele.

Brittany levanta as mãos.

— Eu não quero que vocês briguem por minha causa. — Ela pendura a bolsa no ombro e suspira. — Acho melhor ir embora e deixar vocês dois conversarem.

— Não vá — diz Alex.

Dios mío, acho que meu irmão perdeu as bolas em algum lugar entre o Colorado e o México. Ou talvez Brittany as carregue dentro daquela bolsa extravagante.

— Alex, deixa ela ir se ela quiser. — Hora de cortar a coleira onde ela o prendeu.

— Tudo bem. De verdade — diz ela, beijando meu irmão. — Aproveitem o almoço. Te vejo amanhã. Tchau, Carlos.

— Hum, hum. — Assim que ela sai, pego o saco marrom do balcão da cozinha e o levo para a mesa. Leio os rótulos em cada recipiente: Frango *Chow Mein*… Carne *Chow Fun*… *Pu-pu*.

— Porção de *Pu-pu*?

— São entradas — explica Alex.

Eu não vou chegar nem perto de algo chamado *pu-pu*. Fico irritado ao ver que meu irmão sabe o que é uma porção de *pu-pu*. Deixo a caixa de lado, me sirvo da comida chinesa identificável e começo a mastigar.

— Você não vai comer? — pergunto a Alex.

Ele está me olhando como se eu fosse um estranho.

— *¿Qué pasa?* — pergunto.

— Você sabe que a Brittany não vai desaparecer, não sabe?

— Esse é o problema. Você não vê?

— Não. O que eu vejo é meu irmão de dezessete anos agindo como se tivesse cinco. É hora de crescer, *mocoso*.

— Pra virar um chato de merda como você? Não, obrigado.

Alex pega suas chaves.

— Aonde você vai?

— Pedir desculpas à minha namorada, e depois vou para o trabalho. Pode ficar à vontade — diz ele, jogando uma cópia da chave do apartamento na minha direção. — E fique longe de problemas.

— Enquanto você estiver falando com a Brittany — digo, mordendo o

último pedaço de um rolinho primavera —, aproveita pra pedir seus *huevos* de volta.

capítulo 2

Kiara

— Kiara, não consigo acreditar que ele terminou com você por mensagem de texto — diz meu melhor amigo, Tuck, relendo as três frases na tela do meu celular, enquanto se senta à mesa no meu quarto. *"Ñ tá dando certo. Foi mal. Ñ me odeie"*. Ele me devolve o aparelho. — Ele poderia pelo menos ter escrito por extenso. *"Ñ me odeia"*? O cara é uma piada. Claro que você vai odiá-lo.

Deito em minha cama e encaro o teto lembrando da primeira vez que Michael e eu nos beijamos. Foi em um concerto de verão ao ar livre, em Niwot, atrás da banquinha de sorvete.

— Eu gostava dele.

— É, bom, eu nunca gostei. Não confie em alguém que você conheceu na sala de espera do seu terapeuta.

Rolo de bruços e me apoio nos cotovelos.

— Era um *fonoaudiólogo*, não terapeuta. E ele só levava o irmão para as sessões.

Tuck, que nunca gostou de nenhum cara que eu namorei, pega uma caderneta cor-de-rosa, com estampa de uma caveira e ossos, da minha gaveta. Ele aponta o dedo para mim, balançando-o.

— Nunca confie em um cara que diz que te ama no segundo encontro. Aconteceu comigo. Foi uma piada total.

— Por quê? Você não acredita em amor à primeira vista?

— Não. Acredito em *tesão* à primeira vista. E atração. Mas não em amor. O Michael disse que te amava só pra tirar sua calcinha.

— Como você sabe?

— Eu sou homem, é assim que sei. — Ele franze a testa. — Você não fez *aquilo* com ele, fez?

— Não — respondo, balançando a cabeça para enfatizar minha resposta. — A gente deu uns amassos, mas eu não quis dar o próximo passo. Eu só, não sei… não estava pronta.

Não tinha visto ou falado com Michael desde que as aulas tinham começado, há duas semanas. Claro, trocamos algumas mensagens de texto, mas ele sempre dizia que estava ocupado e que me telefonaria quando tivesse tempo. Ele está no último ano na Longmont e eu vou à escola em Boulder, a vinte minutos de distância, então pensei que ele estivesse atarefado com coisas do colégio. Mas agora sei que o motivo de não termos conversado não era esse. Era porque ele queria terminar.

Foi por causa de outra garota?

Foi por que não sou bonita o bastante?

Foi por que eu não queria transar com ele?

Não pode ser por eu gaguejar. Tenho trabalhado a minha fala durante todo o verão e não gaguejei nenhuma vez desde junho. Fui todas as semanas à fonoaudióloga, pratico diante do espelho todos os dias, estou sempre ciente das palavras que saem da minha boca. Antes, eu sempre tinha que me preocupar quando falava, esperando aquela expressão confusa nas pessoas até a revelação "Ah, entendo — ela tem um *problema*". Depois disso, o olhar de pena. E então, a presunção: "ela deve ser burra". Ou, como pensam algumas meninas na minha escola, a minha gagueira é fonte de diversão.

Mas eu não gaguejo mais.

Tuck sabe que este ano estou determinada a mostrar meu lado confiante — o lado que nunca tinha mostrado a ninguém na escola. Fui bem tímida e introvertida durante os meus primeiros anos de Ensino Médio, porque tinha um medo imenso das pessoas rirem de mim devido à minha gagueira. Contudo, de agora em diante, Kiara Westford, sempre lembrada por ser tímida, será lembrada como aquela que não tinha medo de falar.

Não contava com Michael terminando comigo. Pensei que fôssemos ao baile de boas-vindas e ao baile de formatura juntos…

— Para de pensar no Michael — diz Tuck.

— Ele era tão bonitinho.

— Um furão peludo também é, mas eu não gostaria de namorar um. Você consegue coisa melhor do que ele. Não se desvalorize.

— Olha pra mim — digo a ele. — Encare a realidade, Tuck. Eu não sou a Madison Stone.

— Graças a Deus. Eu odeio a Madison Stone.

Madison elevou a expressão "meninas malvadas" a um patamar

completamente novo. A garota é boa em todas as coisas possíveis e poderia muito bem ser coroada como a mais popular da escola. Todas as meninas querem ser amigas dela para poder andar com a galera popular. Madison Stone *é* a galera popular.

— Todo mundo gosta dela.

— Porque todo mundo tem medo dela. Em segredo, todo mundo a odeia. — Tuck começa a escrever algo no meu caderno, depois o passa para mim. — Aqui — diz ele, me dando uma caneta.

Olho para a folha. "LEIS DA ATRAÇÃO" está escrito no topo da página, e uma grande linha, traçada no centro dela.

— O que é isso?

— Na coluna da esquerda, escreva todas as coisas boas sobre você.

Ele está de brincadeira?

— Não.

— Vamos lá, comece a escrever. Considere isso um exercício de autoajuda e um modo de você entender que garotas como a Madison Stone não são nem mesmo atraentes. Termine a frase: *Eu, Kiara Westford, sou incrível porque…*

Sei que Tuck não vai deixar isso de lado, então escrevo alguma coisa idiota e devolvo o caderninho a ele.

Ele lê minhas palavras e se encolhe.

— *Eu, Kiara, sou incrível porque…* Sei como arremessar uma bola de futebol americano, trocar o óleo do meu carro e subir uma montanha de mais de quatro mil metros de altura. Aff, os caras não ligam pra esse tipo de coisa. — Ele pega a caneta, senta na beirada da minha cama e começa a escrever com furor. — Vamos começar pelo básico. Você precisa medir a atratividade em três partes pra conseguir um resultado satisfatório.

— Quem inventou essas regras?

— Eu. Estas são as "Leis da Atração de Tuck Reese". Primeiro, vamos começar com personalidade. Você é inteligente, divertida e sarcástica — diz ele, listando essas coisas no caderninho.

— Não tenho certeza de que sejam todas coisas boas.

— Confia em mim, elas são. Mas espera, eu não terminei. Você também é uma amiga leal, ama um desafio mais do que a maioria dos garotos que conheço e é uma ótima irmã para o Brandon. — Ele ergue o rosto quando

termina de escrever. — A segunda parte são suas habilidades. Você entende de mecânica de carros, é atlética e sabe quando calar a boca.

— Essa última não é uma habilidade.

— Amiga, acredita em mim, é.

— Você esqueceu da minha salada especial de espinafre e nozes. — Não sei cozinhar, mas essa salada é uma das minhas favoritas de toda a vida.

— O.k. Faz uma salada matadora — diz ele, adicionando isso à lista. — Certo, na última parte, "características físicas". — Tuck me observa de cima a baixo, me analisando.

Solto um gemido, me perguntando quando esta humilhação vai acabar.

— Eu me sinto como uma vaca prestes a ser leiloada.

— Sim, sim, tanto faz. Você tem uma pele imaculada e um nariz empinado pra combinar com as suas tetas. Se eu não fosse gay, poderia ficar tentado a…

— Aaargh. — Bato em sua mão, afastando-a do papel. — Tuck, você pode, por favor, não dizer ou escrever essa palavra?

Ele afasta seu longo cabelo dos olhos.

— Qual, *tetas*?

— Credo. Sim, essa daí. Diga peitos ou seios, por favor. A palavra "tet…" parece tão… vulgar.

Tuck resmunga e revira os olhos.

— Tudo bem, *seios* empinados. — Ele ri, se divertindo. — Desculpa, Kiara, mas *seio* parece o tipo de coisa que se joga na churrasqueira pro almoço ou alguma coisa que saiu de um cardápio. — Ele finge que meu caderno é um cardápio, enquanto recita com um sotaque inglês falso: — Sim, garçom, gostaria de seios empinados na chapa com uma salada de repolho de acompanhamento.

Eu jogo Molejo, meu grande urso de pelúcia azul, na cabeça de Tuck.

— Pode só chamar de "partes íntimas" e continuar.

Molejo passa por ele e cai no chão. Meu melhor amigo não perde tempo.

— Tetas empinadas, rabisca. Seios empinados, rabisca. — Ele faz todo um show riscando tudo. — Trocar por… "partes íntimas" empinadas — diz, escrevendo cada palavra tal como a diz. — Pernas longas, assim como os cílios. — Ele olha minhas mãos e franze o nariz. — Sem ofensas, mas você poderia fazer as unhas.

— Já deu, né?

— Não sei. Você consegue pensar em mais alguma coisa?

Balanço minha cabeça.

— Certo, então agora que sabemos o quanto você é fabulosa, precisamos fazer uma lista do tipo de cara que você quer. Vamos escrever do lado direito da página. Vamos começar com a personalidade. Você quer um cara que é… Preencha o espaço em branco.

— Quero um cara que seja confiante. Realmente confiante.

— Boa — diz ele, anotando na folha.

— Quero um cara que seja legal comigo.

Tuck continua escrevendo.

— Cara legal.

— Queria um cara que fosse inteligente — completo.

— Inteligente em termos práticos ou teóricos?

— Os dois? — pergunto, sem saber se há uma resposta certa ou errada.

Tuck dá um tapinha na minha cabeça como se eu fosse uma criança.

— Boa. Vamos prosseguir para habilidades. — Ele me silencia, me impedindo de contribuir. Por mim, tudo bem. — Vou escrever esta parte pra você. Você quer um cara que tenha as mesmas habilidades que você e mais algumas. Alguém que goste de esportes, que possa ao menos apreciar seu interesse em consertar aquele seu carro velho caindo aos pedaços e…

— Droga. — Pulo da cama. — Quase me esqueci. Preciso ir à cidade pegar uma coisa na oficina mecânica.

— Por favor, não me diga que são aqueles dados de pelúcia de enfeite pra pendurar no seu espelho retrovisor.

— Não, nada de dados de pelúcia. É um rádio. Um rádio vintage.

— Ah, que ótimo! Uma coisa vintage pra combinar com o seu carro vintage! — exclama Tuck com sarcasmo, batendo palmas várias vezes ao fingir animação.

Faço uma careta para ele.

— Quer vir comigo?

— Não. — Ele fecha meu caderninho e o coloca sobre minha mesa. — A última coisa que quero fazer é sair por aí e te ouvir falar sobre carros com pessoas que se interessam de verdade pelo assunto.

Depois de deixar Tuck na casa dele, levo quinze minutos para chegar à oficina McConnell's Auto Body. Estaciono meu carro e encontro Alex, um dos mecânicos, debruçado sobre o motor de um Fusca. Alex é um dos

alunos do meu pai. Ano passado, depois de uma aula, meu pai descobriu que ele trabalha com carros, lhe contou sobre o Monte Carlo ano 1972 que eu estava restaurando, e desde então Alex tem me ajudado a conseguir peças.

— Oi, Kiara. — Ele seca as mãos em um pano e pede que eu espere até ele pegar meu rádio. — Aqui está — diz, abrindo a caixa. Ele retira o rádio e o remove do plástico bolha que o envolve. Fios surgem da parte de trás como pernas espichadas, mas é perfeito. Sei que não deveria estão tão entusiasmada por causa de um rádio, mas o painel não ficaria completo sem ele. O que veio com meu carro nunca funcionou, e a parte da frente, de plástico, estava rachada, então Alex procurou pra mim um autêntico na Internet.

— Não tive tempo de testar — diz Alex, enquanto confere cada fio para se certificar de que as conexões estão em ordem. — Tive que pegar o meu irmão no aeroporto, então não consegui chegar mais cedo.

— Ele veio do México te visitar? — pergunto.

— Ele não está de visita. Será um veterano na Flatiron a partir de amanhã — responde ele, enquanto preenche uma fatura. — Você estuda lá, né?

Assinto em resposta.

Ele coloca o rádio de volta na caixa.

— Precisa de ajuda pra instalar?

Eu não achei que precisaria antes de ver o equipamento, mas agora não tenho tanta certeza.

— Talvez — respondo. — Da última vez que soldei alguns fios, acabei com eles.

— Então não pague ainda — diz ele. — Se tiver tempo amanhã, depois da escola, passe aqui e eu instalo. Isso me dará a oportunidade de testar o rádio.

— Obrigada, Alex.

Ele desvia os olhos da fatura e bate sua caneta no balcão.

— Sei que isso vai parecer *loco*, mas você pode ajudar meu irmão a conhecer a escola? Ele não conhece ninguém.

— A gente tem um programa de integração pra que os alunos novos conheçam nossa escola — respondo, orgulhosa de poder ajudar. — Posso encontrar com ele no escritório do diretor, pela manhã, e me inscrever pra

ser a guia dele. — A velha Kiara teria ficado muito tímida e nunca teria se oferecido, mas não a nova Kiara.

— Tenho que te avisar…

— O quê?

— Meu irmão pode ser uma pessoa difícil de lidar.

Dou um grande sorriso, porque como Tuck ressaltou…

— Eu amo um bom desafio.

capítulo 3

Carlos

— Eu não preciso de uma guia.

Essas são as primeiras palavras que saem da minha boca quando o sr. House, diretor da Flatiron High, me apresenta Kiara Westford.

— Nós nos orgulhamos do nosso programa de integração — diz House a Alex. — Ele ajuda a garantir uma transição suave.

Meu irmão acena com a cabeça.

— Pra mim, não tem problema algum. Eu adorei a ideia.

— Eu não — murmuro. Não preciso de uma porra de uma guia porque (1) é óbvio que, pelo modo como Alex cumprimentou Kiara há alguns minutos, eles se conhecem; (2) ela não é gostosa, seu cabelo está preso em um rabo de cavalo, ela está usando botas de couro de fazer trilha, calças largas com um logotipo da Under Armour na parte de trás e uma camiseta imensa, com a palavra MONTANHISTA escrita na frente, cobrindo o corpo dela do pescoço ao joelho; e (3) eu não preciso de uma babá, especialmente uma escolhida pelo meu irmão.

O sr. House senta em sua grande cadeira marrom de couro e dá a Kiara uma cópia do meu horário. Ótimo, agora a garota sabe onde eu deveria estar a cada segundo do dia. Seria hilário se não fosse tão humilhante.

— Esta é uma escola grande, Carlos — diz House, como se eu não fosse capaz me orientar sozinho. — Kiara é uma estudante exemplar. Ela vai mostrar onde fica o seu armário e te acompanhar a cada aula durante a sua primeira semana aqui.

— Você está pronto? — pergunta a garota, sorrindo. — O sinal da primeira aula já tocou.

Posso pedir outra guia, uma que não fique tão feliz por estar na escola às sete e meia da manhã?

Alex acena, e eu fico tentado a mostrar o dedo do meio, mas não tenho certeza se o diretor aprovaria o gesto.

Sigo a *estudante exemplar* pelo corredor vazio e acho que entrei no inferno. Armários cobrem as paredes dos corredores e há cartazes pregados

por todo lado. Um diz TODOS POR KAHN! — VOTE MEGAN KAHN PARA PRESIDENTE DO CORPO ESTUDANTIL, e outro diz JASON TU — O PRESIDENTE IDEAL PRA "TU"! Há também cartazes para quem deseja que a escola TRANSFORME OS ALMOÇOS SAUDÁVEIS EM NORMA! — VOTE EM NORMA REDDING.

Almoços saudáveis?

No México você comia o que trouxesse de casa ou qualquer porcaria que colocassem na sua frente. Não havia opções. No lugar onde eu morava, por exemplo, você come para sobreviver, sem se preocupar em contar calorias ou restringir carboidratos. Isso não quer dizer que algumas pessoas não vivam como reis. Como nos Estados Unidos, há áreas ricas em cada um dos trinta e um estados mexicanos… Mas minha família não morava em nenhuma delas.

Eu não pertenço a Flatiron High e com certeza não quero seguir essa garota por toda a semana. Vamos ver quanto a *estudante exemplar* aguenta antes de desistir e pular fora.

Ela me mostra meu armário e eu jogo minhas coisas lá dentro.

— Meu armário é quase do lado do seu — anuncia ela, como se isso fosse realmente uma coisa boa. Quando estou pronto, ela estuda meu horário e caminha pelo corredor ao mesmo tempo. — A classe do sr. Hennesey é um andar pra cima.

— *¿Dónde está el servicio?* — pergunto a Kiara.

— Hã? Eu não falo espanhol. *Je parle français,* eu falo francês.

— Por quê? Tem muitos franceses no Colorado?

— Não, mas eu quero estudar na França por um semestre no segundo ano da universidade, como a minha mãe fez.

Minha mãe nem sequer terminou o Ensino Médio. Ela ficou grávida de Alex e se casou com o meu pai.

— Você está aprendendo uma língua que vai usar só por um semestre? Isso me parece bem idiota. — Paro quando chegamos a uma porta com um bonequinho masculino pintado. Com o polegar, aponto para a porta. — *Servicio* é banheiro… Eu perguntei onde era o banheiro.

— Ah. — Ela parece um pouco confusa, como se não soubesse muito bem como lidar com desvios no cronograma. — Bom, acho que vou esperar por você aqui fora.

Hora de me divertir enchendo o saco da guia.

— A menos que você queira entrar e me mostrar onde fazer o quê… Quer dizer, não sei até que ponto você quer levar essa coisa toda de guia.

— Não tão longe — diz ela, torcendo os lábios como se estivesse chupando um limão azedo e balançando a cabeça. — Vá em frente. Eu espero.

No banheiro, coloco minhas mãos sobre a pia e respiro fundo. Tudo que posso ver no espelho à minha frente é um cara cuja família pensa que ele é um completo fracasso.

Talvez eu devesse ter contado a *mi'amá* a verdade: que fui demitido do engenho por proteger a pequena Emilie Juarez, de quinze anos, do assédio de um dos supervisores. Já era ruim o bastante o fato de ela ter de abandonar a escola e ir trabalhar para ajudar a família a colocar comida na mesa. Quando nosso chefe achou que poderia colocar suas mãos sujas nela só porque ele era *el jefe*, fiquei furioso. Sim, isso me custou o emprego… Mas valeu a pena e eu faria de novo, ainda que tivesse de lidar com as mesmas consequências. Uma batida na porta me traz de volta à realidade e ao fato de que estou sendo escoltado para a classe por uma menina vestida para escalar uma montanha. Não consigo imaginar uma garota como Kiara precisando de alguém para lutar por ela. Ela provavelmente sufocaria qualquer um que a ameaçasse com sua imensa camiseta.

A porta range ao ser entreaberta.

— Você ainda está aí? — A voz de Kiara ecoa pelo banheiro.

— Sim.

— Está terminando?

Reviro os olhos. Quando saio do banheiro, um minuto depois, e me dirijo para as escadas, percebo que minha escolta não está me seguindo. Ela está parada no corredor vazio, aquele olhar azedo ainda fixo em seu rosto.

— Você nem precisava ir — diz ela, soando irritada. — Estava só enrolando.

— Como você adivinhou? — digo, sem rodeios, e então subo as escadas de dois em dois degraus. Um ponto para Carlos Fuentes.

Ouço seus passos batendo forte no chão atrás de mim, tentando me alcançar. Eu continuo pelo corredor do segundo andar, pensando em maneiras de me livrar dela.

— Obrigada por me fazer chegar superatrasada na aula por motivo nenhum — diz ela, correndo atrás de mim.

— Não me culpe. Não foi ideia minha ter uma babá. E, só pra constar, posso muito bem encontrar meu caminho sozinho.

— É mesmo? — pergunta ela. — Porque você acabou de passar pela sala do sr. Hennesey.

Merda.

Um ponto para a *estudante exemplar*.

O placar está 1 a 1. O problema é que não gosto de empates. Eu gosto de ganhar… com folga.

Não consigo não ficar irritado com o lampejo de divertimento que cruza os olhos da minha guia.

Eu me aproximo dela, chegando bem perto.

— Você já matou aula? — pergunto a ela, minha voz com uma mistura de provocação e flerte. Estou tentando tirá-la do sério, para recuperar a vantagem.

— Não — ela responde lentamente, parecendo nervosa.

Eu me inclino, ainda mais perto.

— A gente devia fazer isso um dia desses — digo suavemente e, então, abro a porta da sala de aula.

Eu a ouço ofegar. Olha, eu não pedi para ter um rosto e corpo que as garotas acham atraente. Mas graças à mistura do DNA de meus pais, possuo ambos e não tenho vergonha de usá-los. Ser dono de um rosto que Adonis admiraria é uma das poucas vantagens que tenho na vida, e vou usá-la ao máximo, para o bem ou para o mal.

Kiara me apresenta rapidamente ao sr. Hennesey e sai correndo porta afora. Espero que meu flerte a tenha assustado para sempre. Senão, vou ter que tentar com mais afinco da próxima vez. Eu me acomodo na aula de matemática e olho em volta. Todos os alunos aqui parecem vir de famílias de classe alta. Esta escola não se parece de forma alguma com Fairfield, o subúrbio de Chicago onde eu morava antes de nos mudarmos para o México. Na Fairfield High, havia alunos ricos e alunos pobres. A Flatiron High é mais parecida com uma daquelas escolas particulares caras de Chicago, onde todo mundo usa roupas de grife e dirige carros de luxo.

Costumávamos rir da cara daqueles garotos. Agora eu estou cercado por eles.

Quando a aula de matemática acaba, Kiara está esperando do lado de fora da sala. Inacreditável.

— E aí, como foi? — pergunta ela, gritando para se sobrepor ao barulho de pessoas correndo para a próxima aula.

— Você não quer que eu seja sincero, né?

— Provavelmente não. Vamos, a gente só tem cinco minutos. — Ela abre caminho através da multidão. Eu a sigo, observando seu cabelo preso balançar como a cauda de um cavalo a cada passo. — Alex me avisou que você era rebelde.

Ela ainda não viu nada.

— Como você conhece meu irmão?

— Ele foi aluno do meu pai. E está me ajudando com o carro que estou restaurando.

Essa *chica* não existe. Restaurando um carro?

— O que você sabe sobre carros?

— Mais do que você — diz ela por cima do ombro.

Eu rio.

— Quer apostar?

— Talvez. — Ela para na frente de uma sala. — Aqui está sua sala de biologia.

Uma garota gostosa passa por nós e entra na sala. Ela está usando jeans justos e uma camiseta ainda mais justa.

— Uau, quem é essa?

— Madison Stone — murmura Kiara.

— Me apresenta pra ela.

— Por quê?

Porque sei que vai te deixar puta da vida.

— Por que não?

Ela segura seus livros contra o peito, quase como se fossem um escudo.

— Posso pensar em pelo menos cinco razões.

Eu dou de ombros.

— É mesmo? Diga-me algumas.

— Não temos tempo, o sinal está prestes a tocar. Você acha que pode se apresentar para a sra. Shevelenko? Acabei de lembrar que esqueci minha lição de casa de francês no armário.

— É melhor você correr. — Eu olho para o meu pulso, que não tem um relógio, mas não acho que ela tenha percebido. — O sinal está prestes a tocar.

— Eu te encontro aqui depois da aula — diz ela, indo embora apressada.

Na aula, espero que Shevelenko erga os olhos e me note. Ela está mexendo em seu laptop, enviando o que parece ser um e-mail pessoal.

Pigarreio para chamar sua atenção. Ela olha para mim, depois muda de programa.

— Escolha qualquer lugar. Vou fazer a chamada em um minuto.

— Eu sou novo — digo a ela. Ela deveria ter percebido isso por conta própria, porque eu não estive em sua aula nas últimas duas semanas, mas fazer o quê?

— Você é aquele estudante de intercâmbio do México?

Na verdade, não. O correto é *estudante transferido*, mas não acho que essa mulher ligue para detalhes.

— Sim.

Eu não posso deixar de notar as gotas de suor em seu bigode ralo. Tenho certeza de que existem, sabe, pessoas que podem cuidar disso. Minha tia Consuelo tinha o mesmo problema, até minha mãe conseguir colocar ela e um pouco de cera quente no mesmo cômodo.

— Você fala espanhol ou inglês em casa? — pergunta Shevelenko.

Nem ao menos tenho certeza se, pela lei, ela pode me perguntar isso, mas tanto faz.

— Ambos.

Ela ergue o pescoço e passa os olhos pela sala.

— Ramiro, vem cá.

O garoto latino caminha até a mesa. Ele é uma versão mais alta do melhor amigo de Alex, Paco. Quando estavam no último ano do colégio, Alex e Paco foram baleados e toda a nossa vida virou de cabeça para baixo. Paco morreu. Não sei se vamos algum dia superar completamente o que aconteceu. Logo que meu irmão saiu do hospital, nós nos mudamos para o México para ficar com a família. Desde o tiroteio, nada mais foi o mesmo.

— Ramiro, este é… — Shevelenko olha para mim. — Qual é o seu nome?

— Carlos.

Ela olha para Ramiro.

— Ele é mexicano, você é mexicano. Melhor que vocês dois, que falam espanhol, fiquem juntos.

Sigo Ramiro de volta para uma das mesas do laboratório.

— Sério isso? — pergunto.

— Muito. Me disseram que no ano passado a Shevona chamou um cara — o Ivan — de "o russo" por seis meses antes de finalmente aprender o nome verdadeiro dele.

— Shevona? — pergunto.

— Não olha pra mim — diz Ramiro. — Não fui eu que inventei. Ela tem esse apelido há pelo menos vinte anos.

A campainha soa, mas todo mundo ainda está conversando. Shevona está de volta ao computador, ainda ocupada com sua caixa de e-mails.

— *Me llamo* Ramiro, mas é *chicano* demais, então todo mundo me chama de Ram.

Meu nome é chicano também, mas não sinto a menor vontade de esquecer minha origem e mudar meu nome para Carl só para me integrar. Basta um olhar e qualquer um nota que sou latino, então por que fingir ser outra coisa? Eu sempre acusei Alex de querer ser branco por ele se recusar a usar seu nome, Alejandro.

— *Me llamo* Carlos. Você pode me chamar de Carlos.

Agora que estou prestando mais atenção, reparo que Ram está vestindo uma camiseta polo com o logotipo de alguma grife. Ele pode até ter família no México, mas aposto que *su familia* não vive perto da minha.

— Então, o que vocês fazem pra se divertir por aqui? — pergunto a ele.

— A questão é o que *não* fazemos. Tem tanta coisa — diz Ram. — Passear no Pearl Street Mall, ir ao cinema, caminhar nas montanhas, fazer snowboard, canoagem, alpinismo, ir a festas com as garotas de Niwot e Longmont.

Nada disso me parece divertido, exceto a parte das festas.

A garota gostosa, Madison, está parada na frente da nossa mesa. Além das roupas justas, ela tem longos cabelos loiros com mechas, um grande sorriso e *chichis* ainda maiores, páreos para os de Brittany. Não que eu fique olhando para a namorada do meu irmão, mas aqueles peitos são um pouco difíceis de ignorar.

Madison se debruça sobre a mesa.

— Ouvi dizer que você é o aluno novo — diz ela. — Meu nome é Madison. E você é…

— Carlos — responde Ram, antes que eu possa dizer alguma coisa.

— Tenho certeza de que ele pode se apresentar sozinho, Ram — diz ela,

puxando o cabelo para trás da orelha, mostrando brincos de diamante que poderiam cegar alguém se refletissem o sol no ângulo certo. Ela se inclina na minha direção e morde o lábio inferior. — Você é o aluno novo do *Mé-rri-co*?

É sempre irritante quando brancos tentam falar como mexicanos. Me pergunto o que mais ela ouviu sobre mim.

— Sim — respondo.

Ela me dá um sorriso sexy e chega mais perto.

— *Estás muy caliente*.

Acho que ela acaba de dizer que me acha gostoso. Não é como falamos no *Mé-rri-co*, mas entendo o que ela quer dizer.

— Eu preciso de um bom tutor de espanhol. O último foi um fracasso.

Ram pigarreia.

— *¡Qué tipa!* Se você não adivinhou, eu era o tutor dela.

Eu ainda estou observando Madison. Ela com certeza está com tudo em cima, e obviamente não tem nenhum problema em ostentar seus atrativos. Normalmente, meu tipo são *chicas* mexicanas exóticas, de pele cor mel. Mas suspeito que ninguém consegue resistir a Madison. E ela sabe disso.

Quando uma garota a chama para a mesa ao lado, eu me volto para Ram:

— Você estudava ou ficava com ela? — pergunto a ele.

— Ambos. Às vezes, simultaneamente. Nós terminamos há um mês. Um conselho: fique longe. Ela morde.

— Literalmente? — pergunto, sorrindo.

— Na verdade, você não devia chegar perto o suficiente pra descobrir a resposta a essa pergunta. Mas fique avisado, no fim do nosso relacionamento, eu me tornei o aluno e ela se tornou a tutora. E não estou falando de espanhol.

— *Está sabrosa*. Eu correria o risco.

— Então vai em frente, cara — diz Ram dando de ombros no momento em que Shevona se levanta e começa a aula. — Mas depois não diga que eu não avisei.

Não pretendo ser namorado de ninguém, mas não me importaria de levar algumas garotas da Flatiron High ao apartamento de Alex, só para provar que sou o oposto dele. Olho mais uma vez para Madison, e ela sorri como se houvesse uma promessa de algo mais. Sim, ela definitivamente seria perfeita para levar para a casa de Alex. Ela parece a Brittany, mas sem a auréola angelical sobre a cabeça.

Depois de aguentar as aulas da manhã, estou definitivamente pronto para o almoço. Quando toca o sinal, fico feliz por Kiara não estar me esperando do lado de fora da sala, como disse que faria. Vou até meu armário para pegar o almoço que preparei com o que achei na geladeira de Alex.

Talvez minha guia tenha desistido. Por mim, tudo bem, tirando o fato que demoro dez minutos para achar o refeitório. Quando entro no local, estou indo me sentar sozinho em uma das mesas redondas, mas vejo Ram acenando para mim.

— Valeu por me deixar esperando — diz uma voz atrás de mim.

Olho para minha guia.

— Achei que você tivesse desistido.

Ela balança a cabeça, como se essa fosse a coisa mais ridícula que ela já ouviu.

— É claro que não desisti. Eu só não consegui sair da aula mais cedo.

— Que pena — digo, fingindo simpatia. — Eu teria esperado, se soubesse…

— Sim, claro. — Ela aponta para a mesa de Ram. — Vá sentar com Ram. Vi ele te chamando.

Olho para ela, chocado.

— Você está mesmo me dando permissão pra sentar com ele?

— Você pode sentar comigo — diz ela, como se eu estivesse ansiosamente esperando por esse convite.

— Não, valeu.

— Foi o que eu pensei.

Enquanto Kiara vai para a fila pegar seu almoço, caminho até a mesa de Ram. Eu me ajeito em uma cadeira enquanto ele me apresenta a seus amigos, todos brancos, parecendo clones uns dos outros. Eles estão falando de garotas, esportes e de seus times virtuais de futebol americano. Duvido que algum deles sobrevivesse um dia em um engenho de açúcar no México. Alguns dos meus colegas ganhavam menos de quinze dólares por dia. Os relógios desses caras provavelmente custam mais do que meus amigos ganham em um ano.

Madison aparece na nossa mesa quando Ram volta para a fila da comida.

— Oi, pessoal — diz ela. — Meus pais vão viajar este fim de semana. Vou dar uma festa na sexta-feira à noite, se quiserem ir. Só não contem pro Ram.

Madison pega um tubo de brilho labial na bolsa. Ela mergulha a haste no tubo várias vezes e, em seguida, passa em seus lábios, fazendo um biquinho. Quando acho que terminou, ela faz os lábios formarem um "O" perfeito e gira a haste ao redor deles. Olho em volta, para ver se mais alguém está acompanhando esse show erótico de brilho labial. De fato, dois dos amigos de Ram pararam de falar e estão, sem dúvida alguma, hipnotizados por Madison e seu talento especial. Ram volta e se concentra em comer sua fatia de pizza de pepperoni.

O estalar dos lábios de Madison chama minha atenção de volta para ela.

— Carlos, deixa eu te passar meus dados — diz ela, pegando uma caneta e puxando meu braço. Ela começa a escrever seu número de telefone e endereço no meu antebraço, acima das minhas tatuagens, como se fosse uma artista. Quando termina, ela acena com os dedos e vai se sentar com suas amigas.

Dou uma mordida em meu sanduíche enquanto passo os olhos pelo refeitório procurando por Kiara, a anti-Madison. Ela está sentada com um cara de cabelos loiros desgrenhados caindo sobre o rosto. O garoto é da minha altura, seu corpo parecido com o meu. Será namorado dela? Se for, sinto muito por ele. Kiara é o tipo de garota que espera um namorado submisso, que beije seus pés.

Meu corpo e minha mente não foram projetados para serem submissos, e eu prefiro morrer a beijar os pés de alguém.

capítulo 4

Kiara

— Então, como foi ser uma guia? — pergunta minha mãe, à mesa do jantar. — Sei que você estava ansiosa por isso hoje de manhã.

— Não foi tudo isso — respondo, passando o terceiro guardanapo para o meu irmão, porque ele tem molho de macarrão espalhado por todo o rosto.

Penso no fim da oitava aula, quando apareci na sala de Carlos, apenas para descobrir que ele já tinha dado o dia por encerrado.

— Carlos me largou esperando por ele duas vezes.

Papai, um psicólogo que pensa que as pessoas são espécies a serem analisadas, franze a testa enquanto pega mais feijões verdes.

— Abandonou você? Por que ele faria isso?

Humm…

— Porque ele acha que é muito legal pra ser acompanhado pela escola.

Minha mãe dá um tapinha na minha mão.

— Abandonar seu guia não é nada legal, mas seja paciente com ele. Ele está deslocado. Isso não é fácil.

— Sua mãe tem razão. Não o julgue tanto, Kiara — diz meu pai. — É provável que ele esteja tentando descobrir onde se encaixa. O Alex passou no meu escritório depois da aula e tivemos uma longa conversa. Pobre garoto. Tem só vinte anos e agora é responsável por um adolescente de dezessete.

— Por que você não convida o Carlos pra vir aqui depois da escola, amanhã? — pergunta minha mãe.

Papai aponta o garfo para ela.

— Essa é uma ótima ideia.

Tenho certeza de que a última coisa que Carlos quer fazer é vir à minha casa. Ele deixou bem claro que só estava me tolerando essa semana porque tem que fazer isso. Assim que meu trabalho como guia terminar na sexta-feira, ele provavelmente vai dar uma festa para comemorar.

— Não sei.

— Faça isso — diz mamãe, ignorando minha hesitação. — Vou fazer cookies, com uma receita nova de geleia de laranja que a Joanie me deu.

Não tenho certeza se Carlos vai gostar de cookies de geleia de laranja, mas…

— Vou convidá-lo. Mas não fiquem surpresos se ele recusar.

— Não fique surpresa se ele aceitar — diz papai, sempre otimista.

Na manhã seguinte, enquanto acompanho Carlos para a sala de aula, entre a terceira e a quarta aula, finalmente reúno coragem o bastante para perguntar a ele:

— Quer ir para a minha casa depois da escola?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você está me chamando pra sair?

Trinco os dentes.

— Não fica se achando.

— Que bom, porque você não é o meu tipo. Gosto de mulheres sexy e burras.

— Você também não faz o meu tipo — retruco. — Gosto de homens inteligentes e divertidos.

— Eu sou divertido.

Dou de ombros.

— Talvez eu só seja inteligente demais pra entender suas piadas.

— Então por que você está me convidando?

— Minha mãe… fez cookies. — Eu me encolho assim que as palavras saem da minha boca. Quem convida um cara para comer *cookies*? Talvez meu irmão, mas ele está no jardim de infância. — Não é um encontro nem nada disso — explico, caso ele pense que eu esteja secretamente tentando seduzi-lo. — São só… cookies.

Queria poder voltar toda essa conversa, mas não há como.

Chegamos à porta de sua sala de aula e ele ainda não me respondeu.

— Vou pensar sobre o convite — diz ele, e então me deixa sozinha no corredor.

Ele "vai pensar sobre"? Como se ir até minha casa fosse um enorme favor para mim, e não o contrário?

Diante de nossos armários, no fim do dia, quando espero que ele tenha esquecido que eu o convidei, ele joga o peso do seu corpo sobre um dos pés e enfia as mãos nos bolsos frontais de sua calça.

— Que tipo de cookies?

De todas as perguntas do mundo, por que ele tinha que fazer justo essa?

— De laranja — respondo. — De geleia de laranja.

Ele chega mais perto, como se eu não tivesse falado alto ou claro o bastante.

— O que de laranja?

— Geleia.

— Oi?

— Geleia.

Sinto muito, mas não existe um jeito descolado de dizer a palavra "geleia", e todas essas vogais tão juntas me fazem parecer ridícula. Pelo menos não gaguejei.

Ele assente. Posso ver que está tentando não rir, mas ele não consegue. Explode em gargalhadas.

— Você pode falar isso mais uma vez?

— Pra você rir da minha cara?

— *Sí.* Isso se tornou a única coisa pela qual anseio na vida. É que você é um alvo fácil.

Bato a porta do meu armário.

— Você está oficialmente desconvidado. — Eu me afasto, mas lembro em seguida de que deixei toda a minha lição de casa no armário e tenho de abri-lo de novo. Pego depressa os três livros de que preciso, enfio tudo na minha mochila e saio.

— Se os biscoitos fossem de chocolate duplo, eu teria aceitado — grita ele, e então ri.

Tuck está me esperando no estacionamento dos veteranos.

— Por que você demorou tanto?

— Eu estava discutindo com o Carlos.

— De novo? Olha, Kiara, ainda é terça-feira. Você tem mais três dias com ele. Por que você não desiste dessa história de guia e acaba com esse sofrimento?

— Porque isso é exatamente o que ele quer — respondo, enquanto entramos no meu carro e manobro para fora do estacionamento. — Não quero dar a ele a satisfação de sair por cima o tempo todo. Ele é tão desagradável.

— Deve ter alguma coisa que você possa fazer pra ele engolir as próprias

palavras.

O que Tuck diz faz surgir a ideia perfeita.

— É isso! Tuck, você é um gênio — digo, entusiasmada. Dou a volta bruscamente com o carro.

— Aonde estamos indo? — pergunta Tuck, enquanto aponta para trás de nós. — Sua casa é por ali.

— Primeiro nós vamos parar no supermercado e na loja McGuckin's. Preciso de ingredientes pra fazer cookies de chocolate duplo.

— Desde quando você faz cookies? — pergunta Tuck. — E por que de chocolate duplo?

Dou um sorriso malicioso.

— Vou usar os biscoitos pra fazer o Carlos engolir as próprias palavras.

capítulo 5

Carlos

Na quarta-feira, saio da escola e vou encontrar Alex na oficina. Assim que atravesso a rua, um Mustang vermelho para ao meu lado. Madison Stone está ao volante, com as janelas abertas. Quando me aproximo, ela pergunta para onde vou.

— Para a oficina McConnell. Meu irmão trabalha lá — respondo a ela. — Ele disse que eu poderia ajudá-lo a ganhar um dinheiro extra.

— Entra aí, eu te levo.

Madison manda sua amiga Lacey ir para o banco de trás e me diz para sentar na frente, ao seu lado. Nunca morei em um lugar onde alguém não fosse julgado pela cor da pele ou pelo tamanho da conta bancária dos seus pais, então fico desconfiado com esse interesse imediato de Madison por mim. Merda, joguei o maior charme para a Kiara antes da aula da Shevona e ela nem sequer piscou ou relaxou aquela boca tensa. Tudo o que consegui foi um suspiro de desgosto. Apesar de ontem ela ter me convidado para comer cookies. *Cookies de geleia de laranja*. Quem convida alguém para comer cookies de geleia de laranja? O mais engraçado é que acho que ela estava falando sério. Hoje ela me levou de sala em sala sem me dizer uma palavra sequer. Eu até tentei puxar conversa, mas ela me ignorou.

Madison coloca o endereço da McConnell no GPS.

— Então, Carlos — diz Lacey, inclinando-se para a frente entre os assentos, enquanto Madison começa a dirigir. Ela bate no meu ombro, como se eu não estivesse ouvindo. — É verdade que você foi expulso da sua última escola por bater em alguém?

Estou na escola há apenas três dias, e já estão falando de mim.

— Na verdade, foram três caras e um pitbull — brinco, mas acho que ela me leva a sério, pois abre a boca, em estado de choque.

— Uau! — diz Lacey, batendo de novo em mim. — Eles deixam cães entrarem na escola no México?

Lacey é mais tapada do que um *burrito* sem feijão.

— Ah, sim. Mas só pitbulls e chihuahuas.

— Não seria maravilhoso se eu pudesse levar o Puddles para a escola? — Ela bate de novo no meu ombro. Fico tentado a bater de volta várias vezes, para ela ver o quanto isso é irritante. — O Puddles é meu *labradoodle*.

Que merda é um *labradoodle*? Seja o que for, aposto que o pitbull da minha prima Lana comeria o *labradoodle* Puddles de almoço. — Seu irmão é o cara que te levou na escola na segunda-feira, quando você se matriculou? — pergunta Madison.

— Sim — respondo, enquanto entramos no estacionamento da oficina.

— Minha amiga Gina disse que viu vocês dois no escritório. Seus pais estão viajando?

— Eu moro com o meu irmão. O resto da minha família ficou no México. — Não tem motivo para eu contar a história da minha vida, sobre como meu pai morreu traficando drogas quando eu tinha quatro anos e sobre como *mi'amá* praticamente me expulsou de casa e me mandou para cá.

Madison parece chocada.

— Você mora com o seu irmão? Sem pais?

— Sem pais.

— Você tem tanta sorte — diz Lacey. — Meus pais estão por perto o tempo todo, e minha irmã é uma psicopata, então fujo para a casa da Madison quase todo dia, porque ela é filha única e os pais dela nunca estão.

Madison está olhando pelo espelho retrovisor. Após a menção de seus pais, sua expressão congela por um instante, mas ela volta a sorrir.

— Eles estão sempre viajando — explica ela, reaplicando o brilho labial cintilante. — Mas eu gosto, porque posso fazer o que quiser, com quem quiser, sem nenhuma regra.

Considerando que minha vida está cheia de pessoas tentando me controlar, a vida dela me parece *buena*.

— Meu Deus, você e o seu irmão parecem gêmeos — diz Lacey quando Alex se aproxima do Mustang.

— Eu não vejo nenhuma semelhança — digo a ela, abrindo a porta. Madison e Lacey também saem. Elas querem ser apresentadas? As duas se postam na minha frente, com suas peles pálidas impecáveis e maquiagem brilhando ao sol. — Valeu pela carona — digo.

Ambas me abraçam. Madison me dá um aperto mais demorado. É definitivamente um sinal de que está interessada.

Dá para ver que Alex não entende muito bem o que estou fazendo com

essas duas. Ponho meus braços em torno dos ombros de Madison e Lacey.

— Ei, Alex, estas são Madison e Lacey. As duas garotas mais gatas da Flatiron High.

As duas cumprimentam Alex com um aceno de cabeça e mostram seus sorrisos brilhantes. Parecem gostar do elogio, embora eu tenha certeza de que elas sabem muito bem que são gostosas e não precisam de ninguém para lembrá-las disso.

— Obrigado por dar carona ao meu irmão — diz Alex, virando e voltando para dentro.

Depois que as meninas vão embora, entro na oficina e o encontro trabalhando na cobertura do para-choque dianteiro de uma SUV que, obviamente, esteve em um acidente.

— Só você por aqui? — pergunto.

— Sim. Me ajuda a tirar essa coisa — diz ele, jogando uma chave Phillips para mim.

Alex e eu costumávamos trabalhar juntos nos carros na oficina de meu primo Enrique. Foi uma das poucas coisas que fizemos quando estávamos realmente tentando ficar longe de problemas. Meu irmão e meu primo me ensinaram tudo o que sabiam sobre carros, e o que eles não me ensinaram, descobri sozinho, desmontando carros de desmanche atrás da oficina.

Entro embaixo da SUV e começo a soltar os parafusos internos. O som de metal batendo em metal ecoa através da oficina e, por um segundo, sinto como se estivéssemos de volta a Chicago, na oficina do Enrique.

— Garotas legais — diz meu irmão, sarcástico, enquanto trabalhamos lado a lado.

— Sim, eu sei. Eu estava pensando em convidar as duas pro baile de primavera. — Coloco a chave no bolso traseiro. — Ah, e antes que eu me esqueça, ontem a Kiara me convidou pra ir à casa dela comer *cookies*.

— E por que você não foi?

— Além do fato de eu não querer, ela me desconvidou.

Alex tira o olhar do para-choque e me encara.

— Por favor, me diga que você não foi um completo *pendejo* com ela.

— Eu me diverti um pouco, só isso. Da próxima vez que você quiser me arranjar uma acompanhante, certifique-se de que ela não use camisetas gigantes com frases estúpidas. A Kiara parece um cara que eu conheci em Chicago, Alex. Não tenho nem certeza de que ela é mulher.

— Você quer que eu p-p-prove? — A voz da minha ex-guia ecoa da porta. Ah, merda.

capítulo 6

Kiara

— Sim — diz Carlos, desafio e diversão refletidos em seu rosto. — Prove.

Alex ergue uma mão.

— Não. Não faça isso. — Ele empurra Carlos contra o carro e murmura alguma coisa em espanhol. Carlos murmura de volta. Não tenho ideia do que eles estão falando, mas não parecem felizes.

Também não estou feliz. Não consigo acreditar que acabei de gaguejar. Estou tão brava comigo mesma por permitir que Carlos me deixe tão alterada emocionalmente a ponto de me fazer tropeçar em minhas palavras. Isso significa que ele tem poder sobre mim, e isso me deixa com mais raiva ainda. Mal posso esperar até sexta-feira, quando a "Operação Cookie" finalmente vai acontecer. Tenho que esperar até que os biscoitos estejam bons e velhos para que tudo dê certo. Pelo menos ele não estará esperando por isso.

Frustrado, Alex se afasta de Carlos e pega um pacote de trás do balcão da caixa registradora.

— Testei seu rádio e acho que está faltando uma mola. Não acho que vá funcionar, mas gostaria de tentar. Me passa suas chaves, vou pegar seu carro. — Ele se vira para Carlos. — Não diga uma palavra enquanto eu não estiver aqui.

Um segundo depois de Alex sair, Carlos diz:

— Então, se você ainda quiser provar que não é um cara, eu topo.

— Ser um idiota faz você se sentir melhor com você mesmo? — pergunto.

— Não. Mas irritar meu irmão faz. E irritar você irrita meu irmão. Lamento que você esteja no meio do fogo cruzado.

— Me deixe fora dele.

— Sem chance de isso acontecer tão cedo. — Carlos se agacha diante do carro em que eles estavam trabalhando e puxa a cobertura do para-choque.

— Você precisa destravar primeiro — digo, satisfeita em provar que sei mais sobre carros do que ele. — Isso não vai sair até você soltar as travas.

— Você está falando de sutiãs ou para-choques? — pergunta ele, me dando um sorriso arrogante. — Porque eu sou especialista em destravar os dois.

Eu não deveria ter feito isso. Foi imaturo. Foi aquele comentário estúpido que Carlos fez. Isso, combinado a ele rindo do jeito como falo "geleia", foi o que me levou a fazê-lo engolir as próprias palavras.

É sexta-feira. Tuck e eu chegamos cedo à escola para preparar o armário de Carlos. Terça-feira, depois da escola, Tuck e eu fizemos mais de cem cookies de chocolate duplo. Quando esfriaram, colamos ímãs pequenos, mas potentes, cada um dos lados deles. Agora eles são cookies-ímãs velhos. Quando Carlos abrir seu armário hoje, o interior estará decorado com uma centena deles.

Quando ele tentar tirar cada um dos ímãs, o cookie irá se despedaçar, e ele ficará com migalhas nas mãos. Usei ímãs, do tamanho de moedas de um centavo, superfortes. Será uma bagunça, com certeza. Então, ele terá duas opções: manter os cookies-ímãs enfiados em seu armário ou tirá-los um por um e ficar coberto de migalhas.

— Me lembre de nunca brigar com você — diz Tuck, enquanto atua como vigia.

As aulas só começam daqui a quarenta e cinco minutos, então há poucas pessoas passando pelo corredor.

Abro o armário de Carlos usando a combinação que estava anotada no topo do seu horário, que o sr. House me deu. Me sinto culpada, mas não o bastante para não colocar meu plano em ação. Prendo alguns cookies e então me volto para Tuck. Ele está de olho, caso Carlos ou qualquer pessoa que possa suspeitar apareça. Cada vez que prendo um cookie, o barulho do ímã contra o metal faz Tuck rir.

Clink. Clink. Clink. Clink. Clink. Clink.

— Ele vai surtar — diz Tuck. — Ele vai saber que foi você, sabe? Quando você zoa alguém, o objetivo é fazer isso de forma anônima, pra não ser pego.

— Agora é tarde demais. — Prendo mais cookies-ímãs, me perguntando como colocarei todos eles dentro do armário. Estou prendendo no topo, nos fundos, dentro, dos lados, na porta… Vou ficando sem espaço, mas estou

quase acabando. Parece que o interior do armário está sofrendo de um tipo de sarampo marrom.

Mexo na mochila.

— Só falta um.

Tuck olha dentro do armário.

— Essa pode ser uma das melhores pegadinhas de todos os tempos na Flatiron High, Kiara. Você pode ir parar nos livros de história. Estou orgulhoso de você. Coloque o último do lado de fora, bem no meio.

— Boa ideia. — Fecho o armário antes que alguém possa nos flagrar, prendo o último biscoito e, então, checo meu relógio. A chamada começará em vinte minutos. — E agora nós esperamos.

Tuck olha para o corredor.

— As pessoas estão vindo. A gente não deveria se esconder?

— Sim, mas eu *tenho* que ver a reação dele — respondo. — Vamos nos esconder na sala da sra. Hadden.

Cinco minutos depois, quando Tuck e eu olhamos pela janelinha da porta, Carlos surge no corredor.

— Lá está ele — sussurro. Meu coração bate furiosamente em meu peito.

Carlos franze a testa quando chega ao seu armário e vê um grande cookie colado nele. Ele olha para os lados, com certeza procurando por algum sinal de quem fez aquilo. Quando ele puxa o cookie, o biscoito se despedaça em sua mão, mas o ímã fica preso em seu armário.

— Qual é a reação dele? — pergunto a Tuck, que é mais alto e consegue ver a cena melhor do que eu.

— Ele está sorrindo. E balançando a cabeça. Agora está jogando o biscoito despedaçado no lixo.

Carlos não estará sorrindo quando ele abrir seu armário e encontrar mais noventa e nove cookies-ímãs.

— Vou lá — digo a Tuck. Saio da segurança da sala da sra. Hadden e caminho até meu armário, como se nada estivesse fora do normal.

— Oi — digo a Carlos, enquanto ele encara seu armário aberto, com todos os cookies.

— Você merece um A+ pela originalidade e execução — diz ele.

— O fato de que eu tiro boas notas em tudo, até em pegadinhas, te incomoda?

— Sim. — Ele arqueia uma sobrancelha. — Estou impressionado. Puto, mas impressionado. — Ele fecha seu armário, com os noventa e nove biscoitos ainda presos do lado de dentro. Como se os biscoitos não existissem, caminhamos lado a lado para a sua primeira aula do dia.

Não consigo deixar de sorrir enquanto passamos pelo corredor. Ele balança a cabeça algumas vezes, como se não conseguisse acreditar no que eu fiz.

— Trégua? — pergunto.

— Sem chance. Você pode ter ganhado essa batalha, mas esta guerra, *chica*, está longe de terminar.

capítulo 7

Carlos

Não consigo me livrar desse cheiro de biscoito. Está nas minhas mãos, nos meus livros… Droga, está até na minha mochila. Tentei tirar alguns deles do meu armário, mas foi tanta sujeira que desisti. Vou deixá-los lá dentro até eles ficarem bem mofados… Aí vou recolher todas as migalhas e colocá-las no armário da Kiara. Ou melhor ainda, colá-las com supercola lá dentro.

Tenho que tirar os cookies e Kiara da cabeça. Nada é tão bom quanto a comida de *mi'amá,* mas assim que chegar em casa hoje, vou pegar tudo o que tiver no apartamento do Alex e tentar preparar um autêntico jantar mexicano. Quem sabe eu esqueço esses malditos cookies de chocolate duplo. Cookies que, combinados ao fato de eu estar aqui há quase uma semana e ainda não ter comido comida mexicana autêntica e picante, estão me deixando louco.

Alex se inclina sobre a panela de carne cozida e sente o aroma. Só pela expressão em seu rosto, percebo que o cheiro faz se lembrar de casa.

— Se chama *carne guisada*. É um prato mexicano — digo as palavras lentamente, como se ele nunca tivesse ouvido falar disso.

— Eu sei o que é, espertinho — diz ele, recolocando a tampa na panela. Ele põe a mesa e volta a estudar.

Nós nos sentamos para comer uma hora depois. Eu observo meu irmão devorar o primeiro prato e se servir novamente.

— Você não come, não?

— Nada tão bom quanto isso — diz Alex, lambendo seu garfo. — Eu não sabia que você cozinhava.

— Você não sabe muitas coisas sobre mim.

— Eu costumava saber.

Brinco com a comida no meu prato, perdendo a fome de repente.

— Isso foi há muito tempo. — Mantenho os olhos fixos em minha comida. Eu nem conheço mais meu irmão. Depois que foi baleado, acho que fiquei com medo de conversar com ele, porque conversar fazia tudo ser real. Alex nunca me deu todos os detalhes do que aconteceu quando saiu da

gangue Latino Blood, e eu nunca perguntei. Mas ontem tive uma pista. — Vi suas cicatrizes ontem, quando você saiu do chuveiro.

Ele para de comer e pousa o garfo no prato.

— Pensei que você ainda estivesse dormindo.

— Não estava. — A imagem de suas costas cobertas de cicatrizes, cheias do que parecem ser marcas de chicote, está gravada no meu cérebro. Quando vi o relevo da pele queimada entre os ombros, com as letras LB marcadas ali como se ele fosse gado, minha pele se eriçou de raiva e desejos de vingança.

— Esqueça isso — diz Alex.

— Não vou esquecer. — Alex não é o único dos Fuentes que se sente ferozmente responsável por sua família. Se eu voltar a Chicago e encontrar o animal responsável por marcar o corpo de Alex, ele será um homem morto. Posso me rebelar contra *mi família*, mas eles ainda são meu sangue.

Alex não é o único com cicatrizes. Eu já estive em mais brigas do que um boxeador profissional. Se Alex soubesse que além das cicatrizes tenho tatuagens nas minhas costas que dizem que sou um *Guerrero*, ia ficar doido. Posso até estar no Colorado, mas ainda estou ligado ao México.

— A Brittany e eu vamos visitar a irmã dela, Shelley, hoje à noite. Quer vir?

Sei que a irmã de Brittany é portadora de deficiência e mora em uma instituição perto da universidade.

— Não posso. Vou sair — digo a Alex.

— Com quem?

— Até onde eu sei, nosso *papá* está morto. Eu não tenho que dar satisfações a você.

Alex e eu nos encaramos. Antes ele conseguia acabar comigo sem nem tentar, mas esse tempo passou. Estamos prestes a brigar novamente, mas a porta se abre e Brittany entra.

Ela percebe a tensão no ar, porque seu sorriso desaparece quando chega na mesa. Ela coloca a mão no ombro de Alex.

— Tudo certo?

— Tudo *perfecto*. Certo, Alex? — digo, pegando meu prato e dando a volta nela para chegar à cozinha.

— Não. Eu fiz uma pergunta simples, e nem isso ele é capaz de responder — diz Alex.

Eu jurava que isso era uma coisa que só saía da boca de um pai. Solto um suspiro frustrado.

— Eu só vou a uma festa, Alex. Não é como se eu fosse matar alguém.

— Uma festa? — pergunta Brittany.

— Sim. Já ouviu falar desse conceito?

— Ouvi, sim. E também sei o que acontece nessas festas — diz ela, sentando ao lado de Alex. — A gente também ia a festas na escola, e aprendemos com nossos erros. Ele vai aprender com os dele. Você não pode impedir que ele saia — diz ela ao meu irmão.

Alex aponta um dedo acusador para mim.

— Você deveria ver as garotas com quem ele estava outro dia, Brittany. Elas tinham aquele ar psicótico da Darlene escrito na cara. Lembra? Aquela garota teria dado pro time todo de futebol da escola se achasse que isso aumentaria sua popularidade.

Mais uma vez meu irmão não está ajudando. Valeu, irmão.

— Bom, é ótimo ouvir vocês dois discutirem minha vida na minha frente, mas eu tenho que ir.

— Como você vai? — pergunta Alex.

— Andando. A menos que… — Olho para as chaves de Brittany em cima de sua bolsa.

— Ele pode usar o meu carro — diz ela ao meu irmão. Ela não diz para mim, porque Deus nos livre de ela ou meu irmão tomarem uma decisão sem a aprovação um do outro. — Mas nada de álcool. Ou drogas.

— Sim, mamãe — digo sarcasticamente.

Alex balança a cabeça.

— Não é uma boa ideia.

Ela entrelaça os dedos com os dele.

— Tudo bem, Alex. De verdade. Nós íamos visitar minha irmã de ônibus, de qualquer jeito.

Por um nanossegundo eu até gosto da namorada do meu irmão, mas então me lembro de como ela controla a vida de Alex, e esse sentimento morno e aconchegante desaparece rápido como um raio.

Pego as chaves de Brittany e giro-as na minha mão.

— Vamos lá, Alex. Não torne minha vida uma merda ainda maior do que ela já é.

— Tudo bem — diz ele. — Mas traga esse carro de volta sem um

arranhão. Senão…

Eu bato continência.

— Sim, senhor.

Ele tira o celular do bolso de trás da calça e joga o aparelho para mim.

— E leve isso.

Saio porta afora, antes que qualquer um deles possa mudar de ideia. Eu me esqueci de perguntar onde o carro estava estacionado, mas não é difícil encontrá-lo. O Beemer brilha como um anjo na frente do prédio, chamando por mim.

Tiro do bolso da calça o papel com o endereço de Madison. Anotei antes de lavar o braço. Depois de descobrir como usar o aparelho, coloco o endereço no GPS, abaixo a capota do carro e saio da vaga cantando os pneus. Finalmente… liberdade.

Estaciono na rua e caminho pela entrada da garagem até a casa de Madison. Sei que estou no endereço certo, porque ouço a música alta saindo pela janela do segundo andar e há alguns adolescentes espalhados pelo gramado da frente. A casa é enorme. A princípio, não tenho certeza se é uma casa ou um prédio, até chegar mais perto e ver que é apenas uma grande mansão. Entro naquela monstruosidade e reconheço um grupo de colegas de algumas das minhas aulas.

— O Carlos chegou! — grita uma garota. Eu ignoro os ecos do grito que se seguem.

Madison, em um vestido preto justo e com uma lata de Bud Light na mão, atravessa a multidão e me dá um abraço. Acho que ela derramou cerveja nas minhas costas.

— Meu Deus, você veio.

— Sim.

— A gente precisa te arranjar uma bebida. Vem comigo.

Eu a sigo até uma cozinha que parece saída de uma revista. Todos os eletrodomésticos são de aço inoxidável. Grandes lajes de granito formam o topo dos balcões. Ao lado da pia há uma enorme tina coberta até a borda com gelo e latas de cerveja. Eu estendo o braço e pego uma.

— A Kiara veio? — pergunto.

Madison ri.

— Até parece.

Acho que essa é a minha resposta.

Madison me segura pelo cotovelo e me conduz por um corredor e depois escada acima.

— Tem alguém que você *precisa* conhecer. — Ela me leva até uma sala lateral, onde há cinco máquinas de fliperama com jogos clássicos, uma mesa de bilhar e uma mesa de *air-hockey*.

É o sonho de qualquer adolescente.

O lugar também cheira a maconha. Acho que estou ficando chapado só de respirar.

— Esta é a sala de jogos — explica Madison.

Tenho certeza que isso leva a minha definição de "sala de jogos" a um novo patamar.

Um cara branco está sentado em um sofá de couro marrom, recostado como se pudesse ficar naquela posição para sempre. Ele está usando uma camiseta branca lisa, jeans e botas pretas. Eu tenho certeza de que ele se acha muito descolado. Em uma pequena mesa à sua frente, há um bong.

— Carlos, este é o Nick — diz Madison.

Nick me cumprimenta com a cabeça.

Aceno de volta.

— E aí?

Madison senta ao lado de Nick, pega o bong e um isqueiro da mesinha e dá uma longa tragada. Porra, essa garota sabe tragar.

— O Nick queria te conhecer — diz ela. Percebo que seus olhos estão vermelhos. Quanto será que ela já fumou antes de eu chegar?

Lacey põe a cabeça na porta.

— Madison, preciso de você! — grita ela. — Vem cá!

Madison nos diz que volta depois e sai tropeçando para o corredor. Nick aponta para o sofá ao lado dele.

— Senta aí.

O cara parece bem malandro, e meu radar apita. Sei qual é seu lance, porque já conheci uma centena de Nicks. Merda, no México *eu* era um "Nick".

— Você que vende as paradas? — pergunto.

Ele dá uma risada.

— O que você quiser comprar, eu vendo. — Ele me oferece o bong. — Quer dar um pega?

Mostro a lata de cerveja na minha mão.

— Mais tarde.

Ele me examina com os olhos cerrados.

— Você não é policial, é?

— Eu pareço um policial?

Ele encolhe os ombros.

— Nunca se sabe. Policiais vêm de todas as formas e tamanhos hoje em dia.

Penso na hora em Kiara. Ela definitivamente se tornou minha diversão diária. Tento memorizar suas reações cada vez que faço algo para irritá-la. Seus lábios cor-de-rosa se apertam em uma linha fina cada vez que eu faço um comentário insultante ou dou em cima de alguma garota. Mas não importa o que eu tenha dito a ela, não importa quantas migalhas de cookie estejam espalhadas dentro do meu armário, vou sentir falta dela me guiando pela escola.

Ainda não decidi o que vou fazer para me vingar do golpe dos cookies. Seja lá o que for, ela não vai nem desconfiar.

— Eu ouvi por aí que a Madison está a fim de você — diz Nick, tirando um saquinho de comprimidos do bolso da frente e espalhando-os sobre a mesa.

— É mesmo? — pergunto. — Onde você ouviu isso?

— Da Madison. E sabe o quê?

— O quê?

Ele coloca uma pequena pílula azul na boca e joga a cabeça para trás, para engolir.

— Normalmente, o que a Madison quer, ela consegue.

capítulo 8

Kiara

— Sou daltônico — reclama o sr. Whittaker, rabugento, com a voz rouca, enquanto mergulha um pincel em um pote de tinta marrom e o desliza pela tela. — Isso é verde? Como posso pintar alguma coisa se essas cores não estão rotuladas?

Nunca há um momento sequer de tédio durante as aulas de artes na Highlands Long-Term Health Care Facility, também conhecida como asilo. O professor de artes oficial pediu demissão, mas já que eu era voluntária durante o horário dessa aula, assumi a turma. A administração dá a tinta e eu proponho os temas para quem quiser participar de uma atividade de pintura depois do jantar nas noites de sexta-feira.

Enquanto corro para ajudar o sr. Whittaker, Sylvia, uma senhorinha pequena, com o cabelo completamente branco, vem até nós arrastando os pés.

— Ele não é daltônico — diz Sylvia, se intrometendo, enquanto encontra um cavalete vazio e senta. — Só está cego.

O sr. Whittaker olha para mim com seu rosto magro e gasto enquanto eu me ajoelho ao seu lado e rotulo cada uma das cores com uma caneta preta de ponta grossa.

— Ela só está brava porque eu não dancei com ela no baile da semana passada — diz ele.

— Estou brava porque você se esqueceu de colocar a dentadura no jantar de ontem. — Ela balança a mão no ar. — Ele era só gengiva. Que belo Casanova — diz ela, em voz baixa.

— Assanhada — rosna o sr. Whittaker.

— Talvez você deva dançar com ela no próximo baile — digo. — Fazer ela se sentir jovem de novo.

Ele estende seus dedos calosos e artríticos e me puxa para mais perto.

— Eu danço muito, muito mal. Mas não conte isso à Sylvia, porque ela vai dificultar a minha vida.

— Eles não oferecem aulas de dança aqui? — pergunto em voz baixa, falando ao seu ouvido, alto o bastante para que ele pudesse ouvir, mas o restante dos alunos não.

— Mal consigo andar. Nunca serei um Fred Astaire. Agora, se no lugar daquela morcega velha da Frieda Fitzgibbons, você fosse a professora de dança, com certeza eu começaria a ir às aulas. — Ele ergue as sobrancelhas grossas e brancas e me dá um tapinha no bumbum.

Aponto o dedo para ele.

— Ninguém te falou que isso é assédio sexual? — pergunto, brincando.

— Sou um velho safado, querida. Na minha época não tinha isso de assédio sexual e as mulheres deixavam os homens comprarem refrigerantes pra elas, abrirem portas… e beliscarem seus traseiros.

— Eu deixo os garotos abrirem as portas pra mim, contanto que não esperem nada em troca. Mas saiba que eu ficaria bem sem o tapinha e o beliscão no bumbum.

Ele me manda ir embora.

— Ah, as mulheres de hoje em dia querem tudo… E depois mais um pouco.

— Não dê ouvidos a ele, Kiara — diz Sylvia, acenando para mim. — O que você quer é um bom garoto… Um cavalheiro de verdade.

— Isso não existe — diz Mildred, ao seu lado.

Um bom garoto. Pensei que Michael fosse bom, e ele não conseguiu nem terminar comigo *como um cavalheiro*.

— Talvez eu fique solteira pelo resto da minha vida.

Mildred e Sylvia balançam a cabeça com força, seus cabelos brancos e ralos esvoaçam de um lado para o outro. — Não! — dizem juntas.

— Você não quer isso — diz Sylvia.

— Não quero?

— Não. — Ela olha para o sr. Whittaker. — Porque precisamos deles… Ainda que eles sejam a encarnação do demônio. — Sylvia gesticula para que eu me aproxime. — Eu não me importaria se ele tivesse dado um tapinha no *meu* bumbum.

— Amém, irmã — diz Mildred, enquanto desliza seu pincel pela tela. Ela está pintando uma silhueta que parece muito com um homem nu. — Por que você não pede para aquele bom menino, o Tuck, vir aqui e posar pra nós? Você disse que podemos pintar figuras vivas.

— Eu estava pensando em um cachorro — respondo a ela.

— Não. Traga um modelo masculino pra nós.

— Eu não vou desenhar nenhum cara — grita o sr. Whittaker do outro lado da sala. — A Kiara vai ter que posar também.

— Não estou prometendo nada — digo à sala.

Só espere até eu ligar para Tuck hoje e pedir que ele seja um modelo masculino em minha aula. Acredito que ele até tope.

capítulo 9

Carlos

— Eeeeeeiiiii — cantarola Madison. — Voltei!

Voltou trazendo cerca de dez pessoas. Todos se reúnem em volta do bong e começam a passá-lo de mão em mão, cada um dando uma tragada. Penso no que Kiara e suas amigas devem estar fazendo esta noite. Aposto que ela está estudando para o SAT[1] ou coisa parecida, para poder entrar em uma boa faculdade, enquanto eu estou aqui, em uma festa com maconha e pequenas pílulas azuis.

Nick alinha as pílulas em uma bandeja. Isso me lembra do petisco chinês de Alex, o *pu-pu*.

Quando Madison passa o bong para mim com um grande sorriso, quero esquecer Kiara, SAT, faculdade e ser uma boa pessoa. Sou um delinquente, melhor começar a agir como tal.

Dou um pega, inalando a doce fumaça para os meus pulmões. A erva é de fato muito potente, porque sinto os efeitos dela antes mesmo de passar o bong para a pessoa ao meu lado. Quando ele volta para minhas mãos, dou uma tragada longa e lenta. Ali pela quarta volta, estou chapado o suficiente para conseguir não me preocupar mais com Kiara e seus cookies, ou com Alex pegando no meu pé o tempo todo, ou sobre eu ter mentido quando prometi a Brittany que não iria beber nem usar drogas na festa.

Neste momento, só quero pensar sobre as questões fundamentais da vida, tais como…

— Por que a Shevona não depila o bigode?

— Talvez ela seja um homem disfarçado — diz Nick.

— Mas por que ele escolheria ser uma mulher feia como disfarce? — pergunto. Sério.

— Talvez ele seja um homem feio e não tenha outra escolha.

— Faz sentido — respondo, vendo Madison dar outra tragada no bong. Ela me pega olhando, sorri e vem se sentar no meu colo, lambendo os lábios. Pelo comprimento e pela ponta afiada de sua língua, acho que talvez ela

tenha genes de iguana em sua árvore genealógica. Ela se aproxima, seus *chichis* a centímetros do meu rosto.

— O Nick tem a melhor erva — diz ela, recostando e se esticando sobre mim, como um gato em um tapete. Nem preciso dizer que sou o tapete. Ela se mexe, colocando as pernas de cada lado do meu corpo e passa os dois braços ao redor do meu pescoço. Seus olhos estão semicerrados. — Você é tão sexy.

— Você também.

— Somos uma dupla perfeita. — Ela acaricia meu queixo com o dedo e se inclina na minha direção. Aquela língua de iguana dela aparece, e seu corpo começa a se contorcer sobre o meu. Ela lambe meu queixo, uma coisa que, tenho que admitir, nenhuma garota tinha feito comigo. Espero sinceramente que ela não o faça uma segunda vez.

Começamos a nos pegar na frente de todo mundo. Acho que Madison gosta da atenção, porque quando uma das garotas diz a um dos meninos para parar de olhar, ela se inclina para trás e começa a tirar a blusa, como se fosse uma stripper dançando no meu colo. É óbvio que ela quer ser vista e admirada por todos os garotos e invejada por todas as garotas.

Essa menina é definitivamente exibicionista, mas quando olho para a minha esquerda e vejo Nick pegando uma Lacey sem blusa, me pergunto se aqui a norma é exibir seus talentos sexuais em público.

Isso não é para mim.

— Vamos pra algum lugar mais reservado — digo a Madison quando ela abaixa a mão para me apalpar sobre a calça.

Ela faz bico por um instante, então levanta do meu colo e estende a mão para mim.

— Vem.

Está tudo indo rápido demais. Eu até quero dar uma parada e, no fundo da minha mente, ecoa o aviso de Ram a respeito de Madison. Mas ela agarra minha mão e me puxa.

— Divirtam-se, vocês dois — grita Nick.

Dois minutos depois entramos em um quarto enorme, com uma cama *king-size* contra a parede.

— Seu quarto? — pergunto.

Madison balança a cabeça.

— Dos meus pais, mas eles quase nunca estão em casa. Agora estão em

Phoenix. — Percebo uma nota de amargura em sua voz, e tenho certeza de que transar na cama dos pais faz parte de sua vingança.

Devo dizer a ela que preferia fazer isso no chão do que na cama de seus pais?

— Vamos para o seu quarto — digo.

Ela balança a cabeça negativamente e me empurra para perto da cama.

— O que o Ram disse sobre mim? — pergunta Madison.

— É meio difícil pensar nisso agora — digo a ela. — Estou tão chapado quanto você.

— Só *tenta* lembrar. Ele contou por que a gente terminou? Porque se ele contou, queria dizer que não foi só minha culpa. Tipo, não é como se eu soubesse o que ele sabia e não soubesse o que estava fazendo. E se eu soubesse, não seria porque eu sabia que ele sabia. Não é como se a mãe dele fosse descobrir e mandar prender a gente.

Minha cabeça dói só de ouvir.

— Tudo bem — digo. Não tenho a menor ideia do que ela acabou de dizer, mas acho que "tudo bem" serve para qualquer ocasião. É preciso ter esperança.

— Mesmo? — pergunta Madison com um sorriso.

Hã? Não tenho a menor ideia do que estou falando. Ou do que ela está falando.

Madison me abraça forte, seu *chichis* apertados contra meu peito. Espero que não explodam com tanta pressão, sendo esmagados assim contra mim.

Pensamentos de *chichis* explodindo me assustam. E minha mente viaja para Kiara e sobre como ela é debaixo daquelas roupas folgadas. Por um segundo, acho que o corpo desconhecido dela é mais sexy do que esse que a Madison exibe o tempo todo.

Fecho os olhos com força. O que estou pensando? A Kiara não é sexy. Ela é frustrante e me desafia mais do que a minha própria família.

— Eu contei o que a Kiara fez no meu armário? — pergunto.

Madison me empurra na cama.

— Eu realmente não estou nem aí para a Kiara. Para de falar sobre outras garotas quando está aqui comigo.

Ela está certa. Preciso parar de falar da Kiara. Eu gosto de coisas fáceis de conseguir, e Kiara não é uma delas. Madison é.

Antes que eu perceba, estamos nos pegando para valer na cama dos pais

dela. Madison está sentada sobre mim, seus cabelos na minha cara. Acho que um pouco do cabelo dela entrou nas nossas bocas enquanto nos beijamos, mas ela não parece se importar. Eu me importo.

Madison se inclina para trás.

— Quer ir *até o fim*? — pergunta, com a língua enrolada.

Claro que quero. Mas quando olho para o lado e vejo uma foto de seus pais sorrindo para nós, em uma das mesinhas, entendo tudo. Madison não me quer por mim — ela me quer porque sou um delinquente drogado, exatamente o oposto de quem seus pais desejam para ela.

Mas dizer a mim mesmo que sou um delinquente é uma coisa. Agir como um é outra.

— Preciso ir — digo a ela.

— Espera. Ah, não. Não estou me sentindo bem. Acho que vou passar mal.

Madison pula da cama e corre para o banheiro, trancando a porta. Os sons de ânsia e vômito ecoam pelo quarto um segundo depois.

Eu bato na porta.

— Precisa de ajuda?

— Não.

— Abre a porta, Madison.

— Não! Chame a Lacey!

Eu chamo, e Lacey mais um grupo de outras meninas correm até o quarto para ajudar. Fico parado na porta do banheiro, vendo-as tratar Madison como se ela estivesse realmente doente, em vez de apenas vomitando por estar bêbada e chapada.

Depois de vinte minutos sendo ignorado, e confiante de que Madison está sendo bem cuidada, acho que já cansei desta festa.

Do lado de fora, pego o chaveiro de coração rosa de Brittany. Ligo o motor e engato o câmbio em primeira, mas quando olho para a frente e as faixas na estrada estão embaçadas, sei que não posso dirigir. Estou muito chapado, muito bêbado, ou uma mistura dos dois.

Merda. Tenho duas opções. Voltar para a casa de Madison e achar um lugar para ficar ou dormir no carro.

Não preciso nem pensar.

Aperto o botão para reclinar o assento e fecho meus olhos, esperando que amanhã eu consiga entender o que realmente aconteceu hoje à noite.

Claro. Está claro demais. Abro os olhos com o sol da manhã me atingindo bem no rosto. Ainda estou no carro de Brittany, com a capota abaixada. Quando chego na casa de Alex, encontro ele sentado à mesa, com uma caneca de café nas mãos.

Ele se levanta quando eu jogo as chaves do carro de Brittany na mesa.

— Você me disse que estaria em casa em algumas horas. Você sabe que já passou das nove? *De la mañana*.

Esfrego os olhos.

— Por favor, Alex — digo num gemido. — Você pode esperar pelo menos até meio-dia pra gritar comigo?

— Eu não vou gritar com você. Só não vou mais deixar você dirigir o carro da Brittany.

— Ótimo. — Percebo que o colchão de ar ainda está arrumado para mim. Desabo sobre ele e fecho os olhos.

Alex puxa o travesseiro debaixo da minha cabeça.

— Você está *chapado*?

— Não mais, infelizmente. — Pego o travesseiro de volta.

Ouço meu irmão sentar em sua cama e suspirar alto. Coitado, talvez ele precise fumar um para relaxar. Juro que posso sentir seu olhar atravessando meu crânio, como dois pequenos lasers.

— O que você quer? — murmuro do meu travesseiro.

— Porra, você não se importa com ninguém além de você mesmo?

— É mais ou menos isso.

— Não passou pela sua cabeça que eu ia ficar preocupado?

— Não. Isso não passou pela minha cabeça uma única vez.

Alguém bate na porta, graciosamente impedindo que ele faça mais perguntas.

Ouço meu irmão dizer:

— Oi, *chica*.

Deixe-me adivinhar: é a Brittany.

— O Carlos se esqueceu de levantar a capota — diz ela a Alex. — E está começando a chover. Ele deixou seu celular no banco do passageiro. Espero que ainda funcione.

Se algum dia eles se casarem, lamento por seus filhos. Espero que esses *niños* nunca pisem na bola… Porque Brittany e Alex estão olhando para mim como se fossem me deixar de castigo pelo resto da vida.

Infelizmente para eles, eles não são meus pais.

capítulo 10

Kiara

Na segunda-feira, os rumores sobre a festa de Madison Stone correm soltos. A maior parte deles é sobre Madison e Carlos aproveitando a festa na cama dos pais dela.

Na terça e na quarta-feira, percebo que Madison senta com Carlos na mesa de almoço dele.

Na quinta, Carlos nem aparece para almoçar. Nem Madison. O casal feliz deve ter se escondido em algum lugar.

Na manhã de sexta-feira, Carlos está diante de seu armário, com os cookies-ímãs ainda grudados na parte de dentro.

— Oi — diz ele.

— Oi — digo de volta.

Coloco minha senha, mas meu armário não abre.

Tento de novo. Sei que tenho a combinação numérica correta, mas quando puxo a maçaneta, ela não se move.

Tento de novo.

Carlos está olhando por cima dos meus ombros.

— Tendo problemas?

— Não.

Tento novamente. Desta vez, puxo a maçaneta com mais força e a sacudo. De novo, nada acontece.

Ele bate com os dedos no metal do armário.

— Talvez você tenha esquecido a senha.

— Eu sei minha senha — digo. — Não sou idiota.

— Tem certeza? Porque isso seria sexy.

Meus pensamentos se voltam para as fofocas sobre ele e a Madison. Não sei o motivo, mas a ideia de eles dando uns amassos aumenta minha raiva.

— Só vai embora.

Ele dá de ombros.

— Se é o que você quer. — O primeiro sinal toca. — Bom, boa sorte. Se você me perguntasse, eu diria que *alguém* mexeu aí. — Ele pega seus livros

no armário e sai pelo corredor.

Corro atrás dele e agarro seu braço.

— O que você fez com o meu armário?

Ele para.

— Eu posso ter trocado a senha.

— Como?

Carlos dá uma risada.

— Se eu te contar, vou ter que te matar.

— Muito engraçado. Me fala a nova senha.

— Vou te dar a informação completa… — Ele bate com a ponta do dedo no meu nariz. — Quando todos os cookies estiverem fora do meu armário. Incluindo as migalhas. Até mais — diz ele, entrando na sala de aula e me deixando sozinha no corredor, pensando em como vou fazer isso… E em como vou arquitetar minha próxima jogada.

Na aula de inglês, o sr. Furie devolve nossos trabalhos. Ele chama em voz alta os nossos nomes e, um a um, temos que ir até sua mesa.

— Kiara — chama ele.

Vou pegar meu trabalho. Quando o sr. Furie o entrega a mim, ele não está sorrindo.

— Você pode fazer melhor que isso, Kiara. Eu sei que pode. Aprofunde-se mais da próxima vez e não tente me dar a resposta que você acha que eu quero.

Passo por Madison na volta para minha carteira.

— Como está o Carlos? — pergunta ela.

— Bem.

— Você sabe que ele só te dá atenção porque tem pena de você, né? É meio triste, se você parar pra pensar.

Eu a ignoro e sento em meu lugar. Um grande C, em vermelho, está escrito na frente do trabalho que o sr. Furie acabou de me devolver. Nada bom, ainda mais se eu for solicitar uma bolsa de estudos.

— Pelos próximos quinze minutos, vocês vão escrever uma redação argumentativa — diz o sr. Furie.

— Sobre o quê? — pergunta Nick Glass.

— O assunto é… — O sr. Furie faz uma pausa, obviamente para aumentar a expectativa e prender a atenção da sala inteira. Ele senta na

ponta de sua mesa e diz: — As pessoas que participam de *reality shows* deveriam ser consideradas celebridades?

A sala começa a conversar sobre o tema.

— Diminuam o barulho, pessoal.

— Como podemos escrever uma redação argumentativa quando não temos tempo para fazer a pesquisa? — pergunta alguém no fundo da sala.

— Eu espero que você defenda suas ideias, não que explique uma pesquisa. Quando você está conversando com um amigo e precisa convencê-lo a fazer alguma coisa ou quer mudar sua opinião, não pode falar "Espera, preciso pesquisar ou anotar as estatísticas". Você apenas dá os argumentos que conhece. É isso que estou pedindo pra vocês fazerem.

O sr. Furie anda pela sala enquanto escrevemos.

— Quem quiser um ponto extra pode ler sua redação em voz alta para a sala.

Isso é bom. Eu preciso de um ponto extra e eu sei que consigo falar sem gaguejar. Eu sei que consigo.

— Abaixem as canetas — ordena o sr. Furie, quinze minutos depois. Ele junta as mãos. — Certo, algum voluntário pra ler primeiro?

Ergo minha mão direita.

— Srta. Westford, venha e compartilhe seus pensamentos.

— *Ah*, não. Ela não — ouço Madison resmungar ao meu lado. Lacey ri, junto com seu grupo de amigos.

— Algum problema, Madison?

— Não, sr. Furie. Quase quebrei uma unha! — Ela sacode suas unhas bem-feitas para o professor.

— Por favor, guarde seus problemas com as unhas pra depois da aula. Kiara, venha.

Pego minha redação e vou para a frente da sala. Digo a mim mesma para respirar fundo e pensar nas palavras antes de elas saírem pela minha boca. Quando estou parada lá na frente, olho para meu professor. Ele sorri de forma calorosa para mim.

— Vá em frente.

Pigarreio. E engulo, mas sinto minha língua começar a engrossar antes mesmo de eu começar a falar, por causa da Madison. Ela me desconcentrou, mas posso superar isso. Não tenho que dar a ela o poder sobre minha gagueira. *Relaxe. Pense nas palavras. Não se esqueça de respirar.*

— Eu p-p-penso… — Olho para minha redação. Posso sentir todos os olhos sobre mim. Alguns provavelmente estejam me olhando com pena. Outros, como Madison e Lacey, provavelmente estejam se divertindo. — Eu p-p-penso que p-p-pessoas em *re-re-ality shows*…

Uma garota explode em risadas. Sei quem é antes mesmo de olhar.

— Madison, não acho isso engraçado. Tenha respeito com sua colega de classe — diz o sr. Furie e depois completa –, isto não é um pedido. É uma ordem.

Madison coloca a mão sobre a boca.

— Tudo bem — diz entre os dedos.

— Melhor assim — diz o sr. Furie, com uma voz severa. — Vá em frente, Kiara. Continue.

Certo. Eu consigo fazer isso. Se consigo conversar com Tuck e não gaguejar, talvez eu só devesse fingir que estou conversando com ele. Ergo o olhar e procuro meu melhor amigo.

Ele me dá um pequeno aceno encorajador do seu lugar no fundo da sala.

— … pessoas em *reality shows* são celebridades… — Faço uma pausa e respiro bem fundo, depois continuo. *Eu consigo fazer isso, eu consigo fazer isso.* — … porque deixamos a m-m-mídia…

Outra explosão de risadas ecoa na sala, desta vez vinda de Lacey e Madison.

— Srta. Stone e srta. Goebbert! — chama o sr. Furie, apontando para a porta da sala. — Fora.

— O senhor não está falando sério — diz Madison.

— Nunca falei tão sério na vida. E também estou dando pra você e para a srta. Goebbert três dias de detenção depois das aulas, começando hoje.

— Não faça isso — sussurro ao sr. Furie, torcendo que ninguém possa me ouvir. — Por favor, não faça isso.

Madison tem uma expressão chocada.

— O senhor está nos dando uma detenção por *rir*? Qual é, sr. Furie. Não é justo.

— Fale com o diretor House, caso tenha algum problema com o meu castigo. — O sr. Furie abre a primeira gaveta de sua mesa e tira de lá duas folhas azuis de detenção. Ele preenche ambas e acena para que Madison e Lacey venham pegá-las. As duas me olham furiosas. Ah, não, isso não é

bom. Agora estou no radar da Madison, e não sei se há algum jeito de me livrar disso.

Quando o professor entrega às duas as folhas de detenção, Madison enfia a dela em sua bolsa.

— Não posso ficar de castigo depois da aula. Tenho que trabalhar na loja da minha mãe.

— Você deveria ter pensado nisso antes de perturbar minha aula. Agora, peçam desculpas à Kiara — ordena nosso professor.

— Tudo bem — murmuro. — Nã-nã-não precisa.

— Ah, eu insisto. Nós p-p-p-p-pedimos desculpas — diz Madison e, de repente, Lacey e ela começam a rir de novo. Mesmo depois de elas correrem para fora da sala de aula, consigo ouvir suas risadas ecoando, enquanto elas saem pelo corredor.

— Peço desculpas por elas e seu comportamento inapropriado, Kiara — diz o sr. Furie. — Você ainda quer ler sua redação?

Balanço a cabeça e ele suspira, mas não tenta me convencer do contrário quando volto para minha carteira. Queria que o sinal tocasse, para eu poder me esconder no banheiro. Estou com tanta raiva de mim mesma por deixá-las me afetar.

Pelos próximos vinte e cinco minutos, o sr. Furie chama outros estudantes para lerem suas redações. Continuo olhando para o relógio, rezando para os minutos passarem mais depressa. É difícil segurar as lágrimas quando elas ameaçam cair a qualquer momento.

Assim que o sinal toca, pego meus livros e saio voando da sala. O sr. Furie me chama, mas finjo que não escuto.

— Kiara! — exclama Tuck, agarrando meu cotovelo e me fazendo virar.

Uma lágrima idiota escorre pelo meu rosto.

— Quero ficar sozinha — digo com dificuldade, então saio correndo pelo corredor.

No fim do corredor, há escadas que levam a um vestiário vazio que as equipes rivais usam durantes os torneios. Ninguém o utiliza durante o dia, e só a ideia de ficar sozinha em um lugar onde não preciso fingir estar bem parece o céu agora. Sei que vou me atrasar para a aula de estudos, mas a sra. Hadden não costuma fazer chamada e, mesmo que ela faça, não me importo. Não quero que ninguém me veja nesse estado de confusão emocional.

Abro a porta do vestiário e me afundo em um dos bancos. Toda a energia que usei durante a última metade da aula de inglês para me impedir de desmoronar evapora. Queria ser mais forte e não me importar com o que as pessoas pensam, mas eu não sou forte como o Tuck. Não sou forte como a Madison.

Queria ser feliz sendo apenas *eu,* Kiara Westford, com problemas de fala e tudo mais.

Quinze minutos se passam antes que eu vá até a pia e olhe para meu reflexo no espelho. Pareço alguém que esteve chorando. Ou chorando, ou com uma gripe bem forte. Molho toalhas de papel e as esfrego em meus olhos, tentando fazer com que o inchaço suma. Depois de alguns minutos, acho que pareço mais decente. Ninguém saberá que estive chorando. Espero.

A porta do vestiário se abre de repente e eu me assusto.

— Alguém aqui? — pergunta um dos zeladores.

— Sim.

— É melhor você ir para a aula, porque a polícia está aqui. Estão fazendo uma busca por drogas.

capítulo 11

Carlos

Na aula de biologia, Shevelenko termina de falar sobre genes dominantes e recessivos. Ela nos faz desenhar quadradinhos e nos manda representar as diferentes possibilidades para cor dos olhos em uma prole de humanos.

— Alguns caras vão lá em casa hoje à noite — diz Ram, enquanto trabalhamos. — Quer vir?

Ainda que Ram seja rico, ele é um cara bem legal. Na semana passada ele me deu suas anotações das duas primeiras semanas de aula, e suas histórias sobre esqui nas férias de inverno são hilárias.

— *¿A qué hora?* — pergunto.

— Por volta das seis — diz ele, arrancando uma folha de seu caderno e escrevendo alguma coisa. — Este é o meu endereço.

— Eu não tenho carro. É longe?

Ele vira o papel e me dá sua caneta.

— Não tem problema, eu passo pra te pegar. Onde você mora?

Enquanto escrevo o endereço de Alex, Shevelenko vem até nossa mesa.

— Carlos, você pegou todas as anotações do Ramiro?

— Sim.

— Bom, porque vou dar uma prova na semana que vem. — Ela está distribuindo folhas de exercícios quando cinco "bips" ecoam do alto-falante.

A sala toda parece prender a respiração ao mesmo tempo.

— O que é isso? — pergunto.

Ram parece chocado.

— Que merda, cara. Estamos em confinamento.

— E o que é "confinamento"?

— Se for um psicopata com uma arma, vou pular a janela — diz um aluno chamado John. — Vocês topam?

Ram revira os olhos.

— Não é alguém com uma arma, cara. Seriam três longos "bips" em vez de cinco curtos. Este é uma busca por drogas. E não deve ser uma busca de rotina, porque eu não ouvi coisa alguma sobre isso.

John parece achar engraçado.

— Liga pra sua mãe, Ram. Pergunta se ela sabe o que está acontecendo.

Busca por drogas? Espero mesmo que Nick Glass não traga seu coquetel de drogas para a escola. Olho para Madison, que chegou atrasada à aula. Ela tira o celular da bolsa, segura-o sob a bancada do laboratório e começa a enviar mensagens para alguém.

— Acalmem-se todos — diz Shevelenko. — A maioria de vocês já passou por isso. Caso alguém não tenha adivinhado, estamos sob confinamento. Nenhum aluno pode sair do prédio.

Madison levanta a mão.

— Posso ir ao banheiro?

— Desculpa, Madison, mas não.

— Mas eu preciso *mesmo* ir! Prometo que vou bem rápido.

— As regras de confinamento são claras, ninguém deve ficar pelos corredores. — Shevelenko olha para seu computador. — Usem esse tempo pra estudar para a prova da próxima quarta-feira.

Quinze minutos depois, um policial bate na porta da sala.

— Quem você acha que foi pego? — sussurra um cara chamado Frank, enquanto a professora vai falar com a polícia do lado de fora da sala.

Ram ergue as mãos.

— Nem olha pra mim, cara. Eu não ia arriscar ser expulso do time de futebol. Além disso, minha própria mãe mandaria me prender se me pegasse fazendo alguma merda ilegal.

Shevelenko volta para a sala.

— Carlos Fuentes — diz ela, alto e claro.

¡*Carajo!* Ela chamou meu nome.

— Sim?

— Venha aqui.

— Cara, você está tão ferrado — diz Frank.

Eu vou até Shevelenko, e tudo o que consigo ver é seu bigode se movendo para cima e para baixo, enquanto ela diz:

— Alguém quer falar com você. Venha comigo.

Sei que todos na sala sabem por que eu fui chamado. A questão é que eu não tenho drogas nos meus bolsos ou no meu armário. Talvez eles tenham descoberto que eu vim do México e queiram me deportar, embora eu tenha nascido em Illinois e seja um cidadão americano.

No corredor, dois policiais vêm em minha direção.

— Você é Carlos Fuentes? — pergunta um deles.

— Sim.

— Você pode nos mostrar seu armário?

Meu armário? Dou de ombros.

— Claro.

Eu vou até o meu armário, o *policía* me seguindo tão de perto que posso sentir sua respiração na minha nuca. Viro a esquina para o corredor J e vejo um cachorro farejador da polícia latindo para o meu armário. Que porra é essa?

O policial que está segurando a guia manda o cão sentar.

O sr. House está ao lado do meu armário.

— Carlos, este é o seu armário? — ele me pergunta.

— Sim.

Ele faz uma pausa dramática antes de dizer:

— Só vou perguntar isso uma vez. Você tem drogas no seu armário?

— Não.

— Então você não se importa de abri-lo, não é?

— Não.

Digito a senha e abro a porta.

— O que são essas coisas? — pergunta um dos policiais, apontando para os ímãs de cookie de Kiara. Ele se aproxima para olhar mais de perto e o cachorro fica louco. Ele cutuca um ímã. — São biscoitos — diz ele, desapontado.

— Acho que o seu cachorro está com fome — digo a ele.

O segundo policial me lança um olhar severo.

— Você, fique quieto. Eles provavelmente estão misturados com drogas, e você os está vendendo.

Cookies com drogas? Ele está me zoando? São só *umas porras de uns ímãs de cookie mofado*. Começo a rir.

— Você está achando isso engraçado, vagabundo?

Pigarreio e tento manter uma expressão séria.

— Não, senhor.

— Você fez esses biscoitos?

— Sim, senhor — minto, porque não é da conta deles quem fez. — Mas acho que você não devia tentar tirá-los.

— Por que não? Com medo que a gente descubra o que tem neles?

Eu balanço minha cabeça.

— Não. Confia em mim, não tem drogas neles.

— Boa tentativa — diz o policial.

Ignorando meu aviso, o diretor tenta tirar um dos ímãs. O cookie se esfacela na sua mão. Eu tusso novamente, tentando encobrir outra risada, enquanto ele segura as migalhas na mão e as cheira. Fico imaginando o que Kiara pensaria se soubesse que seus cookies estão sob investigação.

Um dos policiais arranca outro cookie e dá uma pequena mordida para ver se consegue sentir o gosto de alguma substância ilegal. Ele dá de ombros.

— Não sinto gosto de nada. — Ele segura o resto do cookie sob o nariz do cão farejador. O cachorro fica quieto. — Os biscoitos estão limpos — diz ele. — Mas tem mais coisas no armário. Tire tudo — ordena ele, cruzando os braços sobre o peito.

Da prateleira superior, tiro alguns livros e os coloco no chão. Eu pego mais livros do fundo. Quando eu puxo minha mochila, o cachorro se agita novamente.

Esse cão está completamente maluco. Se olharmos por tempo suficiente, tenho certeza de que a cabeça dele vai virar ao contrário e seus olhos vão migrar para a parte de trás da cabeça.

— Tire tudo da sua mochila e coloque os itens no chão na sua frente — diz House.

— Olha — digo a House. — Não tenho noção do porquê esse cachorro está prestes a atacar minha mochila. Não tem drogas aí. Talvez o cachorro tenha algum problema.

— O cão não é o problema, filho — diz o policial que conduz o farejador.

Minha pulsação acelera quando o cara me chama de "filho". Quero bater nele, mas ele tem um cachorro psicótico e pode soltá-lo em cima de mim. Eu até me acho bem durão, mas sei perfeitamente que um cão farejador maluco e treinado pode acabar comigo.

Uma a uma, retiro cada coisa da minha mochila, alinhando-as no chão.

Um lápis.

Duas canetas.

Um caderno.

Um livro de espanhol.

Uma lata de Coca-Cola.

O cachorro começa a latir novamente. Espera, não coloquei uma lata de Coca aí. O diretor pega a lata, começa a desenroscar a parte superior e … ah, merda. Não é uma lata de Coca-Cola. É uma lata falsa com …

Um saco de maconha. Um saco grande. E…

Um saco com um monte de pílulas brancas e azuis.

— Isso não é meu — digo a eles.

— De quem é, então? — pergunta o diretor. — Nos dê os nomes.

Tenho quase certeza de que são do Nick, mas não vou entregar ninguém. Se aprendi alguma coisa no México, é que você não abre a boca. Nunca. Apesar de não dar a mínima para o Nick, estou prestes a me ferrar por ele, quer eu goste ou não. — Eu não sei nenhum nome. Estou aqui há uma semana, então me dá uma folga.

— Nós não damos "uma folga". Não na propriedade da escola, o que aliás torna isso um crime — diz um dos policiais, olhando para as minhas tatuagens. Ele pega os sacos da mão do diretor e abre o de pílulas. — Isto é Oxicodona. E isto — diz ele, abrindo o saco com a erva — é maconha suficiente pra sabermos que você não está apenas fumando, está vendendo.

— Você entende o que isso significa, Carlos? — pergunta o diretor.

Sim, eu entendo o que isso significa. Significa que Alex vai me matar.

capítulo 12

Kiara

Quando descobri que Carlos foi preso, imediatamente senti que deveria ligar para meu pai. Ele disse que ligaria para Alex e descobriria o que estava acontecendo e para onde Carlos foi levado.

Em casa, minha mãe me recebe na porta.

— Seu pai disse que vai chegar em casa logo, com algumas notícias sobre o Carlos.

— Então você sabe o que aconteceu?

Ela assente.

— O Alex contou ao seu pai que o Carlos continua insistindo que as drogas não são dele.

— O Alex acredita nele?

Minha mãe suspira, e eu sei que ela quer me dar notícias melhores.

— Ele está um pouco cético.

Meu pai chega em casa todo descabelado, como se tivesse passado a mão pelo cabelo várias vezes durante o dia.

— Reunião de família — diz ele.

Quando a família toda está na sala de estar, meu pai pigarreia.

— Como vocês se sentiriam se o Carlos ficasse aqui pelo resto do ano escolar?

— Quem é Carlos? — pergunta Brandon, perdido.

— O irmão de um dos meus ex-alunos. E um dos amigos de Kiara. — Meu pai olha para mim e depois para minha mãe. — Resulta que o lugar onde ele vive é um apartamento subsidiado para estudantes. Como o Carlos não é aluno da universidade, o juiz disse que é contra a lei ele permanecer lá.

— Eu ganhei um irmão? Que legal! — exclama Brandon. — Ele pode dormir no meu quarto? Você pode comprar um beliche e tudo mais.

— Não fique tão entusiasmado, Bran. Ele vai ficar no quarto amarelo — diz meu pai ao meu irmão.

— Como o Carlos está? — pergunta minha mãe.

— Não sei. Acho que, no fundo, ele é um bom garoto que vai prosperar em um ambiente positivo e estável, livre de drogas. Eu gostaria de ajudar, se todos estiverem de acordo. Ou ele fica na nossa casa, ou volta para o México. O Alex disse que faria qualquer coisa pra ele ficar aqui.

— Por mim, tudo bem ele ficar aqui — digo, percebendo assim que falei que fui sincera. Todo mundo merece uma segunda chance.

Meu pai olha para minha mãe, que se aproxima dele e encosta sua testa na dela.

— Meu marido vai salvar o mundo, uma criança de cada vez, não é?

Ele sorri para ela.

— Se for preciso.

Ela o beija.

— Vou me certificar de que há lençóis limpos na cama do quarto de hóspedes.

— Eu casei com a melhor mulher — diz meu pai a ela. — Vou ligar para o Alex e contar a ele que vamos fazer isso — completa, entusiasmado. — Na segunda-feira, vamos nos encontrar com o juiz de novo. Vamos barganhar pra colocá-lo no programa REACH da Flatiron, em vez de expulsá-lo.

Fico olhando meu pai sair da sala de estar e ir para seu escritório.

— Ele está em uma missão — diz minha mãe. — Ele tem esse brilho no olhar quando fica frente a frente com um desafio.

Só espero que ele mantenha esse brilho vivo, porque tenho um pressentimento de que a paciência do meu pai — que provavelmente atinge o nível da santidade — está prestes a ser realmente testada.

capítulo 13

Carlos

— Só me manda de volta a Chicago e se livra logo de mim — digo a Alex no domingo de manhã, depois de falar com *mi'amá* ao telefone. Alex me obrigou a contar para ela o que está acontecendo.

Quando a polícia me levou algemado, eu não estava ligando muito. Ver o meu irmão chegar à delegacia, sua expressão fechada de frustração e desapontamento, também não me perturbou. Mas falar com a minha mãe agora há pouco e ouvi-la chorar e me perguntar o que aconteceu com o seu *niñito* acabou comigo.

Ela também me disse que eu não deveria voltar para o México.

— Aqui não é seguro pra você — me disse ela. — *Auséntese*, Carlos, fique longe.

Não fiquei surpreso. Minha vida inteira tenho sido rodeado por pessoas que me abandonaram ou me disseram para ficar longe delas — *mi papá*, Alex, Destiny e agora *mi'amá*.

Alex está deitado em sua cama, seu antebraço cobrindo os olhos.

— Você também não vai voltar pra Chicago. O professor Westford e a mulher dele deixaram você morar na casa deles. Está resolvido.

Morar com o professor significa que também vou morar na mesma casa que Kiara. Isso é ruim em vários níveis.

— Ninguém quer ouvir minha opinião sobre isso?

— Não.

— *¡Vete a la mierda!*

— Bom, foi você quem se meteu na merda em que você está vivendo — diz meu irmão.

— Eu já disse que aquelas drogas não eram minhas.

Ele senta na cama.

— Carlos, desde que você chegou, tudo o que fez foi falar sobre drogas. Eles encontraram *chora* em seu armário, mais uma quantidade insana de OC. Ainda que aquilo tudo não seja seu, você se tornou um bode expiatório.

— Isso é uma grande merda.

Meia hora depois, quando saio do chuveiro, vejo que Brittany está de volta. Sentada à mesa, ela usa um suéter de veludo rosa bem justo que delineia suas curvas. Juro que essa *chica* deveria mudar-se para cá… Ela já fica aqui o tempo todo.

Vou até minha cama, subitamente desejando que esse apartamento não fosse um estúdio. Sou um cara puto e com sede de vingança. Não vou descansar até saber quem colocou as drogas no meu armário. Quem quer que seja, vai pagar por isso.

— Espero que você não seja expulso — diz Brittany em um tom triste. — Mas eu sei que Alex e o professor Westford farão tudo o que puderem pra ajudar.

— Não se mostre tão triste — digo a ela. — Agora que eu tenho que mudar, você vai poder estar aqui sempre que quiser. Sortuda.

— Carlos, *retroceda* — diz Alex bruscamente.

Por que eu deveria parar? É a verdade.

— Acredite ou não, Carlos, eu quero que você seja feliz aqui. — Brittany empurra um celular novo para mim pela mesa. — Comprei isso pra você.

— Pra quê? Pra você e o Alex poderem me vigiar?

Ela balança a cabeça.

— Não. Eu só pensei que você fosse querer um, pra poder ligar pra gente se precisar de nós.

Pego o telefone.

— Quem está pagando isso?

— Isso importa? — pergunta ela.

Minha família, obviamente, não pode pagar. Viro minhas costas para Brittany e para o celular.

— Eu não preciso disso — digo a ela. — Guarde seu dinheiro.

Algumas horas depois, nós três nos apertamos no Beemer de Brittany. Eu deveria ter adivinhado que ela viria junto nesse pequeno passeio para me deixar na casa do professor. Provavelmente quer se certificar de que eu realmente estou fora das mãos dela e do meu irmão.

Alex pega uma das estradas sinuosas que levam até as montanhas. Quando olho para as grandes casas à beira da estrada, é óbvio que estamos no lado rico da cidade. As pessoas pobres não colocam placas dizendo NÃO ENTRE, GARAGEM PRIVATIVA, PROPRIEDADE PARTICULAR, MONITORADO POR CÂMERAS DE VIGILÂNCIA. Eu sei, porque fui pobre minha vida toda, e a única

pessoa que conheço que colocou uma placa dessas em sua casa foi meu amigo Pedro, e ele na verdade roubou a placa do jardim de uma mansão.

Pegamos uma entrada pavimentada de tijolos que leva a uma casa de dois andares construída diretamente na encosta da montanha. Eu me endireito e olho para os arredores. Nunca morei em um lugar onde você não pudesse facilmente jogar uma pedra na janela do vizinho.

Seria de se pensar que eu ficaria empolgado com a oportunidade de morar nessa casa elegante, mas isso só me lembra que eu sou o intruso. Não sou idiota. Sei que assim que sair daqui, estarei novamente tão pobre quanto sempre fui — ou estarei na prisão. Este lugar é apenas uma distração, e mal posso esperar para ir embora.

Assim que estacionamos, Westford vem nos receber. Ele é um homem alto, de cabelos grisalhos e muitas rugas ao redor dos olhos, como se tivesse sorrido demais ao longo dos anos e agora sua pele estivesse se rebelando.

Antes mesmo que eu consiga sair do carro, outras três pessoas aparecem. É como a porra de um desfile de gente branca, um mais branco que o outro.

Quando vejo Kiara, seu rosto familiar é tanto um alívio como um aborrecimento. Em uma manhã, fui de sabotar o armário dela a ser algemado e jogado na prisão. Minha vida passou de divertida a completamente fodida em questão de horas.

Kiara está com seu cabelo castanho claro puxado para trás, usando um shorts jeans e uma camiseta verde vômito larga. Ela com certeza não se arrumou para me receber. Tem até manchas marrons de sujeira ou graxa nas bochechas e nas mãos.

Ao lado de Kiara está seu irmão. Ele deve ter sido um acidente ou um desejo tardio, porque parece estar na pré-escola. O pequeno está um caos. Há restos de chocolate por todo o seu queixo.

— Esta é a minha esposa, Colleen — diz o professor Westford, apontando para a mulher magra ao seu lado. — E o meu filho, Brandon. Claro que você já conhece a minha filha, Kiara.

O professor e sua esposa estão usando camisas polo brancas idênticas. É fácil visualizá-los jogando golfe em um sofisticado clube de campo nos fins de semana. Brandon poderia estar em filmes ou em comerciais — tem tanta energia que quase dá vontade de dar um calmante para fazê-lo dormir.

Enquanto Brittany e Alex cumprem o ritual do aperto de mão com a esposa e os filhos do professor, Kiara se aproxima de mim.

— Você está bem? — pergunta ela, tão baixo que mal posso ouvi-la.

— Estou bem — murmuro. Eu não quero falar da minha prisão e do passeio na parte de trás do carro da polícia até a delegacia de menores.

Bom, isso é estranho. O garotinho, Brandon, puxa a perna da minha calça. Seus dedos estão cobertos de chocolate derretido.

— Você joga futebol?

— Não. — Olho para Alex, que parece não notar ou não se importar que o pirralho esteja sujando minhas calças.

A sra. Westford sorri enquanto leva Brandon para longe de mim.

— Carlos, por que você não se instala e depois desce pra comer alguma coisa no quintal? Dick, leve Carlos lá em cima e mostre a casa pra ele.

Dick? Balanço minha cabeça. O professor não vê problema em ser chamado de *Dick*? Se meu nome fosse Richard, eu seria Richard ou Rich… Não *Dick*. Porra, até mesmo Chard seria melhor.

Pego minha mochila.

— Carlos, siga-me — diz Westford. — Vou mostrar a casa pra você. Kiara, por que você não mostra seu carro para o Alex e a Brittany?

Eu sigo o professor Dick, o resto do grupo segue Kiara.

— Esta é a nossa casa — diz Westford. Como eu suspeitava, o interior é tão impressionante quanto o exterior. Não é tão grande quanto a casa de Madison, mas ainda assim é maior do que qualquer lugar onde eu já tenha morado. Grandes quadros cobrem as paredes do corredor. Eles têm uma imensa televisão de tela plana pendurada na parede sobre a lareira. — Sinta-se em casa.

Sim, claro. Esta é tanto a minha casa quanto a Casa Branca.

— Aqui é a cozinha — diz ele, me conduzindo a um cômodo enorme, com uma gigantesca geladeira de aço inoxidável e o resto dos eletrodomésticos combinando. As bancadas são pretas, com pequenos pedaços do que parecem ser diamantes incrustados. — Se você quiser algo da geladeira ou da despensa, é só pegar. Não precisa pedir.

Em seguida, eu o acompanho até um lance de escadas acarpetadas.

— Alguma pergunta até agora? — pergunta ele.

— Tem um mapa deste lugar? — digo.

Ele dá uma risada.

— Daqui a alguns dias você se acostuma.

Quer apostar?

Sinto uma grande dor de cabeça chegando e desejo estar em algum lugar onde eu não precise fingir ser um menino de reformatório morando em uma minimansão, com uma garota que colocou cookies com ímãs no meu armário e um pirralho que acha que todos os mexicanos jogam futebol.

No andar de cima, o quarto dos pais fica no fim de um longo corredor. Viramos uma esquina e Westford aponta para outro deles. — Aquele é o quarto da Kiara. A porta do corredor, ao lado do quarto de Brandon, é o banheiro que você vai compartilhar com eles. — Dou uma olhada no banheiro, que tem duas pias lado a lado.

Ele abre a porta ao lado do quarto de Kiara e acena para que eu entre.

— Este é o seu quarto.

Observo o cômodo que será meu quarto. As paredes são pintadas de amarelo, com cortinas de bolinhas penduradas nas janelas. Parece uma porra de um quarto de menina. Se eu ficar aqui tempo o bastante, será que vou ter que devolver minha "carteirinha de homem"? De um dos lados há uma mesa e um armário, do outro uma cômoda. Perto da janela, uma cama com um cobertor amarelo.

— Eu sei que não é o mais másculo dos quartos. Minha esposa o decorou há algum tempo — diz Westford, parecendo se desculpar. — Era pra ser o quarto das bonecas de porcelana dela.

Ele está me zoando? Quarto de bonecas de porcelana? O que são bonecas de porcelana e por que uma mulher adulta ia querer um quarto cheio delas? Talvez seja uma coisa de gente branca rica, porque não conheço nenhuma família mexicana que tenha um quarto só para suas bonecas.

— Acho que a gente pode arranjar tinta e deixar este quarto um pouco mais agradável pra um cara — diz ele.

Meus olhos se concentram nas cortinas de bolinhas.

— Vai precisar de muito mais que tinta — murmuro. — Mas não importa, não estou planejando ficar por aqui muito tempo.

— Bom, acho que agora é um bom momento pra falar das regras da casa. — Meu guardião temporário se instala na cadeira ao lado da mesa.

— Regras? — Um sentimento de repulsa me percorre.

— Não se preocupe, tenho poucas. Mas eu espero que elas sejam seguidas. Primeiro, nada de drogas ou álcool. Como você já sabe, não é difícil encontrar maconha nesta cidade, mas você precisa ficar limpo, por ordem judicial. Em segundo lugar, sem palavrões. Eu tenho um filho de seis

anos que é muito impressionável, e não quero que ele ouça palavras do tipo. Em terceiro lugar, o toque de recolher durante a semana é à meia-noite, nos fins de semana, às duas. Em quarto lugar, você deve manter suas coisas arrumadas e ajudar nas tarefas da casa quando solicitado, do mesmo modo que nossos próprios filhos. Em quinto lugar, televisão só depois de fazer a lição de casa. Em sexto, se você trouxer uma garota para o seu quarto, a porta deve ficar aberta… por razões óbvias. — Ele coça o queixo, aparentemente esperando que mais regras apareçam. — Acho que é isso. Alguma pergunta?

— Sim, uma. — Coloco as mãos nos bolsos, imaginando quanto tempo vai demorar para o professor Dick descobrir que eu sou antirregras. De qualquer tipo. — O que acontece quando eu quebrar alguma das suas regras de merda?

capítulo 14

Kiara

Não sei se mais alguém da família percebeu, mas Carlos olhou para nós como se fôssemos um bando de alienígenas mandados para a Terra para destruí-lo. Ele, com certeza, não está feliz por ter que morar conosco.

Eu me pergunto o que ele irá dizer quando contarmos que ele ou será expulso ou terá que ir para o programa REACH depois da escola. O REACH é para adolescentes em risco, que se metem em encrenca. Eles podem frequentar a escola em regime experimental. Meu pai me contou que Carlos não sabe que o REACH é sua única escolha. Não quero estar em casa quando meu pai e Alex contarem as novidades a ele.

Alex está checando o novo retrovisor que acabei de instalar. Incapaz de resistir, ele levanta o capô e inspeciona o motor.

— É um V8 padrão — digo a Brittany, que está parada ao lado dele.

Alex dá uma risada.

— Isso não significa nada pra minha namorada. A Brittany não gosta nem de colocar gasolina.

Brittany bate de leve no braço dele.

— Você está brincando? Cada vez que eu tento consertar alguma coisa no meu carro, o Alex toma conta de tudo. Admite, Alex.

— *Mamacita*, sem ofensa, mas você não sabe diferenciar uma gaxeta de um alternador.

— E você não saberia diferenciar acrílico de gel — diz Brittany, sorrindo com malícia e as mãos nos quadris.

— Ainda estamos falando sobre carros? — pergunta Alex.

Brittany balança a cabeça.

— Eu estava falando sobre unhas.

— Foi o que eu pensei. Você fica com as unhas. Eu fico com os carros.

Alex dá meio sorriso, enquanto puxa sua namorada para si.

— Acho que estamos prontos para o almoço — grita meu pai, da porta da frente.

Minha mãe acena para meu irmão.

— Brandon, querido, mostre à Brittany e ao Alex onde fica o quintal.

Enquanto Brandon corre para o quintal, ajudo minha mãe na cozinha.

— Você está com graxa no seu queixo — diz ela. Esfrego meu queixo e então percebo que não é graxa, e sim epóxi preto.

— Agora você está espalhando. Aqui… — Ela joga para mim um pano de prato.

— Obrigada. — Depois de limpar meu queixo, lavo minhas mãos e termino minha salada especial de nozes.

No quintal, minha mãe arruma seus jogos americanos floridos e seus pratos de cerâmica favoritos, pintados com imagens de borboletas coloridas, que combinam com as xícaras. Ela abriu uma loja de chá orgânico, chamada Hospitali-Tea, há alguns anos. Se você mora em Boulder, são grandes as chances de que viva ao ar livre e tenha um estilo de vida ativo. E são grandes as chances de que beba chá em vez de café.

A loja da mamãe é bem popular entre os moradores. Eu trabalho lá nos fins de semana, ensacando chás a granel, catalogando novos chás e colocando preço em bules de cerâmica. Até a ajudo com a contabilidade, sobretudo quando as contas não batem e ela precisa que alguém verifique os erros. Sou a achadora de erros da família, pelo menos quando se trata de livros.

Ajudo levando a salada. Na verdade, eu inventei a receita e mantenho o molho em segredo, então nem mesmo meus pais sabem como fazê-la. Leva folhas de espinafre, nozes, queijo azul, *cranberries* secas… e o molho secreto e especial da Kiara, como minha mãe gosta de chamá-lo. Quando saio, passo a tigela para Carlos.

Ele olha para ela.

— O que é isso?

— Salada.

Ele espia de novo.

— Isso não é alface.

— É es-espinafre. — Paro de falar quando sinto minha língua engrossar.

— Só experimente — diz Alex a ele.

— Não preciso que alguém me diga o que fazer — responde Carlos, com raiva.

— Carlos, tenho alface na geladeira — diz minha mãe. — Posso fazer uma salada de alface rapidinho se você quiser.

— Não, obrigado — murmura Carlos.

— Eu vou querer salada — diz Brittany, acenando para que eu passe a tigela para ela. Não sei se ela quer mesmo a salada de espinafre ou não, mas ela está tentando tirar a atenção de Alex e Carlos.

Olho para meu pai. Seus olhos estão cravados em Carlos. É provável que esteja se perguntando quanto tempo levará antes que ele consiga fazer Carlos amolecer e confiar em nós. O problema é que não sei se Carlos um dia baixará sua guarda agora que foi preso.

— Sei que você está aqui devido às circunstâncias extenuantes — diz minha mãe a Carlos, enquanto ela passa o prato com hambúrgueres de salmão. — Mas estamos felizes em lhe oferecer nossa casa e amizade.

Meu pai espeta um hambúrguer com seu garfo.

— A Kiara pode te mostrar Boulder neste fim de semana. E apresentá-lo aos amigos dela. Não é, querida?

— Claro — respondo, ainda que "meus amigos" se resumam a Tuck. Não sou do tipo que anda por aí com uma galera. Tuck é um menino, mas ele é meu melhor amigo e tem sido assim desde meu primeiro ano, quando Heather Harte e Madison Stone riram de mim durante a aula de inglês enquanto eu lia *Um conto de duas cidades* na frente da sala inteira. Eu não apenas envergonhei a mim mesma com minha gagueira, como acho que Dickens deve ter revirado no túmulo quando cortei suas palavras como uma açougueira. Parei no mesmo instante em que as ouvi rindo de mim, corri para casa e não saí do meu quarto até que Tuck apareceu e me convenceu a mostrar minha cara para o mundo. Na sexta-feira, durante a aula do sr. Furie, fui levada de volta até aquele dia.

— Acho que peguei um hambúrguer cru. Está rosado, na verdade — diz Carlos, enquanto encara um dos empanados de salmão da minha mãe.

— É peixe — digo a ele. — Salmão.

— Tem espinhas nisso?

Balanço a cabeça.

Ele pega um pão da cesta, examina-o e então dá de ombros. Acho que ele não está acostumado a grãos integrais grudados em seus pães de hambúrguer.

— Tenho que ir trabalhar, mas a Kiara pode te levar ao supermercado amanhã, se você quiser — sugere minha mãe. — Assim você pode comprar o que gosta.

— Você gosta de esportes, Carlos? — pergunta Brandon.

— Depende.

— Do quê?

— De quem está jogando. Não assisto a tênis ou golfe, se é isso que você quer dizer.

— Não estou falando sobre *assistir a* esportes, tonto — diz Brandon, rindo para ele. — Estou falando sobre *praticá-los.* Meu melhor amigo, Max, joga futebol americano, e ele tem a minha idade.

— Bom pra ele — diz Carlos, enquanto morde um pedaço do hambúrguer de salmão.

— Você joga futebol? — pergunta Brandon.

— Não.

— Beisebol?

— Não.

Brandon faz uma lista e não para até encontrar a resposta que espera.

— Tênis?

— A resposta dessa pergunta seria um *nada*.

— Então, o que você joga?

Carlos deixa de lado sua comida. Ah, não. Ele está com aquele brilho rebelde em seus olhos e responde a Brandon:

— Tango horizontal.

Minha mãe e Brittany engasgam com sua comida. Meu pai diz:

— Carlos… — em um tom de aviso que ele guarda só para circunstâncias extremas.

— Dançar não é um esporte de verdade — diz Brandon a Carlos, sem prestar atenção ao choque do restante da mesa.

— É quando *eu* pratico — diz Carlos.

Alex se levanta e diz, entre os dentes:

— Carlos, vamos conversar. Em particular. *Ahora*.

Alex entra em casa. Não tenho certeza de que Carlos irá segui-lo. Ele hesita, então sua cadeira arranha o piso do pátio e ele entra. Ah, isso com certeza não será bonito.

Brittany coloca a cabeça entre as mãos.

— Por favor, me avisem quando eles terminarem de discutir.

Brandon se vira para meu pai e o encara com seus imensos olhos inocentes.

— Papai, *você* sabe dançar o tango horizontal?

capítulo 15

Carlos

— Você gosta de ser um *pendejo?* — pergunta meu irmão quando chegamos à cozinha, fora do alcance do ouvido dos gringos.

— Uh… sim. Eu tive o melhor professor. Não foi, Alex?

Como nosso pai foi assassinado quando eu tinha quatro anos, Alex foi o homem mais velho da nossa casa desde os seis anos de idade. Ele pode até ser mais velho que eu, mas nunca tive em quem me espelhar a não ser ele.

Meu irmão se apoia na bancada da cozinha e cruza os braços sobre o peito.

— O negócio é o seguinte: você foi pego com drogas. Estou pouco me fodendo se eram suas ou não, você foi o único a ser preso. Então cale a boca e viva aqui sem criar problemas, ou você vai pra um reformatório pra menores infratores, com guardas observando todos os seus movimentos. Qual vai ser?

— Por que não posso voltar pra Chicago? Nós temos família lá. Meus antigos amigos estão lá.

— Não é uma opção — diz Alex, acrescentando antes que eu possa responder. — Eu não quero você se metendo com a gangue Latino Blood. Além disso, a Destiny não está esperando por você, se é nisso que você está pensando.

Destiny e eu terminamos no dia em que minha família fez as malas e se mudou para o México. Ela disse que não fazia sentido manter um relacionamento à distância, já que talvez nunca mais nos víssemos. A verdade é que, se não fosse por Alex, nunca teríamos saído de Chicago. E se nunca tivéssemos saído de Chicago, Destiny e eu teríamos ficado juntos e eu não estaria aqui, condenado a viver em um quarto com uma merda de uma cortina amarela de bolinhas.

Pela minha experiência, todo mundo na minha vida vai me abandonar em algum momento. Desde Destiny, não me deixei envolver emocionalmente com ninguém. Se eu me importar com alguém, essa pessoa vai me abandonar, se afastar ou morrer. Sempre foi assim e sempre será.

— Eu vou ficar aqui por enquanto. Mas um dia, muito em breve, vou voltar pra Chicago, com ou sem a sua ajuda. Só volte pra sua casa e fique fora da minha vida. — Eu viro as costas para meu irmão e corro para meu quarto, batendo a porta atrás de mim. Mas o edredom amarelo está lá para me lembrar de que este não é o *meu* quarto. *¡Mierda!*

Felizmente, Alex não me segue. Eu preciso ficar sozinho e pensar sobre o que aconteceu na sexta-feira. Quem colocou as drogas no meu armário? Nick? Madison, que chegou atrasada para a aula de biologia? Ou foram os *Guerreros* me avisando que, não importa para onde eu vá, estarão sempre por perto?

Vendo minha mochila no chão, eu a abro e arrumo minhas roupas. Na verdade, jogo tudo nas gavetas, sem me incomodar em pendurar coisa alguma. De qualquer forma, não uso roupas que precisam ser penduradas. Pego a escova de dente e o barbeador e os levo para o banheiro no corredor. Supondo que a pia com o banquinho é de Brandon, decido compartilhar a pia com ele. A última coisa de que preciso é abrir uma gaveta e achar absorventes, maquiagem ou qualquer outra porcaria de mulher.

Ponho meu aparelho de barba e escova de dente em uma gaveta vazia, a sem o frasco de espuma de banho com personagens de desenho animado. Entre as pias, colado no grande espelho, há um pequeno pedaço de papel.

HORÁRIOS DE BANHO DA SEMANA
Segunda-feira, quarta-feira, sexta-feira: Kiara 6h25-6h35
Segunda-feira, quarta-feira, sexta-feira: Carlos 6h40-6h50
Terça-feira, quinta-feira: Kiara 6h40-6h50
Terça-feira, quinta-feira: Carlos 6h25-6h35

Será que devo avisar Kiara que ninguém vai me dizer quanto tempo duram meus banhos? Sou conhecido por tomar banhos de uma hora, quando estou com calor, suado e puto. Como agora, por exemplo.

Como se não fosse ruim o suficiente ser preso por algo que não fiz, agora tenho que viver em uma casa com um bando de gente esquisita que faz saladas com espinafre.

Voltando ao meu quarto, fico curioso quando vejo a porta de Kiara entreaberta. Sabendo que ela ainda está almoçando, entro. Sua mesa está

cheia de livros e papéis soltos. Há um painel de cortiça acima da mesa, com diferentes expressões de manuais de autoajuda, como "*Não tenha medo de ser especial*" e "*Ame-se antes de amar os outros*".

Puta que pariu. Ela lê essa porcaria para se masturbar? Também estão pregadas no quadro algumas fotos de Kiara junto daquele cara com quem ela almoça todos os dias. Um deles mostra os dois em uma caminhada ou algo assim, numa montanha, e o outro é dos dois em snowboards. Nas fotos, Kiara está sorrindo.

Pego um dos cadernos em sua mesa e vou virando as páginas. Paro quando vejo "LEIS DA ATRAÇÃO" escrito no alto de uma delas. Meus olhos imediatamente se fixam nas palavras "busto empinado" listadas como características de Kiara. Eu rio e olho a próxima coluna… Ela está procurando alguém confiante, legal, capaz de consertar carros e que goste de esportes. Quem é que escreve esse tipo de coisa? Estou surpreso que ela não tenha escrito "*Estou procurando por um cara para massagear meus pés e beijar minha bunda*". Nas páginas seguintes há desenhos a lápis de seu carro. Ouço a porta do quarto ranger. Ah, droga. Eu não estou sozinho.

Kiara fica parada na entrada, em estado de choque. Atrás dela está o cara das fotos. Ela parece atordoada por me encontrar no seu quarto com minhas patas sobre o seu caderno.

— Eu precisava de papel — digo, mantendo um tom casual e largando o caderno sobre a mesa.

O cara se aproxima.

— E aí, e aí, o que tá pegando, *hombre*? — diz ele.

O que será que o professor Dick diria se eu chutasse a bunda do namorado de Kiara no meu primeiro dia? Ele não mencionou regra alguma sobre não brigar.

Estreito meus olhos e avanço na direção do cara.

Kiara vasculha sua mesa e pega outro caderno. Ela o coloca na minha mão.

— Aqui — diz ela, em um tom alarmado.

Olho para o caderno de que eu não precisava, irritado por me sentir como uma pimenta enterrada numa tigela de sorvete de creme… Em um lugar ao qual eu não pertenço e com o qual definitivamente não combino.

Murmuro um "Nós nos vemos por aí… cara", e volto para o quarto amarelo-canário, que estou oficialmente batizando de *infierno*, inferno.

Olhando pela janela, avalio a distância até o chão para ver se posso escapar de vez em quando e experimentar um pouco de liberdade. Um dia eu poderia até escapar e ir embora sem nunca olhar para trás.

— Carlos, posso entrar? — ouço a voz de Brittany do lado de fora da quarto.

Quando abro a porta, a namorada do meu irmão está sozinha.

— Se você veio me dar um sermão, poupe seu fôlego — digo a ela.

— Não estou aqui pra te dar um sermão — diz ela, seus olhos azuis brilhantes cheios de compaixão. Ela passa por mim e entra no quarto. — Mas, ainda que eu tenha certeza de que seus amigos adoram ouvir os detalhes de suas proezas sexuais, gabar-se disso na frente de um menino de seis anos e de seus pais provavelmente não é uma boa ideia.

Levanto a mão, impedindo-a de continuar.

— Antes que você continue, tenho que ser sincero e dizer que isso me parece muito com um sermão.

Ela dá uma risada.

— Você está certo. Desculpa por isso. A verdade é que vim aqui pra deixar o celular com você. Eu sei que você e o Alex às vezes são como óleo e água, mas estou aqui se você quiser conversar com alguém um pouco menos cabeça dura. Já coloquei nossos números na lista de contatos. — Ela coloca o telefone sobre a mesa.

Ah, não. Ela está tentando se aproximar de mim, como a irmã que nunca tive, mas isso não vai acontecer. Não quero essa proximidade, então decido ir pelo caminho da canalhice. Na verdade, ele vem naturalmente; não é nem mais uma encenação.

— Você está dando em cima de mim? Achei que você estivesse namorando o meu irmão. Pra ser sincero, Brittany, eu não saio com *chicas* brancas. Especialmente as de cabelo loiro e pele cor de leite. Você já ouviu falar de bronzeamento artificial?

Tudo bem, a comparação com leite foi um pouco exagerada. A pele de Brittany tem um brilho dourado, mas o insulto vai afastá-la. Eu fiz assim com *mi'amá*. E com Luis. E com Alex. Nunca falha.

Abro lentamente a gaveta da mesa e jogo o celular lá dentro dramaticamente.

— Você vai querer isso um dia — diz ela. — Não tenho dúvidas que você vai me ligar.

Dou uma risada curta.

— Você não tem a menor ideia de quem eu sou ou do que vou fazer.

— Quer apostar?

Chego bem perto, invadindo seu espaço pessoal, para fazê-la recuar e entender que falo sério.

— Não enche meu saco, vadia. No México, eu andava com uma gangue.

Ela não recua. Em vez disso, diz:

— Meu namorado fazia parte de uma gangue, Carlos. E nenhum de vocês me assusta.

— Alguém já disse que você é a *mamacita* perfeita pra provar a teoria da loira burra?

Em vez de se encolher de medo ou ficar furiosa, ela dá um passo adiante e beija minha bochecha.

— Eu perdoo você — diz ela. Então sai do quarto e me deixa só.

— Eu não pedi o seu perdão. Nem quero — respondo, mas ela já se foi.

capítulo 16

Kiara

— Não acho que ele estava procurando por papel — diz Tuck, quando se aproxima da cadeira de minha escrivaninha — Ele estava bisbilhotando. Acredita em mim, reconheço uma bisbilhotice quando vejo.

Suspiro e me sento em minha cama.

— Você tinha mesmo que provocar o Carlos com aquele papo? — De vez em quando, Tuck só fala daquele jeito para divertir a si mesmo. Não acho que Carlos tenha apreciado o seu humor.

— Desculpa, não consegui evitar. Ele pensa que é tão durão. Quis baixar um pouco a bola dele. — Tuck assume um ar divertido. — Tive uma ótima ideia. Vamos bisbilhotar de volta.

Balanço a cabeça.

— De jeito nenhum. Além disso, é provável que ele esteja no quarto dele.

— Talvez ele tenha voltado lá pra baixo, com o resto da sua família. Não temos como saber, a não ser que demos uma olhada.

— Péssima ideia.

— Ah, qual é. — Ele choraminga como meu irmão quando ele não consegue as coisas do jeito que deseja. — Vamos nos divertir um pouco. Estou entediado e tenho que ir embora logo.

Antes de eu ter tempo de digerir o que Tuck está prestes a fazer, ele desaparece rumo ao corredor. Ouço seus passos ecoarem em direção ao quarto de Carlos. Ah, não. Isso com certeza não é bom. Nada bom. Agarro o braço de Tuck e tento puxá-lo de volta, mas ele não se move. Eu deveria saber. Quando ele está em uma missão, nada consegue detê-lo. Ele meio que se parece com meu pai em relação a isso.

A porta de Carlos se abre com um rangido. Tuck dá uma espiada.

— Não o vejo — diz ele.

— É porque eu estava no banheiro — diz Carlos atrás de mim.

Ah. Não. Fomos. Pegos.

Prendo a respiração ao ser pega e belisco Tuck. Esse golpe não foi mesmo uma de suas ideias mais brilhantes. Eu me pergunto se Carlos irá

revidar com um contragolpe à la cookie.

— A gente estava só, hum, pensando se o caderno da Kiara é bom pra você — diz Tuck, nem um pouco envergonhado por ser pego e estar inventando coisas de última hora. — Ou você precisa de folhas avulsas? Porque a gente pode resolver isso, caso você precise.

— Hum, hum — diz Carlos.

Tuck estende a mão para ele.

— Aliás, acho que não fomos devidamente apresentados. Sou Tuck. Você sabe, rima com *luck*, que é "sorte" em inglês.

— E com *fuck* — diz Carlos — que significa você-sabe-o-que em inglês.

— É, com isso também — diz Tuck, imperturbável. Ele aponta para Carlos com um sorriso largo e gentil. — Você é rápido com as respostas, *muchacho*.

Carlos afasta o dedo de Tuck.

— Não me chame de *muchacho,* idiota.

O celular de Tuck toca. Ele o pega no bolso e atende.

— Alô. Já vou. — Depois dá de ombros e diz para mim. — Bom, vou indo. Meu padrasto, Rick, está obrigando eu e a minha mãe a fazermos uma aula idiota de nós em cordas. Kiara, te vejo na escola amanhã. — Ele se vira para Carlos. — Te vejo por aí, *muchacho*.

Tuck desaparece em um instante, me deixando com Carlos no corredor. Ele para diante de mim. Quando a atenção dele está fixada, torna-se muito intimidador, quer seja essa a sua intenção ou não. Ele é como uma pantera prestes a atacar, ou um vampiro pronto para se servir do sangue de qualquer um que fique em seu caminho.

— Aliás, não preciso de papel. Seu garoto, Tuck, tinha razão. Eu estava bisbilhotando. — Ele volta para seu quarto, mas se vira para mim antes de fechar a porta. — Essas paredes são finas como papel. Você talvez queira se lembrar disso da próxima vez que você e seu namorado falarem sobre mim — diz ele e então bate a porta.

capítulo 17

Carlos

À noite, sou chamado ao escritório do professor. Eu espero sua ira. Sinceramente, eu quero sua ira. Se ele ou aquele juiz do tribunal de menores acharam que me trazer para cá me reformaria ou me mudaria, acharam errado. Sempre que alguém tenta controlar minha vida e me impor mais regras, eu me rebelo por puro instinto.

O professor Westford flexiona os dedos e vai para a frente em sua cadeira, que está posicionada diante do pequeno sofá onde estou sentado.

— O que você quer, Carlos? — pergunta ele.

Hã? Sou pego desprevenido. Não esperava que ele dissesse isso. Quero voltar ao México e continuar vivendo do meu jeito. Ou voltar para Chicago, onde estão meus amigos e os primos com quem cresci… Com certeza não posso contar que gostaria mesmo é de trazer *mi papá* de volta do mundo dos mortos.

Westford suspira quando não respondo.

— Eu sei que você é um cara difícil — diz ele. — O Alex me disse que você se meteu em umas coisas complicadas no México.

— E?

— E só quero que você saiba que pode criar uma nova vida aqui, Carlos. Você começou com o pé errado, mas você pode apagar o passado e começar de novo. Alex e a sua mãe querem o melhor pra você.

— Escuta, *Dick*. O Alex não me conhece.

— Seu irmão te conhece melhor do que você imagina. E vocês são mais parecidos do que você gostaria de acreditar.

— Você acabou de me conhecer. Você também não me conhece. E, pra ser sincero, não tenho muito respeito por você. Você abriu sua casa pra um cara que foi preso por drogas. Como você não tem medo de me ter aqui?

— Você não é o primeiro garoto que eu ajudo, e não será o último — ele assegura. — Você talvez devesse saber que, antes de obter meu doutorado em psicologia, eu era do Exército. Vi mais mortes e armas e homens maus do que você verá em toda a sua vida. Eu talvez tenha alguns cabelos brancos,

mas se for preciso posso ser tão duro quanto você. Acho que podemos trabalhar juntos. Agora, vamos voltar ao motivo pelo qual eu o chamei aqui. O que é que você quer?

É melhor dizer algo para ele parar de me encher.

— Voltar pra Chicago.

Westford recosta na cadeira.

— Tá bom.

— O que você quer dizer com "Tá bom"?

Ele ergue as mãos.

— Quero dizer que sim. Você segue as regras da casa até as férias de inverno, e eu te levo até Chicago, pra uma visita. Eu prometo.

— Eu não acredito em promessas.

— Bom, eu acredito. E cumpro minhas promessas. Sempre. Mas já chega de conversa séria por uma noite. Relaxe e sinta-se em casa. Vá ver um pouco de televisão, se quiser.

Em vez disso, volto diretamente para o inferno amarelo de bolinhas. Quando passo pelo quarto de Brandon, o garoto está sentado no chão, vestindo um pijama estampado com pequenas bolas de beisebol, luvas e tacos espalhados. O menino está brincando com soldados de plástico. Ele parece inocente e feliz. É fácil para ele… Ainda não foi exposto ao mundo real.

O mundo real é uma merda.

Assim que ele me vê, abre um grande sorriso.

— Ei, Carlos, quer brincar com soldados?

— Hoje não.

— Amanhã à noite? — pergunta ele, com a voz cheia de esperança.

— Não sei.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que, se você me pedir amanhã, talvez eu dê uma resposta diferente. — Pensando melhor… — Chame sua irmã pra brincar com você.

— Ela estava aqui agora mesmo. Agora é sua vez.

Minha vez? Este garoto está delirando se acha que eu quero "uma vez".

— Vamos fazer uma coisa. Amanhã depois da escola, nós jogamos futebol. Se você conseguir marcar um gol, brinco de G.I. JOE com você.

O garoto parece confuso.

— Achei que você não jogava futebol.

— Eu menti.

— Você não devia mentir.

— Não se preocupa, quando você crescer e for um adolescente, vai mentir o tempo todo.

Ele balança a cabeça.

— Acho que não.

Eu rio.

— Me liga quando você tiver dezesseis anos. Eu tenho certeza de que você vai ter mudado de opinião — digo, e então vou para o meu quarto. Kiara está no corredor. Seu rabo de cavalo está solto, e a maioria dos seus fios de cabelos conseguiu escapar. Nunca conheci uma garota que se preocupasse tão pouco com a aparência

— Aonde você vai toda arrumada? — brinco.

Ela pigarreia, como se estivesse pensando na resposta.

— Correr — diz ela.

— Pra quê?

— Exercício. Você… pode vir também.

— Não. — Sempre fui da teoria que exercício é para pessoas que passam seus dias com a bunda colada na cadeira. Ela começa a se afastar, mas eu a chamo de volta.

— Kiara, espera. — Ela se vira. — Diga ao Tuck pra ficar longe mim. E sobre os horários de banho…

Vou explicar para ela como são as coisas, mostrar quem manda aqui. Seu pai pode até tentar ditar regras que não tenho intenção de cumprir, mas ninguém, especialmente uma *gringa*, diz quando posso tomar banho. Eu cruzo meus braços sobre meu peito e digo diretamente:

— Eu não sigo horários.

— Bom, eu s-s-sigo, então é melhor você se acostumar com isso — diz ela, se afastando e descendo a escada.

Fico no meu quarto até a manhã, quando ouço a voz do professor do outro lado da porta.

— Carlos, se você ainda não estiver acordado, é melhor correr. Nós vamos sair em meia hora.

Quando ouço seus passos se afastando, saio da cama e vou para o banheiro. Abro a porta e encontro Brandon escovando os dentes. Ele espalhou pasta de dente por toda a *nossa* pia e sua boca está espumando, como um cão raivoso.

— Vai logo, *perro*. Preciso esvaziar a bexiga.

— Eu não sei o que significa *pe-rro*.

O garoto não é fluente em espanhol, isso é claro.

— Bom — eu digo. — Não é pra você saber mesmo.

Enquanto Brandon termina, espero encostado no batente. Ouço a porta de Kiara se abrir. Ela sai do quarto, já arrumada. Bom, você não pode chamar isso de arrumada. Ela está com o cabelo preso em um rabo de cavalo, uma camiseta amarela com as palavras TERRA DA AVENTURA escrita na frente, bermudas marrons largas e botas de caminhada.

Quando olha para mim, seus olhos se arregalam e seu rosto fica vermelho. Então ela desvia o olhar.

— Ha, ha, ha! — ri Brandon, apontando para minha cueca samba-canção. Eu olho para baixo, para me certificar que não tem nada aparecendo. — Kiara viu sua cueca! Kiara viu sua cueca! — canta ele.

Ela desce as escadas e desaparece em segundos.

Estreito meus olhos e me viro pra Brandon.

— Alguém já disse que às vezes você é um merdinha irritante?

Brandon tapa a boca com a mão e segura a respiração.

— Você disse uma palavra *feia*.

Estou revirando meus olhos por dentro. Definitivamente tenho que começar a falar em espanhol perto deste garoto, para ele não saber o que estou dizendo. Ou posso vencê-lo em seu próprio jogo.

— Não. Eu disse que você era uma *mosquinha* irritante.

— Não, você não disse isso. Você disse *merdinha*.

Tapo a boca com a mão e suspiro. Aponto para ele, balançando meu dedo como uma criança de dois anos e digo:

— Você acabou de dizer uma palavra feia.

— Você disse primeiro, Carlos — argumenta ele. — Eu estava apenas dizendo o que você disse.

— Eu disse *mosquinha*. Você disse uma coisa que rima com isso. Vou contar pra sua mãe. — Eu abro a boca para falar. Não vou fazer isso, mas o pequeno *diablo* não sabe.

— Não conta. *Por favor*.

— Bom. Vou dar um passe livre pra você. Desta vez. Olha, agora somos parceiros no crime.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Eu não sei o que isso significa.

— Isso significa que não deduramos um ao outro.

— Mas e se você fizer algo ruim?

— Então você fica de boca fechada.

— E se eu fizer algo ruim?

— Então eu não conto pra ninguém.

Ele parece pensar nisso por um minuto.

— Então, se você me pegar comendo todos os biscoitos na despensa…?

— Não vou dizer uma palavra.

— E se eu não tiver vontade de escovar os dentes?

Dou de ombros.

— Você pode ir à escola com o bafo podre e cáries, eu não me importo.

Brandon abre um sorriso e me dá a mão.

— Temos um acordo, parceiro.

Parceiro? Enquanto observo Brandon trotar de volta para seu quarto, fico me perguntando se eu acabei de iludir o garoto ou se foi ele quem me iludiu.

capítulo 18

Kiara

Então, não é segredo o que Carlos usa para dormir. Uma cueca boxer. Só isso. Tive que desviar os olhos quando estava no andar de cima, no corredor, porque eu o estava encarando. Ele tem mais tatuagens do que aquelas do seu bíceps e antebraço. Tem uma pequena no peito, em forma de cobra, e quando meu olhar desce um pouco, vislumbro letras em preto e vermelho saindo dos limites de sua cueca. Embora esteja fascinada em saber o que todas elas significam e por que ele as fez, não há a menor chance de eu perguntar.

Minha mãe saiu há mais de uma hora para abrir a loja. É minha vez de fazer o café da manhã para todo mundo. Meu pai está engolindo os ovos e a torrada que acabei de colocar em seu prato. Sei que ele está esperando que Alex chegue em alguns minutos e que, provavelmente, passarão juntos o sermão que têm para Carlos nesta manhã.

Com certeza não quero estar aqui para essa conversa, e meio que me sinto culpada por ter desafiado Carlos ontem à noite. A última coisa que ele precisa agora é pensar que há mais alguém contra ele.

— Pai — digo, sentando perto dele no balcão. — O que vocês vão dizer ao Carlos?

— A verdade. Que, depois que o juiz confirmar a custódia temporária, espero que eles o deixem se matricular para o programa REACH, em vez de ser preso.

— Ele não vai gostar disso.

— Ele não tem escolha. — Meu pai dá um tapinha em minha mão. — Não se preocupa, vai dar tudo certo.

— Como você sabe? — pergunto.

— Porque, lá no fundo, suspeito que ele queira arrumar sua vida, e o juiz quer manter as crianças na escola. Pra ser sincero, não sei se o Carlos ao menos sabe o quanto ele deseja se sair bem.

— Ele é meio idiota.

— É um disfarce pra alguma coisa mais profunda. Sei que ele com certeza vai ser um desafio. — Papai inclina a cabeça e me olha pensativo. — Tem certeza de que não tem nenhum problema de sua parte ele ficar aqui?

Me coloco no lugar de Carlos e me pergunto se alguém tentaria me ajudar. Não foi por isso que fomos colocados neste planeta, para início de conversa? Para fazer deste um lugar melhor? Não é uma questão religiosa, mas sim humanitária.

Se o Carlos não puder ficar aqui, quem sabe onde ele irá parar.

— Por mim tudo bem ele ficar aqui — respondo. — Sério. — Meu pai, com seu conhecimento em psicologia e paciência infinita, será capaz de ajudar Carlos. E minha mãe… bom, se você consegue ver além de suas esquisitices, ela é ótima.

— Brandon, onde está o Carlos? — pergunta meu pai, quando meu irmão desce a escada pulando.

— Não sei. Acho que ele estava tomando banho.

— Certo. Bom, tome seu café da manhã. Seu ônibus chega em dez minutos.

Quando ouvimos o registro do andar de cima ser fechado, indicando que Carlos acabou seu banho, é a deixa do meu pai.

— Brandon, pegue sua mochila. O ônibus vai chegar a qualquer momento.

Enquanto meu pai apressa Brandon para sair de casa, faço alguns ovos mexidos para Carlos.

Ouço-o descer a escada antes de vê-lo. Ele está usando uma calça jeans azul-marinho, com rasgos nos joelhos, e uma camiseta preta que parece bastante usada e lavada… Mas posso imaginar o quanto ela é macia e confortável.

— Aqui — eu murmuro, colocando os ovos e as torradas com perfeição sobre a mesa, junto com um copo de suco recém-feito.

— *Gracias*. — Ele senta devagar, e fica claro que está surpreso por eu ter feito seu café da manhã.

Enquanto ele come, encho a lava-louça e me ocupo em apanhar as refeições que minha mãe deixou embaladas para nós. Quando meu pai volta, alguns minutos depois, ele está acompanhado de Alex.

— Bom dia, irmão — diz Alex, sentando-se ao lado de Carlos. — Pronto para o julgamento?

— Não.

Pego as chaves do meu carro e minha mochila para eles poderem ficar sozinhos. Enquanto dirijo até a escola, pergunto-me se deveria ter ficado como apaziguadora. Porque três caras juntos, ainda mais quando dois deles são os muitíssimo teimosos irmãos Fuentes, pode ser uma mistura perigosa. Sobretudo quando um deles está prestes a ser forçado a se alistar em um programa para delinquentes depois do horário escolar. Posso garantir que quando eles derem a notícia, Carlos ficará louco.

Meu pobre pai não tem chance.

capítulo 19

Carlos

— E aí, o que você está fazendo aqui? — pergunto ao meu irmão novamente.

Olho para Westford, uma xícara de café em sua mão. Definitivamente tem algo estranho acontecendo aqui.

— Alex queria estar aqui pra conversarmos sobre o que vai acontecer hoje. Vamos pedir ao juiz pra liberar você sob minha custódia, em troca da sua cooperação e participação em um programa especial depois das aulas.

Olho para meu prato, com metade da comida ainda ali, e solto meu garfo.

— Eu achei que a gente só estava indo ao tribunal pra que eu fosse libertado sob sua custódia. Agora sinto como se eu estivesse no paredão, prestes a ser vendado e receber meu último cigarro.

— Não é nada de mais — diz Alex. — O programa se chama REACH.

Westford senta na minha frente.

— É um programa especial pra adolescentes em risco.

Olho para Alex, esperando que ele traduza isso para uma língua que eu entenda.

Ele pigarreia.

— É pra adolescentes que tiveram problemas com a lei, Carlos. Você vai lá logo após a escola. Todos os dias — acrescenta.

Eles estão me zoando?

— Eu disse que as drogas não eram minhas.

Westford coloca a xícara na mesa.

— Então me diga de quem eram.

— Eu não tenho um nome.

— Isso não é o suficiente — diz Westford.

— É um código de silêncio — diz Alex.

Westford não entende.

— Um código de silêncio?

Alex olha para cima.

— Ele era parte de uma gangue chamada *Guerreros del barrio* — diz ele. — Há um código de silêncio que protege todos os membros. Ele não vai

falar, mesmo que saiba quem foi responsável.

Westford suspira.

— Esse código de silêncio não ajuda o seu irmão, mas eu entendo. Não quero entender, mas entendo. E isso não nos deixa outra escolha, a não ser pedir ao juiz que permita que Carlos entre para o REACH. É um bom programa, Carlos, e é bem melhor do que ser expulso da escola ou mandado para o reformatório. Você vai poder se formar no Ensino Médio e ir pra uma faculdade.

— Eu não vou fazer faculdade.

— Então o que você vai fazer depois do Ensino Médio? — pergunta Westford. — E não me diga que vender drogas, porque isso só é uma fuga.

— O que você sabe, *Dick*? É muito fácil pra você, sentado aqui, na sua casona linda, comendo sua merda de comida orgânica. Quando você tiver passado um dia como o meu, você pode me dar um sermão. Até lá, não quero ouvir.

— *Mi'amá* quer que a gente tenha uma vida melhor que a dela — diz Alex. — Faça isso por ela.

— Tanto faz — digo, colocando meu prato na pia. Perdi o apetite. — Tudo bem, vamos acabar de uma vez com essa merda.

Westford pega sua pasta e suspira, aliviado.

— Vocês estão prontos, meninos?

Fecho meus olhos e os esfrego com as mãos. Fico desejando abri-los e ter sido magicamente transportado para Chicago.

— Você realmente não quer que eu responda, quer?

Um meio sorriso cruza seu rosto.

— Na verdade, não. E você tem razão, não sei como é ser você. Mas você também não sabe como é ser eu.

— Qual é, professor. Eu apostaria minha bola esquerda que o seu maior problema foi decidir de qual clube ficar sócio.

— Não faria essa aposta se fosse você — diz ele, enquanto saímos da casa. — Nós nem sequer somos sócios de um clube.

Quando chegamos ao seu carro, ou ao que acho que é o seu carro, dou um passo atrás.

— O que é isso?

— Um Smart Car, um híbrido inteligente.

Parece que uma SUV ficou com diarreia e o que saiu foi essa coisa. Se

Westford tivesse dito que era um desses carros de brinquedo que as crianças dirigem, eu não ficaria surpreso.

— É eficiente em termos de combustível. Minha esposa fica com a SUV, e já que eu só vou daqui para o trabalho e de lá para casa, ele é uma ótima opção. Se você quiser, pode dirigir.

— Ou pode vir no meu carro — diz Alex.

— Não, obrigado — respondo, abrindo a porta do híbrido e sentando no assento do passageiro. Não parece tão pequeno por dentro, mas ainda me sinto como se estivesse em uma nave espacial em miniatura.

Demora menos de uma hora para o juiz conceder a custódia temporária ao professor e aprovar a minha participação no REACH, em vez de me condenar ao reformatório ou ao serviço comunitário. Alex vai embora, porque tem uma prova. Meu novo tutor me leva então para fazer a inscrição no REACH, antes de me deixar na escola.

O REACH fica em um prédio de tijolos marrons a poucas quadras da escola. Depois de esperar algum tempo no saguão, somos recebidos na sala do diretor.

Um homem grande, branco e alto, pesando uns cento e trinta quilos, nos cumprimenta.

— Sou o Ted Morrisey, o diretor aqui no REACH. E você deve ser o Carlos. — Ele examina um arquivo e diz: — Conte-me por que você está aqui.

— Ordens do juiz — respondo.

— Diz aqui no meu arquivo que você foi preso na última sexta-feira por posse de drogas na escola — diz ele, e olha para mim. — Isso é um delito grave.

Só porque fui pego. A questão é que sou mexicano e ligado a uma gangue. Não há como esse cara acreditar que armaram para mim. Tenho certeza de que ele ouviu "Não fui eu" da maioria dos garotos que chegam aqui. Vou descobrir quem foi… e me vingar.

Durante a meia hora seguinte, Morrisey recita O Sermão. Resumindo, preciso assumir o controle do meu destino e do meu futuro. Esta é a minha última chance. Se eu quiser ser bem-sucedido, o programa REACH me ajudará com ferramentas para "atingir o meu potencial" e blá-blá-blá. Quando eu terminar o programa, conselheiros vocacionais estarão disponíveis para me ajudar a conseguir um emprego ou entrar em uma

faculdade. Eu contenho a vontade de fingir um ronco algumas vezes e me pergunto como Westford consegue ficar sentado ouvindo toda essa besteria do Morrisey sem rir.

— E só pra você saber — diz Morrisey, tirando um manual de estudante e parando em cada página –, fazemos revistas e testes de drogas aleatórios em todos os alunos do REACH ao longo do ano. Se encontrarmos alguma substância ilegal no seu organismo ou com você, a qualquer momento, seu guardião será notificado e você será expulso do REACH e da escola. Permanentemente. A maioria dos adolescentes que transgrediu essas regras acabou presa.

Morrisey entrega uma cópia das regras do REACH para mim e para o professor. Ele então cruza as mãos sobre a barriga e sorri, mas esse sorriso não me engana. Ele é um homem severo que não perdoa.

— Alguma pergunta? — ele pergunta com uma voz tranquila, mas não tenho dúvidas de que essa voz é capaz de dar ordens mais alto do que qualquer sargento.

O professor olha para mim e diz:

— Acho que entendemos tudo.

— Ótimo. Precisamos resolver só mais um último detalhe antes de você voltar para a escola. — Ele desliza um pedaço de papel em nossa direção. — Este é um termo de responsabilidade, registrando que eu o informei sobre as regras do REACH, que você as entendeu e que aceita cumpri-las.

Eu me inclino e vejo três espaços para assinaturas. Um para mim, um para um pai ou responsável, e um para um representante do REACH. O texto diz:

Eu, ———————————— , certifico que, ao assinar abaixo, aceito cumprir as regras descritas no Manual do REACH. Compreendo as regras, que me foram explicitamente explicadas por um membro da equipe e reconheço ainda que, se ignorá-las por qualquer motivo, estarei sujeito a medidas disciplinares que podem incluir detenção interna, aconselhamento adicional e/ou expulsão do programa REACH.

O que ele *realmente* quer dizer é:

Eu, ———————————— , entrego minha liberdade aos funcionários do REACH. Ao assinar este pedaço de papel, certifico que minha vida será ditada por outras pessoas e que viverei uma existência miserável enquanto estiver no Colorado.

Evito pensar demais sobre o assunto enquanto rabisco meu nome na folha e o passo para Westford assinar. Eu só quero terminar isso e seguir em frente. Não adianta tentar discutir. Depois que o documento é assinado e colocado na pasta do meu arquivo, somos dispensados e recebo ordens para estar no REACH às três da tarde em ponto, de segunda a sexta-feira, ou será uma violação das regras.

São tantas regras empilhadas umas sobre as outras que é apenas uma questão de tempo até eu violar alguma delas.

capítulo 20

Kiara

Não vi Carlos desde que as aulas começaram. Todo mundo na escola está falando sobre a apreensão de drogas da sexta-feira e se perguntando sobre o que aconteceu ao mais novo veterano da Flatiron High. Escutei alguém dizer no corredor que Carlos passou o fim de semana na cadeia e não pagou a fiança; outro disse que ele foi deportado por ser um imigrante ilegal. Não comento sobre Carlos ir morar conosco, mesmo tendo vontade de mandar todo mundo calar a boca e parar de espalhar rumores falsos.

No almoço, Tuck e eu nos sentamos na nossa mesa de sempre.

— Não posso ser seu modelo masculino na sexta-feira — diz ele para mim.

— Por que não?

— Minha mãe quer que eu a ajude com um grupo de excursão que ela está liderando neste fim de semana. Eles não têm instrutores suficientes.

— As senhoras da Highlands ficarão arrasadas — digo a ele. Quando contei a elas que teriam dois modelos vivos para nossa aula de pintura, elas ficaram bem entusiasmadas. Mesmo depois de eu dizer que os modelos seriam meu amigo Tuck e eu, e que não estaríamos nus, mas fantasiados.

— Arranja outra pessoa pra ir com você.

— Tipo quem?

— Já sei! — diz ele. — Pede para o Carlos ser seu parceiro.

Balanço a cabeça.

— Sem chance. Ele está bem puto por ter sido pego na sexta-feira. Não acho que está a fim de fazer favores para os outros. Cada vez que ele me confronta, sinto que vou começar a gaguejar.

Tuck dá uma risada.

— Se as palavras não aparecerem, você sempre pode mostrar o dedo do meio pra ele. Caras como o Carlos respondem bem a gestos manuais.

Assim que ele termina de falar, Carlos entra no refeitório. Cada par de olhos do local se vira em sua direção.

Se eu fosse Carlos, teria evitado esse local por, pelo menos, um mês. Mas não sou ele. Parece até que ele não percebeu que todo mundo o encarava e sussurrava sobre a última fofoca que o envolvia. Ele anda direto até a mesa onde costuma sentar, sem se desculpar com ninguém. Admiro sua confiança.

Nenhum dos outros caras dá bola para Carlos, até Ram se aproximar e convidá-lo para sentar com ele. Depois disso, o show de horrores parece ter acabado. Ram é um cara popular e, se ele aprova Carlos, de repente ser pego não significa que Carlos é um excluído, de jeito nenhum.

Depois do almoço, quando ele está em seu armário, dou um tapinha em seu ombro.

— Obrigada por colocar a antiga senha no meu armário.

— Não fiz isso pra ser legal — diz ele. — Fiz pra não ser pego e expulso da escola.

Quando Carlos começou, há uma semana, ele não se importava em aparecer nas aulas ou ser expulso. Agora que a expulsão é uma possibilidade real, ele está lutando para permanecer aqui. Eu me pergunto se a ameaça de ser expulso o faz querer ficar.

capítulo 21

Carlos

O sr. Kinney, o assistente social responsável pelo meu caso, me encontra no saguão do REACH depois que assino a lista de presença. Em seu escritório, ele coloca uma folha de papel amarela na minha frente. Meu nome está no alto, seguido por quatro linhas em branco.

— O que é isso? — pergunto. Já assinei o papel entregando minha vida a eles; o que mais poderiam querer?

— Uma folha de objetivos.

— Uma *o quê*?

— Folha de objetivos — explica Kinney, me entregando um lápis. — Quero que você escreva quatro objetivos. Não precisa fazer isso agora. Pense sobre isso hoje à noite e entregue amanhã.

Empurro a folha de volta para o homem.

— Eu não tenho objetivos.

— Todos têm objetivos — diz ele. — E se você não tem, deveria ter. Objetivos ajudam a dar direção e propósito pra sua vida.

— Bom, mesmo que eu tenha algum, não vou compartilhar com você.

— Essa atitude não vai te levar a lugar algum — diz Kinney.

— Isso é bom, porque não planejo ir pra nenhum lugar mesmo.

— Por que não?

— Eu vivo para o aqui e agora, cara.

— Viver aqui e agora inclui ir para a prisão por posse de drogas?

Balanço minha cabeça.

— Não.

— Olha, Carlos. Todo estudante do programa REACH está em risco — diz Kinney, enquanto eu o sigo por um corredor branco e brilhante.

— Por quê?

— Comportamento autodestrutivo.

— E o que faz você pensar que pode me consertar?

Kinney me olha sério.

— Nosso objetivo não é *consertar* você, Carlos. Nós fornecemos ferramentas pra que você desenvolva seu potencial, mas o resto depende de você. Noventa por cento dos alunos do nosso programa acabam se formando sem uma única violação. Temos muito orgulho disso.

— Eles só se formam porque vocês os forçam a estar aqui.

— Não. Acredite ou não, é da natureza humana querer ter sucesso. Alguns dos adolescentes aqui são como você. Eles se envolveram com gangues e drogas e precisam de um ambiente seguro fora do horário escolar. E às vezes, só às vezes, isso acontece porque adolescentes não têm as ferramentas certas pra lidar com o estresse de ser um adolescente. Nós criamos um ambiente onde eles podem fortalecer sua autoestima e seguir em frente em busca de seu potencial.

Não é de admirar que Alex tenha ficado tão animado para que eu entrasse nesse programa. Ele quer que eu me conforme… Termine o Ensino Médio, vá para a faculdade, consiga um emprego respeitável, daí case e tenha filhos. Mas não sou como ele. Eu queria que todos parassem de me tratar como se meu objetivo devesse ser viver minha vida de acordo com Alex.

Kinney me leva a uma sala onde seis outros desajustados estão sentados, formando um pequeno círculo aconchegante. Uma mulher com uma saia florida longa, que me lembra a sra. Westford, está sentada com eles, com um caderno apoiado no colo.

— Isso é algum tipo de terapia de grupo? — pergunto a Kinney em voz baixa.

— Sra. Berger, este é o Carlos — diz Kinney. — Ele acabou de chegar, se inscreveu hoje de manhã.

Berger me dá aquele mesmo sorriso que Morrisey me deu em seu escritório mais cedo.

— Pegue uma cadeira, Carlos — diz ela. — Durante a terapia de grupo, você pode falar sobre qualquer coisa que venha à sua mente. Por favor, sente-se.

Ah, que bom! Terapia de grupo! Mal posso esperar!

Realmente acho que vou vomitar.

Quando Kinney sai, Berger pede que todos se apresentem, como se eu ligasse para os nomes deles.

— Sou o Justin — diz o garoto à minha direita.

Justin tem o cabelo comprido, a franja tingida de verde. E a franja é tão longa que é como se ele tivesse uma cortina na frente de seus olhos.

— Oi, cara — digo. — Por que você está aqui? Drogas? Furto? Assalto à mão armada? Assassinato? — Eu recito os crimes como se estivesse lendo um cardápio.

Berger ergue a mão.

— Carlos, é política do REACH não fazer essas perguntas.

Opa, acho que cochilei durante essa parte do Sermão.

— Por quê? — pergunto. — Eu sou a favor de colocar todas as cartas na mesa.

— Roubo de carro — diz Justin abruptamente, para nossa surpresa. Acho que até ele está surpreso por ter nos contado seu pequeno segredo.

Depois que todos se apresentam, chego à conclusão de que acabei de entrar no grupo "Vindos do Inferno". À minha esquerda está uma garota branca chamada Zana, que poderia muito bem estar no elenco de *Vadias do Colorado*, se algum dia resolvessem fazer esse reality show. A seguir vem Quinn — não sei dizer se Quinn é ele ou ela. Há dois outros latinos — um cara chamado Keno e uma mexicana gostosa chamada Carmela, que tem olhos cor de chocolate e pele cor de mel. Ela me lembra a minha ex, Destiny. Mas Carmela tem um ar de encrenqueira que Destiny nunca teve.

Berger solta sua caneta e me diz:

— Antes de você chegar, Justin estava nos contando que às vezes, quando está frustrado, ele soca as paredes só pra sentir dor. Estávamos falando sobre formas menos destrutivas de dar vazão à frustração.

É um pouco irônico que Justin soque uma parede porque está desesperado por sentir alguma coisa, qualquer coisa, até a dor… Eu sou exatamente o oposto. Faço qualquer coisa, faço o que estiver ao meu alcance, para não sentir coisa alguma. Meu objetivo, na maioria das vezes, é estar entorpecido.

Hmm, talvez eu devesse escrever isso na minha folha de objetivos — *Objetivo #1 de Carlos Fuentes: entorpecer-se e permanecer entorpecido*. Não acho que isso vá ser muito bem recebido, mas é a verdade.

— Então, como foi seu primeiro dia?

Depois de me pegar no REACH, às cinco e meia, Alex me levou ao que eu suponho ser o centro de Boulder, mais especificamente a um lugar chamado Pearl Street Mall. Para o deleite da sra. Westford, paramos na sua loja/café, chamada Hospitali-Tea, para tomar alguma coisa. Nós nos sentamos em uma das mesas do pátio, ao ar livre. Chá não é o tipo de bebida que eu tinha em mente, mas, como de costume, não tenho muita escolha.

A sra. Westford nos traz dois chás especiais, que ela fez "por conta da casa, só para nós" e volta para dentro para atender outros clientes.

Olho para o meu irmão enquanto ele se senta na minha frente, totalmente relaxado.

— Aquele REACH tem um bando de gente fodida, Alex — eu falo baixo, para que a sra. W. não ouça. — É um pior que o outro.

— Qual é, não pode ser tão ruim.

— Não fale isso até conhecê-los. E me fizeram assinar uma porra de um contrato, concordando em cumprir as regras deles. Você lembra de Fairfield, quando a gente não tinha regras, Alex? Depois da escola, éramos só você, eu e o Luis.

— A gente tinha regras — diz Alex, pegando seu chá. — Nós só não as seguíamos. *Mi'amá* estava trabalhando tanto, nunca estava por perto pra ficar de olho na gente.

Nós não vivíamos como reis lá em Illinois, mas com certeza tínhamos uma família e amigos… e uma vida.

— Eu quero voltar.

Ele balança a cabeça.

— Não tem mais nada lá pra nós.

— A Elena e o Jorge moram lá com o pequeno JJ. Você nem conhece o garoto, Alex. Meus amigos estão lá. Aqui eu tenho menos ainda do que nada.

— Não estou dizendo que não quero voltar — diz meu irmão. — Nós só não podemos voltar agora. Não é seguro.

— Desde quando você ficou medroso? Cara, você mudou. Me lembro de uma época em que você mandava o mundo todo se foder e fazia o que quisesse, sem nem pensar.

— Eu não sou medroso. Só gosto de estar aqui com a Brittany. Chega uma hora em que você precisa parar de lutar contra o mundo. Pra mim, essa

hora chegou há dois anos. Olhe ao redor, Carlos. Há outras garotas além da Destiny.

— Eu não quero a Destiny. Não mais. E se você está falando sobre a Kiara, esquece. Não vou sair com uma garota que quer controlar minha vida, que quer saber se eu estou vendendo drogas ou andando com uma gangue. Olha pra nós, Alex. Estamos sentados em uma porra de uma casa de chá, cercados de gente branca e rica, que não têm ideia de como é o mundo fora dessa realidade falsa que eles chamam de vida. Você virou um *chido*.

Alex se inclina para a frente.

— Deixa eu te falar uma coisa, irmãozinho. Eu gosto de não ter que ficar olhando pra trás quando ando na rua. Gosto de ter uma *novia* que acha que eu sou o máximo. E com certeza não me arrependo de desistir das drogas e da gangue LATINO BLOOD em troca da oportunidade de um futuro digno de se viver.

— Você vai lavar sua pele com alvejante, pra poder parecer com um *gringo* também? — pergunto. — Cara, espero que seus filhos sejam tão brancos quanto a Brittany, pra você não precisar vendê-los na ilegalidade.

Posso ver, pelo modo como os músculos de sua mandíbula se contraem, que meu irmão está ficando irritado.

— Ser mexicano não significa ser pobre — diz ele. — Ir para a faculdade não significa que estou dando as costas para o meu povo. Talvez seja você quem está dando as costas ao nosso povo, perpetuando o estereótipo do mexicano.

Solto um gemido e jogo a cabeça para trás.

— Perpetuando? *Perpetuando?* Porra, Alex, nosso povo nem sabe o significado dessa palavra.

— Vai se foder — rosna Alex. Ele empurra a cadeira, levanta e se afasta.

— Esse é o velho Alex que eu conheço! Esse idioma eu consigo entender bem — grito para ele.

Ele joga o copo em uma lixeira e continua indo embora. Admito que ele ainda não anda como um *gringo* e ainda parece que poderia quebrar a cara de qualquer um que atravesse seu caminho. Mas é só esperar. Daqui a pouco, ele vai andar como se tivesse um poste enfiado na bunda.

A sra. Westford logo está de volta à mesa, olhando para minha xícara intocada.

— Você não gostou do seu chá?

— Está o.k. — digo a ela.

Ela percebe a cadeira agora vazia.

— O que aconteceu com o Alex?

— Ele foi embora.

— Ah — diz ela, puxando a cadeira e sentando ao meu lado. — Você quer falar sobre isso? — ela pergunta.

— Não.

— Quer um conselho? — ela insiste.

— Não.

O que eu vou fazer, contar a ela que amanhã vou revistar o armário de Nick para ver se encontro provas de que ele armou para mim? Aliás, pensando bem, posso também dar uma olhada no armário de Madison. Como ela estava tão interessada em me apresentar para o Nick, talvez ela saiba de alguma coisa. Mas não vou dividir minhas suspeitas com ninguém.

— Tudo bem, mas se mudar de ideia, é só falar. Espere aqui.

Ela pega minha xícara intocada e desaparece lá dentro. Isso é um choque. *Mi'amá* é o oposto da sra. Westford. Quando minha mãe resolve dar conselhos, pode ter certeza de que ela vai falar, quer você queira ouvir, quer não.

A sra. Westford volta um minuto depois, trazendo outra xícara cheia de chá.

— Prove este — diz ela. — Tem ervas calmantes, como camomila, pétalas de rosa, amoras, bálsamo de limão e ginseng siberiano.

— Eu preferiria fumar maconha — brinco.

Ela não ri.

— Eu sei que fumar um baseado não é grande coisa pra algumas pessoas, mas acontece que é ilegal. — Ela desliza a xícara para perto de mim. — Garanto que isso vai te acalmar — diz ela. Enquanto se afasta, para atender outros clientes, acrescenta: — E não vai te meter em um monte de problemas.

Olho para a xícara cheia de líquido verde claro. Não se parece com um chá de ervas, parece apenas um chá de saquinho normal. Olho para os dois lados, para ter certeza de que ninguém está olhando, então levo a xícara para perto do meu rosto e respiro o vapor.

Certo, não é um chá comum de saquinho. Cheira a frutas e flores e a alguma outra coisa que não consigo identificar, mas tudo misturado. E

apesar do aroma não ser familiar, me dá água na boca.

Ergo os olhos e vejo Tuck caminhando em minha direção. Kiara está ao lado dele, mas sua atenção está voltada para um cara tocando acordeão no meio do pátio. Ela tira um dólar de sua bolsa e se ajoelha para colocar o dinheiro na caixa em frente ao músico.

Enquanto ela para, para ver o cara tocar, Tuck puxa uma cadeira de outra mesa e senta na minha frente.

— Eu jamais teria adivinhado que você é um amante do chá — diz Tuck. — Você parece mais um amante da tequila e do rum.

— Você não tem outras pessoas pra irritar? — pergunto.

— Não.

O cara, que acho que não corta o cabelo há pelo menos nove meses, estica o braço e põe o dedo na tatuagem no meu antebraço.

— O que *isto* significa?

Eu afasto a mão dele.

— Significa que se você me tocar de novo, eu vou quebrar a sua cara.

Agora Kiara está atrás da cadeira de Tuck. Ela não parece muito feliz.

— Falando em quebrar caras, como foi seu primeiro dia no REACH? — pergunta Tuck, com um sorriso que me faz querer derrubar sua cadeira.

Kiara agarra sua manga e o arranca da mesa. Ele cai da cadeira.

— Kiara quer te fazer uma pergunta, Carlos.

— Não. Não, não quero — Kiara engasga, depois o agarra novamente e começa a puxá-lo para dentro da loja.

— Sim, você quer. Pergunta pra ele — diz ele, antes de ambos tropeçarem para a loja e para fora da minha vista.

capítulo 22

Kiara

Empurro Tuck para dentro da loja.

— Para com isso — digo em voz baixa.

Estamos no fundo da loja agora, onde ninguém pode nos ouvir.

— Por quê? — pergunta Tuck. — Você precisa de um cara pra posar para os velhos com você e ele precisa fazer alguma coisa além de ficar sentado e contar suas tatuagens o dia todo. É uma ideia perfeita.

— Não, não é.

Minha mãe vem até nós e abraça Tuck.

— Tudo bem?

— Não posso ajudar Kiara na sua aula de pintura na sexta-feira, então ela precisa pedir a Carlos pra ir no meu lugar — diz Tuck.

Um imenso sorriso aparece no rosto da minha mãe.

— Ah, querida, é tão legal da sua parte incluir o Carlos nas suas atividades. Você é *tão* especial. — Ela me aperta em um abraço de urso. — Minha filha não é *a melhor*?

— Com certeza, sra. Westford. *A melhor.*

Tuck é tão puxa-saco dos meus pais.

— Kiara, quando você e Tuck tiverem acabado aqui, levem o Carlos pra casa. Ele estava com o Alex, mas acho que eles tiveram uma discussão ou coisa assim. Vou embora daqui a uma hora, mas preciso pegar o Brandon na casa de um amigo dele e seu pai está fazendo o jantar. Ah, e assim que você chegar em casa, pode ser uma boa conferir se há algo de fato comestível pra nós.

Depois que minha mãe nos faz um chá, encontro Carlos do lado de fora, bebendo o que suspeito ser uma das misturas especiais de minha mãe. Ele parece gostar, embora não possa ter certeza, porque seu rosto é uma máscara sem qualquer emoção.

— Te vejo amanhã — diz Tuck, me dando tchau com seu copo de papel.

— O que você queria me perguntar? — diz Carlos. Ele parece irritado.

Você se fantasiaria de caubói, na sexta-feira à noite, e posaria diante de vários idosos?

— Nada. — Não consigo botar as palavras para fora.

Minha mãe sai para conversar com os clientes. Eu a observo falar com cada pessoa como se fosse sua amiga querida. Quando ela chega em nossa mesa, inclina-se para se certificar de que estamos tomando nosso chá.

— Vejo que você gostou — diz ela a Carlos. Minha mãe tem certo orgulho de suas misturas de chá, tanto que, se ela encontra a mistura certa para um cliente difícil de agradar, é como se ela tivesse ganhado na loteria. — Fiquei sabendo que a Kiara quer te pedir pra ser modelo pra ela na sexta-feira, na Highlands. Vai ser divertido.

Carlos me olha e me pergunta em silêncio, *do que ela está falando?*

— Quer mais chá? — pergunta minha mãe a ele.

— Não, obrigado.

— A Kiara pode te levar pra casa. Não é, querida?

— Sim. Vamos — digo, antes que minha mãe fale mais alguma coisa.

Quando chegamos ao meu carro, Carlos tenta puxar a maçaneta da porta do passageiro.

— Você vai ter que entrar pela janela — digo a ele.

— Você está brincando comigo, né?

Balanço a cabeça.

— Não estou brincando. Esse é meu próximo projeto, depois que eu consertar o relógio e o rádio.

Carlos entra no carro com facilidade, colocando os pés para dentro, antes que o resto de seu corpo se acomode no assento de vinil. Queria que o rádio ou o antigo toca-fitas estivesse funcionando, porque acho que ele está ficando ansioso depois de cinco minutos de direção silenciosa.

Ele se remexe no assento.

— Que história é essa de modelar?

— É servir de modelo em um asilo, na aula de pintura, na sexta-feira à noite. Você não precisa fazer isso. Eu não ia nem pedir pra você fazer.

— Por que não?

Paramos em uma placa de "Pare", então eu me viro para ele e respondo com a verdade.

— Porque você estaria posando comigo, e eu sabia que você não concordaria em fazer isso.

capítulo 23

Carlos

Eu entendo. Ela não iria querer posar com um cara que foi pego com drogas.

— Posso levar a Madison — digo a ela, com o tom de voz arrogante que sei que a deixa nervosa. — Ela posaria comigo. Pensando bem, ela me convidou pra ir até a casa dela na sexta-feira à noite, então acho que não vou poder ir à sua festinha de pintura.

— Não sei o que você vê nela.

— Muito mais do que vejo em você — minto, para afastá-la. A verdade é que não vejo coisa alguma em Madison. Tenho evitado a garota desde o dia em que ela vomitou na festa. Mas já que está na minha lista de pessoas que podem ter armado contra mim, preciso me aproximar dela. Kiara não precisa saber disso. Droga, ela também não precisa saber que eu tenho pensado nela e em seus cookies bem mais do que deveria.

Quando chegamos em casa, Kiara sai correndo do carro.

Um pouco depois, vou pegar alguma coisa para comer na cozinha e vejo que ela está cortando legumes. Me pergunto se ela gostaria de ter minha cabeça naquela tábua, junto com as cenouras.

— Oi, Carlos — diz o professor ao entrar. — Como foi no REACH?

— Um saco.

— Você poderia ser mais específico? — pergunta meu guardião.

— Foi um *grande* saco — acrescento, enfatizando o sarcasmo a cada palavra.

— O seu vocabulário me espanta — diz ele. — Ah, eu preciso da ajuda de vocês dois depois do jantar.

— Com o quê? — pergunto.

— Tirar ervas daninhas do jardim.

— Vocês ricos não têm jardineiros pra fazer isso? — pergunto.

A resposta é não, já que, depois do jantar, Westford nos leva ao quintal com grandes sacos de papel.

Ele dá luvas de lona para mim e para Kiara.

— Eu limpo os jardins laterais. Kiara, você e o Carlos limpam os fundos.

— Papai! — grita Brandon da porta do pátio. — O Carlos disse que ia jogar futebol comigo hoje.

— Desculpa, Bran. O Carlos precisa ajudar a limpar o quintal — diz Westford para o menino.

— Você pode ajudar também — diz Kiara. Brandon parece bem feliz em poder participar.

Eu me lembro de quando era menor e Alex me chamava para ajudar a fazer coisas no quintal. Ele sempre fazia com que eu me sentisse útil.

— Ei, Brandon, você pode me ajudar também — digo. — Depois que acabarmos aqui, podemos jogar.

— Mesmo? — diz o garotinho.

— Claro. Só segure o saco bem aberto, para as ervas daninhas caírem dentro dele quando eu jogar.

Ele corre para pegar o saco e o segura aberto.

— Assim?

— Isso.

Kiara está de joelhos, arrancando e jogando as plantas dentro de seu próprio saco. Não consigo imaginar Madison ajoelhada na terra se sujeitando a fazer um trabalho manual. Eu também não consigo imaginá-la em um carro antigo com a porta do passageiro quebrada.

— Você está indo muito devagar — observa Brandon. — Aposto que a Kiara tem mais erva daninha no saco dela que você. — O garoto vai correndo inspecionar o conteúdo do saco da irmã. — Ela está ganhando.

— Não por muito tempo — digo, arrancando um maço de erva daninha da terra. Algumas têm caules espinhentos, que me espetam através das luvas, mas não me importo.

Olho para Kiara, que está trabalhando mais rápido do que antes. Ela com certeza está mostrando seu lado competitivo.

— Acabei! — grita ela, ficando em pé do lado esquerdo do quintal e tirando as luvas de forma triunfal. Ela segura Brandon e o gira, até que os dois caem na grama às gargalhadas.

— É bom você tomar cuidado, Kiara — grito para ela. — Sua personalidade está começando a aparecer.

Quando Brandon não está olhando, Kiara me mostra o dedo do meio, caminhando em direção ao seu carro.

Eu definitivamente consegui irritá-la.

— Agora podemos jogar futebol! Você fica de goleiro — diz Brandon, apontando para o pequeno gol no quintal. — Lembre-se, se eu conseguir marcar, você disse que brincaria de G.I. JOE comigo.

Fico no gol enquanto Brandon chuta, tentando marcar. Preciso dar algum crédito ao pequeno. Ele tenta até estar suado e ofegante, sem nunca desistir, apesar de ser quase impossível vencer.

— Desta vez eu consigo — diz ele no décimo quinto chute. Ele aponta para alguma coisa atrás de mim — Olha! Ali!

— Esse é o truque mais velho do mundo, homenzinho. — Eu admiro sua tentativa de me enganar, mas ele escolheu o cara errado.

— Não, é verdade. Olha! — grita Brandon.

Ele até soa convincente, mas ainda assim não tiro os olhos da bola. Prefiro defender chutes o dia todo a brincar com bonecos.

Ele chuta, mas eu defendo novamente.

— Desculpa, cara.

— Brandon, hora do banho — grita a sra. Westford do pátio.

— Só mais uns chutes, mãe. Por favor.

Ela olha para o relógio

— Mais dois chutes, daí banho. Aposto que o Carlos também tem lição de casa pra fazer.

Depois de mais dois chutes malsucedidos, digo a Brandon para desistir. Ele vai pulando para dentro de casa. Ele tem uma coordenação muito boa, mas fico pensando sobre com que idade os meninos descobrem que não devem andar pulando. A caminho do meu quarto, passo pela sala de jantar. Kiara está sentada à grande mesa, sua cabeça enterrada em um monte de livros grossos.

Mechas de cabelo escaparam do rabo de cavalo, caindo sobre seu rosto. Eu me pego imaginando como ela ficaria com o cabelo solto.

Ela dá uma olhada rápida para mim e abaixa a cabeça de volta.

— Você devia usar seu cabelo solto — digo a ela. — Você poderia ficar mais parecida com a Madison desse jeito.

Ela responde me mostrando o dedo do meio de novo.

Eu rio.

— Cuidado — aviso. — Ouvi dizer que em alguns países, toda vez que você faz isso, cortam um dos seus dedos fora.

Espero dois dias antes de abrir os armários de Nick e Madison usando um dos ímãs de cookie de Kiara (sem o cookie) e uma pequena chave de fenda que achei no carro dela. No meio da terceira aula, peço para ir ao banheiro, mas vou revistar o armário de Madison. Na mochila dela há livros, maquiagem e um monte de bilhetes de Lacey e das outras garotas. Por um golpe de sorte, ela esqueceu o celular no bolso lateral da mochila. Pego o aparelho e o levo comigo até o banheiro. Ali examino o histórico de chamadas, as mensagens, os compromissos e os contatos. Não encontro nada fora do normal, exceto que na sexta-feira, depois das aulas, ela ligou para Nick mais de dez vezes.

Guardo o celular no lugar antes de voltar para a sala.

Resta o Nick. Eu o vejo rapidamente pelos corredores na escola, e andei vigiando seu armário, mas não temos nenhuma aula juntos. Durante a hora do almoço os corredores estão muito cheios, mas logo depois eu me esgueiro pelos corredores e faço uso do ímã e da chave de fenda outra vez.

O armário de Nick é uma confusão. Em sua mochila há um monte de nomes escritos em pedaços de papel, em código. Provavelmente são seus clientes ou fornecedores, mas estão todos escritos nesse código idiota.

Eu já fiquei tempo demais aqui. Mas sinto que estou chegando perto, como se Paco ou *Papá* estivessem me dizendo para procurar melhor. Eu revisto a mochila, na esperança de encontrar seu celular ou alguma outra evidência ligando Nick às drogas no meu armário. Mas tudo o que encontro é um monte de papéis.

Alguém está subindo as escadas. Posso ouvir os passos se aproximando. Se for o diretor, estou perdido. Se for Nick, melhor eu me preparar para uma briga. Eu examino rapidamente os papéis, até que… sim, consegui.

É o único papel onde as palavras não estão em código. Há um nome que eu conheço muito bem… Wes Devlin, um traficante muito próximo dos *Guerreros del barrio*, com um número de telefone escrito embaixo.

Enfio o papel no meu bolso e fecho o armário antes que alguém apareça.

É bom Nick se cuidar, porque muito em breve eu vou visitá-lo… e vai ser uma visita que ele não vai esquecer tão cedo.

capítulo 24

Kiara

Na quarta-feira, depois da escola, estou lavando meu carro na entrada de casa, quando Alex chega com Carlos depois do REACH. Alex vem até mim e pega uma esponja extra.

— Seu pai disse que você está com problemas no rádio, mesmo depois de eu ter colocado a mola.

— É. — Eu amo meu carro, mas… — Ele é perfeito de um modo imperfeito.

— Acho que esse é um jeito de descrevê-lo. Soa como algumas pessoas que eu conheço.

Alex espia dentro do carro.

— O carro da Brittany é rápido, mas esta coisa ainda tem seu brilho. — Ele senta em um dos bancos. — Eu poderia me acostumar a ele. Um dos nossos clientes tem um Monte Carlo 1973 pra vender. Estou pensando em comprá-lo. Carlos te contou que ele trabalhou na oficina do meu primo em Chicago?

— Não.

— Estou surpreso. Carlos sempre ficava com o Enrique na oficina. Ele adora trabalhar com carros, talvez mais do que eu.

— Você não tem outro lugar pra ir? — pergunta Carlos. Ele estava na garagem esse tempo todo. Sei disso porque, bom, quando Carlos está perto de mim, eu consigo sentir.

Tenho evitado ficar perto dele desde segunda-feira, o que está funcionando muito bem para nós dois.

Quando Alex vai embora um pouco depois, Carlos se aproxima.

— Precisa de ajuda?

Balanço a cabeça.

— Você algum dia vai falar comigo de novo? Droga, Kiara, chega desse silêncio. Prefiro que você fale suas frases de duas palavras a parar de falar de vez. Que saco, só me mostra o dedo do meio de novo.

Jogo minha mochila no banco de trás e dou partida no motor.

— Aonde você vai? — pergunta Carlos, entrando na frente do meu carro.

Eu buzino.

— Não vou sair daqui — diz ele.

Minha resposta é outra buzinada. Não é um "bip, bip" intimidante, como a maioria dos carros, mas é o melhor que meu carro pode fazer.

Ele coloca as duas mãos sobre o capô.

— Sai — digo.

Ele sai na mesma hora. Com a rapidez de uma pantera, Carlos pula pela janela do passageiro, enfiando primeiro os pés no carro.

— Você deveria consertar esta porta — diz.

Acho que ele vem comigo. Saio da entrada de casa rumo ao Boulder Canyon. O vento sopra através das janelas abertas, o ar fresco bate em meu rosto e balança meu rabo de cavalo, atrás do meu pescoço.

— Eu poderia consertar a porta — diz Carlos para mim. Ele coloca a mão para fora da janela, deixando o vento correr entre seus dedos.

Dirijo pela Boulder Canyon Road em silêncio, apreciando o cenário. Eu poderia estar imune à sua beleza, depois de viver aqui por tanto tempo, mas não estou. Sempre senti um estranho encantamento e paz nas montanhas.

Estaciono próximo ao The Dome. Às vezes subo aqui com Tuck. Pego minha mochila no banco de trás do carro e saio.

Carlos coloca a cabeça para fora da janela.

— Presumo que esse não seja seu destino final.

Admito que sinto um pouco de satisfação ao responder:

— Tente de novo. — Coloco a mochila nas costas e começo a andar em direção à ponte suspensa sobre o Boulder Creek.

— Ei, *chica* — grita Carlos atrás de mim.

Continuo andando, rumo ao meu santuário nas montanhas.

— *¡Carajo!*

Eu não me viro, mas pelos sons que ele faz e pelos xingamentos em espanhol que saem da sua boca, posso dizer que ele está tentando abrir a porta do passageiro para sair. Sem qualquer sucesso. Quando ele consegue sair pela janela e cai no cascalho improvisado do estacionamento, escuto mais xingamentos.

— Kiara, que droga, espera!

Estou na base da montanha agora, no começo da minha rota habitual.

— Onde estamos? — pergunta ele.

Aponto para a placa e então começo a seguir em direção aos grandes picos.

Posso ouvi-lo escorregar nos seixos, enquanto tenta me acompanhar. Estamos na trilha agora, mas logo farei um desvio e seguirei meu caminho particular. Ele, com certeza, não está usando sapatos apropriados para trilhas.

— Você tem *sérios* problemas, *chica* — diz ele.

Continuo andando. Quando estou na metade do caminho para meu destino, paro e pego uma garrafa de água em minha mochila. Não está tão quente e estou acostumada com a altitude, mas já vi pessoas ficarem desidratadas aqui, e não é nada bonito.

— Toma — digo, estendendo a garrafa para ele.

— Você está brincando? Tenho quase certeza de que você envenenou essa água.

Tomo um bom gole e então ofereço a ele de novo. Ele faz todo um drama, limpando a boca da garrafa com a barra da sua camiseta, como se eu tivesse sapinho, e depois toma um bom tanto de água.

Quando ele me devolve, faço toda uma cena, limpando seus germes com a minha camiseta. Acho que o escuto rir.

Ou é isso, ou ele está disfarçando sua respiração ofegante pela subida.

Quando começo a andar de novo, Carlos está tentando recuperar o fôlego.

— Isso é divertido pra você? Porque essa, com certeza, não é minha ideia de diversão.

Mantenho meu ritmo. Cada vez que Carlos escorrega, ele xinga. Seria de se pensar que ele fosse se concentrar na trilha e em não escorregar nas rochas, mas ele continua falando.

— Eu já disse que é irritante você mal falar comigo? Você parece uma pessoa muda que não usa gestos. Tipo, sério, isso está realmente me irritando. Você não acha que eu já tenho bastante coisa com que lidar, entre ser enquadrado, preso e ter que ir para aquele REACH estúpido?

— Sim. — Chego a um ponto onde tenho que passar por uma pequena borda e me agarrar em algumas rochas para ter apoio. Estou completamente segura e, mesmo se cair, serão apenas alguns metros até uma área plana.

— Isso é uma piada? — pergunta ele, me seguindo apenas porque, a essa altura, é provável que pense que não tem escolha. — Estamos indo a algum

lugar ou você está apenas vagando por aí, sem direção, até escorregar e cair rumo à morte?

Escalando a rocha maior, meu lugar especial longe do olhar de outros andarilhos, paro quando chego à área aberta, com uma única e imensa árvore. Encontrei esse lugar por acaso, anos atrás, quando precisava de um lugar apenas para ir e… pensar. Agora, venho com frequência. Faço a lição de casa aqui, desenho, escuto os pássaros e sinto o cheiro fresco do ar da montanha.

Me sento em uma rocha plana, abro minha mochila e coloco a garrafa de água perto de mim. Abro meu livro de cálculo e começo a fazer minha lição de casa.

— Você está mesmo *estudando*?

— Hum, hum.

— E o que eu devo fazer?

Dou de ombros.

— Olha em volta.

Ele olha rapidamente para a direita, depois para a esquerda.

— Não vejo nada além de rochas e árvores.

— Faz sentido.

— Me dá as suas chaves — diz ele, em tom de ordem. — Agora.

Eu o ignoro.

Ouço ele bufar. Ele poderia passar por mim com facilidade, pegar minha mochila e as chaves sem ajuda. Mas ele não faz isso.

Continuo concentrada em meu livro, passando por equações e fazendo anotações no papel de rascunho.

Carlos respira fundo.

— Tudo bem, desculpa. *Perdón*. Madison e eu somos passado, e eu preferiria muito mais posar com você do que sair com ela. Uau, ficar na natureza restaurou minha fé na humanidade e fez de mim uma pessoa melhor. Está feliz agora?

capítulo 25

Carlos

Observo enquanto Kiara fecha seus livros, olha para mim e procura algo na mochila. Ela me joga as chaves do seu carro. Eu as pego com uma das mãos.

— Você vai ficar aqui?

— Sim — responde ela.

— Eu vou embora — aviso.

— Pode ir — diz ela, acenando.

Eu vou. Nem fodendo vou ficar esperando que ela acabe de estudar. Estou com calor, suado e puto da vida. E estou pensando em formas de me vingar. A primeira vai ser pegar o carro dela e devolver sem uma gota de gasolina.

Coloco as chaves no bolso traseiro e começo a descer. Escorrego algumas vezes e caio de bunda no chão. Vou terminar a manhã cheio de arranhões, graças a Kiara.

Sinto um pouco de pena daquele cara, o Tuck, por ter que aguentar essa garota, mas logo concluo que eles se merecem. Meus pensamentos se voltam para Destiny. Se *ela* estivesse sozinha nesta montanha, eu não a perderia de vista. Seria seu cavaleiro de armadura brilhante. Porra, eu a carregaria montanha acima, se ela quisesse.

E mesmo que Kiara não seja nem nunca vá ser minha namorada, não posso simplesmente deixá-la aqui sozinha. Sei que há ursos nas redondezas. E se ela for atacada por um deles? Ela espera mesmo que eu vá embora, ou isso é só um teste para ver se sou um bom garoto?

Azar dela, porque eu não sou um cara legal.

Continuo escorregando montanha abaixo. Toda vez que penso ter encontrado uma trilha, chego a uma passagem intransponível ou a uma porra de um penhasco.

Pego uma pedra e jogo longe. E outra. E outra. Ouvir o eco das pedras batendo contra a encosta rochosa diminui um pouco minha frustração.

Tiro minha camisa, seco minha testa e a penduro atrás das minhas calças.

Não estou mais no México, com certeza. Ninguém que eu conheça subiria uma merda de uma montanha só para estudar. Se o objetivo fosse usar drogas ou ficar bêbado, eu poderia entender.

Subo de volta pelas pedras, xingando meus sapatos escorregadios, Alex, *mi'amá*, Kiara e quase todo mundo que conheço.

— Você é *loca, chica* — grito quando escalo de novo a pedra que protege seu esconderijo. — Quer dizer, você realmente queria que eu te seguisse até aqui em cima, só pra você me jogar suas chaves e ir embora?

— Eu não pedi pra você me seguir — diz ela.

— Como se eu tivesse escolha.

— Nós dois temos l-l-livre-arbítrio.

— Claro, só que o meu livre-arbítrio foi tirado de mim no instante em que eu entrei no avião para o Colorado.

Sento no chão, virado para ela. Kiara continua fazendo anotações. Nós viemos até aqui juntos e vamos voltar juntos. Eu não vou gostar, mas, a essa altura, não vejo alternativa. De vez em quando ela ergue a cabeça e me pega olhando para ela. Sim, estou fazendo isso para deixá-la desconfortável. Se eu a irritar o suficiente, quem sabe ela não resolve guardar a coisas e ir embora?

Depois de cinco minutos, no entanto, percebo que minha estratégia não está funcionando.

Hora de mudar de estratégia.

— Quer dar um amasso?

— Com quem? — pergunta ela, sem sequer levantar a cabeça.

— Comigo.

Ela levanta a cabeça do livro só o suficiente para me olhar rapidamente dos pés à cabeça.

— Não, obrigada — diz ela, e volta à lição de casa.

Ela quer foder com a minha cabeça.

Ela *tem que* estar fodendo com a minha cabeça, não é?

— Por causa daquele *pendejo* do Tuck?

— Não. Porque eu não quero as sobras da Madison.

Espera aí. *Un. Momento*. Já me chamaram de muitas coisas, mas …

— Você está me chamando de *sobras*?

— Sim. Além disso, o Tuck beija muito bem. Eu não gostaria que você se sentisse mal, porque não dá pra competir com ele.

Aquele cara quase não tem lábios.

— Quer apostar?

Posso ser qualquer coisa, mas não sou sobra de ninguém. Quando mudamos para o México e Destiny terminou comigo, eu saí com uma garota atrás da outra. Porra, eu poderia escrever um livro sobre como beijar *chicas*, se quisesse.

Eu me aproximo de Kiara e tenho a pequena satisfação de ouvir sua respiração falhar e ver o lápis parar de se mover. Ela fica completamente imóvel quando meus lábios se aproximam daquela região logo abaixo do lóbulo de sua orelha direita. Eu aproximo minha mão esquerda do seu rosto, e toco o ponto sensível abaixo da orelha esquerda com meu polegar, enquanto meus lábios passeiam sobre seu pescoço. Ela com certeza pode sentir meu hálito quente sobre sua pele nua.

Kiara inclina levemente a cabeça para me dar mais espaço. Eu nem sei se ela percebe seu movimento. Continuo onde estou. Ela geme baixinho, mas eu não me abalo. Com certeza está ficando excitada. Está gostando. E quer mais. Mas eu me contenho… *sobras o caralho.*

O problema é que eu não estou preparado para o cheiro de Kiara. Normalmente as garotas cheiram a flores ou baunilha, mas ela tem um cheiro doce e marcante de framboesa que está me deixando louco. E enquanto na minha cabeça estou flertando com ela só para provar uma hipótese, meu corpo quer brincar de "você mostra a sua e eu mostro o meu".

— V-v-você se im-im-importa? — diz ela, tentando esconder sua reação à minha proximidade. Mas suas palavras a traem. — Estou tentando estudar e você está na frente do sol — sussurra ela. Acho que ela não gagueja quando sussurra.

— Estamos na sombra, sob uma árvore — digo, mas me afasto, porque preciso me acalmar e continuar no controle.

Eu me encosto em uma pedra, as pontas ásperas arranhando minhas costas nuas. Dobro um joelho e tento encontrar uma posição relaxada, apesar de não estar nada relaxado. Enquanto tento ficar em uma posição confortável, Kiara continua sentada sob a árvore, fazendo sua lição de casa. Ela não está suando e parece bem calma. Não sei se estou com calor pelo que acabou de acontecer, ou não acontecer, entre nós, ou se é por causa do clima. Você poderia pensar que, por ter morado no México, eu estaria acostumado ao calor. Mas nasci e passei a maior parte da minha vida em

Chicago. Os verões na "Cidade Chi" são quentes e úmidos, mas duram apenas alguns meses.

Me sinto no meio de uma turbulência. Meu coração está batendo furiosamente e há uma eletricidade no ar que não estava aqui antes de eu me aproximar de Kiara.

O que está acontecendo? A altitude deve estar afetando minha cabeça. Preciso mudar de assunto rapidamente e levar a conversa para longe de qualquer assunto sexual.

— Mas então, por que você gagueja? — pergunto.

capítulo 26

Kiara

Meu lápis para de se mover imediatamente. Tento me concentrar no cálculo da minha equação, mas não consigo ver direito mais coisa alguma na página. Ninguém, que não fosse um fonoaudiólogo, já perguntou diretamente sobre minha gagueira. Não estou preparada para responder, sobretudo porque não sei o motivo de eu gaguejar. É só o que sou, foi assim que nasci, e isso é tudo, eu acho.

Antes de Carlos perguntar sobre minha gagueira, tudo em que eu conseguia pensar era no nosso quase beijo. Seu hálito quente queimou minha pele e fez meu peito dar cambalhotas. Mas ele estava só me provocando. Eu sabia disso e ele também. Então, por mais que estivesse desesperada para virar minha cabeça e descobrir como seria sentir seus lábios nos meus, não quis me humilhar.

Enfio tudo de volta em minha mochila, coloco-a nas costas e começo a descer a montanha.

Ando rápido, com esperanças de que ele cairá longe o bastante, que ele terá que se concentrar em continuar andando e assim não vai perguntar mais coisa nenhuma. Cometi um erro enorme em trazê-lo aqui. Foi impulsivo e estúpido. O pior de tudo é que eu não esperava querer beijá-lo mais do que qualquer coisa neste mundo antes de ele me confrontar sobre minha gagueira.

Cruzo a ponte sobre o Boulder Creek e sigo na direção do meu carro. Pego a mochila para procurar as chaves, mas percebo que Carlos ainda está com elas. Estendo minha mão.

Ele não me dá as chaves. Em vez disso, encosta no carro.

— Vou te propor um acordo.

— Não faço acordos.

— Todo mundo faz acordos, Kiara. Até garotas espertas que gaguejam.

Não consigo acreditar que ele trouxe esse assunto à tona de novo. Viro e começo a ir para casa a pé. É melhor que Carlos leve meu carro para casa, porque eles o rebocarão se ficar estacionado aqui a noite toda.

Ouço Carlos xingar de novo.

— Volte aqui — diz ele.

Continuo andando.

Ouço os pneus do meu carro girarem no cascalho atrás de mim. Carlos emparelha o carro comigo. Ele vestiu sua camiseta, o que é bom, porque fico distraída com ele seminu.

— Entra, Kiara.

Como continuo andando, ele avança com o carro.

— Você vai causar um acidente — digo.

— Parece que eu me importo com isso?

Olho para ele.

— Não. Mas eu amo meu carro.

Alguém buzina atrás dele. Carlos não se incomoda e continua dirigindo o carro devagar, ao meu lado. Na primeira curva da estrada, ele me ultrapassa e bloqueia o meu caminho.

— Não me teste — diz ele. — Se você não entrar agora, vou sair e te pegar eu mesmo. — Nós nos encaramos, o músculo do queixo dele tenso de determinação. — Se você entrar, eu vou lavar seu carro.

— Eu acabei de lavá-lo.

— Eu faço as suas tarefas por uma semana, então — diz ele.

— Eu não… Eu não me importo em fazer minhas tarefas — digo a ele.

— Deixo seu irmão fazer um gol e brinco com seus bonecos de G.I. JOE.

Todos os dias, Brandon tenta fazer um gol em Carlos, sem sucesso. Meu irmãozinho adoraria vencê-lo.

— Certo — digo. — Mas eu dirijo.

Pulando o câmbio, ele passa para o banco do passageiro, enquanto eu me sento atrás do volante. Quando olho para ele, não consigo ignorar a expressão de vitória em seu rosto.

— Você sabe qual é o seu problema? — Não fico surpresa por ele não esperar que eu responda, antes de continuar sua avaliação sobre mim. — Você faz drama com tudo. Um beijo, por exemplo. É provável que você ache que se beijar alguém, isso deve ter uma importância monumental.

— Eu não saio por aí beijando as pessoas por diversão, como você.

— Por que não? Kiara, ninguém te disse que a vida é pra ser divertida?

— Eu me divirto de outras maneiras.

— Ah, por favor — diz ele, descrente. — Você já fumou maconha?

Balanço a cabeça.

— Tomou ecstasy?

Minha boca se curva de desgosto.

— Transou no topo de uma montanha? — pergunta ele.

— Você tem uma visão distorcida sobre diversão, Carlos.

Ele balança a cabeça.

— Tudo bem, *chica*. O que você considera divertido? Subir montanhas? Fazer sua lição de casa? Assistir à Madison tirar sarro de você na sala de aula? Eu fiquei sabendo disso, sabe?

Eu paro no acostamento, meus pobres pneus rangendo sobre o asfalto.

— Ser grosso… não faz de v-v-você… — Estou prestes a ser traída por minhas palavras. Engulo, então respiro fundo. Espero que o pânico e a frustração não apareçam, quando eu tropeçar em minhas palavras. Sei quando isso está para acontecer, mas não consigo parar. — … um cara durão.

— Não quero parecer durão, Kiara. Está vendo, você me entendeu errado. Meu objetivo é ser um imbecil. — Ele me dá um sorriso arrogante.

Balanço minha cabeça em frustração e volto para a estrada com o carro.

Em casa, encontro meu pai brincando com Brandon no quintal.

— Onde vocês estavam? — pergunta meu pai.

— Kiara me levou pra uma caminhada — responde Carlos. — Certo, K.?

— Treinando um pouco? — pergunta meu pai para mim, e depois se dirige a Carlos. — Vamos fazer uma viagem pra acampar em família.

— Dick, eu não caminho nem acampo.

— Mas ele joga futebol. — Inclino a cabeça e sorrio. — Você não me disse que estava morrendo de vontade de jogar com o Brandon?

— Quase me esqueci — responde Carlos, com seu sorriso arrogante desaparecendo.

— Ah, isso é ótimo — diz meu pai, dando um tapinha nas costas de Carlos. — Significa muito pra ele. Bran, você está pronto pra jogar futebol com o Carlos?

Todos olhamos para meu irmão, que se apressa para montar o gol.

— Incrível! Carlos, eu vou te derrotar hoje.

— Não conte com isso, *muchacho*. — Carlos chuta a bola e começa a fazê-la quicar de um joelho para outro, como um profissional. Não importa o que ele tenha dito antes, com certeza, já jogou bastante.

— Eu estava praticando com o meu pai — diz Brandon. — Estou pronto pra você.

Com ou sem prática, meu irmãozinho não tem chance contra Carlos, a menos que ele o deixe vencer de propósito. Mal posso esperar para ver o triunfo no rosto do meu irmão, quando ele passar a bola por Carlos e marcar um gol.

Sento no pátio e observo os dois se aquecerem.

— Você não tem lição de casa ou coisa assim? — pergunta Carlos.

Balanço a cabeça.

Com certeza, ele está tentando me desafiar neste joguinho de quem está no controle.

— Acho que eu vi algumas ervas daninhas esquecidas do seu lado do quintal — diz ele.

— Kiara, vem jogar com a gente! — grita Brandon.

— Ela está ocupada — diz Carlos.

Brandon olha para mim, confuso.

— Ela só está assistindo a gente. Como pode estar ocupada?

Carlos, agora, coloca a bola debaixo do seu braço.

— Vou só assistir — respondo.

— Vamos — diz Brandon, então corre até mim. Ele pega minha mão e puxa até eu me levantar. — Joga com a gente.

— Talvez ela não saiba jogar — diz Carlos ao meu irmão.

— Claro que sabe. Passa a bola pra ela.

Carlos a lança para mim. Eu a aparo com os joelhos e, então, dou uma cabeçada e a passo de volta para ele. O cara parece surpreso. E impressionado. Em um raro momento de diva, eu me autocongratulo, tirando uma poeira inexistente dos ombros.

— Surpresa, surpresa, a Kiara sabe driblar — diz Carlos, se posicionando no gol. — Vocês estão me atrasando. Vamos ver tentarem passar a bola por mim.

Quando eu pego a bola de novo, chuto-a para Brandon. Ele a devolve, então eu a lanço para o gol.

Tudo bem, não fico surpresa de verdade quando Carlos a intercepta sem esforço. Mas agora ele está limpando a poeira inexistente de seus ombros, como eu fiz, e lamento não ter conseguido fazer o gol.

— Quer uma revanche? — pergunta ele.

— Talvez outro dia — respondo. Não tenho certeza se me refiro ao quase beijo ou ao futebol.

Carlos ergue as sobrancelhas, e acho que ele notou o duplo sentido de minhas palavras.

— Espero ansioso pelo desafio.

— Minha vez! — grita Brandon.

Carlos se posiciona no gol e se inclina, superconcentrado.

— Você tem três chances, mas encare os fatos, Brandon. Você não é bom o bastante.

Imediatamente, a língua do meu irmão escapa pelo lado da boca. Ele está no modo ultracompetitivo/concentrado. Tenho certeza de que quando ele for mais velho, fará Carlos suar de verdade.

Meu irmão ajeita a bola e dá cinco passos para trás, contando cada um. Ele se ajoelha, como se fosse um jogador de golfe que alinha seu lance. Carlos o deixará vencer? Não tive nenhum indício ou sinal de sua parte de que nosso pequeno acordo ainda estava valendo, e ele parece determinado a parar a bola de meu irmão.

— Desista agora, *perro*. Você nunca vai passar por mim, e depois vai ter que me chamar de Mestre goleiro-todo-poderoso, o único… Carlos Fuentes!

Sua provocação deixa meu irmão ainda mais determinado. Seus lábios estão cerrados e suas mãos bem juntas nas laterais do corpo. Ele chuta tão forte quanto um garoto de seis anos consegue, grunhindo ao tocar a bola. Ela voa no ar.

Carlos voa também para pegá-la…

E a perde por um centímetro. Melhor ainda, Carlos cai e rola de costas, como se ele se chocasse com o chão.

Nunca vi uma expressão mais triunfante no rosto do meu irmão.

— Eu consegui! — exclama. — Eu consegui! De primeira, ainda! — Ele corre até mim e bate em minha mão, depois pula nas costas de Carlos.

— Eu consegui! Eu consegui!

Carlos geme.

— Você já ouviu falar em cantar vitória?

— Não. — Brandon se inclina até o ouvido de Carlos. — Isso significa que você tem que brincar de G.I. JOE comigo hoje à noite!

— Podemos jogar de novo? — pergunta Carlos. — Uma melhor de três. Ou melhor de cinco?

— Sem chance — Brandon diz e sai correndo para a casa, para contar aos meus pais que venceu.

Carlos ainda está no chão quando me ajoelho ao seu lado.

— O que você quer? — ele pergunta.

— Agradecer.

— Pelo quê?

— Por manter sua parte do acordo ao deixar Brandon vencer. Você é bem-sucedido em ser um imbecil na maior parte do tempo, mas tem potencial.

— Pra ser o quê?

Dou de ombros.

— Um ser humano decente.

capítulo 27

Carlos

Depois do jantar, pego o celular e ligo para Luis e *mi'amá*.

— *¿Te estás ocupando de mamá?* — pergunto a meu irmão menor.

— *Sí*. Estou cuidando dela.

Batidas fortes na porta me lembram de que perdi o jogo desta tarde.

— Hora de G.I. JOE, Carlos! — ecoa a voz de Brandon através da porta.

— *¿Quién es ése?*

— O garotinho que mora aqui. Ele me lembra você às vezes.

— Ele é tão bom assim, é? — diz Luis, rindo. — Como está o Alex?

— *Alex es buena gente*. Está igual.

— A mamãe disse que você se meteu em encrenca.

— *Sí*, mas vai ficar tudo bem.

— Espero que sim. Porque ela está guardando dinheiro pra ir passar o inverno aí. Se eu me comportar, ela disse que posso ir também. *Podemos volver a ser familia, Carlos*. Não seria incrível?

Sim, seria incrível se pudéssemos ser uma família novamente. Uma família completa para Luis somos nós quatro — eu, *mamá*, Alex e Luis. Nosso *papá* morreu antes que ele aprendesse a falar. Eu não quero ter filhos, porque não quero deixar para trás uma mulher lutando para dar de comer aos meus filhos, assim como não quero que eles achem que uma família pode ser completa sem a minha presença.

Bam, bam, bam. Bam, bam, bam.

— Você está aí? — grita Brandon outra vez, a voz vindo desta vez da parte de baixo da porta. Posso ver seus lábios pela pequena abertura entre a porta e o tapete. Eu devia abrir a porta de surpresa, só para ver o pequeno *diablo* dar um pulo de susto.

— Vai ser muito legal se você e a *mamá* puderem vir pra cá. *Déjame hablar con mamá*.

— Ela não está. *Está trabajando*.

Meu coração aperta. Não quero ela trabalhando, quase se matando a troco de nada. Eu sustentava minha família quando estava no México. Agora

vou à escola enquanto ela trabalha como um cão. Não acho certo.

— Diga a ela que eu liguei. *¡Que no se te olvide!* — digo, sabendo que meu irmãozinho está tão ocupado se divertindo com os amigos que é capaz de esquecer até que liguei.

— Não vou esquecer. Prometo.

Desligamos, e Brandon volta a espancar a porta.

— Pare de bater, você está me dando dor de cabeça — digo, abrindo a porta.

Brandon pula de pé, e acho que nunca vi alguém se mover tão rápido. Pelo modo como seu corpo balança, acho que ele ficou até um pouco tonto. Bom.

— Brandon — diz Westford, passando por ali. — Eu disse pra você não incomodar o Carlos. Por que você não está lendo no seu quarto?

— Eu não estou incomodando o Carlos — diz ele com ar inocente. — Ele disse que ia brincar de G.I. JOE comigo, não é, Carlos? — Ele olha para mim, seus olhos verde-claros suplicantes.

— É — digo para Westford. — Cinco minutos de G.I. JOE, depois eu paro de brincar de irmão mais velho.

— Dez minutos — retruca Brandon.

— Três — devolvo imediatamente. Esse jogo dá para dois, moleque.

— Não, não, não. Cinco está bom.

De volta ao seu quarto, ele coloca um boneco em minhas mãos.

— Toma!

— Garoto, eu odeio ter que te dar más notícias, mas em geral não brinco de boneca.

Ele parece ofendido e responde mal-humorado.

— O G.I. JOE não é uma *boneca*. Ele é um fuzileiro naval, como meu pai foi. — Brandon tira soldados em miniatura de um balde e os espalha pelo quarto. Alguém poderia achar que o menino estava só fazendo uma confusão desordenada, mas eu desconfio que há um método em sua loucura. — Você não tinha um G.I. JOE quando era pequeno?

Balanço a cabeça. Eu não me lembro de ter muitos brinquedos… Nós brincávamos mesmo com pedaços de pau, pedras e bolas de futebol. Tinha também as ocasiões em que Alex invadia o guarda-roupas da nossa mãe, e nós criávamos uns jogos divertidos colocando pedras dentro das meias-calças dela. Algumas vezes cortávamos as pernas e fazíamos estilingues. Ou

enchíamos as meias de água e fazíamos uma guerra. Muitas vezes *mi'amá* nos deu boas palmadas na bunda por causa desses incidentes, mas não importava. O castigo valia a pena.

— Bom — diz o menino, com a cara séria. — Os Cobras são os caras maus que querem dominar o mundo. Os G.I. JOE precisam capturá-los. Entendeu?

— Sim. Vamos começar de uma vez.

Brandon levanta sua mão.

— Espera, espera, espera. Você *não pode* ser um G.I. JOE a menos que tenha um nome de guerra. Qual nome de guerra você quer? O meu é Corredor.

— Eu vou ser *Guerrero*.

Ele inclina a cabeça para um lado.

— O que isso quer dizer?

— Guerreiro.

Ele assente.

— Certo, *Guerrero*, nossa missão é capturar o Dr. Piscadela. — Brandon me encara com seus grandes olhos arredondados. — O Dr. Piscadela é o pior, o mais feroz e cruel vilão no planeta. Pior do que o Comandante Cobra.

— Não podemos mudar o nome dele pra algo mais assustador? Desculpa, mas "Dr. Piscadela" não parece nada mau.

— Ah, não, não podemos mudar esse nome. De jeito nenhum.

— Por que não?

— Eu gosto do nome. O Dr. Piscadela pisca o tempo todo.

Esse menino é engraçado, não posso negar.

— Está bom. Então o que o Dr. P. fez de tão ruim?

— Dr. Piscadela — corrige Brandon — *Não. Doutor. P.*

— Tanto faz — digo, segurando meu G.I. JOE e falando para o boneco. — Joe, você está pronto pra dar um pau no Dr. P.? — Eu me viro para Brandon. — Joe disse que está pronto.

Brandon se empertiga, como se estivesse em uma missão secreta.

— Então me siga — diz ele, se arrastando pelo quarto. — Vem! — sussurra alto, quando percebe que não o segui.

Eu me arrasto atrás dele, fingindo ser um garoto de seis anos que tem paciência para esse jogo.

Brandon coloca as mãos em concha sobre meus ouvidos e sussurra:

— Acho que o Dr. Piscadela está escondido atrás do armário. Chame as tropas.

Olho para os soldados em miniatura espalhados pelo quarto e digo:

— Tropas, cerquem o armário.

— Você não pode ser um G.I. JOE com a sua própria voz. Você precisa falar como um fuzileiro naval — diz Brandon, obviamente pouco impressionado com minha capacidade de atuar como um herói.

— Não força a barra, ou eu vou embora.

— O.k., o.k. Não vá. Você pode ser um G.I. JOE com a sua própria voz.

Brandon e eu arrumamos os G.I. JOE em volta do armário. Já que me deixei convencer a brincar, posso muito bem melhorar a brincadeira.

— Joe me disse que tem uma informação nova sobre o Dr. Piscadela.

— Qual é? — pergunta Brandon, completamente absorto no jogo.

Preciso inventar alguma coisa rapidamente:

— O Dr. Piscadela tem uma nova arma. Se ele piscar pra você, você está morto. Então avise a todos, ninguém deve olhar diretamente para os olhos dele.

— Entendido! — diz Brandon, animado, fazendo com que eu me lembre de meu irmão menor, Luis, que também fica empolgado com qualquer coisinha.

Pensar em Luis me faz pensar em *mamá* e em como raramente a vi sorrir nos últimos anos. Mesmo me rebelando, eu faria qualquer coisa para que ela voltasse a sorrir.

capítulo 28

Kiara

Observo da porta Carlos e meu irmão brincarem com os soldados de brinquedo. Carlos criou um cenário elaborado com as camisetas de Brandon servindo de túneis, presas com cordas. Um dos lados está amarrado no trinco da janela e se expande por toda a largura do quarto de Brandon. O lado oposto está preso à maçaneta do seu armário.

Por sua expressão relaxada, aposto que Carlos está se divertindo quase tanto quanto meu irmão.

Minha mãe acaricia meu ombro.

— Você está bem? — pergunta.

Eu assinto.

— Estou preocupada com você.

— Estou bem. — Relembro a tarde, jogando no quintal com Brandon e Carlos. Admito que me diverti também. Dou um abraço em minha mãe. — Mais do que bem.

— Eles parecem estar se divertindo — diz ela, apontando para o cenário de guerra que se passa no quarto de Brandon. — Você acha que o Carlos está se acostumando à ideia de morar aqui?

— Talvez.

— Cinco minutos foi há muito tempo — escuto Carlos dizer.

Minha mãe corre para dentro do quarto e pega Brandon, impedindo o que com certeza será uma tentativa típica de Brandon de negociação.

— Hora de dormir, Bran. Você tem escola amanhã. — Depois que ela o cobre, pergunta: — Você escovou os dentes?

— Sim — responde meu irmão, balançando a cabeça. Percebo que meu irmão mantém a boca completamente fechada enquanto faz isso. Acho que ele não está exatamente dizendo a verdade.

— Boa noite, Corredor — diz Carlos, quando segue minha mãe para fora do quarto.

— Boa noite, *Guerrero*. Kiara, já que o Carlos não quer me contar uma história, você pode cantar uma música pra mim? Ou jogar o jogo das letras?

Por favor? — implora Brandon.

— Qual dos dois? — pergunto.

— O jogo das letras. — Meu irmão senta de costas para mim e levanta a parte de trás de sua camiseta.

Brinco com Brandon desse jogo desde que ele tinha três anos. Com meu dedo, traço uma letra em suas costas. Ele tem que adivinhar que letra estou traçando.

— *A* — responde ele orgulhoso.

Traço outra.

— *H*!

E outra.

— *D*… não. *B*! Acertei?

— Sim — respondo, e então digo: — O.k., mais uma. Depois hora de dormir. — Traço outra letra.

— *Z*!

— Sim. — Eu o beijo na testa e o cubro de novo. — Te amo — digo.

— Também te amo. Kiara?

— O quê?

— Fala para o Carlos que eu amo ele também. Eu me esqueci de dizer.

— Pode deixar. Agora durma.

No corredor, Carlos está encostado na parede. Minha mãe desapareceu, provavelmente para assistir à televisão na sala de estar com meu pai.

— Eu ouvi o que ele disse, então você não precisa me falar — diz Carlos. Sua arrogância habitual desapareceu. Ele parece vulnerável, como se ouvir Brandon dizer *te amo* tivesse quebrado alguma barreira emocional que ele mantinha. Ele está deixando transparecer o verdadeiro Carlos.

— O.k. — Olho para meus sapatos, porque, sinceramente, não consigo olhá-lo nos olhos. Eles são fascinantes e estão muito intensos agora. — Obrigada de novo por, você sabe, brincar com o meu irmão. Ele gosta mesmo de você.

— É porque ele não me conhece de verdade.

capítulo 29

Carlos

Antes da aula, vou procurar Nick atrás da arquibancada, no campo de futebol. E lá está ele, fumando um baseado.

Uma expressão de pânico toma seu rosto por um instante, até ele conseguir mascará-la com um sorriso.

— E aí, cara, beleza? Me disseram que você foi pego semana passada. Que bosta. — Ele me oferece o baseado. — Quer um pega?

Eu o seguro pelo colarinho e o empurro contra a barra de metal.

— Por que você armou pra mim?

— Você está maluco? Eu não sei do que você está falando — diz ele. — Por que eu armaria pra você?

Dou um soco na sua cara e ele cai.

— Agora você se lembra?

— Ah, merda — grita Nick, enquanto eu me coloco sobre ele. Vou bater até ele me dar a informação de que preciso. Se ele estiver de alguma forma envolvido com a *Guerreros del barrio* e com Wes Devlin, significa que Kiara e os Westford podem estar em perigo por eu estar morando com eles. Isso não pode acontecer.

Agarro a frente da camisa de Nick e o puxo para cima.

— Diga por que você colocou as drogas no meu armário. E é melhor falar logo, porque meu humor não está muito bom desde que os policiais me algemaram.

Ele ergue as mãos, desistindo.

— Eu sou só um peão, Carlos, como você. Meu fornecedor, um cara chamado Devlin, foi quem me mandou plantar as drogas. Eu não sei por quê. Ele tinha uma arma. Ele me deu a lata e disse pra colocar na sua mochila, senão… Eu não sei a razão, mas juro que não foi ideia minha.

Só me resta descobrir de quem foi a ideia. O problema é: agora tenho que entrar em contato com Devlin e tomar cuidado o tempo todo.

— Carlos, sua vez de contar alguma coisa.

Todos os olhos se voltam para mim no REACH, depois da aula. Berger espera que eu abra meu coração na frente de todo mundo. Como se já não fosse o suficiente ter que ouvir os problemas idiotas deles, sobre como o pai de Justin o chama de imbecil o tempo todo e como Keno é um herói porque seus amigos passaram o fim de semana bebendo cerveja e ele resistiu à pressão.

Que. Monte. De. Merda.

A sra. Berger me espia sobre os óculos.

— Carlos?

— Oi?

— Você gostaria de nos contar algo que você fez na semana passada e que o impactou de alguma forma?

— Na verdade, não.

Zana retorce seus lábios brilhantes, sarcástica.

— O Carlos acha que é legal demais pra nós.

— É — acrescenta Carmela. — Por que você acha que é melhor que a gente, hein?

Keno me encara sério, obviamente tentando me intimidar. Será que ele sabe alguma coisa sobre Devlin?

Como está claro que não posso contar com o apoio da Ala Mexicana neste momento, olho para Justin.

— Você pode fazer o que bem entender — diz Justin, o garoto de cabelos verdes. — Contanto que não me envolva.

O que ele quer dizer com isso?

Quinn olha para o chão.

Berger se inclina para a frente.

— Carlos, você já está aqui há uma semana e não se abriu. Cada um dos outros membros do grupo já compartilhou alguma parte de si mesmo com você. Por que você não conta um pouco do que está acontecendo, para que seus colegas possam se conectar com você de alguma forma?

Ela está supondo que eu quero me conectar com essas pessoas. Ela é louca?

— Só conta qualquer coisa de uma vez — incentiva Zana.

— Isso — concorda Keno.

Berger me lança aquele olhar de dó que diz "estamos aqui para você".

— Nosso grupo fica mais unido quando todos contribuem com uma

parte. Pense no que você compartilha como a cola que nos mantém juntos, uma unidade onde todos se ajudam e ninguém é deixado pra trás.

Ela quer uma cola. Posso arranjar cola. Não vou contar absolutamente nada sobre Nick ou Devlin, mas pensei em uma coisa. Levanto minhas mãos, em sinal de desistência.

— Tá bom. Eu quase beijei uma garota, a Kiara, na quarta-feira. Foi no topo de uma montanha idiota que ela me obrigou a escalar.

Só de pensar naquilo, eu balanço a cabeça de frustração. O problema é que, nos últimos dois ou três dias, eu não consegui parar de pensar em como aquele beijo teria sido.

Keno se inclina para mim.

— Você gosta dela?

— Não.

— Então por que você quase a beijou? — pergunta Zana.

Dou nos ombros.

— Pra provar uma coisa — respondo. Todos ficam calados, totalmente concentrados em mim.

— E que coisa seria essa? — pergunta Berger.

— Que eu beijo melhor que o namorado dela.

Justin, em choque, cobre sua boca aberta com as mãos. Se isso parece escandaloso, aposto que posso contar o número de garotas que ele já beijou com os dedos de uma mão.

— Ela beijou você de volta? — pergunta Carmela.

Keno levanta as sobrancelhas.

— Ela é mexicana?

— Nós não nos beijamos. Nós *quase* nos beijamos, e não foi nada de mais.

— Você gosta dela — diz Zana. Quando faço uma careta, ela diz: — Ah, qual é. As pessoas só dizem que "não foi nada de mais" quando *é* algo de mais.

— E o que isso importa, Zana? — interfere Justin. — O Carlos não a beijou de verdade e ela tem namorado. Gostando ou não dela, ela está comprometida.

— Você precisa trabalhar em você, Carlos, antes de conseguir ter um relacionamento saudável — diz Zana, como se ela fosse uma especialista.

Sim, sim, claro. Eu não gosto da Kiara. A última coisa que quero é um

relacionamento *saudável*… E não estou sequer convencido de que exista um.

Eu me recosto e cruzo os braços.

— Só pra você saber, sra. B, eu já disse o que tinha pra dizer.

Berger acena com a cabeça, em sinal de aprovação.

— Obrigada por compartilhar, Carlos. Nós todos apreciamos sua disposição em nos mostrar um pouco da sua vida pessoal. Acredite ou não, nosso grupo está mais coeso agora por sua causa.

Eu faria um gesto com a mão agora para mostrar o que eu penso da teoria dela, mas provavelmente seria uma violação das regras. Aguento o resto da sessão de terapia com os desajustados, apesar de poder jurar que eles agora estão agindo como se fôssemos todos bons amigos. No fim da tarde, quando saio do prédio, Alex está esperando por mim no estacionamento, com o carro de Brittany.

Quando paramos no semáforo, vejo um casal andando de mãos dadas na nossa frente. Nunca vejo Tuck e Kiara dando as mãos, então talvez um deles seja germofóbico.

— A Kiara tem um namorado que é um completo *pendejo* — digo bruscamente. — Os dois são ridículos juntos.

Alex começa a balançar a cabeça.

— O quê? — pergunto.

— Não se envolva com ela.

— Não pretendo.

Ele dá uma risada.

— Foi o que eu disse ao Paco, quando ele me alertou sobre a Brittany.

— Vamos esclarecer isso de uma vez por todas. Eu não sou você. Nunca serei você. E se eu digo que não há nada entre mim e Kiara, estou falando sério.

— Ótimo.

— Ela me irrita a maior parte do tempo, de qualquer jeito.

A resposta do meu irmão é outra risada.

Quando chegamos aos Westford, não tem ninguém em casa. O carro de Kiara está na entrada, a janela do passageiro aberta, como sempre.

— Ela precisa consertar esse carro — digo a Alex, enquanto nos dirigimos para ele. Acho que nenhum de nós consegue deixar de imaginar como ele ficaria se fosse consertado. — A porta do passageiro não abre.

Alex puxa a maçaneta, testando-a.

— Você devia desmontá-la e ver se consegue arrumar.

Dou de ombros.

— Pode ser.

— Consertado ou não, é um ótimo carro.

— Eu sei. Já o dirigi. — Coloco a cabeça dentro da janela e deslizo para dentro.

— E se eu dissesse que comprei um igual? — pergunta Alex.

— Sério? Você finalmente tem seu próprio carro?

— Sim. Ainda precisa de alguns consertos, então estou deixando na oficina até conseguir reconstruir o motor.

— Falando em motores, acho que este está patinando um pouco — digo a ele, abrindo o capô do carro de Kiara.

— Você tem certeza de que não tem problema ficarmos mexendo nele? — ele me pergunta.

— Ela não vai se importar — digo, esperando que seja verdade.

Enquanto inspecionamos o motor e falamos de carros, decido que é um bom momento para contar ao meu irmão o que descobri.

— Acho que foi o Devlin quem mandou colocar as drogas no meu armário.

Alex ergue a cabeça tão rápido que bate na tampa aberta do capô.

— Devlin? *Wes* Devlin? — pergunta ele.

Balanço a cabeça.

— Por que Devlin? — Ele passa a mão sobre seus olhos, como se não pudesse acreditar que eu tenha me metido nessa confusão. — Ele recruta membros de gangues de todas as partes, transformando-os em híbridos, independentemente de sua afiliação. Como você deixou isso acontecer?

— Eu na verdade não deixei isso acontecer. Simplesmente aconteceu.

Meu irmão me olha diretamente nos olhos.

— Você tem mentido pra mim, Carlos? Você esteve em contato com os *Guerreros* no México esse tempo todo e essa coisa das drogas foi toda planejada? Porque o Devlin não brinca em serviço. Porra, ele tinha conexões até com os caras da Latino Blood, lá em Chicago.

— Você acha que eu não sei disso? — digo, dando para Alex o papel com o número de Devlin, que encontrei no armário de Nick. — Vou ligar pra ele.

Ele dá uma olhada no número e balança a cabeça.

— Não.

— Eu preciso. Preciso descobrir o que ele quer.

Alex dá uma risada breve.

— Ele quer ser seu dono, Carlos. Os *Guerreros* obviamente falaram de você pra ele.

Encaro meu irmão.

— Não tenho medo dele.

Meu irmão saiu da gangue LATINO BLOOD e quase foi morto por isso. Ele sabe o que significa desafiar a ordem do topo em uma gangue.

— Não se atreva a fazer o que quer que seja sem mim. Somos irmãos, Carlos. Vou sempre lutar ao seu lado, sem perguntas.

É disso que tenho medo.

capítulo 30

Kiara

Depois da escola, Tuck e eu decidimos correr um pouco, antes do treino da equipe de *Ultimate Frisbee* dele. Conversamos durante os primeiros oitocentos metros, mas depois seguimos correndo em silêncio. O único som é o de nossos pés batendo na calçada. O calor do dia sumiu, mas hoje há um ar gelado.

Gosto de correr com o Tuck. É um esporte solitário, mas ter alguém para praticar junto o torna mais divertido.

— Como está *el mexicano*? — pergunta Tuck, sua voz ecoando pelo declive da montanha.

— Não chama ele assim — digo. — É preconceituoso.

— Kiara, como chamá-lo de *mexicano* pode ser preconceituoso? Ele *é* mexicano.

— É a *maneira* como você falou, não *o que* você falou.

— Agora você está parecendo o seu pai, toda sensível e politicamente correta.

— O que tem de errado em ser sensível e politicamente correta? — pergunto a ele. — E se Carlos te chamar de *o cara gay*?

— Eu com certeza não o acusaria de ser preconceituoso — responde Tuck.

— Responda à pergunta.

Tuck dá uma risada.

— Então, ele realmente me chamou de *o cara gay*?

— Não. Ele acha que somos um casal.

— Aposto que ele nem conhece um homossexual. O cara tem um escudo de testosterona com alcance de mais de um metro e meio de altura.

Quando alcançamos a entrada da pista de corrida pelo Canyon Park, eu paro.

— Você não respondeu à pergunta — digo, sem fôlego.

Estou acostumada a correr, mas hoje meu coração está batendo mais rápido do que de costume, e eu, de repente, fico ansiosa sem motivo.

Tuck levanta as mãos.

— Eu não me importaria se ele me chamasse de gay, porque eu *sou* gay. Ele é mexicano, então qual é o problema de eu chamá-lo assim?

— Nenhum. É chamá-lo de *o mexicano* que é irritante.

Tuck estreita os olhos para mim. Seu rosto se contrai, como se ele estivesse tentando adivinhar quais são os meus motivos.

— Ah, meu Deus.

— O quê?

— Você *gosta do mexicano*. Eu deveria ter percebido desde o começo. Foi por isso que você começou a gaguejar de novo… É tudo por causa dele!

Reviro meus olhos e dou uma risada sarcástica.

— Não gosto dele. — Começo a correr, ignorando a teoria de Tuck.

— Não posso acreditar que você gosta dele — diz Tuck, me cutucando com o dedo.

Corro mais rápido.

— Mais devagar. — Escuto Tuck ofegar atrás de mim. — Tudo bem, certo, eu não vou chamá-lo de *o mexicano*. Ou dizer que você gosta dele.

Diminuo o ritmo e espero ele me alcançar.

— Ele acha que você e eu estamos namorando, e por mim tudo bem. Não deixe ele descobrir a verdade, o.k.?

— Se é o que você quer.

— É o que eu quero.

No topo da montanha, paramos e admiramos a cidade de Boulder abaixo de nós, depois voltamos correndo para casa.

Alex e Carlos estão perto do meu carro, na entrada da minha casa.

Carlos olha para nós e joga a cabeça para trás.

— Vocês estão usando roupas quase iguais. Eu vou vomitar. — Ele aponta para nós. — Está vendo, Alex. Além de tudo, tenho que lidar com esses brancos combinando.

— Não estamos combinando — diz Tuck na defensiva. Ele dá de ombros quando vê minha camiseta e percebe que é verdade. — O.k., estamos.

Eu não tinha percebido. Obviamente, Tuck também não. Estamos usando camisetas pretas com a frase NÃO SEJA UM COVARDE, ESCALE UMA 14ER em grandes letras brancas. Nós as compramos depois que subimos até o topo do monte Princeton, no ano passado. Antes dele, nunca tínhamos escalado nenhuma das *fourteeners*.[2]

Carlos me encara.

— O que você está fazendo com o meu carro? — pergunto a ele, mudando de assunto.

Ele olha para Alex.

— A gente só estava dando uma olhada nele — responde Alex. — Certo, Carlos?

Carlos se afasta do meu Monte Carlo.

— É. Certo. — Ele quase parece envergonhado, tossindo e enfiando as mãos nos bolsos.

— Minha mãe pediu pra eu te levar ao supermercado. Vou pegar minha bolsa e as chaves, e então, se você quiser, a gente pode ir.

Enquanto vou para meu quarto, me pergunto se deveria ter deixado Carlos e Tuck juntos. Os dois não se dão bem. Pego minha bolsa na cama e me apresso para sair, mas Carlos está parado na porta do meu quarto.

Ele passa uma mão pela cabeça e suspira.

— Tudo bem? — pergunto, chegando mais perto dele.

— Sim, mas podemos ir sozinhos? Você e eu, sem o Tuck? — Ele balança sobre os pés, como se estivesse ansioso.

— Tudo bem.

Ele não se move. Parece querer dizer mais alguma coisa, então fico onde estou. Quanto mais ficamos ali, olhando um para o outro, mais nervosa eu fico. Não é que Carlos me intimide, é que quando ele está por perto, o ar parece ficar mais elétrico. Vê-lo vulnerável assim é outro vislumbre do verdadeiro Carlos, aquele sem a muralha de proteção.

Eu me segurei quando ele ameaçou me beijar no Dome, na quarta-feira, e mesmo agora, embora Tuck e Alex estejam lá fora, nunca senti uma atração tão intensa quanto a que sinto por Carlos.

— Você vai se trocar? — pergunta ele, olhando para a minha camiseta NÃO SEJA UM COVARDE, ESCALE UMA 14ER, com marcas de suor causadas pela corrida. — Essa camiseta não dá.

— Você dá muita importância para as aparências.

— Melhor do que não dar importância alguma.

Coloco minha bolsa no ombro e então faço um sinal para ele sair do caminho.

Ele vai para o lado.

— Falando em aparências, você alguma hora tira esse elástico do seu

cabelo?

— Não.

— Porque fica parecendo um rabo de cachorro.

— Que bom. — Quando passo por ele, mexo a cabeça e tento acertá-lo com meu rabo de cavalo. Ele o agarra quando está prestes a atingi-lo no rosto. Em vez de puxá-lo, ele deixa meu cabelo passar por entre seus dedos. Olho para trás e o vejo sorrindo. — O que foi?

— Seu cabelo é macio. Eu não esperava por isso.

O fato de que ele realmente prestou atenção no meu cabelo quando o tocou rouba meu ar. Engulo seco enquanto ele se aproxima e passa os dedos de novo pelo meu cabelo. Parece um gesto íntimo.

Ele balança a cabeça.

— Um dia desses, Kiara, vamos nos meter em confusão. Você sabe disso, não sabe?

Quero pedir a ele que explique o que quer dizer com confusão, mas não faço isso. O que digo é:

— Não me meto em confusões. — E me afasto dele.

Do lado de fora, Tuck e Alex estão esperando por nós.

— O que vocês estavam fazendo lá dentro por tanto tempo? — pergunta Tuck.

— Aposto que você gostaria de saber — retruca Carlos, então olha para mim. — Conte a Tuck que ele não vai vir com a gente.

Tuck passa o braço ao redor dos meus ombros.

— Do que ele está falando, docinho? Pensei que a gente fosse pra minha casa e, bom, você sabe. — Ele ergue a sobrancelha algumas vezes, sugestivamente, depois dá um tapinha no meu bumbum.

Meu amigo faz uma encenação tão exagerada de namorado, que realmente não acho que ele seja convincente, mas Carlos parece ter comprado a história, se a expressão de desgosto em seu rosto servir de indício.

Eu me aproximo do ouvido de Tuck.

— Pega leve, *docinho*.

Ele faz o mesmo.

— Certo, ursinha.

Eu o afasto antes de rir.

— Estou indo — diz Tuck, e então sai correndo.

Alex vai embora logo em seguida, então ficamos apenas Carlos e eu na entrada de casa.

— Não acredito que demorou tanto pra eu entender — diz Carlos. — Você e o Tuck são só amigos. Nem mesmo acho que sejam amigos com benefícios.

— Isso é ridículo. — Entro no meu carro e evito olhar para ele.

Carlos entra pela janela.

— Se ele tem o melhor beijo do mundo, como você diz, como é que eu nunca vi vocês se beijando?

— Nós nos beijamos o tempo todo — tusso e depois completo —, só… fazemos isso quando estamos sozinhos.

Uma expressão arrogante passa por seu rosto.

— Eu não acredito nisso nem por um segundo, porque se você fosse minha namorada e um cara como eu estivesse morando na sua casa, eu te beijaria na frente dele a cada chance que tivesse, como um lembrete.

— Um lembrete de-de-de quê?

— De que você é minha.

capítulo 31

Carlos

Empurro um carrinho através da mercearia, aliviado pela chance de comprar comida que eu consigo identificar. Contornando outros clientes pelas bancas de frutas, pego um abacate e o jogo para Kiara.

— Aposto que você nunca comeu comida mexicana de verdade.

— Claro que já comi — diz ela, pegando a fruta e a colocando no carrinho. — Minha mãe faz tacos o tempo todo.

— Com que tipo de carne? — pergunto, para testá-la. Aposto que a sra. W. não sabe coisa alguma sobre tacos autênticos.

Kiara murmura algo que não consigo entender.

— O quê? Não ouvi.

— Tofu. Admito que tacos de tofu provavelmente não sejam um prato mexicano dos mais autênticos, mas…

— Tacos de tofu *não* são mexicanos. Acho que colocar tofu em qualquer comida e chamá-la de "mexicana" é um insulto ao meu povo.

— Eu duvido que isso seja verdade.

Ela caminha pelo corredor, me observando enquanto pego tomates, cebolas, coentro, limão, pimentões *poblanos* e *jalapeños*. O cheiro fresco de cada item me lembra a cozinha de *mi'amá*. Encontro algo que sempre tivemos na cozinha de nossa casa.

— Isso é um *tomatillo*.

— O que você faz com isso?

— Uma *salsa verde* bem picante.

— Eu gosto de *salsa vermelha*.

— Isso é só porque você não provou a minha ainda.

— Veremos — diz ela, sem se convencer. Talvez eu faça uma porção especial, extrapicante, só para ela aprender a não me desafiar.

Kiara me segue pela mercearia. Pego todos os ingredientes — feijão, arroz, farinha e diferentes tipos de carne (que Kiara insistiu que fosse orgânica, apesar de custar quase o dobro da carne não orgânica). Daí voltamos para casa.

Na cozinha dos Westford, guardo os mantimentos e me ofereço para fazer o jantar. A sra. W. fica bastante grata, porque Brandon tem um projeto para a escola e porque ele aparentemente tentou desenhar um mapa em seu corpo com marcadores permanentes, e o desenho não está saindo.

— Eu ajudo — diz Kiara enquanto arrumo algumas tigelas no balcão e ponho as panelas sobre o fogão.

Pela primeira vez na vida, acho bom que Kiara esteja usando uma camiseta, porque não tenho que mandá-la arregaçar as mangas.

— Vai ficar bagunçado — digo a ela, depois de lavarmos as mãos.

Ela dá de ombros.

— Tudo bem.

Coloco a farinha em uma tigela e adiciono água.

— Pronta? — pergunto a ela.

Ela assente com a cabeça.

Enfio minhas mãos na tigela e começo a sovar a massa na água.

— Vem, me ajuda aqui.

Kiara fica ao meu lado e mergulha as mãos, esmagando a massa molhada e pegajosa entre os dedos. Nossas mãos se tocam algumas vezes, e acho que uma vez eu acidentalmente confundi seu dedo com a massa.

Adiciono mais água e me afasto, olhando para ela.

— Qual consistência você quer? — pergunta ela, com as mãos ocupadas trabalhando a massa.

— Eu digo quando parar.

Não sei por que estou parado feito um idiota, encostado no balcão olhando para ela. Talvez seja porque essa garota nunca se queixa de coisa alguma. Ela não tem medo de escalar montanhas, consertar carros, desafiar idiotas como eu, ou sujar as mãos na cozinha. Existe alguma coisa que essa garota não possa ou não vá fazer?

Olho para a tigela. A massa parece sólida o suficiente.

— Acho que está bom. Agora, faça pequenas bolas e eu vou amassá-las com essa panela. Como tenho certeza de que vocês não têm uma prensa de tortilhas, vamos improvisar alguma coisa. Tenha cuidado se não quiser estragar essa sua camiseta ridícula.

Quando estou olhando os armários, procurando plástico-filme para proteger a panela e poder esmagar as bolas de massa em forma de tortilha,

sinto algo bater nas minhas costas. Olho para o chão e vejo uma das bolas de massa rolando para longe de mim.

Olho para Kiara. Na mão dela está outra bola, apontada para mim.

— Você não jogou isso em mim, jogou? — pergunto, com uma voz claramente divertida.

Ela pega mais uma bola de massa com a outra mão.

— Joguei. É um castigo por você dizer que a minha camiseta é ridícula. — Ela sorri, triunfante, e atira outra bola, mas desta vez eu a pego. No mesmo movimento alcanço a que caiu no chão, então fico segurando duas bolas.

— Castigo, é? — digo, jogando para cima a bola que peguei no ar e deixando-a cair de volta em minha mão. — Seu nome está escrito nela toda. A vingança é doce, *chica*.

— Sério? — pergunta ela.

— Sim. Sério.

— Você vai ter que me pegar primeiro. — Como uma criança, ela me mostra a língua e corre para o quintal. Dou a ela uma pequena vantagem, então pego toda a tigela de massa e vou atrás. Meu arsenal acaba de se multiplicar drasticamente. — Não estrague minhas bolas! — Ela ri quando as palavras deixam sua boca. Eu assisto, rindo, enquanto ela pega uma mesinha do pátio para usar como um escudo.

— Melhor as suas que as minhas, garota.

Lanço bolinhas de massa contra ela, uma por uma, até esvaziar a tigela.

Nossa guerra de massa continua até que todo o quintal esteja coberto de pequenas bolas.

Westford aparece, com um olhar confuso em seu rosto.

— Eu pensei que vocês estivessem fazendo o jantar.

— Nós estávamos — diz Kiara.

— Enquanto vocês dois estão brincando, nós estamos aqui morrendo de fome. Cadê o jantar?

Kiara e eu olhamos para o pai dela, depois nos entreolhamos. Sem dizer uma palavra, nós o cobrimos de bolas de massa, até que ele se junta à guerra. No final, a sra. W. e Brandon também se unem à batalha.

Fico tentado a chamar Alex e Brittany, porque não me importaria de acertar algumas nos dois. Talvez eu sugira para a sra. Berger ter guerras

dessas no REACH. Muito melhor do que terapia em grupo, não tem nem comparação.

capítulo 32

Kiara

— Vem passar a noite lá em casa — diz Madison a Carlos, diante do armário dele, na sexta-feira de manhã. — Meus pais ainda estão fora, então teremos a casa só pra nós o fim de semana inteiro.

Estou mexendo no meu armário e escuto o convite dela. Carlos deve ir comigo à Highlands, para ajudar na aula de pintura desta noite. Ele me vai me dispensar por ela?

— Não posso — responde Carlos.

— Por quê?

— Tenho planos pra hoje à noite.

Ela se afasta, chocada. Não acho que alguém já a tenha rejeitado.

— Com uma garota?

— É.

— Quem? — pergunta ela, suas palavras cortantes como uma faca.

Antes de eu saber o que está acontecendo, Carlos me puxa para seu lado.

— Com a Kiara.

Enquanto ainda estou em choque, Madison dá uma risada sarcástica.

— Isso é uma brincadeira, né?

— Na verdade… — eu começo, pronta para contrariá-lo, mas ele me aperta e quase corta a circulação do meu braço.

— Estamos saindo em segredo desde a semana passada. — Ele me dá um sorriso e me olha como se dissesse que eu sou o amor da vida dele. Aquele sorriso pode enganar Madison, mas sei que ele só está zoando.

— Não é verdade, K.?

Ele me aperta mais forte.

— Hum hum — respondo.

Madison balança a cabeça rápido, como se ela não conseguisse acreditar no que está ouvindo.

— Ninguém que esteja bom da cabeça escolhe Kiara Westford em vez de mim.

Ela está certa. Fomos pegos.

— Quer apostar? — Arregalo os olhos quando Carlos inclina sua cabeça em minha direção. — Me beija, *cariño*.

Beijar? No corredor, na frente de todo mundo? Eu nem consigo falar na frente de Madison, quanto mais beijar o cara por quem ela está interessada na sua frente.

— Eu-eu-eu n-n-não…

Tento dar alguma resposta, mas continuo gaguejando. Como se Carlos nem mesmo notasse que estou lutando com minhas palavras, ele passa o dedo por meu rosto, desenhando um caminho até meus lábios. É um gesto que um namorado faria em sua namorada, pela qual ele está louco e… e… e Carlos está de brincadeira. Sei disso. Ele sabe. Mas Madison não.

Posso sentir seu hálito quente em meu rosto e ouvir um quase agradecimento mudo, antes de ele inclinar a cabeça e colocar seus lábios sobre os meus. Fecho os olhos e tento ignorar o resto da escola e me concentrar em apenas saborear o momento. Mesmo que o beijo seja falso, ele não parece falso. Ele é excitante e doce. Eu sei que deveria afastá-lo, mas não consigo.

Me aproximo e envolvo seu pescoço com os braços. Ao mesmo tempo, ele me puxa mais para si e, sem aviso, provoca meus lábios, que se entreabrem para saborearem ainda mais o beijo. Não sei onde ele aprendeu a beijar assim, mas é difícil não gemer em sua boca e não sentir que alguma coisa, no fundo do meu corpo, despertou quando nossas línguas se tocaram.

Quando Carlos se afasta e tira meus braços de seu pescoço, ele suspira.

— Ela foi embora.

— O-o-o que foi i-i-isso tudo? — pergunto.

Ele olha em volta para se certificar de que não há ninguém nos ouvindo.

— Preciso que você seja minha namorada. É isso.

Quando não respondo, ele me pega pelo cotovelo e me puxa pelo corredor, até chegarmos ao laboratório de informática. Está vazio, com exceção dos trinta computadores enfileirados.

O cara está me confundindo, e não ajuda em nada o fato de que meus lábios ainda estejam formigando, um efeito de seu beijo sensual. Eu me recomponho e penso nas palavras antes de dizê-las. Não vou gaguejar.

— E a Madison? Vocês transaram na cama dos pais dela.

— Eu não transei com ela, Kiara. Foi uma fofoca que ela começou, não eu. Eu a conhecia havia cinco dias, antes de ir para aquela festa estúpida

dela. Me dá um pouco de crédito.

— Por que eu deveria? Você está sempre fa-fa-falando besteira. — Dou as costas para ele e começo a andar rumo à porta de saída do laboratório. Acho que estou enlouquecendo, porque ele me fez sentir que foi um beijo real, quando, na verdade, me beijou como parte de um teatro para dispensar Madison.

— Tudo bem, eu admito. Falo besteira. Mas não transei com ela, e a única razão pra ela estar atrás de mim, pra começar, é porque quer provocar ciúmes no Ram. Preciso que ela saia do meu pé, então você vai fingir que somos um casal ou o quê? — Ele enfia as mãos nos bolsos. — Me dá seu preço.

— Por que eu?

— Porque você é muito esperta pra cair na minha lábia e eu não quero uma namorada de verdade. Namorei uma vez e foi um completo desastre. Vamos, diga o seu preço.

Eu não me importo com o que visto no dia a dia, mas, apenas uma vez, eu gostaria de ir a um baile da escola com um garoto, em um encontro de verdade. É meu último ano na Flatiron, e eu posso não ter outra chance.

— Vá ao baile de boas-vindas comigo.

— Eu não vou a bailes. — Ele balança a cabeça. — Um baile da escola está fora de cogitação. E nem pense em me fazer ir ao baile de formatura.

— Então pode esquecer.

Vou em direção à porta, mas ele agarra meu cotovelo e me vira para olhar para ele.

— Eu não conheço mais ninguém aqui que possa me ajudar.

— Ou você vem ao baile de boas-vindas comigo ou nada feito — digo a ele, com firmeza.

Carlos range os dentes.

— Tudo bem. Que seja. Mas você vai ter que ir de vestido… e de sapatos de salto. E não estou falando daqueles de velha.

— Não tenho sapatos de salto.

— Então compre um par. — Ele estende a mão. — Fechado?

Demoro um segundo para pensar sobre isso, e então aperto sua mão.

— Fechado.

Tento esconder meu entusiasmo, mas é mais forte do que eu. Abro bem os meus braços e o abraço apertado. Acho que ele fica surpreso, mas não me

importo. Vou ao baile de boas-vindas! E não com qualquer garoto… Com Carlos, um cara que pode ser apenas o namorado falso perfeito. Agora, se eu conseguisse cortar a parte do falso…

Pego Carlos no prédio do REACH às cinco da tarde e o levo até a Highlands. O grupo inteiro está esperando por nós com seus cavaletes, ansioso para começar a desenhar.

Levo Carlos até Betty Friedman, uma das administradoras que agenda as aulas.

— Betty, este é o Carlos — digo, apresentando-os. — Ele vai me ajudar hoje.

Betty olha de sua mesa.

— Obrigada, Carlos. Fico feliz por você estar aqui. Todos estão entusiasmados por ter modelos vivos. Um dos nossos artistas residentes está aqui pra supervisionar e ajudá-los hoje.

Nós a seguimos até a entrada da sala de recreação, onde um cara com uma blusa preta de gola alta, uma calça apertada da mesma cor combinando, está colocando diferentes cores de tinta em potes.

— Aqui estão seus modelos — diz Betty a ele. — Kiara e Carlos, este é o Antoine Soleil.

— Eu trouxe fantasias — digo a Antoine, enquanto pego uma camisa xadrez vermelha e um cinto de *caubói* para Carlos e uma roupa de vaqueira para mim. Peguei as fantasias emprestadas do departamento de teatro da escola.

Carlos dá uma olhada em sua fantasia e dá dois passos para trás.

— Você nunca me disse nada sobre fantasias.

— Não disse?

— Não.

— Desculpa — digo a ele. — Vamos usar fantasias.

Betty aponta para uma sala ao lado.

— Vocês podem se vestir na sala de conferências, se quiserem. Ou esperar até que um de nossos banheiros de hóspedes esteja disponível, apesar de que acabei de ver a sra. Heller entrar, e pode levar algum tempo até ela sair.

Carlos pega a camisa e o cinto e, então, vai até a sala de conferências. Eu o sigo, com minha fantasia de vaqueira.

— Me lembre por que eu concordei em fazer isso.

— Porque você quis fazer uma coisa legal pra mim — respondo, nos trancando na sala, para que ninguém entre por acidente.

— Certo. — Ele tira sua camiseta por cima da cabeça, deixando à mostra um abdômen duro como rocha, do qual qualquer garoto teria inveja e qualquer garota gostaria de passar a mão. — Da próxima vez que eu quiser fazer alguma coisa legal, bata em mim. — Ele olha para mim e o canto da sua boca se curva para cima. — Eu estava brincando.

— Imaginei. — Passo meu vestido jeans com detalhes em renda, típico de uma vaqueira, pela minha cabeça, feliz por ter uma mesa me cobrindo um pouco. Quando ele se assenta no corpo, tiro minha camiseta e então a calça. Uau. Este vestido é curto. Bem, bem curto. Olho para minhas pernas nuas. Tento puxar o vestido para baixo, mas a renda tem tantas camadas e babados que fica parecendo uma pétala.

— Por favor, não me diga que eu tenho mesmo que usar esse cinto ridículo — diz Carlos do outro lado da sala, segurando um cinto com uma fivela prateada imensa.

— Finja que você é um campeão de rodeio — sugiro.

— Estou mais pra campeão de luta pelo tamanho dessa coisa. O que você está vestindo? É bom que você esteja tão ridícula quanto eu.

Olho para meu vestido curto e cheio de babados, com um colete jeans falso costurado na frente.

— O meu é pior.

— Sai de trás da mesa e me mostra.

— Não.

— Qual é. Somos um casal agora, não somos?

— Somos um casal *de mentira*, Carlos.

Ele senta na beirada da mesa de conferência.

— Bom, estive pensando… imaginei que, contanto que a gente saiba que isso não vai dar em nada, a gente poderia, sabe, sair.

— O que significa "sair"? — pergunto.

— Você sabe, passar mais tempo juntos. Você me faz rir, Kiara, e neste momento, eu preciso de alguma diversão na minha vida. — Ele dá a volta

até chegar ao meu lado da mesa, olha para minha roupa e assobia, aprovando.

— Belas pernas. Você deveria mostrá-las com mais frequência.

Dou de ombros.

— Vou pensar sobre isso.

— Sobre mostrar mais suas pernas ou sair comigo?

— Sobre as duas coisas. — Ainda que a ideia de estar com Carlos seja empolgante, preciso proteger meu coração, evitar que seja partido. Sair com ele significa ter que manter uma muralha emocional muito bem erguida, para que não fiquemos tão envolvidos. Não sei se a minha é tão forte assim.

Na sala de recreação, apresento Carlos a Sylvia, Mildred, ao sr. Whittaker e aos outros. Sylvia agarra minha manga.

— Ele é bonitão.

— Eu sei. O problema é que ele também sabe disso.

Mildred acena para Carlos se aproximar.

— Deixa eu dar uma olhada em você. — Ela o olha de cima a baixo. — Eu vi quando você entrou. E todas essas tatuagens? Faz você parecer um encrenqueiro.

— Suspeito que eu seja um encrenqueiro — diz Carlos a ela. — O que quer que isso signifique.

— Isso *significa* que você é problema — diz Mildred, apontando seu pincel para ele. — Nada além de problema. Meu marido era um encrenqueiro. As confusões o seguiam pra onde quer que ele fosse. Ele costumava sair por aí com a sua moto, como se fosse o James Dean.

— O que aconteceu com ele? — pergunta Carlos a ela.

— O velho morreu em um acidente de carro, há dez anos. — Ela dá um tapinha no rosto de Carlos. — Você se parece um pouco com ele. Chegue mais perto.

Quando ele se aproxima, ela fecha os olhos e toca seu rosto, quase o desenhando com seus dedos. Carlos está parado, deixando-a fantasiar sobre uma volta a tempos mais felizes e fingir, por um momento, que ela está tocando o rosto de seu marido no lugar do dele. Mildred suspira e abre os olhos.

— Obrigada — murmura, com lágrimas nos olhos.

Carlos assente em silêncio, entendendo o presente que acabou de lhe dar. Eu só estou aqui, admirada com ele. Por fora, Carlos é um idiota durão

que não deixa ninguém se aproximar dele. Mas quando consigo vislumbrar sua afeição e compaixão escondidas, sinto que minha muralha começa a desmoronar.

— Certo, vamos começar a aula — diz Antoine.

Antoine arrumou um pequeno palco na frente da sala.

— Vocês dois — diz, apontando para nós. — Fiquem aqui e posem.

Carlos chega ao palco primeiro, depois pega minha mão e me ajuda a subir.

— O que fazemos agora? — pergunta ele.

— Devemos fazer uma pose — respondo em voz baixa.

— Como?

Antoine bate com a mão no palco, chamando a nossa atenção.

— Eu direi como. Kiara, segure os ombros dele. Carlos, abrace-a pela cintura.

Seguimos suas instruções.

— Assim? — pergunto, tentando ignorar o que sinto com as mãos de Carlos me segurando desse jeito.

— Parece que vocês têm medo de chegar perto um do outro — responde Antoine. — Você está muito dura, Kiara, incline-se na direção de Carlos, com a parte superior do seu corpo. Sim, desse jeito. Agora, dobre um joelho… Carlos, certifique-se de que você aguenta o peso dela, ou ela vai cair… Kiara, olhe pra ele como se você estivesse apaixonada, esperando aquele beijo prometido… e Carlos, olhe pra ela como se a Kiara fosse a mulher que você esteve esperando por toda a sua vida. Perfeito! — diz ele. — Agora não se mexam pela próxima meia hora.

Ele se vira para os residentes da Highlands e fala sobre silhuetas e formas humanas… mas tudo o que consigo fazer é me perder nos olhos de Carlos.

— Você foi ótimo com os residentes — digo a ele. — Fico feliz que você esteja aqui.

— E eu fico feliz por você estar usando esse vestido.

Durante a próxima meia hora, enquanto tentamos não nos mexer, mergulho nos olhos escuros de Carlos e ele olha dentro dos meus. Mesmo que meu corpo esteja começando a enrijecer, me sinto segura e feliz. Não posso fazer mais nada além de dizer:

— Tomei uma decisão.

— Sobre o quê?

— Nós. Gostaria que a gente saísse mais.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Sério?

— Sim.

— Um aperto de mão pra selar o acordo?

— Minhas mãos estão meio ocupadas no momento — respondo. Ele sorri, aquele sorriso arrogante que faz tanto parte dele.

— Suas mãos podem estar ocupadas, mas seus lábios não estão.

capítulo 33

Carlos

Na maioria das manhãs, sou acordado pela voz de Brandon cantando uma de suas costumeiras canções, que acaba grudada na minha cabeça pelo resto do dia:

— *Bom dia pra você, bom dia pra você. Estamos todos despertos, acordados e espertos. Venha e sorria, ver o novo dia!*

Isso pode deixar qualquer um louco.

Mas não, hoje não é o irmãozinho de Kiara que me acorda. É a voz de Tuck berrando no corredor.

— *La cucaracha, la cucaracha, ya no puede caminar, porque no tiene, porque le falta,* não sei o resto lá lá lááááá!

E ao contrário de Brandon, que não tem intenção de me irritar, a razão de viver de Tuck pode ser muito bem me deixar puto da vida.

— Você nunca cala a boca? — grito, esperando que ele possa me ouvir do corredor.

— Oi, *muchacho* — diz Tuck, abrindo a porta. — Levante e brilhe!

Levanto a cabeça.

— Não tranquei a porta pra manter pessoas como você do lado de fora?

Ele balança um clipe retorcido entre os dedos.

— Sim. Sorte a minha que eu sei usar o abridor de portas mágico.

— Cai fora.

— Eu preciso da sua ajuda, *muchacho*.

— Não. Cai fora.

— Você me odeia tanto porque a Kiara gosta mais de mim que de você?

— Não por muito tempo. Dá o fora, porra. Agora — digo a ele. Mas o cara não se mexe.

— Tá bom, mas sério, não sei se é verdade ou não, mas ouvi dizer que pessoas que falam muitos palavrões estão tentando compensar sua falta de, você sabe, *tamanho*.

Eu jogo o cobertor no chão, pulo da cama e vou atrás dele, mas ele desapareceu.

A porta de Kiara está misteriosamente entreaberta.

— Onde ele está? — pergunto a ela.

— Hmm… — diz ela.

Procuro pelo quarto, então abro a porta de seu armário. E claro, Tuck está lá dentro.

— Eu só estava brincando. Você não aguenta uma piada, cara? — diz ele.

— Não às sete da manhã.

Ele dá uma risada.

— Vá se vestir, pra não assustar a pobre Kiara com a sua ereção matinal.

Olho para o meu short e, com certeza, *la tengo dura* na frente de Kiara e Tuck. Merda. Eu pego a primeira coisa que encontro e coloco na minha frente, para tampar a visão. Acontece de ser um dos bichinhos de pelúcia de Kiara, mas não tenho muita escolha no momento.

— Esse é o Molejo da Kiara — diz Tuck, rindo. — Entendeu? Molejo?

Sem dizer uma palavra, volto para meu quarto e jogo Molejo no chão. Conhecendo Kiara, ela provavelmente me fará comprar um novo.

Sento na minha cama. Como vou me aproximar de Kiara com Tuck por perto? Na verdade, por que mesmo eu quero me aproximar dela? Gosto de beijá-la, mas é só. Uma batida na minha porta interrompe meus pensamentos.

— O que você quer? — pergunto, com as palavras saindo como um grunhido.

— É a Kiara.

— … e o Tuck — diz outra voz.

Abro a porta.

— Ele quer se desculpar — diz Kiara.

— Sinto muito por ter aberto sua porta sem permissão — diz Tuck, como se fosse uma criança pequena enviada pela mãe para se desculpar. — Eu prometo não fazer mais isso, nunca mais. Por favor, me perdoe.

— Tudo bem — digo, e começo a fechar a porta, mas Kiara coloca a mão sobre ela.

— Espera. O Tuck realmente precisa da sua ajuda, Carlos.

— Com o quê?

— Minha equipe de *Ultimate Frisbee* está só com seis jogadores, e precisamos de sete. Três caras estão doentes e outros dois se machucaram

nas quartas de final e não podem jogar. A Kiara acha que você talvez dê conta.

Talvez dê conta?

— Por que *você* não joga? — pergunto a Kiara. — Você é atlética.

— Não é uma equipe mista — ela me diz. — É um time masculino.

Tuck coloca suas mãos juntas, em posição de oração, e pressinto alguma bobagem por vir.

— Por favor, *muchacho*. Nós precisamos de você, Kimosabe, ó magnífico e poderoso. Nossa necessidade é mais certa do que o dia nascer no oeste.

— O Sol nasce no leste, imbecil.

— Só se você estiver na Terra. Se você estiver na Lua, o dia nasce no oeste. — Ele respira fundo. — Tudo bem, chega de implorar. Você está dentro ou não? O jogo começa em menos de meia hora e preciso saber se vamos ter que desistir ou não. Infelizmente, você provavelmente é a nossa única esperança.

Olho para Kiara.

— O Tuck realmente precisa da sua ajuda — diz ela. — Eu vou assistir.

— Tudo bem, eu vou. Vou fazer isso por você — digo a ela.

— Espera aí… Do que ele está falando? Como assim, ele vai *fazer isso por você*? — Tuck olha de mim para Kiara, mas nenhum de nós diz uma palavra. — Alguém vai me dizer o que está acontecendo aqui?

— Não. Me deem cinco minutos — digo a eles.

A caminho do jogo, Kiara insiste para eu ligar para meu irmão e dizer para ele ir assistir.

— Liga de uma vez — diz ela. — Ou eu mesma vou ligar.

— Talvez eu não o queira lá.

Ela pega o celular.

— Ou talvez você queira muito que ele vá, mas é teimoso demais pra admitir isso. Duvido que você tenha coragem de ligar…

Saco, por que ela foi dizer isso?

Pego o celular da mão dela e ligo para meu irmão. Eu conto do jogo e, sem hesitar, ele diz que estará lá.

Depois que desligo e devolvo o aparelho para Kiara, Tuck repassa as regras comigo. Eu me concentro nas mais importantes: quando pego o frisbee, tenho que parar e lançá-lo para outro jogador em, no máximo, dez segundos.

— Não é um esporte de contato, Carlos — repete Tuck pela, deixa eu ver, décima vez. — Então, se você tiver vontade de socar, empurrar ou bater em alguém, deixe pra depois do jogo.

No campo, Tuck me apresenta à equipe. Um pensamento fica passando pela minha cabeça: *se eu ajudar a equipe de Tuck a vencer, Kiara vai achar que sou um herói?*

Estou me aquecendo com os outros caras, nos últimos minutos antes do jogo. Apesar de não jogar frisbee há alguns anos, não tenho problemas para fazê-lo flutuar no ar até meu companheiro de equipe.

Um dos jogadores do meu time passa correndo ao meu lado, pisca para mim e dá uma palmada na minha bunda.

Que merda é essa, algum tipo de ritual de *Ultimate Frisbee*? Eu não participo de rituais que envolvam a mão de um cara na minha bunda.

Eu vou até Tuck, que está se alongando à beira do campo.

— Eu estou delirando, ou aquele cara estava dando em cima de mim?

— O nome dele é Larry. Não me pergunte o motivo, mas ele te acha gostoso. Não parou de babar desde que chegamos. Só não dê bola.

— Não se preocupe.

— Aqui. — Tuck enfia a mão em sua bolsa e me dá uma camiseta. — É o uniforme do time.

Eu a seguro na minha frente.

— É rosa.

— Você tem algo contra o rosa?

— Sim. É gay.

Tuck estala os lábios.

— Hmm, sim. Carlos, agora provavelmente é um bom momento pra eu te contar uma coisa. Você provavelmente não vai gostar.

Enquanto Tuck fala, eu examino detidamente meus colegas de equipe. Dennis, um cara que realmente parece afeminado. O cara que me deu a palmada na bunda, que agora está me olhando e mordendo o lábio inferior, como se quisesse ficar comigo. As camisetas cor-de-rosa…

— Este é um time de gays, não é?

— Como você adivinhou? As camisetas cor-de-rosa, ou o fato de metade da equipe estar babando por você?

Enfio a camiseta de volta nas mãos dele.

— Não vou fazer isso.

— Calma, Carlos. Jogar em uma equipe com gays não faz de você gay. Não seja homofóbico. Isso é tão pouco politicamente correto.

— Olha a minha cara de quem alguma vez se importou em ser politicamente correto.

— Pense em todos os fãs que você irá decepcionar. Kiara… seu irmão.

Não sei se meu irmão está gargalhando ou se contorcendo: tudo o que sei é que ele está me fazendo sinal de positivo das arquibancadas. De repente Brittany também apareceu. Kiara e ela estão sentadas juntas, absortas em alguma conversa.

Sei que não deveria perguntar isso, mas não posso resistir.

— Qual o nome do nosso time?

— Viados do Ultimate — diz Tuck, e dá uma gargalhada.

Eu, por outro lado, não estou rindo.

— O que foi, você não gosta do nome do nosso time? Você agora é um de nós, Carlos.

Ainda não estou rindo.

Ele pega um lançamento de treino de um dos outros caras e atira o frisbee de volta.

— Ah, e só pra você saber, antes de entrarmos em campo, nos juntamos em um círculo e gritamos "Vai, Viados!", bem alto.

É isso.

— Estou indo embora.

Começo a andar para fora do campo. Se alguém lá de casa visse isso, iam rir de mim de Atencingo até Acapulco, e de volta.

— Só estou brincando, cara — grita Tuck para mim.

Eu paro.

— Nosso nome não é Viados do Ultimate — diz ele, erguendo as mãos em um gesto de rendição. — O.k., o.k, na verdade também não gritamos "Vai, Viados", embora Joe, aquele do cabelo espetado, tenha sugerido o grito no começo da temporada. O nome da nossa equipe é The Ultimates. Não conseguimos encontrar um nome legal, então Larry sugeriu The Ultimates e é quem somos desde então. Feliz agora?

Balanço a cabeça e pego a camiseta de volta.

— Você me deve uma — digo, enquanto tiro minha camiseta pela cabeça e visto a rosa.

— Eu sei. Peça o que quiser, *muchacho*.

— Vou pedir. Mais tarde — digo, olhando para Kiara nas arquibancadas. — A Kiara já teve algum namorado?

Ele dá batidas com o dedo indicador no queixo.

— Ela te contou sobre o Michael?

— Quem é Michael? — pergunto.

— O cara que a Kiara namorou durante o verão.

Ela nunca mencionou ele.

— Foi sério?

Tuck abre um sorriso largo.

— Ora, ora, não é que estamos curiosos?

— Responda à pergunta.

— Ele disse que a amava, depois terminou com ela por mensagem de texto.

— Que canalha.

— Exato.

Tuck aponta para o outro lado do campo, onde a equipe adversária está se aquecendo.

— Ele é o cara alto pegando a garrafa de água ali, com o sobrenome "Barra" escrito na camiseta.

— O cara com a bandana verde?

— Sim, aquele mesmo — diz Tuck. — Michael Barra, o babaca da mensagem de texto.

— Ele é careca?

— Não, o Barra protege seu precioso cabelo pra não ficar bagunçado quando ele joga. — Tuck coloca sua mão no meu peito para chamar minha atenção. — Mas se lembre do que eu disse no carro a caminho daqui, quando expliquei as regras. Este é um esporte *sem contato*, Carlos. Somos penalizados por agressividade desnecessária.

— Aham. — Do outro lado do campo, vejo o ex de Kiara jogar sua garrafa de água em direção à linha lateral depois de dar um gole, sem se importar de quase atingir o cachorro de um dos espectadores. Eu já odeio esse cara, e nem o conheço.

Quando o jogo começa, Dennis gira o braço para trás e lança o disco pelo campo para os adversários. O jogo está indo bem, até que um dos caras da outra equipe resmunga algo como "bicha" quando intercepto seu

lançamento. O sangue ferve em minhas veias, do mesmo jeito que acontece quando me chamam de “mexicano sujo”.

Sou competitivo, duro, e estou pronto para acabar com alguns Ultimates.

Será que agora é um bom momento para avisar Tuck que ele deve esperar alguma agressividade bastante necessária por parte de um mexicano muito pilhado?

capítulo 34

Kiara

É estranho ver Michael de novo. Eu sabia que ele estaria aqui, mas não sabia como me sentiria ao vê-lo depois de nosso término. Pensei que sentiria ao menos um pequeno tremor ou me lembraria do motivo de ter começado a sair com ele, mas olhei para ele e não senti coisa alguma. Com certeza, superei o que aconteceu entre nós. O problema é que a pessoa pela qual estou me apaixonando séria e perdidamente só quer sair, sem compromisso. Não quero só sair com Carlos. Vou continuar fingindo que as coisas entre nós são temporárias e casuais, mas cada vez que estamos juntos, parece muito real para ser temporário e casual.

Eu me pego sonhando acordada com ele quando acordo, na escola, quando alguma coisa me faz lembrar dele e quando vou dormir. Mesmo quando Michael e eu estávamos juntos, o simples fato de pensar nele não fazia meu dia melhor, como pensar em Carlos faz.

Ainda que ele se esforce para agir como um imbecil, todos os dias conheço um pouco mais do verdadeiro Carlos. Quando Carlos está jogando com meu irmão, vejo um lado sensível dele que ele não mostra para o resto do mundo. Quando ele está se divertindo comigo, seu lado brincalhão aparece. Quando ele me beija, sinto sua necessidade desesperada de afeição. Quando está fazendo pratos mexicanos ou colocando palavras em espanhol no meio de sua fala em inglês, a lealdade à sua herança e cultura brilham como um raio de luz.

Conheço os melhores lados de Carlos e sei por que me sinto atraída por ele como nunca me senti em relação a ninguém. Mas ele não tem me mostrado seu lado sombrio, o lado que o faz ficar nervoso, ciumento e derrotado. E eu sei que essa é a parte dele que não o deixa se envolver emocionalmente.

Assisto enquanto os times se arrumam em suas áreas e o time de Tuck arremessa o disco. Michael é o primeiro a correr e pegá-lo, e então, com rapidez, o aponta para jogar para outro jogador de seu time. O problema é

que Carlos está lá para interceptar o disco quase que no mesmo instante em que ele deixa as mãos de Michael.

Nos dois primeiros minutos do jogo, os The Ultimates marcam pontos. Tuck faz um "*high five*" com Carlos. Tenho que admitir que é melhor vê-los celebrando do que discutindo.

— O Carlos é muito bom — diz Brittany para mim e Alex.

— Ele é um Fuentes, é claro que é bom — diz Alex com orgulho.

Eu também sabia que Carlos era bom, porque ele não concordaria em jogar se não pensasse que poderia jogar bem.

Na próxima vez em que Carlos apanha o disco, Michael se aproxima dele e diz alguma coisa. Não tenho ideia do que eles estão falando, mas ambos parecem prontos para brigar. De fato, assim que Carlos arremessa o disco para outro cara de sua equipe, ele empurra Michael, que cai de bunda.

— Falta — grita alguém da equipe de Michael.

— Falta o caramba — rebate Carlos. — Ele estava em cima de mim.

— Eu o ouvi provocar nosso jogador — diz Tuck e então aponta para Michael. — Esse cara deveria responder por provocação.

Michael se levanta e aponta para Carlos.

— Você está em cima de mim desde que o jogo começou!

— Estamos jogando um a um — diz Tuck. — Ele está te marcando.

— Ele me *empurrou*. Você viu. Todo mundo viu. Ele deveria ser expulso!

Se Carlos for expulso, o jogo termina, porque os The Ultimates teriam que desistir. Carlos olha para mim e meu coração dá uma cambalhota. Ele não está jogando porque Tuck pediu, está fazendo isso por mim… e eu tenho a forte suspeita de que estava sendo agressivo com Michael por minha causa.

Felizmente, o confronto termina antes que saia de controle e eles recomeçam o jogo. Eu assisto pela próxima hora às duas equipes batalharem. No fim, os The Ultimates vencem por 13 a 9.

Quando desço das arquibancadas, Michael está vindo em minha direção. Ele parece o mesmo, apenas mais suado do que de costume. Sem sua bandana, seu cabelo castanho claro está perfeitamente penteado para o lado. Eu costumava ficar encantada com o fato de seu cabelo nunca estar desarrumado, mas agora isso só me irrita.

Michael limpa o suor de seu rosto com uma toalha.

— Eu não sabia se você viria ao jogo ou não.

— O Tuck estava jogando — digo, como se isso explicasse tudo. — E o Carlos.

Ele franze a testa.

— Quem é Carlos? Aquele cara gay com quem eu quase briguei?

— Sim. Só que ele não é gay.

— Não me diga que você está *envolvida* com ele.

— *Envolvida* não é bem a palavra que eu usaria. Nós estamos…

Carlos aparece de repente diante de nós. Ele está sem camisa quando passa entre a gente, deixando marcas de suor no braço de Michael, que olha para sua camiseta com nojo e depois se limpa com sua toalha. Como se já não tivesse feito uma cena e tanto, Carlos para ao meu lado e passa o braço por sobre meus ombros.

— Nós estamos… saindo — digo a Michael.

Michael ignora por completo o fato de Carlos estar parado ao meu lado e pergunta.

— O que isso significa?

— Isso significa que ela se mantém ocupada com um latino gostoso todas as noites, cara — interrompe Carlos, que me puxa para si e se inclina para me beijar.

Em vez de beijá-lo, eu tiro seu braço de cima de mim e me afasto. Ele fez nosso relacionamento soar como se eu fosse alguém com quem ele só transa, como amigos com benefícios… talvez até mesmo sem a parte do "amigos".

— Para com isso — digo a ele.

— Com o quê?

— De atuar. Aja normalmente — digo a ele, tentando fingir para Michael enquanto escondo minha mágoa de Carlos.

— Normalmente? Não sou *normal* o bastante pra você? — pergunta Carlos. — Você quer esse cara em vez de mim? Você percebeu que o cabelo dele não se mexe? Isso *não é* normal. Se você quer namorar com ele de novo, vá em frente. Que merda, se você quiser casar com ele e ser Kiara Barra pelo resto da sua vida, por mim tudo bem.

— Não é isso que eu…

— Não quero ouvir. *Hasta* — diz Carlos, me ignorando e indo embora.

Sinto meu rosto queimar de vergonha quando olho de novo para Michael.

— Desculpa, o Carlos pode ser rude às vezes.

— Não se desculpe. O cara obviamente tem problemas, e, só pra deixar

claro, meu cabelo se mexe… quando eu quero. Olha — diz ele, mudando de assunto —, minha equipe está indo almoçar no Old Chicago, no Pearl Street Mall. Vem comigo, Kiara. A gente precisa conversar.

— Não posso. — Olho de volta para Tuck, Brittany, e Alex. — Vim com outras pessoas…

Michael acena para seus colegas de equipe.

— Preciso ir. Se você mudar de ideia sobre o almoço, sabe onde me encontrar.

Encontro Brittany e Alex conversando com Tuck perto do meu carro. Carlos não está à vista.

— Você está bem? — pergunta Brittany.

Assinto.

— Sim.

— Desculpa por me intrometer — diz Brittany —, mas vi o Carlos com o braço ao seu redor. Ele parecia bem nervoso quando saiu e não o vimos desde então. Você e ele estão…

— Não. Não estamos.

— Eles estão fingindo que namoram, só que a Kiara não está fingindo — diz Tuck para eles.

— Vou atrás dele — diz Alex, balançando a cabeça frustrado. — Vou colocá-lo na linha.

— Não, não faça isso — digo em pânico. — Por favor.

— Por que não? Ele não pode ficar por aí fingindo que namora garotas e tratá-las como…

— Alex — interrompe Brittany —, deixe a Kiara e o Carlos se entenderem sozinhos.

— Mas ele está sendo idiot… — Ele para a frase no meio, quando Brittany aperta sua mão.

— Eles vão se resolver — diz Brittany, tranquilizando-o, então sorri. — Não interfira ainda.

— Por que você é tão racional? — ele pergunta a ela.

— Porque meu namorado tem a cabeça quente e está sempre pronto pra uma briga — responde ela, então se vira para mim e para Tuck. — Essas características correm pela árvore genealógica dos Fuentes. Vai dar tudo certo no fim, Kiara — assegura ela.

Só não sei se meu coração estará em pedaços antes que isso aconteça.

capítulo 35

Carlos

— Carlos, você pode me dar uma ajuda com o carro da minha esposa? — pergunta Westford à tarde.

Estou bebendo uma xícara dos chás especiais da sra. W. no pátio.

— Claro — respondo. — Qual é o problema?

— Você pode me ajudar a trocar o óleo? Também quero ver se o silenciador está preso direito. A Colleen disse que o motor está fazendo um barulho estranho.

Logo estou ajudando o professor a levantar o carro e estabilizá-lo sobre alguns tijolos que ele empilhou na garagem. Nós dois deslizamos sob o carro enquanto o óleo drena para um pequeno balde.

— Você se divertiu no jogo esta manhã? — pergunta o professor.

— Sim, só não sabia que ia jogar em um time gay.

— Fez diferença?

No início, sim. Mas, no fim, éramos apenas um grupo de caras jogando em uma equipe.

— Não. Você sabia que o Tuck é gay?

— Ele deixou isso claro quando veio morar com a gente por um tempo, alguns anos atrás. Os pais dele estavam passando por um divórcio complicado e ele precisava de um lugar pra ficar — diz ele, abaixando a lanterna e olhando para mim. — Mais ou menos como você precisava de um lugar pra ficar.

— Falando nisso, você pode se arrepender quando eu te falar que a Kiara e eu estamos passando bastante tempo juntos.

— Isso é bom. Por que isso faria eu me arrepender de deixar você ficar aqui?

Eu preferia que não estivéssemos debaixo de um carro quando digo isso.

— E se eu disser que a beijei?

— Ah — diz ele. — Entendo.

Será que ele quer me amarrar sob o carro e deixá-lo cair sobre mim, para minhas entranhas se espalharem pela garagem? Ou me fazer beber óleo de

motor sujo até eu prometer manter minhas patas mexicanas longe de sua filha?

— Você provavelmente descobriria mais cedo ou mais tarde por outra pessoa — digo a ele.

— Aprecio sua honestidade, Carlos. Isso mostra integridade, e estou orgulhoso de você. Não deve ter sido fácil pra você me contar.

— Então, você vai me expulsar da sua casa, ou o quê? — pergunto. Preciso saber se vou dormir na rua esta noite.

Westford balança a cabeça.

— Não, não vou te expulsar. Vocês têm idade suficiente pra serem responsáveis. Eu também já fui adolescente e não sou ingênuo a ponto de achar que os garotos de hoje são muito diferentes do que eu era. Mas é melhor você nunca magoar a Kiara ou forçá-la a fazer qualquer coisa que ela não queira, porque aí não vou apenas te expulsar de casa, eu vou arrancar cada membro do seu corpo. Entendeu?

— Entendi.

— Ótimo. Agora pegue esta lanterna e dê uma olhada no radiador, pra ver se ele precisa ser nivelado.

Pego a lanterna, mas antes de sair de debaixo do carro, digo:

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por não me tratar como um marginal.

Ele sorri.

— Não tem de quê.

Depois de ajudar Westford com o carro, ligo para *mamá* e Luis. Conto sobre o jogo de Ultimate Frisbee, sobre Kiara, sobre os Westford e sobre todo o resto. É bom falar com *mi familia*. Quando digo a eles que não abandonei a escola, percebo que tenho uma torcida organizada na família. Eu não me sinto assim há muito tempo. É claro que deixo de lado a parte sobre Devlin, porque não tem por que deixar *mi'amá* estressada com esse detalhe.

Após a ligação, vou até a cozinha, mas não há nenhum sinal de qualquer dos Westford.

— Estamos na sala — grita a sra. W. para mim. — Vem ficar com a gente.

Toda a família Westford está sentada na frente da televisão, na saleta

lateral. O professor e sua esposa estão sentados em poltronas separadas, e Kiara e Brandon compartilham o sofá.

Há fatias de lasanha sobre a mesa de centro.

— Pegue um prato, um pedaço de lasanha e um lugar pra você — instrui Westford.

— É a Noite de Diversão em Família! — grita Brandon, pulando para cima e para baixo no sofá.

— Noite de Diversão em Família? — pergunto. — O que é isso?

A sra. W. me dá um prato.

— É uma noite em que escolhemos uma atividade e fazemos juntos, como uma família. É algo que fazemos uma vez por mês.

— Vocês estão me zoando, né? — digo. Mas olhando em volta, percebo que eles não estão brincando. Eles realmente têm uma Noite de Diversão em Família e eles realmente querem ficar juntos numa noite de sábado.

Quando olho para Kiara, penso que não seria tão ruim passar a noite vendo televisão com ela. Encho meu prato com comida e vou para o sofá.

— Vai pra lá, *perro*.

Brandon se move, sentando entre mim e Kiara.

Depois que terminamos de jantar, ajudo a levar os pratos sujos para a cozinha, enquanto Kiara faz pipoca.

— Você não precisa participar dessas coisas de família, se não quiser — diz Kiara.

Dou de ombros.

— Eu não queria mesmo sair — digo, jogando uma pipoca no ar e pegando com a boca.

Volto para a sala pensando mais em Kiara do que em qualquer outra coisa. Mesmo durante o desenho animado que Brandon escolheu, fico olhando para ela de vez em quando.

— Bran, hora de dormir — diz a sra. W. quando o desenho termina.

— Quero ficar acordado — reclama ele, agarrando o braço de Kiara.

— De jeito nenhum. Você tem ido para a cama muito tarde nesses últimos dias — diz a sra. Westford. — Agora, dê um abraço de boa noite na sua irmã e no Carlos e venha comigo.

Brandon fica em pé no sofá e se joga nos braços de Kiara. Ela o abraça forte e beija sua bochecha.

— Amo você mais do que você me ama — diz ele.

— Não é possível — responde ela.

Ele se solta dos braços dela e pula até mim pelo sofá. Aí abre os braços e se pendura em meu pescoço.

— Amo você, *hermano*.

— Você fala *español, perro?*

— Sim. Aprendi na aula esta semana. *Hermano* é irmão.

Dou um tapinha em suas costas.

— Você é meu pequeno aspirante a mexicano, não é?

— O que é um aspirante?

— Ele explica isso amanhã. Hora de dormir, Bran — diz a sra. W. — Agora. Sem enrolação.

— Vocês escolhem o próximo filme — diz Westford, jogando o controle remoto em nossa direção. — Eu vou fazer mais pipoca. Bran, vou lá em cima te dar boa noite depois que você colocar o pijama e escovar os dentes.

A sra. W. leva Brandon para o andar de cima e o professor sai com as tigelas vazias de pipoca. Estou sozinho com Kiara. Finalmente.

Sento com um braço sobre o encosto do sofá e o outro apoiado no joelho. Estou muito consciente da presença dessa garota ao meu lado. Ela se levanta e vai até uma estante com fileiras e fileiras de filmes — fica claro que é a coleção pessoal dos Westford. Eu nunca vi uma coleção tão grande de filmes.

— Eu não consigo ser normal com você — digo a ela.

Ela se vira para mim, confusa.

— Do que você está falando?

— Hoje de manhã, na frente do Michael, você me pediu pra ser normal — digo, respirando fundo e dizendo o que deveria ter dito logo depois do jogo. Em vez de deixar ela me ignorar quando voltei para casa, deveria ter dito logo a verdade. — Não consigo. Quando o Tuck me contou que você tinha namorado o Michael, pensar em você com outro cara me deixou louco. Eu não quero você com outro cara.

— Eu não quero outro cara. Quero você. Agora escolha um filme antes que eu diga algo que você não quer ouvir — diz ela, balançando duas caixas. — Escolha um.

— O que você quiser assistir está bom — digo, ignorando o comentário sobre ela não me dizer o que eu não quero ouvir. Já ouvi o bastante. Ela quer

estar comigo. Eu quero estar com ela. Pra que complicar as coisas falando demais?

Ela escolhe *Amor, sublime amor*, e eu rio.

— Você gosta desse filme?

— Sim. Eu gosto das danças. E das músicas.

Eu me pergunto se ela dança tão bem quanto conserta carros. Ou se ela acha que um casal inter-racial não pode dar certo, porque são muito diferentes.

— Você sabe dançar?

— Um pouco. E você? Quero dizer, além do, humm, "tango horizontal".

Kiara me surpreende, às vezes. Sempre fico chocado quando ela mostra vislumbres desse atrevimento.

— Sim. No México, meus amigos e eu íamos pra balada todos os fins de semana. Pra dançar, conhecer garotas, beber, ficar chapados… coisas divertidas. Agora estou aqui, em uma Noite de Diversão em Família com os Westford. Os tempos mudaram, sem dúvida alguma.

— Você não devia usar drogas.

— Você não faz coisas que não deveria fazer? Qual é, Kiara, desiste. Não tem como você ser tão inocente como você deixa todos pensarem que é. Você é como o resto de nós, pecadores. Então você não fuma, não bebe nem usa drogas. Mas você tem outros vícios. Todo mundo tem. — Quando ela não responde, continuo. — Me conta alguma coisa que você faz, algo que me deixaria chocado.

Ela volta para o sofá.

— Que te deixaria chocado?

— Sim. Me deixa boquiaberto.

Ela senta sobre os joelhos e se inclina para mim.

— Eu pensei em você, Carlos — sussurra ela no meu ouvido. — À noite, na cama. Eu penso em beijar você, nossas línguas deslizando uma contra a outra, suas mãos enterradas no meu cabelo. Quando penso em sentir o seu peito nu, eu toco minha…

— Aqui está mais pipoca! — diz Westford, entrando na sala com duas grandes tigelas cheias até a borda com pipoca recém-estourada. — Kiara, o que você está fazendo?

A cena deve parecer bem picante. Kiara está de quatro, inclinada sobre mim, seu rosto a poucos centímetros do meu.

Eu engulo em seco. O que ela estava prestes a dizer criou na minha mente uma imagem quase impossível de suportar. Eu olho bem dentro dos olhos dela, tentando ver se ela está brincando ou falando sério, mas não sei dizer. Ela tem um fogo no olhar, mas não tenho certeza se é de paixão ou da excitação de tentar me vencer no meu próprio jogo.

Fico em silêncio e deixo Kiara responder.

Ela senta direito.

— Hmm… eu… hum… nada, na verdade.

Westford me olha, esperando uma explicação.

— Confia em mim, você não quer saber — digo a ele.

— Saber o quê? — pergunta a sra. W., entrando na sala.

O professor me entrega a tigela de pipoca e a sra. W. se instala na poltrona. Eu começo a mastigar para não precisar falar.

— Não consigo obter uma resposta direta de nenhum desses adolescentes — diz Westford.

Kiara se acomoda do outro lado do sofá.

— Mãe, pai, o que vocês fariam se entrassem aqui e nós estivéssemos nos beijando?

capítulo 36

Kiara

Eu realmente quis fazer a pergunta como hipotética. Não queria que Carlos começasse a engasgar com sua pipoca, como está engasgando.

— Você está bem? — pergunto a ele, que tosse sem parar.

Carlos olha para mim como se eu fosse a pessoa mais louca do planeta.

— Por que você está perguntando isso a eles?

— Porque quero saber a resposta.

Posso dizer que meus pais estão tentando se comunicar um com o outro, por telepatia, a fim de chegarem a uma resposta.

— Bom… — diz minha mãe. — Hum…

— O que sua mãe está tentando dizer — meu pai continua — é que também fomos adolescentes um dia, então entendemos que a experimentação é uma parte normal de crescer…

— E vocês sabem respeitar sempre a si mesmos e seus corpos — diz minha mãe. Suspeito que ela não está respondendo à pergunta de propósito.

— Sim, mãe.

Meu pai pega o controle remoto.

— Certo, agora que isso está esclarecido, que filme vocês escolheram?

Fico um pouco tímida quando respondo.

— *Amor, sublime amor.*

Assistimos ao filme, mas de vez em quando Carlos solta umas risadas, como se algumas partes fossem ridículas para ele. No fim, estou chorando tanto que Carlos tem que me passar um lencinho que estava na mesa perto dele.

— Passa um desses pra mim também — diz minha mãe, fungando. — Choro todas as vezes que vejo esse filme.

— Odeio o final — digo a todos na sala, enquanto tiro o filme e coloco outro.

Meu pai se vira para Carlos.

— O que eu posso dizer? Minhas mulheres querem finais felizes.

Minha mãe, com seu cabelo preso com uma presilha, como uma adolescente, olha para meu pai.

— Qual é o problema de um final feliz?

— Eles não são realistas — responde Carlos.

— E com isso… Vou pra cama. Estou exausto — diz meu pai, alongando-se enquanto levanta de sua poltrona. — Esse corpo velho não consegue mais passar da meia-noite. Vejo vocês de manhã.

Minha mãe diz a ele:

— Vou daqui a pouco.

Todos concordamos em começar a ver outro filme. Desta vez, é um filme de ação, provavelmente mais ao gosto de Carlos. Dez minutos depois, minha mãe boceja.

— Sou mais nova do que o seu pai, Kiara, mas não consigo passar muito mais da meia-noite também. Estou indo pra cama. — Ela se levanta para ir, mas antes ela pausa o filme e aponta o dedo para nós. — Confiança e respeito. — Ela diz essas poucas palavras escolhidas, depois joga o controle para Carlos e desaparece.

— Sua mãe com certeza sabe como acabar com o clima — diz Carlos.

Enquanto continuamos a assistir ao filme, olho para ele algumas vezes. Sei que ele está concentrado no que está vendo, porque parece relaxado, em vez de tenso como de costume.

Em uma das vezes, ele me pega olhando pra ele.

— Quer água? — pergunta.

— Pode ser.

Ele vai para a cozinha, depois reaparece em alguns minutos, carregando dois copos de água gelada.

Está escuro, só há a luz da televisão iluminando a sala. Seus dedos roçam os meus quando pego o copo de água que ele oferece. Não sei se ele sentiu, mas não consigo ignorar a reação do meu corpo ao toque macio da sua mão roçando na minha. Nada parecido com o que aconteceu depois do jogo, de manhã, quando ele fez aquilo só para se mostrar.

Ele hesita, então seus olhos encontram os meus. Está escuro, estamos sozinhos, e o que eu mais quero é dizer a ele que desejo suas mãos em mim, em todo meu corpo, embora ele já tenha dito que minha mãe acabou com o clima.

Confiança e respeito. Eu confio que Carlos não vá me machucar

fisicamente, mas não posso dizer o mesmo em relação ao emocional. Imediatamente, quebro a conexão entre nós e rapidamente levo o copo até a boca para beber a água gelada, porque se eu não fizer isso, posso ficar tentada a pedir que ele me beije de novo e me forçar a não pensar nas consequências.

Sem falar, Carlos relaxa no sofá. Nossas coxas estão quase se tocando e, mesmo que o filme ainda esteja passando, só consigo pensar nele.

O herói está preso em um depósito com uma loira bonita. Ele suspeita que ela possa ser um dos inimigos, mas não consegue resistir à sua beleza e eles começam a dar uns amassos.

Carlos fica tenso, tosse e então toma outro gole de água.

Depois outro. E outro.

Eu me pergunto se a cena o lembra da minha fantasia detalhada sobre nós. Respiro fundo, devagar, e tento manter minha mente no filme e não no fato de que nossos joelhos estão se tocando.

Um tempo depois, olho para ele. Ele parece estar dormindo, mas não tenho certeza.

— Carlos? — chamo suavemente.

Ele abre os olhos, os abismos negros brilhando com a luz da TV. A paixão e o desejo estão evidentes em seu olhar.

— Sim?

— Você estava dormindo?

Ele ri.

— Não. Realmente não. Eu só estava tentando me convencer a não te beijar.

O filme esquecido, deixo meus medos de lado e decido testar o que temos juntos. Saio do sofá para fechar a porta da sala e trancá-la, nos dando privacidade.

— Você trancou a porta — diz ele.

— Eu sei.

Não sou boa com palavras e, se eu tentasse falar qualquer coisa, provavelmente gaguejaria e quebraria o clima. Se não consigo dizer a ele como me sinto, posso mostrar. De repente, percebo que confio nesse garoto, mesmo que ele não confie em si mesmo.

Ajoelhando ao lado dele no sofá, levanto lentamente uma mão trêmula até seu rosto. Meus dedos traçam desenhos aleatórios no princípio de barba

que cresce em seu queixo. A respiração dele acelera em resposta.

— Kiara…

Coloco meus dedos em seus belos lábios cheios e o calo.

— Shhh.

— Estamos… prestes a… nos meter… em confusão? — pergunta ele.

Me inclino para a frente. Suas palavras vão sumindo conforme meus lábios se aproximam ainda mais dos seus. Movo as mãos para seu peito e me pressiono contra seu corpo forte enquanto chego mais perto. E mais perto. Consigo sentir o calor de sua respiração se misturando com a minha, e não consigo mais resistir.

— Em uma grande confusão — respondo. Sei que não posso esperar ser dele para sempre, mas quero mostrar a ele o que a intimidade com emoção de verdade pode nos fazer sentir.

Quando meus lábios tocam os dele de leve, um gemido baixo escapa de sua boca. Seu coração bate rápido contra a palma das minhas mãos. O doce som de nossos lábios se entreabrindo e se encontrando de novo me faz derreter por dentro. Carlos permite que eu fique no controle, deixando suas mãos paradas ao longo de seu corpo, mas cada vez que encosto meus lábios nos dele, apenas para separá-los, ele respira de forma mais intensa.

— Deixa eu te provar — sussurra ele.

Da próxima vez que aproximo minha cabeça da dele, dou alguns beijos leves, então reúno coragem o bastante para abrir minha boca e intensificar o beijo. Sinto uma onda de energia quando nossas línguas se encontram pela primeira vez, molhadas e escorregadias, e, ah, eu quero mais.

O som do filme é apenas um ruído ao fundo.

Carlos segura meu rosto e me força a olhá-lo em seus olhos escuros e sensuais, cheios de paixão e desejo.

— Você está jogando um jogo perigoso, *chica*.

— Eu sei. Mas confio em você.

capítulo 37

Carlos

As palavras dela ecoam na minha cabeça. *Confio em você.* Ela é a primeira garota que me diz isso. Até Destiny disse que eu precisava ganhar sua confiança quando nos conhecemos, porque achava que eu dava em cima de qualquer garota que via. E aqui está Kiara, uma garota que sabe que nunca serei seu príncipe encantado, me oferecendo sua confiança sem hesitar. Ela está no meu colo, seus lábios molhados dos nossos beijos. Ela é louca por pensar que vou fazer a coisa certa.

Minhas mãos ainda estão acariciando seu rosto. Eu respeito demais essa menina para ser desonesto.

— Não confie em mim.

Um rubor cor-de-rosa cobre suas bochechas enquanto ela leva a mão atrás da cabeça e solta o cabelo.

— Mas eu confio.

Kiara sacode os cabelos. Eles caem como uma cortina sobre seus ombros, as pontas terminando logo acima de seus seios. Nunca vi algo tão sexy na minha vida, e ela ainda nem está nua.

Ainda? O que eu estou pensando? Não vou deixá-la nua. Eu quero. Porra, adoraria tirar essas camadas de roupas e estudar as curvas do seu corpo com os olhos e com as mãos. Meu corpo diz: *Vá em frente! Você quer. Ela quer. Qual é o problema?*

O problema é essa maldita palavra… confiança.

Ela confia em mim.

Fecho meus olhos. O que posso dizer para demonstrar que sou mesmo um cara ruim, como ela sabe? Ela seria estúpida em confiar em mim. Vou me aproveitar dela sempre que puder, mas como posso provar isso?

Mostrar como estou pronto para levar isso ao próximo nível pode assustá-la. Eu estendo a mão, acaricio sua bunda, e, então, me esfrego contra ela de forma a não deixar dúvidas das minhas intenções.

O problema é que ela começa a se mover comigo. Droga. Isso não é bom. Ela com certeza tem poder sobre mim. Gosto de estar no controle, mas

agora eu o perdi completamente.

Eu a puxo para mim, apertando seu corpo contra o meu, minhas mãos se movendo para cima e para baixo nas suas costas. Nossa respiração ofegante preenche a sala. Fico feliz que o filme ainda esteja passando, para abafar o barulho que estamos fazendo.

Eu me inclino para trás e olho para seu rosto confiante.

— Você precisa parar antes que isso saia de controle, porque eu não vou parar — digo, ignorando o fato de que já estamos fora de controle e que ela não parece nem um pouco pronta para parar.

Ela para e pressiona seu rosto contra o meu.

— Sou virgem — sussurra ela no meu ouvido, como se esse fosse um segredo só para mim.

Ah, droga.

Apoio a cabeça no encosto do sofá e digo a verdade.

— Você não está agindo como uma.

— Porque é *você*, Carlos. Só você faz isso comigo.

Mudança de poder. Ela não deveria ter dito isso. Agora sei que tenho o controle, se não fisicamente, mentalmente. Me deixar no controle não é sábio da parte dela.

Estou levando essa garota para a zona de perigo, mas é lá onde passei a maior parte da minha vida. Minhas mãos a seguram pela cintura.

— Tire a camiseta, *chica*.

Suas mãos vão para a barra da camiseta. A expectativa de ver o que ela esconde embaixo das roupas largas me faz prender a respiração. Olho para ela, seus olhos cheios de incerteza e de outra coisa que me recuso a reconhecer.

Em um movimento rápido, ela passa a camiseta sobre a cabeça e revela um corpo pelo qual eu poderia matar ou morrer. Ou ambos.

— Eu não tenho um corpo como o da Madison — diz ela tímida, suas mãos cruzadas à sua frente, em uma tentativa de esconder seu corpo.

— O quê?

— Não sou magra como ela.

Magreza para mim é sinal de um corpo falso ou frágil. Gosto de garotas que eu possa segurar sem medo de quebrar.

Pego com delicadeza suas mãos e as movo para as laterais do seu corpo. Eu me afasto e olho, completamente pasmo, para o sutiã cor-de-rosa que

cobre seus seios com modéstia. Ela não tem coisa alguma do que se envergonhar. Essa garota é linda, e não tem ideia que seu corpo é melhor que o de Madison em todos os aspectos… Kiara tem as curvas onde Deus gostaria que elas estivessem, e eu tenho vontade de acariciá-las até memorizar cada centímetro delas. Me sinto o cara mais sortudo do mundo.

— *Eres hermosa*.

Ela abaixa o olhar.

— Olhe pra mim, *chica*.

Quando ela o faz, repito:

— *Eres hermosa*.

— O que isso quer dizer?

— Você é linda.

Ela se inclina na minha direção e me beija de leve.

— Sua vez — sussurra, mordendo o lábio inferior enquanto espera.

Arranco minha camiseta no mesmo instante.

— Posso te tocar? — pergunta ela, como se não tivesse total posse do meu corpo neste momento.

Pego sua mão e vou guiando sobre minha pele nua. Quando a solto para ela explorar por conta própria, seus dedos seguem caminhos lentos, movendo-se para cima e para baixo em meu peito. Cada toque queima minha pele de dentro para fora, e quando seus dedos contornam a tatuagem saindo do meu jeans e mergulham um pouco abaixo da cintura, é quase minha perdição.

— O que diz aqui? — pergunta, traçando de leve uma das minhas tatuagens.

— Rebelde — digo. Meus dedos entram em seus cabelos e a puxo para mim. Preciso saboreá-la de novo. Preciso sentir seus lábios suaves sobre os meus. Começamos a nos beijar como se fosse a primeira e talvez última vez, nossas bocas e línguas se encontrando em desespero.

Enquanto ela continua sua exploração, concentro toda a minha atenção nela. Deslizo as alças de seu sutiã para baixo, até elas caírem por seus braços. Ela se inclina para trás e não consigo imaginar uma imagem mais excitante ou uma garota mais sexy do que ela sentada em cima de mim. Meu pulso se acelera de expectativa quando deslizo o tecido sedoso para o lado.

Seus dedos congelam quando minhas mãos a tocam nos quadris e sobem até meus polegares alcançarem a curva dos seus seios. Nada poderia me

preparar para a onda de emoções que estou sentindo agora, olhando dentro dos olhos cintilantes de Kiara.

— Acho que estou me apaixonando por você — diz ela, tão baixo que poderia ser minha imaginação. Ouço o som de tiros.

Pá! Pá! Pá!

Em um pânico frenético, puxo Kiara para baixo e me deito sobre ela, para protegê-la do perigo.

Olho em volta, confuso. Espera, não tem ninguém aqui além de nós. O que foi isso?

Olho para a tela da televisão e vejo o herói do filme em pé sobre o corpo de um homem morto, sangue escorrendo do peito do cadáver. Os tiros vieram da televisão.

Vejo uma Kiara atordoada, assustada e seminua.

— Desculpa — digo, saindo de cima dela e sentando do outro lado do sofá. — Desculpa. Foi só a TV. — Meu coração está batendo mais rápido do que uma bateria em um show de rock. Quando ouvi os tiros, eu teria feito qualquer coisa para proteger sua vida. Mesmo que isso significasse sacrificar a minha. A ideia de perdê-la da mesma forma que perdi meu pai e quase perdi Alex é demais. Estou praticamente hiperventilando só de pensar nisso.

Merda.

Quebrei minha regra número um: nunca se envolva emocionalmente.

O que aconteceu com só andar com meninas que não querem nada além de diversão? A palavra "amor" não está no meu vocabulário. Eu não sou matéria-prima para namorado. Se você quer amor e compromisso, não venha bater na minha porta. Tenho que sair dessa antes que me envolva demais.

— Tudo bem. — Ela se senta e se inclina sobre mim, seu corpo muito próximo. Não consigo pensar direito com o calor do seu corpo penetrando no meu. Eu me sinto claustrofóbico, encurralado. Preciso sair daqui.

Eu a afasto gentilmente, colocando uma distância entre nós.

— Não, não está tudo bem. *Isso* não está bem. — Minha reação aos tiros coloca tudo de volta em perspectiva. Não posso fazer isso com Kiara. Aperto as mãos contra os olhos e suspiro, frustrado. — Cubra-se — digo, jogando a camiseta para ela.

Quando jogo a camiseta grande demais para ela, digo a mim mesmo para evitar seu olhar. Não quero ver a dor em seus olhos sabendo que fui eu quem a causou.

— Eu q-q-queria i-i-sso — gagueja ela, sua voz trêmula. — V-v-você ta-ta-também.

Merda. Agora ela está tão chateada que mal consegue dizer uma palavra sem gaguejar. Seria melhor ela me odiar do que se apaixonar por mim.

— É, bom, eu quero uma menina pra curtir comigo, não ficar declarando seu amor eterno.

— Eu n-n-n-não…

Levanto a mão, fazendo-a parar. Sei o que ela vai dizer, que nunca disse que isso se tornaria algo mais.

— Você disse que estava se apaixonando por mim, e essa é a última coisa que um cara como eu quer ouvir. Admita, Kiara. Garotas como você querem cortar as bolas dos caras e pendurá-las no seu espelho retrovisor.

Estou tagarelando como um completo *pendejo*, as palavras saindo da minha boca sem que eu sequer pense no que estou dizendo. Eu sei que a estou magoando com cada palavra. Estou praticamente me matando para fazer isso, mas ela precisa saber que não vou estar lá para ampará-la quando ela cair. Ainda preciso lidar com Devlin e posso não voltar vivo. A última coisa que eu quero é Kiara de luto por alguém que nem merecia seu amor.

— Nós podemos ser amigos… — digo a ela.

— Amigos que transam, sem nenhum sentimento?

— Sim. Qual o problema com isso?

— Eu quero mais.

— Não vai acontecer. Se você quer mais, vá procurar outro otário.

Vou para a porta, precisando me afastar dela antes que acabe me ajoelhando e implorando para voltar aos seus braços e terminar o que começamos. Quando a deixo, tento expulsar todas as imagens dela dos meus pensamentos. Nenhuma chance disso acontecer.

De volta ao meu quarto, me sento na cama. Não adianta tentar dormir. Sei que isso não vai rolar esta noite. Balanço a cabeça, tentando entender como me meti nessa confusão. Abandoná-la na sala foi a primeira coisa realmente altruísta que fiz desde que cheguei ao Colorado.

E eu me sinto um grande bosta.

capítulo 38

Kiara

Sento na sala e repasso o que aconteceu esta noite. Por mais que eu tenha dito a mim mesma que dar uns amassos com Carlos não tornava o nosso relacionamento sério, eu esperava o contrário. Sabia exatamente o que estava fazendo, e o fato de isso ter saído pela culatra deixou claro que Carlos está certo. Ele não é feito para ser namorado de alguém. Ele só quer uma garota que tirará suas roupas sem compromisso ou comprometimento.

Ele quer uma garota como a Madison.

Eu me fiz de tonta hoje à noite. Pensar que dividir meu corpo com ele o faria mudar de ideia foi estúpido. Realmente pensei que uma conexão física maravilhosa entre nós poderia fazê-lo querer um relacionamento sério comigo? A verdade é que sim, pensei isso.

Quando nos beijamos esta noite, foi perfeito. Foi tudo o que eu queria e esperava. Assim que ele segurou meu rosto entre suas mãos, me perdi. Soube que nada que tive ou poderia ter com Michael competiria com a intensidade do que Carlos e eu estávamos tendo.

Agora, tudo isso está despedaçado, porque Carlos me afastou. Depois disso, minha língua ficou pesada e cada palavra que eu disse saiu gaguejada.

Ah, eu estou morta de vergonha. Como irei encará-lo pela manhã? Pior, como vou encarar a mim mesma?

capítulo 39

Carlos

Dormi cerca de duas horas na noite passada. Quando o sol me acorda, resmungo e rolo para tentar dormir mais. É difícil fazer isso com todas as paredes pintadas da mesma cor que o maldito sol. Na próxima vez que passar por uma loja de ferragens, preciso comprar tinta preta para escurecer este lugar, fazer com que ele fique mais parecido com meu humor.

Deito de lado e seguro o travesseiro sobre os olhos. Na próxima vez que os abro, são dez horas da manhã.

Ligo para *mi'amá*, só para ouvir sua voz novamente. Ela diz que está tentando comprar passagens para nos visitar, e sinto uma animação em sua voz que não ouvia há anos. Isso me faz lembrar que disse à sra. W. que a ajudaria na loja hoje. Vou enviar o dinheiro extra que eu conseguir ganhar para *mi'amá*, para ajudar a pagar a viagem.

Depois de tomar banho, bato na porta do quarto de Kiara. Ela não está lá, então desço as escadas.

— Cadê a Kiara? — pergunto a Brandon, que está jogando algum jogo no computador do escritório do professor.

Ele me ignora ou não me escuta.

— Ei, *Corredor*! — grito.

— O quê? — diz Brandon, sem se virar.

Fico ao lado dele e vejo o jogo no qual ele está vidrado. Na tela há um monte de personagens de desenhos animados caminhando em um parque. No canto da tela, há um marcador: "Mercadorias: cocaína, 3 gramas; maconha, 7 gramas".

— Que tipo de jogo é esse? — pergunto ao garoto.

— Um jogo de comércio.

O menino é uma porra de um traficante de drogas virtual.

— Desliga isso — ordeno a ele.

— Por quê?

— Porque é um jogo estúpido.

— Como você sabe? — Brandon lança um olhar inocente. — Você nunca jogou.

— Já joguei, sim. — Na vida real. E apenas porque eu tinha que fazer isso para sobreviver. Mas Brandon tem escolhas na vida e não precisa vender drogas para sobreviver. Não tem motivo para jogar um jogo que simula tráfico, quando ele ainda está no jardim de infância. — Desligue, Brandon, ou eu vou desligar. Não estou brincando.

Ele levanta o queixo e continua a jogar.

— Não.

— Qual é o problema? — diz Westford, entrando na sala.

— Carlos me disse que tenho que sair do meu jogo. Papai, você me deixou jogar esse jogo de comércio no seu computador. Todos os meus amigos jogam.

Aponto para Brandon.

— Seu filho e os amigos dele são traficantes de drogas virtuais — digo a seu pai.

Os olhos de Westford esbugalham e ele corre para a tela.

— Traficantes? Brandon, o que você está jogando?

Saio da sala enquanto Westford explica a Brandon que drogas ilegais não são comércio. Então resmunga algo sobre o controle digital, como ele não pode substituir os pais e como ele deveria ter supervisionado o menino mais de perto.

Saio para o quintal e encontro Kiara mexendo em seu carro, com pernas e pés saindo da porta do motorista. Eu observo enquanto ela trabalha de cabeça para baixo, sua cabeça sob o painel e uma chave de fenda nas mãos.

— Precisa de ajuda? — pergunto.

— Não — diz ela, sem erguer os olhos.

— Posso olhar a porta? Talvez eu possa consertar.

— Ela está o.k.

— Não, não está. Está presa. Você não pode continuar andando por aí desse jeito pra sempre.

— Quer apostar?

Eu me encosto no carro. E espero. E espero. Se ela não sair dali em alguns minutos, estou tentado a arrastá-la para fora pelas pernas.

Westford sai da casa.

— Kiara, a que horas você e o Carlos vão para a Hospitali-Tea?

— Assim que eu conseguir prender esses fios, pai. Eles não estão cooperando.

— Você provavelmente precisa soldá-los — digo, embora neste momento seja bem óbvio que ela não está interessada nas minhas sugestões.

— Me avisa quando estiver pronta pra ir. Enquanto isso, preciso de uma palavrinha com o Carlos — diz Westford, apontando o dedo para mim. — Me encontre no meu escritório.

Ele não parece nem soa muito feliz comigo. A verdade é que ele não deveria estar mesmo. Na noite passada, eu estava com as mãos na filha dele.

A caminho do escritório, passo por Brandon assistindo a algum desenho animado na saleta.

— O que está acontecendo? — pergunto ao me sentar.

— Você que tem que me dizer — diz ele, jogando para mim a camiseta que eu usava na noite passada. — Encontrei no chão da saleta. É óbvio que houve alguma pegação ontem.

Certo, então ele sabe que nós nos divertimos. Pelo menos não encontrou o sutiã de Kiara em cima da minha camiseta.

— Sim… As coisas ficaram um pouco quentes depois que você e a sra. W. foram dormir — digo a ele.

— Eu estava com medo disso. Colleen e eu acreditamos em uma comunicação aberta com nossos filhos. E apesar de você não ser meu filho, sou responsável por você no momento. — O professor esfrega a mão em seu rosto e respira profundamente. — Eu deveria estar preparado pra essa conversa. Já fui adolescente e fiz o mesmo na casa dos meus pais. — Ele olha para cima. — É claro que eu era um pouco mais competente em esconder as provas.

— Não vai acontecer de novo, senhor.

— O quê, deixar evidências pra trás ou você se agarrar com a minha filha na minha casa? E, por favor, chega dessa merda de "senhor". Não estamos no Exército.

— Fui eu que me joguei pra cima dele, pai — diz Kiara, aparecendo na porta. — Não foi culpa dele.

O professor estremece um pouco quando diz:

— Se um não quer, dois não fazem. Não estou atribuindo culpas ou castigos. Estou apenas discutindo o assunto. Gostaria que sua mãe estivesse aqui pra esta conversa. Vocês pelo menos usaram proteção?

Kiara geme, completamente constrangida.

— Pai, nós não fizemos sexo.

— Ah — diz ele. — Não?

Balanço minha cabeça.

Mal posso acreditar que estou tendo essa conversa. Pais mexicanos não têm esse tipo de conversa, muito menos com garotos que estão pegando suas filhas. Eles primeiro chutam o cara porta afora e só então fazem perguntas. Depois disso, eles proíbem a filha de sair sozinha. Não tem esse negócio de "comunicação aberta".

Eu me sinto em um programa de TV de autoajuda para pessoas brancas, e não tenho certeza do que devo dizer. Também não estou acostumado com um pai que realmente quer conversar sobre coisas assim. Isso é normal, ou acontece só com os pais que são psicólogos e que estão tentando encolher nossos cérebros?

— Não sou burro o suficiente pra achar que posso impedir vocês de fazerem… o que quer que vocês dois estavam fazendo — continua Westford. — Mas eu estou instituindo uma nova regra: sem pegação entre vocês dois sob meu teto. Se eu dificultar pra vocês, talvez façam escolhas melhores. E eu também deveria insistir, como seu pai, Kiara, e como seu guardião, Carlos, pra que vocês continuem virgens até se casarem.

Ele se recosta em sua cadeira e sorri para nós, feliz consigo mesmo por essa última frase. Pena que essa conversa tenha acontecido alguns anos atrasada, pelo menos para mim.

— Você era virgem quando se casou? — pergunto, desafiando-o. Seu sorriso desaparece imediatamente.

— Sim, hmm, bom, hmm… Quando eu era adolescente, era uma época muito diferente. Os adolescentes hoje são mais inteligentes e educados. Existem doenças *incuráveis*… E perigos para ambos os parceiros, se você não está em um *relacionamento sério*, *monogâmico e comprometido* — diz ele, apontando um dedo para nós dois. — E não se esqueçam da grande palavra com g.

Não posso deixar de rir. *¿Perdón?*

— A palavra com g?

— Gravidez! — responde o professor, estreitando os olhos. — Eu não estarei pronto pra ser avô por um longo, longo, longo, longo tempo.

Penso em minha mãe, que ficou grávida de Alex quando tinha dezessete

anos. *Mi'amá* me fez prometer sempre usar camisinha quando eu fosse até o fim com uma garota — ela não queria de jeito algum que um de seus filhos terminasse como ela e *mi papá*. Merda, ela até escondeu preservativos em algumas de minhas cuecas, como lembrete.

A noite de ontem me assustou. Porque, embora até hoje eu sempre tenha me preocupado em me proteger e em proteger a garota com quem estava, não sei dizer se nós teríamos conseguido parar, apesar de eu não ter uma camisinha ao alcance. E eu nem sequer estava chapado. Se não tivesse me assustado com os tiros na televisão, Kiara e eu talvez estivéssemos tendo uma conversa bem diferente com o professor agora.

— Pai, a gente sabe de tudo isso — interfere Kiara.

— Não faz mal relembrar, já que a camiseta do Carlos foi encontrada no chão da saleta esta manhã.

Quando eu levanto a camiseta para que Kiara saiba do que ele está falando, ela solta um "Ah" de surpresa.

Westford olha para o relógio em sua mesa.

— Eu tenho que levar Brandon pra passear antes que ele desenvolva um distúrbio de atenção de tanto ver TV. — Ele estende as duas mãos, como se estivesse prestes a me entregar uma oferenda. — Carlos, estamos entendidos?

— Sim — respondo. — Desde que não seja na sua casa e você não fique sabendo, você não se importa se nos pegarmos.

— Eu sei que você está brincando comigo. Você está brincando comigo, não é?

— Talvez.

Kiara entra na sala.

— Pai, ele estava brincando.

O professor conta cada palavra em seus dedos enquanto me encara com um olhar severo.

— Não esqueça… (1) sério, (2) monogâmico, (3) relacionamento exclusivo, (4) não sob meu teto e (5) confiança.

— Não esqueça de (6), "a palavra com g" — lembro a ele.

Ele acena com a cabeça.

— Sim. A palavra com g. Um dia nas Forças Armadas, Carlos, e eles arrancariam toda essa sua arrogância.

— Pena que não planejo me alistar.

— Isso *é* uma pena. Se você se alistasse e dedicasse tanta energia em ser um bom soldado quanto você dedica em ser arrogante, você iria longe. Estou tentado a colocar algo vermelho dentro da máquina de lavar, pra deixar suas cuecas cor-de-rosa. Como um pequeno lembrete da nossa conversa de hoje.

Dou de ombros.

— Tudo bem. Eu não uso cueca — minto.

— Fora daqui, engraçadinho — ordena ele, fazendo sinal em direção à porta. Acho que vejo sua boca se retorcer por um instante em um sorriso provocado por minha resposta, mas a expressão some antes mesmo de se formar. — Os dois, fora do meu escritório. E vamos manter essa conversa entre nós. Agora vão para o Hospitali-Tea. Minha mulher está esperando os dois lá hoje pra trabalhar. Não parem pelo caminho — diz ele quando já estamos no corredor. — Vou ligar em quinze minutos pra ter certeza de que você chegaram.

capítulo 40

Kiara

— Escuta, *chica*... — diz Carlos, quando estamos indo para a loja da minha mãe, alguns minutos depois.

Minhas mãos apertam o volante com mais força.

— Não me chame mais assim — digo a ele.

— Como você quer que eu te chame, então?

Dou de ombros.

— Tanto faz. Menos *chica*. — Vou ligar o rádio, mas percebo que ele ainda não funciona. Pressiono ainda mais o volante e me concentro na estrada diante de mim, mesmo quando paramos em um semáforo.

Carlos levanta suas mãos.

— O que você quer de mim? Quer que eu te conte mentiras, é isso que você quer? Tudo bem, vou mentir. Kiara, sem você eu sou um grande nada. Kiara, você é meu coração e minha alma. Kiara, quando não estou com você, sinto que a vida não tem sentido. Kiara, eu te amo. É isso que você quer ouvir?

— Sim.

— Nenhum cara fala essas coisas de verdade.

— Aposto que o seu irmão fala isso para a Brittany e realmente é sincero.

— Isso é porque ele perdeu a noção. Pensei que você fosse a garota que não caía na minha lábia.

— Não caio. Considere o fato de eu desejá-lo como meu namorado de verdade um lapso de julgamento — digo a ele. — Mas superei isso. Não espero nada de você de agora em diante, e percebi que você realmente não faz o meu tipo. Na verdade — digo, olhando para ele –, posso ligar para o Michael. Ele quer que a gente volte a sair.

Carlos pega a minha bolsa e tira meu celular do bolso lateral. Tento pegá-lo de sua mão, mas ele é muito rápido.

— O que você está fazendo?

— Concentre-se na estrada, Kiara. Você não gostaria de provocar um acidente por não estar prestando atenção, não é?

— Guarde meu celular de volta na bolsa — digo em tom de ordem.

— Farei isso. Preciso checar uma coisa primeiro.

No próximo semáforo, avanço nele e pego meu celular de sua mão. Leio a mensagem de texto que Carlos acabou de mandar para Michael.

Foda-se.

— Você não fez isso.

— Sim, eu fiz. — Ele se ajeita no banco, parecendo bem feliz consigo mesmo. — Você pode me agradecer depois.

Agradecê-lo? *Agradecê-lo!* Paro no acostamento, pego minha bolsa e a aponto para Carlos, como uma arma de guerra, direto na sua cabeça.

Ele a agarra antes que ela o atinja.

— Não me diga que você queria mesmo sair de novo com aquele babaca.

— Não sei mais o que eu quero.

Volto para a estrada, seguindo para a loja da minha mãe. Paro o carro e saio, sem esperar por Carlos.

— Kiara, espera — diz Carlos, enquanto sai pela janela. Eu o ouço correr para me alcançar. — Vou consertar essa maldita porta do carro, mesmo que seja a última coisa que eu faça. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Olha, se as coisas fossem diferentes…

— Que coisas?

— É complicado.

Dou as costas para ele. Se ele não vai me contar, não há por que conversar.

— Oi, meninos! — Minha mãe nos cumprimenta na frente da loja, então nossa conversa é interrompida. — Kiara, separei os recibos do último mês e da semana passada. Sinta-se à vontade pra colocá-los em ordem. Carlos, venha comigo.

Enquanto eu fico sentada no escritório, pegando os recibos e arrumando os livros de contabilidade, ouço minha mãe explicar a Carlos como separar as caixas de chás a granel que acabaram de ser entregues.

Lá pela uma da tarde, minha mãe aparece na porta do escritório e pede que eu a encontre na copa para o almoço. Minha mãe não percebe a tensão no ar quando nos sentamos na sala. Ela espera que todos estejam felizes e cheios de energia o tempo todo, então me pergunto quando ela vai perceber que o coeficiente de felicidade na sala está pela metade.

— Comprei isto do Teddy, o vendedor do lado de fora da loja — diz ela,

enquanto pega a comida de dentro de uma bolsa.

— O que é isso? — pergunta Carlos, quando ela entrega um pacote a ele.

— Um cachorro-quente vegano e orgânico.

— O quê?

— Um cachorro-quente vegano — responde ela. — Sem nenhum produto de origem animal.

Carlos desembrulha seu cachorro-quente, hesitante.

— Não te mataria comer de forma saudável, Carlos — diz minha mãe. — Mas se você não gostar, posso sair e comprar comida processada, se você quiser.

Começo a comer meu cachorro-quente vegano. Não me importo de comer as coisas saudáveis que minha mãe faz, mas com certeza gosto de comida processada de vez em quando.

Carlos dá uma mordida no dele.

— É muito bom. Tem batata frita também?

Quase rio quando minha mãe joga um punhado de batatas fritas alaranjadas sobre um guardanapo.

— São batatas doces assadas. Com a casca, pra ter mais fibra. Se não estou errada, acho que também são ricas em Ômega 3.

— Gosto de comer sem pensar no que tem dentro — diz Carlos, mastigando.

Minha mãe nos serve chá gelado de uma jarra gigante que ela fez para nós.

— Você deveria se importar com o que entra no seu corpo. Por exemplo, essa mistura de chá tem açaí, extrato de casca de laranja e hortelã.

— Mãe, coma — digo a ela. Antes que eu me dê conta, ela vai ter embarcado em uma explicação completa sobre antioxidantes e radicais livres.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela pega seu cachorro-quente e começa a comer. — Então, como foi o filme ontem à noite?

— Foi bom — respondo, esperando que ela não pergunte detalhes, porque não tenho ideia sobre o que era o filme.

Ela pega uma batata e dá uma mordidinha.

— Pareceu um pouco violento. Não gosto de filmes desse tipo.

— Eu também não — digo. Carlos permanece em silêncio. Sinto seu olhar em mim, mas não olho para ele. Presto atenção em tudo, menos nele.

Iris, uma das funcionárias de fim de semana da minha mãe, entra na copa.

— Colleen, tem uma cliente pedindo pra ser atendida especificamente por você. Parece que ela está com pressa.

Minha mãe dá uma última mordida em seu cachorro-quente.

— O dever me chama.

Eu me levanto também, mas Carlos segura meu pulso. Deus, como quero que ele me puxe para si e me diga que a noite passada não foi um erro. Essa coisa entre nós não tem que ser complicada.

— Não é você, sabe. Eu não tinha tanta vontade de ficar com uma garota desde… — Sua voz falha e ele solta meu pulso.

— Desde quem? — pergunto.

— Não importa.

— Importa pra mim.

Ele hesita, como se não quisesse falar o nome dela. Quando por fim diz "Destiny", não consegue esconder que ainda sente alguma coisa por ela. O nome dela sai de sua boca como se ele saboreasse cada sílaba.

Estou, com certeza, com ciúmes. Não há como competir com Destiny. É óbvio que Carlos ainda a ama.

— Entendo.

— Não, você não entende. A noite passada me assustou bastante, Kiara. Porque eu senti uma coisa que não tinha sentido…

— Desde Destiny — digo.

— Não vou me permitir me apaixonar desse jeito de novo.

— Então, ainda devo fingir que estou namorando você na escola?

— Só por mais algumas semanas, até a Madison decidir seguir com a vida dela. — Ele olha para mim. — Daí, a gente pode criar um motivo falso para o nosso término. Fizemos um trato, certo?

— Certo.

De volta ao escritório da minha mãe, olho para as contas diante de mim. Os números são um borrão. Deixando o lápis de lado, coloco minha cabeça entre as mãos e suspiro. Fui tão idiota na noite passada ao falar para Carlos que estava me apaixonando por ele. Com certeza o assustei. Toda a minha vida, até agora, eu me segurei. E então conheci Carlos, um cara que me faz querer avançar e nunca me arrepender de um único momento. Quando ele jogou futebol com meu irmão e tive uma amostra da generosidade que ele só

oferece para os poucos que pensa serem dignos dela, soube que o que ele aparenta não é necessariamente o que ele é por dentro.

No fim do dia, encontro-o na sala dos fundos, pesando, com cuidado, os vários ingredientes para as misturas caseiras da minha mãe.

— Encontrei um motivo falso pra terminarmos — digo a ele.

— Manda.

— Porque você ainda está apaixonado pela Destiny.

Seus dedos param o que estão fazendo.

— Escolha outra coisa.

— Como o quê?

— Não sei. Qualquer coisa. — Ele coloca os ingredientes de volta nas prateleiras. — Vou andando até a oficina pra conversar com o Alex. Diga aos seus pais que vou chegar em casa mais tarde.

— Posso te levar de carro — digo. — Também vou embora.

Ele balança a cabeça.

— Quero andar.

Observo ele se afastar em direção à porta dos fundos alguns minutos depois, me perguntando se ele só quer sair de perto de mim o mais rápido que puder.

capítulo 41

Carlos

Quando estou longe da casa de chá, pego o celular que Brittany me deu. Digito o número de Devlin e aguardo.

Assim que ele atende, digo:

— É Carlos Fuentes. Se você queria chamar minha atenção, conseguiu.

— Ah, *Señor* Fuentes. Eu estava esperando sua ligação — diz uma voz suave do outro lado da linha. Tem que ser Devlin.

— O que você quer de mim? — pergunto no mesmo instante, sem perder tempo com gentilezas.

— Só quero conversar.

Continuo caminhando enquanto falo, porque tenho essa sensação louca de que o cara tem gente me seguindo.

— E você não podia ter feito isso sem colocar o Nick Glass para armar contra mim?

— Eu precisava chamar sua atenção, Fuentes. Mas agora que a tenho, é hora de nos conhecermos.

Meu corpo inteiro fica tenso. Quer eu queira encontrar Devlin, quer não, vai acontecer.

— Quando?

— Que tal agora?

— Você tem gente me seguindo? — pergunto, embora eu saiba a resposta antes mesmo de fazer a pergunta.

— Claro, Fuentes. Sou um empresário, e você é meu mais novo aprendiz. Tenho que ficar de olho em você.

— Não concordei em fazer porra nenhuma pra você — digo a ele.

— Ainda não, mas você vai concordar. Soube que você tem o que é necessário.

— Soube por quem?

— Digamos apenas que um pequeno *Guerrero* me contou. Mas chega de conversa. Um dos meus homens vai passar pra te pegar. Entre no carro.

— Como eu vou saber que é um dos seus homens? — pergunto a ele.

Devlin dá uma risada.

— Você saberá.

O telefone fica mudo. Poucos minutos depois, uma SUV preta com as janelas escurecidas para bem na minha frente. Respiro fundo quando a porta se abre. Estou pronto para enfrentar o que quer que esteja do outro lado. Não importa o que *mi familia* pense, esse é o meu destino.

Entro no banco de trás e reconheço Diego Rodriguez sentado ao meu lado, um *Guerrero* tão alto na hierarquia da gangue que era sempre mencionado, mas quase nunca visto. Eu o cumprimento com a cabeça e me pergunto o que ele está fazendo com Wes Devlin. Sei que alguns caras se consideram híbridos e ficam pulando de uma gangue para a outra, mas nunca vi alguém numa posição tão alta em uma organização conseguir fazer isso.

— Faz tempo que não nos vemos — diz Rodriguez. Na frente estão dois caras brancos que parecem fisiculturistas, ou pelo menos bem treinados para dar porrada. Eles com certeza estão aqui para proteger alguém, e com certeza esse alguém não sou eu.

— Cadê o Devlin? — pergunto.

— Você vai encontrá-lo em breve.

Olho pela janela, para ver se sei dizer para onde estamos indo, mas é inútil. Estou completamente perdido e à mercê desses três caras. Me pergunto o que Kiara diria se soubesse que estou em um carro com um monte de bandidos. Acho que diria que eu não deveria nem ter entrado no carro. Mas é claro que eu não vou baixar a guarda nem por um segundo.

Pensar em baixar a guarda me faz pensar em Kiara. Na noite passada, quando a tive em meus braços e senti sua pele macia sob meus dedos, perdi o controle. Merda, eu estava pronto para pegar tudo o que ela quisesse oferecer, sem me importar com as consequências.

— Estamos aqui — diz Diego, me tirando dos meus pensamentos sobre Kiara e o que poderíamos ter sido.

"Aqui" é uma casa grande com um muro de cimento alto que circunda todo o terreno. A porta se abre para nós. Diego me conduz através da entrada da frente e até um escritório grande o suficiente para intimidar qualquer presidente de empresa.

O homem loiro sentado atrás de uma mesa de madeira escura é, obviamente, Devlin. Ele está vestindo um terno escuro e uma gravata azul-

clara que combina com seus olhos. Ele gesticula para que eu me sente em uma das cadeiras na frente de sua mesa. Quando não sento, os dois caras grandes do carro surgem ao meu lado.

Estou em um território perigoso, mas fico firme.

— Mantenha seus cães de guarda longe de mim — digo a ele. Devlin manda que se afastem com um gesto, e os dois rapazes imediatamente recuam, indo se posicionar do lado de fora da sala. Quanto será que ele paga aos seus cães de guarda?

Diego continua na sala, um silencioso segundo no comando. Devlin reclina na cadeira, me avaliando.

— Então você é Carlos Fuentes, aquele de quem o Diego aqui tanto me falou. Ele me contou que você pulou fora da *Guerreros del barrio*. Movimento corajoso, Carlos, embora eu suponha que se você pisar de novo no México, você será um homem morto.

— É disso que se trata? — pergunto. — Se você está com os *Guerreros* e eles pediram pra você se livrar de mim, por que o Nick plantou as drogas?

— Porque não vamos nos livrar de você, Fuentes — diz Diego. — Nós vamos usar você.

Suas palavras me fazem querer explodir e dizer a esses caras que ninguém vai me controlar ou me usar, mas me contenho. Quanto mais eles falam, mais informações me dão.

— A verdade, Fuentes, é que — continua Diego — estamos fazendo o favor de não te mandar de volta aos *Guerreros* em pedaços, e você vai nos devolver o favor sendo nosso entregador.

Entregador. Significa que serei o seu mais novo vendedor de rua e pagarei sozinho se for pego. As drogas no meu armário eram um teste, para ver se eu denunciaria o Nick. Se denunciasse, eles saberiam que eu era um delator e provavelmente já estaria morto. Provei que não sou um dedo-duro, então me tornei uma mercadoria valiosa. Me lembro do video game de Brandon, embora este jogo aqui seja letal.

Devlin se inclina para mim.

— Digamos assim, Fuentes. Se você trabalhar pra nós, não terá que se preocupar com mais nada. Além disso, você será um garoto rico. — Ele tira um envelope da gaveta da mesa e o desliza para mim. — Dá uma olhada.

Pego o envelope. No interior há um monte de notas de cem dólares — mais dinheiro do que jamais tive em minhas mãos. Ponho o envelope de

volta na mesa.

— Pegue, é seu — diz Devlin. — Considere isso uma amostra do que você pode ganhar comigo em uma semana.

— Então, a família Devlin se aliou aos *Guerreros*? Quando isso aconteceu?

— Eu me alio com qualquer um e qualquer coisa que me leve ao meu objetivo final.

— Qual é o seu objetivo, dominar o mundo? — brinco.

Devlin não ri.

— No momento, é mover os carregamentos que recebo do México e me assegurar de que eles não se percam, se você entende o que quero dizer. O Rodriguez aqui acha que você tem o que é preciso. Olha, eu não sou o chefe de uma gangue de rua que luta por território, pela cor da sua pele ou por sua maldita nacionalidade. Sou um empresário que administra um negócio. Eu estou pouco me fodendo se você é preto, branco, asiático ou mexicano. Porra, tenho mais russos trabalhando pra mim do que o Kremlin. Enquanto você for importante para o meu negócio, quero você trabalhando pra mim.

— E se eu não quiser? — pergunto.

Devlin olha para Rodriguez.

— Sua *mamá* mora em Atencingo, não é? — pergunta Rodriguez casualmente, enquanto avança para mim. — E o seu irmãozinho também. Acho que o nome dele é Luis? Menino fofo. Tem um cara meu de olho neles há semanas. Uma palavra minha e vai voar bala. Eles estarão mortos antes mesmo de saber o que aconteceu.

Pulo em direção a Rodriguez, sem me importar com o fato de que ele provavelmente está armado. Ninguém ameaça a minha família e sai impune. Ele tenta proteger o rosto com as mãos, mas sou rápido e o acerto antes que os dois homens grandes agarrem meus braços e me afastem.

— Se você encostar em *mi familia*, vou arrancar a porra do seu coração com as minhas próprias mãos — aviso, enquanto luto para me soltar.

Rodriguez segura seu rosto onde o acertei.

— Não o soltem — ordena ele, então me xinga numa mistura de inglês e espanhol. — Você está *loco*, sabe disso?

— *Sí. Muy loco* — digo a ele enquanto um dos caras comete o erro de afrouxar a pegada para me segurar melhor. Eu o chuto e ele sai voando, até bater em uma pintura na parede. O quadro cai e se espatifa no chão com o

impacto, e eu giro para ver o que mais posso destruir, para mostrar que não sou alguém que vai se encolher de medo quando minha família é ameaçada.

Mais dois caras entram na sala. Merda. Eu sou forte e sei brigar bem, mas cinco contra um é uma proporção muito ruim. Sem contar Devlin, que continua sentado em sua grande cadeira de couro, assistindo ao resto de nós nos pegando, como se estivéssemos fazendo isso apenas para sua diversão.

Consigo me soltar e continuar lutando por alguns minutos, até que dois dos caras me atropelam e me jogam contra a parede. Ainda estou atordoado pelo impacto quando outro cara começa a me socar. Pode ser Rodriguez, ou um dos outros quatro. Neste momento, tudo está meio borrado.

Continuo lutando, mas cada golpe no meu estômago cobra seu preço e dói como o inferno. Quando um punho encontra o meu maxilar uma vez, então duas vezes, então três vezes, sinto gosto de sangue. Virei o saco de pancadas deles.

Reúno toda a minha energia restante, ignoro a dor intensa e avanço. Me lançando para a frente, dou um soco com força em um deles. Não vou desistir sem lutar, mesmo que não tenha chance de vencer.

Minha ofensiva dura pouco. Sou afastado do cara e jogado no chão acarpetado. Se me levantar, talvez eu consiga causar mais um pouco de estrago, mas estou recebendo socos e chutes de todas as direções, e minha energia está indo embora rápido demais. Um chute forte e doloroso nas minhas costas me faz perceber que alguém está usando botas com ponta de aço. Com minhas últimas energias, agarro a perna de quem está me chutando. Ele cai para frente, mas não importa. Não tenho mais nada. Sem forças, sem energia… apenas uma dor lancinante a cada movimento. Só me resta rezar para desmaiar logo… ou morrer. A esta altura, qualquer das duas opções seria bem-vinda.

Quando desisto de lutar, Devlin grita para eles pararem.

— Levantem ele — ordena ele.

Sou forçado a sentar em uma cadeira de frente para Devlin, que ainda parece um poderoso executivo em seu terno impecável. Minha camiseta está rasgada em vários lugares e há sangue espalhado por toda parte.

Devlin empurra minha cabeça para trás.

— Considere isso uma saída dos *Guerreros del barrio* e uma entrada na família Devlin. Você é um Devlin agora. Sei que você não vai me decepcionar.

Eu não respondo. Merda, nem sei se poderia responder, mesmo que quisesse. Mas sei que não sou nem nunca serei um Devlin.

— Admiro seu espírito de luta, mas não crie confusão na minha casa, nem brigue com meus homens de novo, ou você é um cara morto.

Ele sai da sala, mas não sem antes ordenar a seus homens que arrumem seu escritório antes que ele volte.

Sou arrastado para fora da cadeira. A próxima coisa que sei é que estou sendo jogado no banco traseiro da SUV.

— Não lute contra mim ou Devlin — diz Rodriguez, enquanto voltamos. — Nós temos grandes planos, e eu preciso de você. Os caras de Devlin não têm as conexões mexicanas que temos. Isso nos torna valiosos.

Não estou me sentindo muito valioso agora. Minha cabeça parece prestes a explodir.

— Pare o carro — ordena Rodriguez, quando estamos a poucas casas dos Westford. Ele abre a porta e me arrasta para fora. — Cuide bem daquela garota com quem você está vivendo. Eu não gostaria que acontecesse alguma coisa com ela. — Ele volta para o carro e joga o envelope do dinheiro aos meus pés. — Acho que você se recupera em uma semana. Entro em contato com você então — diz ele, entrando no carro e indo embora.

Mal consigo andar, mas eu me arrasto até a porta da frente da casa dos Westford. Aposto que minha aparência condiz com o que sinto: um completo merda. Uma vez dentro de casa, tento me esgueirar para o andar de cima sem que ninguém veja essa massa sangrenta que me tornei, tomando cuidado de apertar a camiseta contra a boca, para não pingar sangue no tapete.

Vou direto para o banheiro. O problema é que Kiara está saindo dali naquele exato momento.

Ela olha para mim, engasga e cobre a boca com a mão.

— Carlos! Ai, meu Deus, o que aconteceu?

— Você ainda me reconhece, mesmo com a cara toda quebrada. Isso é um bom sinal, certo?

capítulo 42

Kiara

Meu coração bate violentamente com medo e em choque, quando Carlos passa por mim e se inclina sobre a pia.

— Feche a porta — diz ele, gemendo de dor, enquanto cospe sangue na pia. — Não quero que os seus pais me vejam.

Tranco a porta e corro até ele.

— O que aconteceu?

— Levei uma surra.

— Isso é óbvio. — Pego uma toalha azul-marinho da prateleira e molho na pia. — De quem?

— Você não quer saber. — Ele enxágua a boca e depois se olha no espelho. Seu lábio está cortado e ainda sangrando, e seu olho esquerdo está inchado. Pelo modo como ele se apoia na pia, posso imaginar o estado em que está o resto de seu corpo.

— Acho que você precisa ir para o hospital — digo a ele. — E chamar a polícia.

Ele se vira para mim e faz uma careta, movimento obviamente doloroso.

— Nada de hospital. Nada de polícia — diz ele, gemendo a cada palavra. — Estarei melhor de manhã.

— Você não acredita nisso. — Quando ele faz uma nova careta, sinto sua dor como se fosse minha. — Sente-se — digo, apontando a beirada da banheira. — Eu te ajudo.

Carlos deve estar bem exausto, tanto emocional quanto fisicamente, porque ele senta na beirada da banheira e fica parado enquanto eu molho a toalha de novo e gentilmente limpo o sangue de seus lábios, que há apenas uma noite sorriam, quando os beijei. Não estão sorrindo agora.

Com cuidado, passo por seus cortes abertos, dolorosamente ciente do quanto estamos próximos. Ele para a minha mão quando passo a tolha por seu rosto inchado.

— Obrigado — diz ele, quando encaro seus olhos tristes.

Preciso quebrar a intensidade de seu olhar, então molho a toalha na pia e a torço.

— Só espero que o outro cara esteja pior.

Ele deixa escapar uma pequena risada.

— Eram outros cinco caras. Todos parecem melhor do que eu, embora eu tenha me virado bem por um tempo. Você teria ficado orgulhosa.

— Duvido. Você que começou a briga?

— Não me lembro.

Cinco caras? Tenho medo de pedir mais detalhes, porque me sinto enjoada só de olhar para seus machucados. Mas quero saber o que aconteceu com ele. Há um envelope sobre a pia. Eu o pego e noto que há dinheiro dentro. Notas de cem dólares. Um punhado delas. Estendo o envelope para Carlos.

— Isto é seu? — pergunto.

— Mais ou menos.

Um milhão de cenários diferentes sobre como Carlos conseguiu o dinheiro começa a passar pela minha cabeça. Nenhum deles é bom, mas agora não é hora de interrogá-lo sobre como ou por que ele está carregando tanto dinheiro. Ele está machucado e eu deveria insistir em levá-lo ao hospital.

Levanto um dedo diante de mim.

— Siga meu dedo com os olhos. Quero me certificar de que você não sofreu uma concussão.

Presto bastante atenção em suas pupilas enquanto ele acompanha o movimento do meu dedo. Ele parece bem, mas está seguindo minhas ordens sem discutir, e isso me assusta. Eu me sentiria muito melhor se ele fosse atendido por um profissional.

— Tire sua camiseta — digo a ele, procurando algum analgésico no meu armário de remédios.

— Por quê? Você quer que a gente se pegue de novo?

— Isso não é engraçado, Carlos.

— Você tem razão. Mas preciso te avisar que, se eu levantar meu braço acima da minha cabeça, posso desmaiar. A lateral do meu corpo está doendo muito.

Sabendo que sua camiseta já estava rasgada e arruinada, pego a tesoura de uma das gavetas do armário do banheiro e a corto na parte da frente.

— Depois que você terminar, posso devolver o favor? — pergunta ele, em tom de brincadeira.

Estou tentando agir como se fôssemos só amigos, mas ele fica me provocando, e isso está me confundindo.

— Pensei que você não quisesse se envolver.

— Não quero. Quero amortecer a dor, e acho que te ver sem roupa agora pode ajudar.

— Aqui — digo, colocando um analgésico e um copo de papel com água em sua mão.

— Você tem alguma coisa mais forte?

— Não, mas tenho certeza de que se você me deixar te levar ao hospital, eles vão te dar alguma coisa mais forte.

Sem responder, ele joga a cabeça para trás e engole as pílulas. Eu tiro sua camiseta e tento não engasgar enquanto examino seus machucados. Notei algumas cicatrizes antigas em seu corpo antes, mas o dano feito hoje às suas costas e ao seu peito é bem desagradável.

— Já briguei antes — diz ele, como se isso fosse fazer me sentir melhor.

— Talvez seja melhor você não brigar mais, de jeito nenhum — digo, enquanto limpo suas costas e peito. — Você tem cortes e hematomas nas suas costas — digo a ele. Ver cada marca me faz ter vontade de chorar por ele.

— Eu sei. Consigo sentir cada um.

Quando termino de limpar todo o sangue, me afasto. Ele tenta sorrir, mas seu lábio está tão inchado que o sorriso sai torto.

— Pareço melhor?

Balanço a cabeça.

— Você não pode esconder isso dos meus pais, sabe. Uma olhada em você e eles começarão a fazer perguntas.

— Não quero pensar sobre isso. Pelo menos, não agora. — Ele se levanta, segura a barriga e geme de dor. — Vou para a cama. Dê uma olhada em mim de manhã, só pra ver se eu ainda estou vivo. — Carlos pega sua camiseta e o envelope antes de ir para seu quarto, e então desaba na cama. Quando ele olha e percebe que o segui, diz:

— Eu te agradeci?

— Algumas vezes.

— Que bom. Porque foi sincero, e eu raramente agradeço.

Cubro seu corpo dolorido.

— Sei disso.

Vou sair do quarto, mas o escuto entrar em pânico e respirar com dificuldade. Ele estende a mão para mim.

— Não vá. Por favor.

Sento ao lado dele na cama, me perguntando se ele está com medo de ser abandonado. Ele envolve minha coxa com seu braço e descansa sua testa contra meu joelho.

— Tenho que te proteger — diz ele com ternura.

— De quem?

— *El Diablo*.

— *El Diablo*? Quem é esse? — pergunto.

— É complicado.

O que isso quer dizer?

— Tenta descansar — digo a ele.

— Não consigo. Meu corpo inteiro dói.

— Eu sei.

Acaricio gentilmente seu braço, que está ao meu redor, até que sua respiração se acalma.

— Queria poder te ajudar — sussurro.

— Você está ajudando — murmura Carlos contra meu joelho. — Só não me abandona, tudo bem? Todo mundo me abandona.

Assim que eu sair do seu quarto, vou ligar para o Alex e contarei a ele e a meu pai o que aconteceu. Imagino que Carlos não ficará grato. É mais provável que fique com raiva.

capítulo 43

Carlos

Estou segurando Kiara, sentindo uma necessidade desesperada de protegê-la. Se eu ao menos pudesse me mover sem sentir tanta dor, não teria adormecido com seus dedos acariciando meu braço. Apesar de adorar a ideia de dormir, não quero Kiara fora da minha vista. Rodriguez poderia machucá-la, e não posso deixar isso acontecer. Enquanto ela estiver segura, *está bien*. Tenho que avisar Luis e *Mamá* também. Eu só preciso dormir para essa dor passar… só por alguns minutos. Os dedos de Kiara traçando linhas para cima e para baixo em meu braço ofuscam a nitidez da dor. Fecho meus olhos. Tudo bem se eu dormir por alguns minutos.

O barulho da porta rangendo faz com que eu abra meus olhos. De repente percebo que Kiara não está mais ao meu lado. Não que eu esperasse mesmo que ela fosse ficar ali enquanto eu dormia. Tento me sentar, mas estou tão rígido que todos os ossos, músculos e articulações do meu corpo protestam. Desistindo, viro de lado sob o cobertor, esperando que seja Kiara no quarto e não seus pais… ou pior, Brandon. Se o garoto pular em mim, o resultado pode ser trágico.

Fecho meus olhos.

— Kiara?

— Sim.

— Me diga que você está sozinha, por favor.

— Eu não posso.

Droga. Afundo minha cabeça um pouco mais no travesseiro, em uma vã tentativa de esconder a evidência no meu rosto.

— Carlos, me conta o que está acontecendo. Agora — exige Westford, sua voz impositiva e muito militar. Normalmente ele é tão calmo e amigável… mas não agora.

— Levei uma surra — digo a ele. — Vou ficar bem em alguns dias.

— Você consegue andar?

— Sim, mas, por favor, não me faça demonstrar isso agora. Talvez mais tarde. Talvez amanhã.

Westford levanta o cobertor e solta um palavrão. Não sabia que esse cara conseguia fazer isso.

— Queria que você não tivesse feito isso — digo a ele. Estou sem camisa, e ele está vendo todas as marcas em primeira mão. Olho para Kiara, parada ao lado da cama. — Você me traiu. Eu pedi pra não contar pra eles.

— Você precisa de ajuda — diz ela. — Você não tem como cuidar disso sozinho.

Westford se abaixa, ficando cara a cara comigo.

— Nós vamos para o hospital.

— Sem chance — digo a ele.

Ouço mais passos no quarto.

— Como ele está? — pergunta meu irmão.

— Você chamou a cavalaria inteira, ou só metade dela? — pergunto a Kiara.

Meu irmão olha para mim e balança a cabeça. Ele esfrega o rosto, sua expressão cheia de frustração, raiva e responsabilidade. Não é culpa dele, é minha. Quer eu tivesse escolha ou não, eu me meti nisso sozinho e vou sair sozinho. Nesse instante, meu único desejo é que todos me deixem em paz, porque não quero falar sobre quem estava envolvido na briga nem porque ela aconteceu.

— Estou bem. Ou pelo menos, vou ficar bem — digo a ele.

O professor, com uma expressão tão preocupada que ele poderia estar olhando para seu próprio filho, diz a Alex:

— Ele se recusa a ir ao hospital.

— Ele não pode ir — diz Alex.

— Isso é muito louco, Alex. Que tipo de pessoa não vai ao hospital quando precisa de atenção médica?

— O nosso tipo — respondo.

— Não gosto disso. Não gosto nem um pouco. Não podemos apenas sentar aqui e não fazer nada. Olha pra ele, Alex. Ele está praticamente em posição fetal. Nós precisamos fazer alguma coisa.

Ouço Westford andando de um lado para o outro no tapete.

— Está bem. Tenho um amigo, Charles, que é médico. Vou ligar e ver se ele pode vir aqui dar uma olhada nos ferimentos do Carlos — diz ele, abaixando-se ao lado da cama. — Mas se ele disser que você precisa ir ao

hospital — continua ele, balançando o dedo para mim —, você vai, nem que eu tenha que te arrastar para fora da casa esperneando e gritando.

Falando em espernear e gritar…

— Cadê o Brandon? — pergunto. Eu não quero que o garoto me veja desse jeito.

— Depois que Kiara nos contou o que estava acontecendo, Colleen o levou para a casa da avó. Ele vai ficar lá por alguns dias.

A vida deles está um caos por minha causa. Já é ruim o bastante eu estar comendo sua comida e ocupando espaço em sua casa. Agora, seu filho é banido porque eu sou um vacilão.

— Desculpa — digo a ele.

— Não se preocupe com isso. Kiara, vou ligar para o Charles. Vamos dar um pouco de privacidade a Carlos e a seu irmão.

Ah, merda. Essa é a última coisa que eu quero.

Quando a porta se fecha, Alex fica em pé ao lado da cama.

— Você está todo fodido, irmão.

— Obrigado. — Eu olho para seus olhos injetados. Será que ele chorou quando descobriu que eu tinha sido surrado? Na verdade, nunca vi Alex chorar, apesar de termos passado por maus bocados juntos. — Você também.

— Foram os caras do Devlin, né? A Kiara me disse que você falou que foi *El Diablo*.

— Foram eles que puseram as drogas na minha mochila na escola. Na noite passada eles me iniciaram contra a minha vontade. Eles disseram que agora eu sou um Devlin.

— Isso é besteira.

Mesmo doendo quando me mexo, não posso deixar de dar uma risadinha.

— Diga isso ao Devlin. — Pensando bem… — Brincadeira. Fique longe do Devlin. Você não tem nada a ver com tudo isso. Continue assim. Sério.

Começo a me levantar para ter certeza de que Alex está me ouvindo. Ele é meu irmão, meu sangue. Ele me irrita a maior parte do tempo, mas no fundo quero vê-lo se formar na faculdade e ter pequenos e irritantes pequenos Alexes e Brittanys no futuro. Esta coisa com Devlin… O fato é que não tenho como garantir que consiga sair dela. Eu estremeço e seguro minha respiração enquanto me esforço para sentar, desejando conseguir

aguentar e fingir que não estou com dor. Odeio me sentir fraco e ver todo mundo preocupado com meu sofrimento.

Alex tosse algumas vezes, depois se afasta, para não ter que assistir ao meu esforço. — Não acredito que isso está acontecendo outra vez. — Ele pigarreia e depois se vira para mim.

— O que o Devlin disse? Ele deve querer você por algum motivo específico.

Quanto mais ele souber, mais envolvido ele ficará nessa confusão. Não posso permitir que isso aconteça.

— Eu vou descobrir.

— Vai descobrir é o caralho. Não vou sair aqui até você me contar tudo o que sabe.

— Então você vai ficar aqui um tempo. Melhor sentar.

Westford bate na porta e entra.

— Liguei para o meu amigo Charles. Ele está a caminho.

A sra. W. se junta a nós um segundo depois, com uma bandeja na mão.

— Pobrezinho — diz ela, deixando a bandeja na mesa no mesmo instante e correndo para mim. Ela examina meu lábio machucado e meus hematomas. — Como isso aconteceu?

— Você não quer saber os detalhes, sra. W.

— Eu odeio brigas. Não resolvem nada. — Ela coloca a bandeja no meu colo. — É canja de galinha — explica. — Minha avó dizia que cura qualquer coisa.

Eu não estou com fome, mas a sra. W. parece tão orgulhosa de sua canja que tomo um pouco apenas para ela parar de me olhar com tanta ansiedade.

— Então? — pergunta.

Para minha surpresa, o caldo quente e salgado com macarrão desce fácil.

— Está ótimo — digo a ela.

Todos me observam como mães-corujas. Eu estava bem com Kiara, mas agora estou me sentindo vulnerável e não quero ninguém por perto. Bom, exceto Kiara. Onde ela está?

Quando o médico chega, ele passa meia hora examinado todas as minhas feridas.

— Você se meteu mesmo em uma bela briga, Carlos — diz ele, se voltando para Westford. — Dick, ele vai ficar bem. Sem concussões, nem contusões profundas. As costelas estão bem machucadas. Não posso ter

certeza absoluta que não há hemorragia interna, mas ele está com uma cor boa. Mantenha-o em casa por alguns dias e ele vai começar a se sentir melhor. Voltarei na quarta-feira pra ver como ele está.

Depois que todos descem para jantar, Kiara volta ao meu quarto e senta na beira da cama, olhando para mim.

— Não me arrependo de ter contado o que aconteceu com você. Você não é tão invencível quanto pensa. E mais uma coisa … — Ela se inclina para ficar no mesmo nível que eu — Agora que eu sei que você vai ficar bem, decidi não ter mais dó de você. Se você estava vendendo drogas, é melhor confessar logo. Sei que o dinheiro no envelope que você escondeu na fronha não veio da venda dos meus cookies de ímã.

— Gostava mais de você quando você tinha simpatia por mim — digo a ela. — E você está se achando. Eu não conseguiria nem distribuir os seus cookies, quanto mais vendê-los. E não estou vendendo drogas.

— Me fala de onde veio o dinheiro.

— É complicado.

Ela revira os olhos.

— Tudo com você é complicado, Carlos. Eu quero te ajudar.

— Você acabou de dizer que não tem simpatia por mim. Por que me ajudar então?

— É egoísta, na verdade. Eu não suporto ver meu namorado falso sofrendo.

— Então é sobre você, não sobre mim? — pergunto a ela, sorrindo.

— Sim. E só pra você saber, você arruinou o baile pra mim.

— Como assim?

— Se você não notou os cartazes na escola, é no próximo fim de semana. Se você não consegue andar, de jeito nenhum vai conseguir dançar no sábado à noite.

capítulo 44

Kiara

Na quarta-feira, Carlos insiste em ir para a escola. Ele diz que está se sentindo melhor, embora dê para notar, pelo modo como está se mexendo, mais lento do que de costume, que ele ainda está com dor. Um de seus olhos está bem roxo e seu lábio continua inchado, mas isso só o deixa mais durão e rude. A maioria dos estudantes da Flatiron encara e aponta quando passamos pelos corredores. Cada vez que Carlos percebe que alguém está olhando, ele me abraça. Bancar sua namorada não é engraçado quando tudo que estamos fazendo é servir de atração para os outros. Mas estamos juntos, e eu me inspiro em sua força diante de todas as fofocas.

No almoço, estou sentada com Tuck, quando Carlos vem até nós.

— Aff — diz Tuck. — Meus olhos estão quase caindo por terem que olhar para o seu olho desagradável. Faça um favor pra todo mundo e use uma máscara ou coisa assim. Ou um tapa-olho.

Antes que eu consiga chutar meu amigo por baixo da mesa, Carlos pega o encosto da cadeira dele e o chacoalha.

— Cai fora, babaca.

— É Tucker — diz meu amigo, escorregando da cadeira, mas fazendo seu melhor para se segurar.

— Tanto faz. Preciso falar com a Kiara, em particular.

— Parem de brigar, vocês dois — digo a eles. — Carlos, você não pode simplesmente mandar o Tuck sair.

— Nem mesmo se eu for te convidar para o baile de boas-vindas?

Mordo meu lábio. Ele com certeza não está falando sério. Não pode estar. Não há como ele me levar ao baile, se apenas três dias atrás ele mal conseguia se mexer. Eu o vejo lutando contra a vontade de fazer uma careta cada vez que tem que se inclinar para pegar os livros em seu armário ou sentar-se. Ele me falou que o médico disse que ele deveria se movimentar, para não ficar enrijecido, mas ele não é um super-humano, mesmo que eu ache que ele quer ser.

Tuck aponta para o chão.

— Você vai ficar de joelhos? Porque todo mundo já está olhando pra vocês. Posso tirar uma foto do momento e mandá-la para o comitê do anuário.

— Tuck — digo, olhando para meu melhor amigo. — Cai fora.

— O.k., o.k. Vou comer com o Jake Somers. Quem sabe me inspire no Carlos e reúna coragem pra convidá-lo para ir ao baile comigo.

Carlos balança a cabeça.

— Não acredito que cheguei a pensar que você estava namorando com ele.

Quando Tuck sai, Carlos puxa a cadeira para perto de mim. Percebo que ele prende a respiração ao sentar. Está fazendo um bom trabalho tentando esconder sua dor, e não acho que mais alguém a note. Mas eu, sim. Ele tira um ingresso do baile de boas-vindas do seu bolso.

— Você iria ao baile de boas-vindas comigo?

Ele está concentrado apenas em mim, sem se importar com quem possa ou não estar nos observando. Eu, por outro lado, sinto todos os olhares sobre nós, como se fossem dardos.

— Por que você está me perguntando isso agora, no meio do almoço?

— Comprei os ingressos cinco minutos atrás. Vamos dizer que eu estava ansioso pra ter certeza de que você ainda iria comigo.

Desde que levou a surra, Carlos tem estado vulnerável e inseguro de verdade. Isso me deixa nervosa, porque nunca sei se ele acabará me rejeitando de novo. Posso me acostumar com este Carlos, que não tem medo de me falar o quanto ele quer ficar comigo. Mas isso também me deixa emotiva e, quanto mais eu fico, mais difícil fica controlar minha gagueira.

— Você mal consegue se m-m-mexer, Carlos. Nã-nã-não precisa fazer isso.

— Eu quero fazer isso. — Ele dá de ombros. — Além disso, mal posso esperar pra te ver de vestido e sapatos de salto.

— O-o-o quê você vai usar? — pergunto a ele. — Terno e gravata?

Ele coloca o ingresso de volta em seu bolso.

— Estava pensando em ir de jeans e camiseta.

Jeans? Camiseta? Além de ser completamente inapropriado para o baile de boas-vindas…

— Não vamos combinar. Não posso prender um *boutonnière*[3] em uma camiseta.

— *Boutonnière*? O que é isso e por que eu iria querer que você o prendesse em mim?

— Procure em um dicionário — digo a ele.

— Quando for procurar, *muchacho* — diz Tuck, assim que surge atrás de Carlos —, aproveita pra dar uma olhada na palavra *corsage*.

capítulo 45

Carlos

Cor · sage (kôr-säzh, -säj) n. Pequeno arranjo de flores usado no pulso ou preso ao ombro.

É o que o dicionário diz. O REACH tem uma pequena sala que eles chamam de biblioteca, com um monte de livros de autoajuda. Eu tive sorte, encontrei um dicionário, e a primeira coisa que fiz quando cheguei foi abri-lo. Tenho certeza de que Kiara ficaria surpresa por eu ter procurado a palavra. Então, agora estou me perguntando como vou achar algo decente para vestir no baile. Igualmente frustrante é descobrir como conseguir um desses *corsages*.

Antes que Berger comece nossa pequena sessão de terapia ou seja qual for o nome politicamente correto que eles inventaram para o nosso grupo de desajustados esta semana, Zana e Justin se aproximam de mim.

— O que aconteceu com você? — pergunta Justin. — Foi atropelado várias vezes por um caminhão?

Zana, vestindo outra saia tão curta que poderia fazer com que a escola a mandasse para casa se trocar, está comendo um dos brownies colocados ali para nós.

— Há rumores de que você foi emboscado por uma gangue, numa disputa por território — diz ela em voz baixa, para que Berger não ouça.

— Vocês dois estão errados — Eu me ajeito em uma cadeira esperando que Berger não me faça falar da briga. Merda, finalmente consegui fazer Alex parar de me fazer perguntas. Eu disse a ele para parar, mas prometi avisá-lo se Devlin ou seus amigos me contatarem de novo.

Mas claro, eu não acredito em promessas. Por que as pessoas são tão otárias?

Quando Keno se aproxima, percebo imediatamente que ele está me ignorando. Normalmente, eu nem sequer notaria, mas todos os outros estão me encarando com os olhos arregalados, como se meu rosto tivesse sido tomado por uma forma de vida alienígena. Sorte que eles não me viram no domingo. Está muito melhor agora.

Berger entra na sala, dá uma olhada em mim e volta para fora. Naturalmente, depois de um minuto, Kinney e Morrisey aparecem.

Morrisey aponta para mim.

— Carlos, venha conosco.

Ambos me escoltam até uma pequena sala lateral. É como uma sala de um consultório médico, completo com as caixas para descarte de agulhas penduradas na parede. Há, no entanto, uma diferença. Em um dos cantos há uma privada, protegida por uma pequena cortina pendurada no teto.

Morrisey aponta para mim.

— Seu guardião ligou na segunda e na terça-feira. Ele disse que você esteve em uma briga. Você gostaria de nos contar algo sobre isso?

— Na verdade, não.

Kinney avança.

— Muito bem, Carlos, vou ser direto. Pela sua aparência, suspeitamos que você tenha bebido ou usado drogas na semana passada. Essas brigas geralmente envolvem álcool e drogas. Você vai fazer um teste de urina. Vá lavar as mãos ali na pia.

Quero revirar os olhos e dizer que ser surrado não faz da pessoa um drogado, mas só dou de ombros.

— Beleza — digo, depois de lavar as mãos. — Passe o potinho pra cá e vamos acabar logo com isso.

— Se o teste der positivo, você será expulso — diz Morrisey, abrindo um dos armários e tirando um pote para a urina. — Você conhece as regras.

Pego o copo, mas Kinney levanta sua mão.

— Deixa eu explicar o que você precisa fazer. Você tem que tirar a sua roupa na nossa presença, então ir pra trás dessa cortina e urinar no pote.

Jogo minha camiseta em uma das cadeiras, depois meu jeans. Mantenho os braços abertos e dou uma volta completa.

— Felizes agora? — pergunto. — Não tenho nenhum contrabando aqui.

Morrisey me entrega o pote.

— Você tem quatro minutos ou menos. E não dê a descarga, ou vamos ter que fazer tudo de novo.

Vou para trás da cortina com o pote na mão e mijo. Eu tenho que admitir, é humilhante ter Morrisey e Kinney me ouvindo mijar, embora para eles seja apenas rotina.

Quando termino e me visto, sou instruído a lavar novamente as mãos e

voltar para o grupo. Eles não terão os resultados até amanhã, então estou livre até lá. Quando entro na sala, todos olham para mim, exceto Keno. Eles obviamente conhecem a rotina e provavelmente deduziram que eu acabei de ser testado.

— Bem-vindo de volta — diz Berger. — Você obviamente teve uma semana difícil. Nós sentimos a sua falta.

— Eu não estava muito bem.

— Quer nos contar sobre isso? O que quer que seja compartilhado nesta sala, permanece nesta sala. Certo, pessoal?

Todos concordam, mas percebo que Keno murmura em voz baixa e continua evitando contato visual comigo. Ele sabe de alguma coisa, e eu preciso descobrir o quê. O problema é conseguir pegá-lo a sós, porque depois de cada encontro ele vai embora correndo.

— Deixe outra pessoa falar — digo a ela.

— Ele está namorando a Kiara Westford — interfere Zana. — Eu os vi abraçados no corredor na escola. E minha amiga Gina os viu juntos no almoço, e ouviu quando ele convidou a Kiara para o baile de boas-vindas.

Aquela foi a última vez que fiz algo em público.

— Por que você não cuida da sua própria vida? — pergunto a Zana. — Sério, você não tem mais o que fazer além de fofocar com suas amigas idiotas?

— Vai se foder, Carlos.

— Chega. Zana, não falamos assim aqui. Não vou tolerar palavrões. Estou te dando um aviso. — Berger pega a caneta e escreve alguma merda em seu caderno. — Carlos, me conte sobre o baile de boas-vindas.

— Não há o que contar. Eu vou com uma garota, só isso.

— Ela é alguém especial?

Olho para Keno. Se ele conhece o bando de Devlin, pode passar informações a eles. Será que Berger é ingênua o suficiente para acreditar que o que é dito nas sessões de terapia de nosso pequeno grupo vai ficar mesmo só nas sessões de terapia do grupo? Assim que sairmos daqui, garanto que Zana vai pegar o celular e contar para suas amigas idiotas tudo que ouviu aqui sobre nós.

— Kiara e eu somos… complicados — digo ao grupo.

Complicado. Esse parece ser o lema da minha vida nos último tempos. O resto da sessão de grupo se concentra em Carmela, que se queixa que seu

pai é tão antiquado que a proibiu de viajar para a Califórnia com uns amigos durante as férias de inverno. Carmela precisava de pais como os Westford, que acreditam que todos devem trilhar seu próprio caminho e cometer seus próprios erros (até você ser espancado, então eles ficam em cima de você e não deixam você um minuto sozinho). Eles são o oposto dos pais de Carmela.

Quando somos liberados do REACH, sigo Keno para fora do prédio.

— Keno — chamo, mas ele continua andando. Eu xingo em voz baixa, depois corro para alcançá-lo antes que ele entre no carro. — Qual é a porra do seu problema?

— Eu não tenho nenhum problema. Agora sai da minha frente.

Fico entre ele e seu carro.

— Você trabalha para o Devlin, né?

Keno olha para a direita e para a esquerda, como se ele suspeitasse que alguém estivesse ouvindo.

— Fica longe de mim.

— De jeito nenhum, cara. Você sabe de alguma coisa. Isso significa que você e eu somos melhores amigos. Eu vou ficar grudado em você até você me contar tudo o que sabe sobre mim e sobre Devlin.

— Você é um *pendejo*.

— Já me chamaram de coisa bem pior, cara. Não me teste.

Ele parece um pouco nervoso.

— Então entra no carro, antes que alguém veja a gente.

— A última vez que alguém me disse pra fazer isso, eu acabei surrado por cinco *pendejos*.

— Só entra logo. Ou não tem conversa.

Tenho vontade de entrar pela janela, mas me lembro de que só o carro de Kiara tem uma porta quebrada. Keno sai da vaga. Alex está me esperando na oficina do McConnell. Não tenho dúvidas de que ele acabará enviando a cavalaria se eu não aparecer, então ligo para ele.

— Cadê você? — pergunta meu irmão.

— Estou com um… amigo — respondo. Keno não é realmente um amigo, mas não há necessidade de levantar suspeitas. — Te encontro mais tarde — digo, desligando antes que ele possa começar a falar merda.

Keno não diz uma palavra até estacionarmos em um complexo de pequenos apartamentos fora da cidade.

— Vem comigo — diz ele, me conduzindo até um dos prédios.

No apartamento, ele cumprimenta sua mãe e irmãs em espanhol. Ele me apresenta, então vamos para os fundos. Seu pequeno quarto parece estranhamente familiar. Eu poderia reconhecer o quarto de um adolescente mexicano a um quilômetro de distância. As paredes brancas estão cobertas de fotos da família. A bandeira mexicana pendurada na outra parede e os adesivos verdes, brancos e vermelhos na mesa me dão uma sensação de conforto, embora eu saiba que tenho que ficar alerta perto de Keno. Eu não tenho certeza de qual é a dele.

Keno pega um maço de cigarros.

— Quer fumar?

— Não. — Nunca gostei, apesar de ter sido criado por um grupo de fumantes. *Mi'amá* fuma e Alex também fumava, até começar a namorar a princesa. Mas se ele me oferecesse um analgésico ou dois, eu provavelmente aceitaria. Eu fiquei de cama desde domingo à noite e meu corpo ainda está todo rígido.

Keno dá de ombros e acende um cigarro.

— Morrisey fez você fazer um exame de drogas hoje, né?

Acho que vamos falar amenidades antes de chegar à verdadeira razão pela qual estamos aqui.

— Sim.

— Você acha que passa?

— Não estou preocupado. — Me apoio na borda da janela e observo enquanto Keno se senta na cadeira de sua mesa e solta fumaça. O cara parece não ter nenhuma preocupação, e agora estou com inveja.

— Berger quase teve um enfarte quando te viu hoje.

— Você pode falar em espanhol comigo, sabe?

— Sei, mas se eu falar em espanhol, minha mãe vai entender o que estou dizendo. É melhor quando ela não tem ideia.

Concordo. É sempre melhor quando nossos pais não sabem. Infelizmente, precisei ligar para o meu tio Julio ontem e contar a ele o que está acontecendo. Ele prometeu se assegurar que Luis e *mi'amá* tivessem proteção e disse que tentaria não alarmá-los sem necessidade. Ele não ficou muito feliz por eu ter me envolvido com Devlin, mas já espera que eu só faça merda, então não se surpreendeu.

Isso me faz querer provar que não sou um completo inútil, mas não é

muito provável que eu consiga. Ser um merda é o que eu fiz de melhor em toda a minha vida. É reconfortante saber que Kiara e seus pais acreditam que qualquer um pode recomeçar a qualquer momento.

— Então você está namorando a tal Kiara, é? — diz ele, expelindo fumaça. — Ela é gostosa?

— Muito — respondo, sabendo que Keno não tem ideia de quem ela seja, porque ele não é aluno da Flatiron. Imagens de Kiara vestindo sua camiseta NÃO SEJA UM COVARDE, ESCALE UMA 14ER passam pela minha cabeça. Tenho que admitir que Kiara não é o tipo que me atrai normalmente, e estou certo de que Keno não se sentiria atraído por ela. Mas ultimamente não consigo pensar em algo que seja mais sexy do que uma garota que sabe soldar fios e assar estúpidos cookies magnéticos. Eu preciso parar de pensar tanto nela, mas eu não quero. Ainda não. Talvez depois do baile. Além disso, tenho que mantê-la por perto para protegê-la dos caras de Rodriguez e Devlin.

Falando em Devlin…

— Chega de conversa mole, Keno. Me fala o que você sabe.

— Eu sei que você é parte do bando do Devlin. Todo mundo sabe…

— Todo mundo quem?

— Os *Renegados* de Six Point, também conhecidos como R6. — Ele ergue a manga e mostra uma estrela negra de seis pontos com um grande R azul no meio. — Você está bem fodido, *ese*. O Devlin é doido, e o R6 não gosta que ele entre no nosso território. O R6 controlou as coisas por aqui até que Devlin começou a causar confusão. Uma guerra está prestes a começar, e Devlin está recrutando caras que sabem lutar. Tudo o que ele tem agora é um monte de moleques fracassados, uns meninos que fumam tanto quanto vendem. Ele precisa de guerreiros. Carlos, é só te olhar e qualquer um pode ver que você é um guerreiro, um *guerrero*.

— Ele me disse que queria que eu vendesse pra ele.

— Não acredite. Ele quer que você seja o que ele quiser, sempre que ele quiser. Como ele recebe carregamentos do México, ele quer ter mexicanos por perto. Ele sabe que a gente não confia em gringos. Se ele quer um soldado pra lutar em uma batalha de rua, ele tem você na manga.

Keno está me observando, avaliando minha reação a essas notícias. O fato é que eu já sabia disso, exceto pela informação sobre o R6. Que bom,

fui recrutado para uma guerra sem sentido entre traficantes, uma guerra que não tem ligação com coisa alguma a não ser dinheiro.

— Por que você está me contando isso? — pergunto a ele. — O que você quer em troca?

Keno se inclina para a frente, dá uma longa tragada e solta a fumaça lentamente. Ele olha para mim, sério.

— Estou pulando fora.

— Fora?

— *Sí*. Fora. Vou desaparecer, pra um lugar onde ninguém consiga me encontrar. Estou cansado da mesma *mierda* de sempre, Carlos. Porra, talvez essa coisa do REACH tenha me afetado. Toda vez que a Berger diz que temos o controle do nosso futuro, eu penso *moça, você não tem ideia do que está acontecendo*. Mas e se eu realmente tivesse controle sobre meu futuro, Carlos? E se eu fosse embora e começasse de novo?

— E fazer o quê?

Ele dá uma risada.

— O que eu quiser, cara. Merda, talvez eu possa conseguir um emprego e de alguma forma, algum dia, prestar o SAT e entrar numa faculdade. Talvez me casar e ter filhos que não se lembrem de seu pai como um marginal. Sempre quis ser juiz. Você sabe, mudar o sistema e fazer com que ele funcione, pra adolescentes como eu não acabarem presos. Eu escrevi isso na folha de objetivos do Kinney no REACH. Você provavelmente pensa que é um objetivo idiota, querer ser juiz depois de ser preso por posse de drogas…

— Não é idiota — eu digo, interrompendo-o. — Acho legal.

— Mesmo? — Ele sopra a fumaça, e pela primeira vez pressinto suas expectativas e seu medo misturados numa coisa só. — Quer vir junto? Estou indo no fim do mês, no Halloween.

— Isso é daqui a três semanas. — Deixar o Colorado significaria abandonar Devlin e devolver ao meu irmão e aos Westford suas vidas normais. Eles não teriam que lidar comigo ou com as minhas besteiras. E Kiara poderia seguir com sua vida, uma vida na qual eu de qualquer maneira não estaria. Logo ela vai perceber a verdade — que eu tenho menos do que nada para oferecer. A última coisa que preciso é vê-la sair com outros caras. Se ela voltar com Michael, vou ficar louco. Mas eu estaria delirando se achasse que nós poderíamos dar certo.

Eu assinto com a cabeça para Keno.

— Você está certo, eu tenho que ir embora. Mas eu preciso voltar ao México antes, pra ter certeza de que a minha família está segura. Depois que eu sair daqui, eles são a única coisa que vai me restar.

capítulo 46

Kiara

Quando contei à minha mãe que vou ao baile de boas-vindas com Carlos, ela não ficou surpresa. Disse que me levaria ao shopping para comprar um vestido na sexta-feira. Levou um tempo, mas finalmente encontrei um vestido longo, de cetim, sem mangas, em uma loja de roupas antigas. Ele abraça cada curva do meu corpo. É completamente fora da minha zona de conforto vestir uma roupa tão apertada com uma enorme fenda lateral, mas quando eu o coloco, ele faz com que eu me sinta bonita e confiante. Me lembra Audrey Hepburn em *Bonequinha de Luxo*.

Quando levei o vestido para casa, fui direto para meu quarto e o pendurei no meu armário. Não quero que Carlos o veja até eu vesti-lo para o baile.

No sábado pela manhã a família toda, incluindo Carlos, sai da cama e vai para o jogo de futebol americano. O Flatiron ganha por 21 a 13, então todo mundo está cheio de energia e entusiasmo. Depois do jogo, Carlos diz que tem coisas a fazer antes do baile. Eu vou com minha mãe comprar sapatos.

Ela pega um par de sapatos baixos, com fivelas nas laterais.

— O que você acha desses? Parecem confortáveis.

Balanço a cabeça.

— Não estou procurando por conforto.

Ando pela loja, me certificando de recusar qualquer sapato de salto que Carlos consideraria "de velha". Bato o olho em um par de sapatos pretos, lustrosos, com um salto de nove centímetros e um fecho no tornozelo, que lhe dava um ar antigo. Eles são perfeitos. Não sei se serei capaz de andar com eles, mas combinarão com meu vestido e parecem bons.

— E estes? — pergunto à minha mãe.

Ela arregala os olhos.

— Tem certeza? Eles vão te deixar mais alta que o seu pai.

Minha mãe não tem um par de sapatos com saltos de cinco centímetros, quem dirá acima de oito centímetros.

— Eu adorei — digo a ela.

— Então, experimente-os. São para o seu dia especial.

Quinze minutos depois, saio da loja com os sapatos, feliz por ter encontrado o par perfeito para combinar com o vestido. Quero que a noite seja perfeita também. Espero que Carlos não esteja se sentindo pressionado, mesmo eu o tendo coagido a me convidar. Espero que possamos nos divertir e esquecer o que aconteceu no último fim de semana. Não espero que dancemos muito, já que ele ainda está em processo de recuperação, mas tudo bem. Ficarei feliz em apenas estar ali com ele, nós sendo ou não um casal de verdade.

— Temos que pegar o *boutonnière* — diz minha mãe, quando entramos no carro.

— Eu já peguei de manhã.

— Que bom. Minha câmera está preparada. O papai carregou a bateria da filmadora… estamos prontos. Vamos mandar as fotos para a mãe do Carlos, na segunda-feira, assim ela não vai sentir que está perdendo alguma coisa.

Depois que chegamos em casa, fico no meu quarto com a porta trancada, treinando como andar com meus sapatos novos. Sinto que estou cambaleando a cada passo. Leva uma hora até eu pegar o jeito.

Tuck aparece e me deixa mais nervosa quando vejo que ele me trouxe uma caixa cheia de presentes para a noite.

— Abra — diz ele, me dando a caixa.

Eu a abro e olho dentro. Pego uma liga de renda preta.

— Não se usa uma liga para o baile de boas-vindas.

— Essa é feita especialmente para o evento. Veja, há um pingente dourado de bola de futebol preso nela.

Jogo a liga em minha cama, depois pego o próximo item. Um *gloss* labial cor-de-rosa.

Tuck dá de ombros quando eu o abro.

— Eu acho isso horrível, mas ouvi dizer que os heteros adoram quando as garotas exibem lábios brilhantes. Tem rímel e delineador aí também. A mulher da loja disse que eles são os melhores.

Enquanto pego os outros itens, faço uma parada e olho para Tuck.

— Por que você comprou todas essas coisas pra mim?

Ele dá de ombros.

— Eu só… não quis que você perdesse a oportunidade. Quer você admita ou não, você gosta dele. Sei que pego no pé dele, mas talvez você

veja alguma coisa no cara que o resto de nós não vê.

Tuck é o melhor amigo mais maravilhoso do mundo.

— Você é um doce — digo, enquanto esvazio a caixa, balinhas de menta e… dois preservativos. — Eu os mostro para ele. — Você *não* comprou preservativos pra mim.

— Tem razão, não comprei. Eu os peguei na enfermaria da escola. Eles dão se você quiser um… ou dois. Pode ser uma boa perguntar ao Carlos se ele é alérgico a látex, no entanto. Se ele for, você é azarada.

Penso em transar com Carlos e meu rosto pega fogo.

— Não estou planejando transar esta noite. — Jogo o pacotinho na cama, mas Tuck os pega de volta.

— É por isso que você precisa dos preservativos, idiota. Se você não está planejando e acontecer, você não estará preparada, então acabará grávida ou doente. Faça-me um favor e os coloque em sua bolsa ou na sua cinta.

Eu o abraço e o beijo no rosto.

— Te amo por cuidar tanto de mim. Lamento por Jake ter dito não quando você o convidou para o baile de boas-vindas.

Tuck dá risada.

— Eu não contei a última.

— Qual é?

— O Jake telefonou há uma hora. Ele não quer ir ao baile de boas-vindas… mas quer sair hoje à noite.

— Isso é ótimo. Aliás, eu pensei que ele fosse hétero.

— Qual é o seu problema? Pra alguém cujo melhor amigo é homossexual, você não tem radar pra detectar gays. Jake Somers é tão gay quanto eu, sem dúvida. Tenho que ser sincero, Kiara. Estou tão nervoso, ansioso e entusiasmado que espero não estragar tudo. Faz um tempo que eu gosto secretamente do Jake. — Tuck vai até minha escrivaninha e pega o caderninho onde anotou as Leis da Atração. Ele pega página por página e as rasga em pedacinhos.

— O que você está fa-fa-fazendo?

— Rasgando minhas Leis da Atração. Descobri uma coisa.

— O quê?

Tuck joga o papel picado no meu lixo.

— Não há regras de atração. Jake não é nem um pouco parecido com alguém que eu desejaria. Ele não tem os mesmos interesses que eu, odeia

jogos de frisbee, e lê e analisa poesia em seu tempo livre só por diversão. Eu não consigo parar de pensar nele. Ele diz que quer sair hoje à noite. O que *sair* quer dizer?

— Ainda estou tentando descobrir. — Pego o pacote de preservativos e jogo para ele. — É melhor você pegar um, só por precaução.

capítulo 47

Carlos

— Eu disse que você me ligaria um dia — diz Brittany, enquanto caminhamos pelo shopping.

Liguei ontem e pedi para ela me encontrar em Flatiron hoje, depois do jogo de futebol. Preciso de sua ajuda, porque ela é a única pessoa esnobe o suficiente que conheço para saber lidar com toda essa merda de baile de boas-vindas.

— Não fique se achando — digo a ela. — Estou surpreso que o Alex não tenha insistido em vir com a gente. Vocês dois parecem grudados pelo quadril.

Ela continua concentrada nos cabides de ternos, escolhendo alguns para eu experimentar.

— Não vamos falar sobre o Alex.

— Por que não, vocês dois brigaram? — brinco, sem acreditar por um minuto sequer que meu irmão brigaria com sua namorada.

Brittany pisca algumas vezes, como se estivesse segurando lágrimas.

— Na verdade, nós terminamos ontem.

— Você não está falando sério.

— Muito sério, e não quero falar sobre isso. Vá experimentar esses ternos antes que eu comece a chorar no meio da loja. Não vai ser bonito. — Ela me entrega os ternos e me manda para o provador. Quando olho para trás, ela tirou um lenço de papel da bolsa e está enxugando os olhos.

Quê? Não é de admirar que meu irmão não quisesse falar muito comigo e não tenha me interrogado sobre Devlin desde o domingo à noite. O que ele fez para estragar as coisas com a Brittany, a garota que ele considera responsável por mudar sua vida?

Graças ao envelope cheio de dinheiro de Devlin, compro um terno que, segundo Brittany, faz com que eu fique parecido com um modelo da GQ. Daí pegamos o *corsage* que eu encomendei ontem, de uma florista capaz de fazer um para Kiara de um dia para o outro. Quando voltamos para o carro, acho

seguro perguntar a Brittany sobre o suposto término. Se ela chorar agora, ninguém verá o rímel escorrendo por seu rosto.

Não consigo mais aguentar. A curiosidade está me matando.

— Você e o meu irmão são dolorosamente perfeitos juntos, então qual o problema?

— Pergunte ao seu irmão.

— Eu não estou com ele agora, estou com você. A menos que você queira ligar pra ele… — digo, tirando o celular do bolso.

— Não! — grita ela. — Não se atreva a ligar pra ele. Eu não quero vê-lo, ouvi-lo, nem saber dele neste momento.

Ah, merda, isso é sério. Ela não está brincando, então é melhor eu pensar rápido.

— Me leve até a oficina. Vou pegar o carro novo do Alex emprestado hoje à noite.

— Você pode usar o meu carro — diz ela, sem olhar.

Saco. Agora preciso encontrar uma desculpa para querer o carro do meu irmão em vez do Beemer conversível.

— A Kiara gosta de carros antigos. Ela vai ficar desapontada se eu chegar em um Beemer quando ela está esperando um Monte Carlo. Ela não é normal, sabe. E ela fica chateada com muita facilidade. Eu não quero fazê-la chorar e gaguejar no baile.

— Você vai continuar inventando essas bobagens até eu te deixar na McConnell's?

— Basicamente.

Quando paramos em um semáforo, Brittany suspira e respira fundo.

— Tudo bem, eu te levo. Mas não espere que eu saia do carro ou fale com *ele*.

— Mas se eu vou pegar o carro *dele*, *Alex* vai precisar de uma carona pra casa. Você pode levá-lo, pra eu poder me arrumar para o baile? — Meu irmão e Brittany juntos me deixam enjoado, mas pensar neles separados e tristes é… *No está bien*, não é bom. Eu encho o saco deles, mas no fundo invejo seu relacionamento. Quando estão juntos, o mundo pode desmoronar em volta sem que eles nem notem ou se importem, desde que tenham um ao outro.

— Não force a barra, Carlos — diz Brittany. — Eu vou deixar você lá e vou embora. Mas deixa eu te dar um conselho sobre esta noite. Depois eu

calo a boca. Deixe sua arrogância e seu ego em casa e trate a Kiara como uma princesa. Faça com que ela se sinta especial.

— Você acha que eu tenho um grande ego e um problema de arrogância? — pergunto a ela.

Ela dá uma pequena risada.

— Eu não *acho*, Carlos. Eu *sei*. Infelizmente, é um problema dos Fuentes.

— Eu chamaria de um trunfo. É o que torna os irmãos Fuentes irresistíveis.

— É, tanto faz — diz ela. — É o que arruína relacionamentos. Se você quer que a Kiara tenha boas recordações dessa noite, lembre-se do que eu disse e seja gentil.

— Eu já te disse que o Alex te ama tanto que ele tatuou o seu nome pelo corpo todo? Porra, ele marcou seu nome na nuca.

— Está escrito "LB", Carlos. As iniciais da Latino Blood.

— Não, não, não. Você entendeu tudo errado. Ele quer que todos pensem isso, mas na realidade significa Linda Brittany. LB, entendeu?

— Boa tentativa, Carlos. Completamente errada, mas foi uma boa tentativa.

Fiel à sua palavra, Brittany me deixa na frente da oficina e acelera. Seus pneus cantam no asfalto, algo que eu tenho certeza de que foi meu irmão quem a ensinou a fazer. É apenas mais uma prova de que eles deveriam estar juntos.

Na oficina, meu irmão está com a cabeça enfiada sob o capô de um Cadillac. Será que ele sabe que sua ex-namorada/amor de sua vida acabou de passar por aqui?

— O que você está fazendo aqui? — Alex me pergunta, limpando as mãos em um pedaço de estopa. — Achei que você estivesse meio morto.

— Você ficaria surpreso se soubesse como meio morto é longe de completamente morto, Alex. Na verdade, eu me sinto péssimo, mas estou fazendo um ótimo trabalho fingindo que não.

— Hum, hum. — Noto que ele está usando uma bandana negra na cabeça, algo que eu não o vejo usar desde que saiu da Latino Blood. Não é um bom sinal. Ele parece um rebelde, parece muito comigo. Eu sei em primeira mão que, quando você perde tempo se vestindo de rebelde, o próximo passo é começar a agir como um. — Eu tenho um monte de

trabalho pra fazer, e você tem um baile pra ir, então se você não se importa…

— Por que você terminou com a Brittany?

— Foi isso que ela disse? — Alex diz, sua sobrancelha tremendo de frustração e raiva. Cara, ele está puto. Pelo olhar cansado, acho que ele não anda dormindo muito ultimamente.

— Relaxa, irmão — digo a ele. — Ela não disse nada. Só falou pra eu perguntar pra você.

— Nós terminamos. Você estava certo, Carlos. A Brit e eu somos muito diferentes. Nós viemos de mundos diferentes e nunca daria certo.

Quando ele enfia a cabeça de volta sob o capô, eu o puxo.

— *Usted es estupido*.

— Eu é que sou estúpido? Não fui eu quem *sem querer* foi atacado por uma gangue no domingo passado — responde ele, balançando a cabeça. — Isso, sim, é estúpido.

— Vamos fazer uma coisa, Alex. Você me diz por que você e a princesa terminaram, e eu conto tudo o que sei sobre o Devlin.

Alex suspira, amansando um pouco sua raiva. Eu sei que, acima de tudo, ele também quer proteger a mim e a nossa família. Ele sabe que na próxima semana eu vou ser chamado para fazer um serviço para o Devlin. Ele não pode resistir em se envolver e tentar me ajudar a escapar.

— Os pais dela estão vindo pra cá visitar a irmã dela, Shelley, daqui a duas semanas — diz Alex. — Ela quer contar a eles que estamos namorando em segredo desde que viemos para a faculdade. Eles sabem como acabou entre a gente em Chicago. Eu fui um completo canalha com ela e depois desapareci. — Ele coloca as mãos sobre os olhos e geme. — Olha pra mim, Carlos. Eu ainda sou o mesmo cara com quem eles a proibiram de sair em Chicago. Eles acham que eu sou a escória da terra, e provavelmente estão certos. A Brittany quer que eu vá numa merda de jantar com eles. Como se eles fossem aceitar que a garota que criaram pra ser uma princesa acabe com um cara que eles sempre verão como o mexicano sujo e pobre da favela.

Não consigo acreditar nisso. Meu próprio irmão, aquele que bravamente lutou contra sua própria gangue e não teve medo de ser baleado, está se cagando com a perspectiva de defender a si mesmo e seu relacionamento diante dos pais de Brittany. — Você está com medo — digo a ele.

— Não estou. Eu simplesmente não preciso dessa merda.

A merda é meu irmão estar assustado. Ele tem medo que Brittany decida concordar com seus pais e dar um pé na sua bunda. Alex não suportaria ser rejeitado, então ele a afasta e a rejeita antes que ela possa fazer isso com ele. Eu sei, porque essa é a história da minha vida.

— A Brittany quer defender o relacionamento de vocês — digo, olhando para o Monte Carlo de Alex no canto da loja. — Por que você não quer? Porque você é um covarde, mano. Tenha um pouco de fé na sua *novia*. Se não, você vai acabar perdendo-a de verdade.

— Os pais dela nunca vão achar que eu sou bom o bastante para a filha deles. Eu sempre vou me sentir como o *pendejo* miserável que se aproveitou dela.

Eu tenho sorte, os pais de Kiara são o oposto. Eles querem ver seus filhos felizes, não importa como. Eles tentam nos influenciar, mas não julgam ninguém. No começo, pensei que era um fingimento, que ninguém poderia me aceitar daquele jeito, até nos momentos em que tentava afastá-los. Mas acho que os Westford realmente aceitam as pessoas como elas são, qualidade e defeitos juntos.

— Se você se acha um *pendejo* da favela, então é isso que você é. O problema é que a Brittany não vê classes sociais diferentes ou pensa na sua conta bancária quando está com você. É meio doentio, mas ela realmente te ama pelo que você é. Talvez vocês *devam* mesmo se separar, ela merece um cara que defenda seu relacionamento a todo custo.

— Vai se foder — diz Alex. — Você não sabe porra nenhuma sobre relacionamentos. Desde quando você já esteve em um?

— Estou em um agora.

— É falso. Até a Kiara admitiu.

— Sim, mas é melhor do que o que você tem, que é nada — digo, andando até o Monte Carlo azul. — Então, eu estava pensando em pedir seu carro emprestado pra hoje à noite. Não por mim, mas pela Kiara. Sei que você a acha legal, e não quero levá-la em um encontro oficial em seu próprio carro.

— Eu estava planejando passar nos Westford antes do baile. Eles me convidaram.

— Não precisa ir — digo.

— Tá bom. Mas traga-o de volta depois do baile, porque eu quero trabalhar nele amanhã. — Depois que guardo o terno e o *corsage* no banco

de trás, Alex diz: — Eu achava que você odiava me ver com a Brittany.

— Eu só gosto de encher o seu saco, Alex. É pra isso que servem os irmãos mais novos, não é? — digo, dando de ombros. — Ela pode não ser uma *chica* mexicana, mas ela é a melhor coisa que você vai conseguir na vida. Você devia fechar logo o negócio e casar com ela.

— Com o quê, meio diploma e um carro antigo pra oferecer?

Dou de ombros.

— Se isso é tudo o que você tem, tenho certeza de que ela vai topar. Porra, é muito mais do que eu tenho, e mais do que os nossos pais tinham quando se casaram. Pior ainda, porque *mi'amá* estava grávida da sua cara feia.

— Falando em feio, você se olhou no espelho ultimamente?

— Sim. É engraçado, Alex. Mesmo com um lábio estourado e um olho roxo, ainda sou mais bonito que você.

— Tá bom, certo. Espera — diz Alex. — Você ainda não me contou sobre o Devlin.

— Ah, sim. — respondo, dando a partida e pisando no acelerador. — Eu conto amanhã. Talvez.

Quando chego aos Westford, Brandon está no meu quarto, sentado em minha cama com os braços cruzados. O garoto está fazendo o seu melhor para manter uma expressão séria, que daqui a uns dez anos pode até intimidar alguém.

— O que aconteceu, *perro*?

— Eu estou bravo com você.

Cara, estou recebendo chumbo de todos os lados hoje.

— Pegue uma senha e entre na fila, cara.

Ele bufa como um carro com um escapamento furado.

— Você disse que nós éramos parceiros no crime. Que, se eu fizesse alguma coisa, você não contaria. E se você fizesse alguma coisa, eu não contaria.

— E?

— Você é um dedo-duro. Agora, o papai não me deixa mais jogar no computador, a menos que ele esteja junto, como se eu fosse um bebê. É tudo culpa sua.

— Desculpa. A vida não é justa.

— Por que não?

Se a vida fosse justa, meu pai não teria morrido quando eu tinha quatro anos. Se a vida fosse justa, eu não teria que me preocupar com Devlin. Se a vida fosse justa, eu teria uma chance real com Kiara. A vida é uma bosta.

— Não sei. Mas se você descobrir, *muchacho*, me conta.

Espero que ele dê um chilique, mas não. Ele pula da minha cama e vai em direção à porta.

— Eu ainda estou bravo com você.

— Você vai superar isso. Agora, some. Tenho que tomar banho e me arrumar. Estou atrasado.

— Eu vou superar isso mais rápido e te deixar em paz se você pegar alguns doces do armário acima da geladeira pra mim. É o esconderijo secreto da minha mãe. — Ele pede que eu me incline para que possa me contar um segredo. — É onde ela guarda as coisas que *não são saudáveis* — sussurra ele. — Você sabe, as coisas *boas*. — Quanto mais ele fala sobre isso, mais animado ele fica.

Droga. Eu tenho menos de uma hora antes de sair com Kiara, mas não quero deixar o garoto triste.

— Tudo bem, *Corredor*. Você está pronto pra iniciar a missão secreta em busca do tesouro?

Brandon esfrega as mãos, obviamente satisfeito consigo mesmo por ter conseguido me manipular. O garoto tem talento no departamento de persuasão, isso eu admito.

— Siga-me. — Eu coloco minha cabeça para fora da porta e depois aceno para que ele venha atrás. Contenho uma risada quando ele começa a andar na ponta dos pés. Às vezes, esse garoto age como uma criança de seis anos, e às vezes age como alguém com mais noção que alguns adultos que conheço.

Descemos as escadas em silêncio. Antes de chegarmos à cozinha, alguém sai do escritório de Westford. É Kiara, em um longo vestido preto justo, que abraça suas deliciosas curvas do peito até as coxas.

Seu cabelo não está apenas caindo pela frente até seu peito; as pontas foram cuidadosa e perfeitamente enroladas. Uma de suas pernas, longa e fina, espreita da abertura insanamente sexy da lateral do vestido.

Estou pasmo.

Estou sem palavras.

Meus olhos passeiam por ela, saboreando a vista. Eu sei que vou me lembrar desse momento para o resto da minha vida. Quando eu vejo o sapato aberto em seus pés, com um salto mais alto do que eu jamais a imaginei usando, meu coração quase para. Não quero piscar, com medo que ela seja apenas uma invenção da minha imaginação e desapareça.

— B-b-bom, o-o-o que v-v-você ac-ac-acha?

Brandon faz um "Shiu" alto para ela, passando o dedo pela boca.

— Estamos em uma missão secreta — sussurra alto, sem perceber que sua irmã se transformou em uma deusa. — Não diga uma palavra pra mamãe ou pro papai.

— Eu não vou dizer — sussurra ela. — Qual o objetivo da missão?

— Doces. Do tipo que *não é saudável*. Vamos!

Olho para Kiara, desejando que estivéssemos sozinhos agora. *Realmente* desejando estar sozinho com ela agora.

— Brandon, vá ver onde está seu pai, pra termos certeza de que o caminho está livre — digo a ele. Preciso de alguns minutos sozinho com sua irmã.

— Tudo bem — diz ele, desaparecendo pelo corredor. — Volto logo.

Eu tenho menos de um minuto sozinho com ela. Ponho minhas mãos nos bolsos, para evitar que ela as veja nervosas e tremendo. Ela me recompensa com um meio sorriso e depois olha para o chão.

Olho para o teto, desejando poder receber algum conselho, ou pelo menos um sinal do meu pai. Olho mais uma vez para Kiara. Ah, cara. Ela está olhando diretamente para mim agora, esperando que eu diga algo. Antes que eu consiga pensar em um comentário significativo ou engraçado, Brandon está de volta.

— Ele está na saleta. Vamos fazer isso antes que ele pegue a gente.

Engasgo. Tenho que tirar Brandon daqui. Vamos todos para a cozinha. Eu alcanço e abro a pequena porta do armário acima da geladeira. De fato, há uma grande cesta cheia de doces contrabandeados.

Brandon me puxa pela camiseta.

— Mostra pra mim, mostra, mostra.

Coloco a cesta sobre a mesa. Brandon sobe em uma cadeira da cozinha e examina o saque.

— Aqui — diz ele, empurrando uma barra de chocolate para minha mão.

— Essas têm nozes. Eu não gosto de nozes.

No final, Brandon pega uma barra de chocolate ao leite e dois bombons. Satisfeito com seu tesouro, ele desce da cadeira.

Coloco a cesta de volta no esconderijo secreto que todos conhecem. Quando me volto, Brandon já está quebrando um pedaço de chocolate e colocando-o na boca.

— Kiara, por que você está parecida com uma garota? — pergunta Brandon com a boca cheia de chocolate.

— Estou indo a um encontro. Com Carlos.

— Você vai beijar de língua?

Kiara o repreende com o olhar.

— Brandon! Isso não é uma pergunta educada. Quem te falou sobre isso?

— Os garotos do quarto ano, no ônibus.

— Como os garotos do quarto ano disseram que era?

Ele olha exasperado para ela.

— Você sabe…

— Explique — diz ela. — Talvez eu não saiba.

Sei em primeira mão que ela sabe o que é um beijo de língua, mas não vou contar seu segredo.

— É quando você lambe a língua da outra pessoa — sussurra ele.

Caramba, esse garoto sabe mais do que eu sabia na idade dele. Primeiro, ele é um traficante de drogas cibernéticas, agora está falando sobre beijar de língua. Kiara olha para mim, mas ergo minhas mãos. Tudo o que eu queria era dar um beijo de língua nela agora mesmo, mas posso esperar até mais tarde.

— Ele não é meu filho.

— Você pode pegar muitos germes dessa forma — diz ele, mastigando e contemplando as consequências do beijo de língua.

— Com certeza — concorda Kiara. — Não é, Carlos?

— Sim. Germes. Muitos deles. — Só não digo que os germes de algumas garotas valem a pena pegar.

— Eu nunca vou fazer isso — declara ele.

— Ninguém nunca vai querer fazer isso com você, *muchacho*, se você não limpar a boca depois de comer chocolate. Você está nojento.

Quando Kiara pega um guardanapo e limpa o rosto de Brandon, ele a olha com curiosidade.

— Você não respondeu minha pergunta. Você e o Carlos vão se beijar de língua?

capítulo 48

Kiara

— Brandon, para de perguntar isso ou vou contar pra mamãe que você comeu chocolate sem a permissão dela. — Eu me inclino e beijo sua bochecha, agora limpa. — Mas eu ainda te amo.

— Malvada — diz Brandon, mas sei que ele não está chateado, porque sai pulando da cozinha, como se tivesse molas nos pés.

Finalmente estamos sozinhos. Carlos vem atrás de mim e, com carinho, coloca meu cabelo de lado, deixando meu pescoço descoberto. — *Eres hermosa* — sussurra em meu ouvido. Só de ouvir as palavras em espanhol, amoleço por dentro.

Eu me viro e o encaro.

— Obrigada. Eu precisava ouvir isso.

— Eu deveria ir tomar um banho e me vestir, mas não quero parar de olhar pra você.

Eu o afasto de mim, mesmo que eu esteja realmente boba por ele não conseguir parar de me olhar.

— Vá. Não vou perder meu primeiro baile da escola.

Quarenta e cinco minutos depois, ainda estou de pé, de salto, com medo de sentar e amassar meu vestido. Minha mãe insistiu em pintar minhas unhas de cor-de-rosa, então resisto a roê-las, mesmo não conseguindo de forma alguma me acalmar. Estamos no quintal, minha mãe e meu pai tirando foto atrás de foto de mim próxima da casa, de um vaso de planta, do meu carro, com Brandon, e a cerca e…

Carlos abre a porta deslizante de vidro e sai para o pátio. Um terno preto e uma camisa social branca substituem seu jeans rasgado e camiseta surrada de sempre. Só de olhar para ele vestido assim *para mim*, meu coração começa a bater mais rápido e minha língua fica grossa e pesada. Sobretudo quando vejo que ele está segurando um *corsage*.

— Ah, você está lindo. É muito gentil da sua parte levar a Kiara ao baile de boas-vindas — diz minha mãe. — Ela sempre quis ir.

— Não é problema algum — diz Carlos.

Não interrompo e conto à minha mãe que ele me convidou porque fizemos um trato. Tenho certeza de que, se não tivéssemos feito isso, não estaríamos aqui vestidos com as melhores roupas que temos.

— Aqui — diz Carlos, estendendo o *corsage*, feito com flores roxas e brancas, com miolos amarelos.

— Coloque nela, Carlos — diz minha mãe, entusiasmada, enquanto prepara sua câmera.

Meu pai faz com que ela abaixe a câmera.

— Colleen, vamos entrar. Acho que devemos dar a eles cinco minutos de privacidade.

Quando meus pais entram, Carlos coloca o *corsage* no meu pulso.

— Sei que não combina com o seu vestido — diz ele com timidez. — E não são rosas, como tenho certeza que você esperava, mas são ásteres mexicanos. Cada vez que você olhar pra eles esta noite, espero que você se lembre de mim.

— São per-per-perfeitas — digo, cheirando o doce perfume das flores roxas e amarelas.

O *boutonnière* que comprei para ele está sobre a mesa do pátio. É simples, com uma rosa e folhas verdes. Eu pego e o estendo para Carlos. — Eu deveria pren-pren-prender na par-par-parte de cima de sua lapela.

Ele se aproxima. Minhas mãos tremem enquanto eu pego o alfinete grande e tento colocá-lo no lugar.

— Deixa, eu faço isso — diz ele, quando me vê lutando para empurrar o alfinete através da fita verde que o florista colocou sob o *boutonnière*. Nossos dedos se tocam e eu mal consigo respirar.

Depois de sofrermos alguns minutos com meus pais, nuvens começam a se formar no céu.

— Deve chover hoje à noite — diz minha mãe, depois me manda pegar a capa de chuva acinzentada que não combina com o vestido, mas é à prova d'água. Carlos parece empolgado em me levar no carro de Alex. Ele sabia que eu acharia legal termos carros que combinam.

Dirigimos até a escola e, dez minutos depois, chegamos ao estacionamento, que está lotado. Mas antes de chegarmos à porta de entrada, saído do nada, Nick Glass e outros dois caras enormes bloqueiam nosso caminho. É óbvio que eles não estão aqui para dançar… Eles querem causar problemas.

Agarro o braço de Carlos, com medo que ele se meta em outra briga.

— Está tudo bem — diz ele, tentando me tranquilizar. — Confia em mim, *chica*.

— Este é meu território — diz Nick, chegando mais perto de nós. — Não estou a fim de dividir.

— Eu não o quero — diz Carlos a ele.

— Qual é o problema aqui? — pergunta Ram, vindo até nós com uma garota que não reconheço. Ram e Carlos viraram amigos na escola, e é bom saber que tem alguém disposto a se arriscar por Carlos, mesmo que seja no baile de boas-vindas.

— Estamos numa boa, Nick? — pergunta Carlos.

Nick olha de Carlos para Ram e de novo para Carlos. Os amigos de Nick não são da Flatiron High. Eles parecem caras que não têm medo de brigar, mas, no fim, Nick se afasta e nos deixa passar.

Carlos segura minha mão e passa por eles sem demonstrar medo.

— Se você precisar de mim, Carlos, estou aqui — diz Ram a ele, quando chegamos à entrada da escola.

— Digo o mesmo, cara — responde Carlos, e então aperta minha mão. — Se você quiser ir pra outro lugar, Kiara, eu topo.

Balanço a cabeça.

— Um acordo é um acordo. Quero que o fotógrafo tire uma foto pra eu colocar no meu mural, sobre a minha mesa, como uma lembrança do meu primeiro baile na escola. Só me prometa, nada de brigas.

— Certo, *chica*. Mas se, depois da foto, você quiser ir pra outro lugar, é só falar.

— Aonde iríamos? — pergunto a ele.

Ele olha em volta, para as bandeiras e cartazes e os estudantes dançando e gritando, a música alta. Ele me puxa para mais perto de si.

— Algum lugar calmo, onde possamos ficar sozinhos. Não estou a fim de te dividir esta noite.

A verdade é que eu também acho que não quero dividi-lo com mais ninguém hoje.

O fotógrafo nos posiciona para as fotos antes de entrarmos no ginásio. Na verdade, ele faz isso nos tratando como manequins de uma loja de departamentos.

— Quer uma bebida? — pergunta Carlos, me puxando com o braço em

volta da minha cintura para que eu consiga ouvi-lo, apesar da música alta.

Balanço a cabeça, perdida no cenário. A maioria das garotas está usando vestidos bem curtos, com saias rodadas que se abrem quando elas rodam e dançam. Pareço deslocada com o meu vestido longo, preto e de caimento vintage.

— Comida? — pergunta Carlos. — Tem pizza.

— Ainda não. — Observo os estudantes dançando. A maior parte deles está dançando em grupos, pulando ao som da música alta. Madison não está aqui. Nem Lacey. Saber que não serei objeto de suas palavras grosseiras hoje à noite faz com que eu me sinta à vontade.

Ele pega minha mão e me leva até um canto distante do ginásio.

— Vamos dançar.

— Você ainda não está cem por cento bom. Vamos esperar até uma música lenta. Não quero que você se machuque.

Sem me dar ouvidos, Carlos começa a dançar. Ele não age como se estivesse com dor. Na verdade, age como se tivesse dançado *street dance* a vida toda. A música alta tem um ritmo rápido. A maioria dos caras que conheço não tem gingado, mas ele tem. Ele é incrível. Quero me afastar e ficar só assistindo a ele mexer seu corpo ao ritmo da música.

— Deixa eu ver do que você é capaz — diz ele em algum momento. Ele tem um brilho malicioso no olhar quando arqueia uma sobrancelha. — Eu te desafio, *chica*.

capítulo 49

Carlos

Kiara dança como uma profissional. Cara, um desafio e a menina se move como se a música fosse só dela. Eu danço com ela, nossos movimentos de repente se encaixam. Estamos encontrando nosso próprio ritmo juntos, dançando uma música atrás da outra, sem parar. Kiara afasta meus pensamentos de Devlin e do drama atual entre Brittany e Alex.

No meio de uma música rápida, o DJ muda tudo. Uma música dolorosamente lenta sobre amor e perda ecoa no ginásio. Kiara olha para mim, sem saber como vamos fazer isso.

Pego suas mãos e as passo ao redor do meu pescoço. Droga, como ela cheira bem… como framboesas frescas que alguém poderia inalar para sempre. Quando eu a puxo para perto e seu corpo se cola ao meu, tudo o que quero fazer é roubá-la e nunca mais devolvê-la. Estou tentando fingir que Devlin não existe e que eu não vou deixá-la para sempre no fim do mês. Quero aproveitar o hoje, porque meu futuro no momento é uma grande bagunça.

— No que você está pensando? — ela me pergunta.

— Sair daqui — digo, falando a verdade. Ela não sabe que estou falando sobre deixar o Colorado, mas tudo bem. Se ela soubesse dos meus planos, ela provavelmente chamaria Alex e seus pais e organizaria uma intervenção. Porra, ela provavelmente convidaria Tuck também.

Com os braços ainda enganchados em meu pescoço, Kiara olha para mim. Eu me inclino e, com ternura, beijo seus lábios suaves e brilhantes, sem me importar se os professores estão olhando. Todo o corpo estudantil foi avisado sobre a possibilidade de ser expulso do baile por "demonstrações públicas de afeto".

— Não p-p-podemos nos beijar — diz Kiara, afastando a cabeça.

— Então vamos para algum lugar onde possamos. — Minha mão desliza por suas costas e descansa na curva logo acima de sua bunda.

— Ei, Carlos! — grita Ram, quando ele e sua acompanhante se aproximam de nós, depois que dançamos e comemos e estamos nos

preparando para ir embora. — Nós vamos sair daqui e ir para a casa do lago dos meus pais. Vocês querem vir?

Olho para minha parceira. Ela assente com a cabeça.

— Você tem certeza? — pergunto.

— Sim.

Está chovendo, então corremos até o carro. Saindo do estacionamento, sigo Ram e alguns outros carros. Meia hora depois, saímos da estrada principal e dirigimos por um longo caminho até uma pequena casa em um lago particular.

— Você tem certeza de que não tem problema a gente estar aqui? — pergunto a ela. Ela não disse quase nada desde que deixamos o baile.

— Sim. N-n-não quero que esta noite acabe.

Nem eu. Amanhã, a realidade começará a se impor. Nós corremos atrás dos três outros casais para dentro da casa, porque agora está chovendo forte. Não é uma casa grande, mas tem janelas enormes com vista para o lago. Tenho certeza que, se não estivesse escuro lá fora, poderíamos ver a água. Mas tudo o que vemos é a chuva batendo contra as janelas.

A geladeira de Ram está cheia de latas de cerveja.

— É tudo nosso — diz Ram, jogando uma lata para cada pessoa. — E há mais na garagem, se quisermos.

Kiara está segurando a lata de cerveja que pegou no ar. Ainda está fechada.

— Você vai beber? — ela me pergunta.

— Talvez.

Ela estende a mão.

— Então me dá as chaves. Eu não quero você dirigindo se tiver bebido — diz ela em voz baixa, para que os outros casais não possam ouvir.

— Aliás — diz Ram –, quem for beber tem que dormir aqui. Regras da casa.

Olho em volta. Parece que os outros casais estão prontos para ficar.

— Espere aqui — digo a Kiara, e corro até o carro para pegar o celular que deixei no painel. Cinco minutos depois, volto para a casa. Apesar de sua autoproclamada timidez, Kiara está indo bem. Ram e ela estão discutindo os benefícios do diesel. Fico tentado a dizer "Essa é minha garota". Mas ela não é realmente minha garota. Pelo menos, muito em breve ela não será. Esta noite, no entanto, ela é.

Puxo Kiara para um canto.

— Vamos dormir aqui — digo a ela. — Acabei de ligar para os seus pais. Eles disseram que tudo bem.

— Como você conseguiu que eles deixassem?

— Eu disse que estávamos bebendo. Pelo visto eles preferem nos deixar ficar aqui a dirigirmos bêbados.

— Mas eu não estava planejando beber.

Abro um sorriso malicioso.

— O que eles não sabem não pode machucá-los, *chica*.

Quando o resto do grupo começa a procurar lugares mais reservados para passar a noite, pego um monte de cobertores que Ram tirou do armário e levo Kiara para fora.

— Aonde vamos? — pergunta ela.

— Eu vi um píer perto do lago. Sei que está frio e chovendo… Mas lá é coberto e quieto — digo, tirando meu casaco e dando-o para ela. — Aqui.

Ela desliza os braços para dentro das mangas e o mantém fechado. Gosto dela vestindo minha jaqueta; é como se, de alguma forma, ela fosse minha e de nenhuma outra pessoa.

— Espera! — diz Kiara, agarrando meu pulso. — Passa suas chaves pra cá.

Ah, saco. É isso. É aqui que ela me diz que não é minha e que ainda está apaixonada por Michael e quer ir embora. Ou que ela só queria que eu a levasse ao baile e que eu entendi tudo errado. Apesar de ter tomado apenas uma cerveja e ainda estar dolorosamente sóbrio, não quero levá-la de volta para casa. Quero que esta noite dure o máximo possível.

— Eu preciso da minha bolsa — explica ela. — Ficou no carro.

Ah. A bolsa dela. Fico parado na chuva, estupefato, olhando para a garota que me faz querer agarrá-la e nunca mais soltar, como se ela fosse meu salva-vidas. Minhas emoções estão me assustando. No caminho para o píer, paramos no carro. Kiara pega sua bolsa e a aperta contra o peito enquanto caminhamos pela grama.

— Meus saltos estão afundando na lama — ela me diz.

Ponho os cobertores em seus braços e a pego no colo.

— Não me deixe cair — diz ela, tentando equilibrar os cobertores no colo enquanto segura meu pescoço, como se sua vida dependesse disso.

— Confie em mim. — Essa é a segunda vez que peço a ela para confiar

em mim. A verdade é que ela não devia confiar, porque amanhã tudo vai mudar. Mas não quero pensar no amanhã. Esta noite precisa durar uma vida inteira. Esta noite… Esta noite ela pode confiar em mim, e eu posso confiar nela.

Coloco-a no chão do píer coberto. Está escuro e nuvens negras cobrem a luz da lua. O cobertor de cima está molhado, então fico feliz por ter pegado um monte. Arrumo os cobertores secos no píer de madeira, criando um lugar acolchoado para dormirmos.

Eu só não sei se dormir é tudo o que faremos esta noite.

— Kiara? — digo.

— S-s-sim? — responde ela, suas palavras ecoando na escuridão.

— Vem deitar comigo.

capítulo 50

Kiara

Meu coração vibra e eu me contagio com o entusiasmo de suas palavras.

— Está es-es-escuro. Não consigo ver nada.

— Siga minha voz, *chica*. Não vou deixar você cair.

Estendo a mão na escuridão, como se estivesse cega, todo o tempo tremendo de nervoso ou devido à chuva fria. Não consigo saber o que me faz tremer mais. Quando nossas mãos se conectam, em meio à noite escura, ele me guia até os cobertores. Eu coloco minha bolsa com o preservativo dentro dela ao lado do cobertor, e então enrolo meu vestido com dificuldade para me sentar diante dele.

Ele passa seus braços fortes e musculosos à minha volta.

— Você está tremendo — diz, me puxando contra seu peito.

— Não con-con-consigo parar.

— Você está com frio? Posso procurar mais cobertores, se você…

— Não, não vá embora. F-f-fique comigo. — Eu me viro e o envolvo pela cintura com meus braços, mergulhando no calor de seu corpo, impedindo-o de sair dali. — Só estou ner-ner-nervosa.

Ele acaricia meus cabelos, agora molhados pela chuva.

— Eu também.

— Carlos?

— Sim?

Como não consigo vê-lo, eu me estendo e sinto seu queixo barbeado.

— Me conte alguma coisa sobre a sua infância que você lembre. Alguma coisa bo-bo-boa.

Ele leva muito tempo para responder. Será que não se lembra de nada feliz da sua vida em Chicago?

— O Alex e eu sempre nos metíamos em encrenca depois da escola, quando a minha mãe estava trabalhando. Era para o Alex estar no comando de tudo, mas a última coisa que um garoto de treze anos quer é fazer sua lição de casa assim que chega em casa. A gente fazia uns campeonatos, que chamávamos de Olimpíadas Fuentes, e criávamos os eventos mais ridículos.

— Como o quê?

— Alex teve a ideia estúpida de cortar as pontas das meias-calças da minha mãe e colocar bolas de tênis em cada perna. Ele as chamou de "disco-calça". Nós as rodávamos por aí como moinhos de vento, depois as jogávamos tão forte quanto conseguíamos. Algumas vezes, quem jogasse mais longe era o vencedor, em outras, quem jogasse mais alto. — Ele dá uma risada. — Nós éramos tão idiotas que as devolvíamos à gaveta da minha mãe e pensávamos que ela nunca suspeitaria de que nós é que as tínhamos retalhado daquele jeito.

— Ela era dura com vocês?

— Vamos dizer que minha bunda dói desde aquele dia, e isso aconteceu há sete anos.

— Ai.

— É. O Alex e eu passávamos muito tempo juntos nessa época. Uma vez, eu quis ser um pirata, então fui até o quarto da minha mãe, peguei sua caixa de joias e a enterrei no bosque atrás da nossa casa. A maioria era bijuteria e broches que ela precisava usar no trabalho. Fui pra casa e desenhei um mapa com um grande *X* em vermelho marcado onde eu tinha escondido a caixa e depois disse para o Alex encontrá-la.

— Ele a encontrou?

— Não. — Ele dá uma risadinha. — Nem eu.

— Sua mãe ficou brava?

— Brava nem chega perto, *chica*. Todos os dias, depois da escola, eu ia ao bosque cavar à procura da caixa, mas nunca conseguia encontrá-la. A pior parte disso é que sua aliança de casamento estava na caixa… ela nunca a usava, porque, depois que *mi papá* morreu, ela não queria correr o risco de perdê-la.

— Ah, meu Deus. Isso é horrível.

— É. Não foi divertido na época, é claro. Mas um dia eu vou encontrar aquela caixa, se ninguém mais o fizer. Certo, sua vez. O que você fez que deixou o Todo-Poderoso-Professor e a Rainha-Mãe-dos-Chás-Orgânicos irritados de verdade?

— Uma vez escondi as chaves do carro do meu pai, pra ele não ir trabalhar — respondo.

— Isso não é ruim o bastante. Conta outra coisa.

— Eu costumava fingir que estava doente pra não ir para a escola.

— Por favor, eu era o campeão em fazer isso. Você nunca fez alguma coisa realmente ruim? Sempre foi uma garota exemplar?

— Quando ficava brava com meus pais, eu costumava colocar molho de pimenta na pasta de dentes deles.

— Agora sim, é disso que estou falando. Boa.

— Mas meus pais nunca me bateram, eles não acreditam que bater seja a solução. Eu ficava muito de castigo durante minha fase rebelde, aos doze anos.

Ele dá uma risada.

— Vivo em uma fase permanente de rebeldia. — Seus dedos percorrem meu joelho e, devagar, sobem pela minha coxa. Quando ele alcança a liga, ele toca a renda. — O que é isto?

— Uma liga. Você deveria tirá-la e guardá-la como lembrança. Ti-ti-tipo um troféu por ir tão longe, sexualmente, com uma garota. Na verdade, é idiota. E meio de-de-de-gradante, se eu pensar mu-mu-muito sobre isso.

— Eu sei o que é — diz ele, com um tom de voz divertido. — Só queria ouvir sua explicação. — Ele desliza a liga devagar, beijando o rastro deixado por ela. — Gostei — diz, tirando meus sapatos. A liga é a próxima.

— Você está se sentindo rebelde agora? — pergunto a ele.

— *Sí*. Muito rebelde.

— Lembra quando você me disse que iríamos nos meter em confusão um dia desses?

— Sim.

— Acho que esse dia chegou. — Estendo as mãos tremendo e começo a desabotoar sua camisa. Abro-a, expondo seu peito nu, que começo a beijar. Beijo cada vez mais embaixo, enquanto abro mais botões.

— Você quer se meter em confusão comigo, Carlos?

capítulo 51

Carlos

Eu me meter em confusão com ela? Porra, no minuto em que coloquei os olhos nela, na Flatiron High, eu já estava metido em confusão. Agora estou perdido na sensação de seus lábios suaves e quentes na minha pele. Deixei-a assumir o controle. Estou me contendo, mesmo com meu corpo gritando por mais. Brittany me disse para controlar meu ego e minha arrogância hoje à noite. O problema é que eu não estou segurando nenhum dos dois agora.

Sua língua molhada se estende e lambe meu mamilo esquerdo.

— Isso é b-b-bom? — pergunta ela.

Nenhuma garota jamais fez isso comigo. Droga, eu nem sei se deixaria qualquer outra garota fazer isso. Mas essa não é outra garota, essa é Kiara. Tenho a sensação de que, nesse momento, ela poderia fazer qualquer merda que quisesse e eu concordaria.

— Sim. É muito bom, *chica*. Mal posso esperar pra devolver o favor.

Minha respiração está entrecortada, e tento fazer o resto do meu corpo se acalmar enquanto sua boca se move até o outro lado do meu peito.

Preciso senti-la contra mim. Nunca disse que era paciente.

— Ei — digo, levantando seu queixo. Eu a beijo suavemente, sem querer nada além de tê-la deitada ao meu lado. — É a minha vez.

Escorrego minha jaqueta por seus ombros e a jogo para fora do caminho. Meus dedos percorrem o zíper em suas costas, parando quando chegam ao topo. Aí puxo devagar para baixo, expondo a pele que eu gostaria de poder ver, mas só posso imaginar. Kiara desabotoa minha calça e coloca a mão lá dentro, para me sentir sobre a cueca.

— O que você está fazendo? — pergunto a ela.

— Desculpa — diz ela, puxando rapidamente a mão para fora. — Eu n-n-ão sabia o q-q-que fazer com as mãos e queria saber se eu estava te d-d-deixando e-e-e-excitado.

Eu rio. Só a Kiara para procurar as respostas dentro da minha calça.

— Você sentiu a evidência? — pergunto, sorrindo.

— Sim — sussurra ela. — Você está com tesão.

— Só pra você saber… — Pego sua mão e a coloco sobre mim novamente. — Eu fico duro só de pensar em você.

Posso sentir seu sorriso, mesmo que não consiga vê-lo. Imagino seus cílios enquadrando seus olhos de camaleão, que provavelmente estão cinza-claros.

Deslizo seu vestido por seus ombros e não paro até que ele saia completamente.

— Sua vez — sussurra ela, afastando-se quando eu estendo a mão para tocá-la.

Eu tiro tudo, exceto a cueca, depois a puxo para debaixo das cobertas comigo.

— Você está com frio? — pergunto, percebendo um leve tremor de suas mãos quando ela se aproxima e apalpa meu rosto com os dedos.

— Não.

Me inclino sobre ela para beijá-la.

— Passe um pouco dos seus germes pra mim — digo a ela, lembrando das ideias de Brandon sobre os beijos.

— Só se você me passar os seus — diz ela contra meus lábios. Ela abre a boca para mim e movemos nossas línguas juntas, a umidade escorregadia me deixando ainda mais duro — como se isso fosse possível.

Nós nos movemos juntos, nossos corpos se esfregando um contra o outro pelo que parece ser uma eternidade. Eu coloco a mão dentro de sua calcinha e a sinto ao mesmo tempo em que suas mãos se fecham em volta de mim.

— Eu trouxe uma camisinha — digo a ela quando tiro sua calcinha. Estamos quentes e suados, e eu não consigo mais resistir.

— Eu também — sussurra ela ao meu ouvido. — Mas talvez não possamos usá-la.

— Por que não? — Espero que ela me diga que isso tudo foi um erro, que ela realmente não queria me deixar assim todo excitado apenas para me dizer que não sou digno de tirar sua virgindade, mas que essa é a verdade.

Ela pigarreia.

— Tudo d-d-depende se você é ou não alérgico ao l-l-látex.

Látex? Nunca tinha ouvido essa pergunta. Talvez porque todas as outras garotas com quem estive esperavam que eu trouxesse a proteção, ou nem sequer esperavam que eu usasse.

— *Chica*, não sou alérgico a nada.

— Ótimo — diz ela, pegando sua bolsa e tirando um pacote de camisinha. — Você quer que eu coloque em você?

Ela não consegue ver o sorriso em minha boca. Eu não sou a virgem aqui, e ainda assim a noite está cheia de primeiras vezes para mim.

— Você acha que consegue?

Ouço o som do pacote sendo rasgado.

— Eu ouvi um desafio? — sussurra ela, inclinando-se para a frente e dizendo contra meus lábios. — Ah, Carlos. Você sabe que eu não resisto a um desafio.

capítulo 52

Kiara

— Acorda, *chica*.

O som da voz de Carlos e o toque gentil de seus dedos em meu ombro nu me arrepiam. Minhas pernas estão entrelaçadas às dele, minha cabeça está aninhada em seu braço e as lembranças do que fizemos há algumas horas trazem sentimentos agridoces à tona.

Abro meus olhos. Ainda está escuro e estamos completamente nus sob os cobertores.

— Oi — digo, com minha voz grogue e cansada.

— Ei. Precisamos ir.

— Por quê? Não podemos ficar aqui mais um pouco?

Ele tosse e rola para longe, seu movimento fazendo o ar frio da noite atingir minha pele.

— Esqueci que tinha que devolver o carro do Alex hoje à noite.

— Ah — digo, sem pensar direito. — Tudo bem. — É óbvio que ele está surtando e se arrependendo do que fizemos. Eu entendo isso. Não sei o que disparou isso agora, mas entendo.

— Vista-se — diz ele, sem qualquer emoção na voz.

Quando ele me passa seu casaco, depois de estarmos ambos vestidos, eu não o pego.

— Tenho minha capa de chuva — digo a ele.

— Você a deixou no banco de trás do carro, Kiara. Vista isso. Vai te proteger da chuva.

— Não preciso — digo, então saio na chuva com meu vestido e descalça. Preciso do seu amor. Da sua honestidade. Me emprestar seu casaco é uma proteção superficial, de qualquer modo. O casaco está molhado, por dentro e por fora.

No carro, depois que ele guarda os cobertores no porta-malas e murmura algo sobre ter que ir a uma lavanderia para lavá-los, dirigimos pelas ruas vazias no escuro da noite, em silêncio. O único som presente vem da chuva

batendo contra as janelas. Queria que a chuva não me lembrasse tanto lágrimas.

— Você está bravo comigo? — pergunto a ele enquanto coloco minha capa de chuva, para que ele não veja que meus braços estão tremendo.

— Não.

— Então pa-pa-pare de agir como se estivesse. A noite foi perfeita pra mim. Por favor, não a estrague.

Ele para ao lado do meu carro, na entrada de casa. A chuva está caindo mais forte agora.

— Espere um pouco pra sair — diz ele, enquanto pego meus sapatos e a bolsa.

— Como você vai voltar pra casa, depois de deixar o carro?

— Vou dormir no meu irmão — responde ele.

Assisto às gotas de chuva deixarem um rastro na janela do carro e depois desaparecerem. Não posso ficar aqui por muito mais tempo sem ficar emotiva.

— Só pra você saber, eu não me arrependo desta noite. Nem um pouco.

Ele me encara. As luzes de fora brilham em seu rosto bonito e forte.

— Olha, eu preciso pensar nas coisas. Tudo está tão…

— Complicado — digo, terminando sua frase. — Deixa eu f-f-facilitar pra você, então. Não sou burra de pensar que as coisas mudaram só por-por-porque a gente fez sexo. Você deixou b-b-bem claro desde o começo que não estava procurando por uma namorada. Pronto, agora estou descomplicando tudo. Você está livre e desimpedido.

— Kiara…

Não vou aguentar ouvi-lo dizer que essa noite foi um erro, apesar de eu ter declarado que não precisava significar coisa alguma. Saio do carro, mas em vez de correr para fugir na chuva, vou direto para o meu carro. Preciso ficar em um lugar onde eu possa pensar e chorar sem ninguém me ouvir. Neste momento, meu carro é meu santuário. Se Carlos apenas fosse embora, eu poderia chorar em paz.

Ele abre sua janela e faz um movimento para que eu abra a minha. Quando faço isso, ele tenta dizer algo. Mal dá para ouvir sua voz, abafada pelo som da chuva que cai pesada entre nós.

Eu me inclino para fora da janela do carro.

— O quê?

Ele vem em direção à janela, me encontrando no meio do caminho. Ambos estamos ensopados, mas nenhum de nós parece se importar.

— Não fuja de mim bem quando eu preciso te dizer algo importante.

— O quê? — pergunto, esperando que ele não perceba as lágrimas que descem pelo meu rosto e rezando para que elas se misturem à água da chuva.

— Hoje à noite foi… bom, foi perfeito pra mim também. Você virou meu mundo de cabeça pra baixo. Eu me apaixonei por você, *chica*, e isso me assusta pra caralho. Estou tremendo a noite toda, porque sabia disso. Tentei negar, fazer você pensar que eu te queria como uma namorada de mentira, mas isso não era verdade. Eu te amo, Kiara — diz ele, antes de encostar seus lábios nos meus.

capítulo 53

Carlos

— O que você está fazendo aqui? – pergunta Alex, quando eu apareço em sua porta às cinco da manhã.

— Estou mudando de volta pra cá — respondo, passando por ele. Pelo menos até Keno e eu desaparecermos no fim do mês.

— Você deveria estar nos Westford.

— Não posso mais ficar lá — digo a ele.

— Por que não?

— Eu meio que esperava que você não perguntasse.

Meu irmão treme quando pergunta:

— Você fez algo ilegal?

Dou de ombros.

— Talvez em alguns estados. Escuta, Alex, eu não tenho mais pra onde ir. Mas posso ir morar na rua, com os outros garotos cujos irmãos os expulsaram.

— Não vem com esse papo, Carlos. Você sabe que não pode ficar aqui. Ordens do juiz.

Ordens do juiz ou não, não posso me aproveitar de Westford. Ele é um daqueles homens bons que eu costumava achar que só existiam nos filmes.

— Eu transei com a filha do professor — solto. — Então, posso ficar aqui, ou não?

— Por favor, diga que você está brincando.

— Eu não posso. Foi depois do baile, Alex. E antes de começar a me dar uma sermão sobre certo e errado, lembre-se de que você transou com a Brittany pela primeira vez pra ganhar uma aposta, no chão da oficina do nosso primo e no Halloween, nada menos.

Alex esfrega as têmporas com os dedos.

— Você não sabe nada sobre aquela noite, Carlos, pare de falar como se soubesse. — Ele se senta na cama e apoia a cabeça nas mãos. — Desculpa por perguntar, mas preciso saber… Você usou camisinha?

— Não sou idiota.

Alex olha para mim e arqueia uma sobrancelha.

— O.k. — digo. — Admito, sou um idiota. Mas ainda assim usei camisinha.

— Pelo menos você fez uma coisa certa. Você pode ficar hoje à noite — diz Alex, jogando um travesseiro e um cobertor do armário em cima de mim.

Alex devolveu o colchão de ar, então tenho que dormir no chão. Dez minutos depois, quando as luzes estão apagadas e estou olhando para as sombras no teto, pergunto:

— Quando você se apaixonou pela Brittany? Você sabia o tempo todo ou aconteceu alguma coisa específica?

Ele demora a responder, então acho que ele está dormindo. Mas então um longo suspiro corta o silêncio.

— Foi na aula de química da Peterson… Quando ela disse que me odiava. Agora para de falar e vai dormir.

Viro de lado e a noite inteira passa pela minha cabeça, como um filme, começando com o momento em que vi Kiara com aquele vestido preto. Ela literalmente tirou meu fôlego.

— Alex?

— O quê? — pergunta ele, irritado.

— Eu disse a ela que a amava.

— E é verdade?

Eu não estava brincando quando disse que Kiara virou minha vida de cabeça para baixo. Que tipo de garota usa camisetas largas todos os dias, tem um melhor amigo gay, gagueja quando está nervosa, gruda os horários de banho no espelho do banheiro, faz cookies magnéticos apenas para me irritar, conserta carros e gosta de ser desafiada a colocar uma camisinha? Ela é doida.

— Estou completamente fodido, Alex, porque não consigo pensar em coisa melhor do que acordar com ela todas as manhãs.

— Você está certo, Carlos. Você está completamente fodido.

— Como vou me livrar dessa coisa com o Devlin?

— Eu não sei. Estou tão sem ideias quanto você, mas sei quem pode ajudar a gente.

— Quem?

— Eu te conto de manhã. Enquanto isso, cale a boca e me deixe dormir.

Meu celular toca, o sinal sonoro ecoando alto por todo o pequeno

apartamento.

— Quem é que está te ligando a esta hora? — questiona Alex. — É o Devlin?

Leio a mensagem e rio.

— Não. É uma mensagem da sua ex-namorada.

Alex praticamente pula da cama e tira o aparelho da minha mão.

— O que ela disse? Por que ela está te mandando mensagem?

— Relaxa, mano. A Brittany me perguntou como tinha sido meu encontro e eu mandei uma mensagem pra ela antes de chegar aqui. Só não sabia que ela ia responder imediatamente.

— Ela quer saber se eu estou tão deprimido quanto ela — diz Alex, lendo a mensagem de Brittany.

O brilho da tela em seu rosto revela tudo. Ele ainda está doentia e desesperadamente apaixonado por ela. Eu até riria da cara dele se não achasse que tinha o mesmo olhar no rosto quando acordei com o corpo nu de Kiara junto ao meu e percebi que preferia morrer a viver mais um dia sem ela. Não a conheço há muito tempo, mas apenas de olhar para ela sei que é certo. Estar com ela é como estar… em casa. Pode não fazer sentido para mais ninguém, mas faz para mim.

— Ei, Alex, responda dizendo que você está arrasado e que vai fazer qualquer coisa pra tê-la de volta… Até mesmo jantar com os idiotas dos pais dela e beijar sua bunda branca perolada pelos próximos setenta anos, mais ou menos.

— O que você sabe sobre relacionamentos, ou sobre bundas brancas peroladas? Esquece. Eu não quero saber a resposta pra essa pergunta. — Ele entra no banheiro com o telefone e fecha a porta.

Enquanto ele não volta, aproveito sua cama vazia. Ele vai ficar no banheiro por algum tempo, enviando mensagens de texto para sua ex-namorada até que ela seja sua namorada de novo. Acho que foi bom eu ter enviado minha mensagem logo antes de chegar aqui, sabendo que ela provavelmente estaria acordada e tão arrasada quanto meu irmão.

Lá no píer, quando acariciava os longos cabelos de Kiara depois que ela adormeceu em meus braços, um medo paralisante se apoderou de mim. Percebi que o que tive com Destiny não foi nada comparado ao que eu tenho com ela. Isso me assustou e entrei em pânico. Eu precisava me afastar para processar tudo, porque ficar perto me faz fantasiar sobre um futuro com

Kiara, em vez de me concentrar na realidade — que estou fugindo do Colorado no fim do mês. Como Keno disse, realmente não há outra escolha.

Quando percebo, Alex está me sacudindo.

— Levanta — ordena ele.

— Preciso de mais algumas horas de sono — digo a ele.

— Você não tem algumas horas — diz ele. — Já é meio-dia. E você recebeu uma mensagem.

Brittany de novo? É bom esses dois reatarem logo, para eu ter uma coisa a menos com que me preocupar.

— Eu já disse pra você escrever e dizer que vai fazer qualquer coisa pra tê-la de volta.

— A mensagem não era da Brit.

Abro um olho.

— Da Kiara?

Ele encolhe os ombros.

— Você recebeu *uma* mensagem da Kiara.

Eu sento num segundo, o movimento súbito me dá uma tontura desagradável.

— O que ela queria?

— Queria saber se você estava bem. Respondi dizendo que você passou a noite aqui e que ainda estava dormindo. Mas você recebeu uma mensagem de voz de Devlin. Ele quer te ver hoje à noite.

Eu massageio um nó de tensão que está se formando na parte de trás do meu pescoço.

— Bom, acho que é isso, então. Não adianta imaginar que ele se esqueceu de mim. Ele gastou muita energia pra me recrutar. Não vejo saída, Alex.

— Sempre há uma saída. — Ele me joga uma toalha. — Tome um banho e se vista. Você pode usar minhas roupas. Corre, não temos muito tempo.

Alex me leva ao campus de Boulder. Eu o acompanho até um dos edifícios, mas fico paralisado quando chegamos a uma porta marcada RICHARD WESTFORD, PROFESSOR DE PSICOLOGIA.

— Por que estamos aqui? — pergunto ao meu irmão.

— Porque ele pode nos ajudar. — Alex bate na porta do professor.

— Entre — diz ele.

Westford ergue a cabeça quando entramos em seu escritório.

— Olá, meninos. Espero que você e Kiara tenham se divertido ontem à noite. Colleen me disse que ela ainda estava dormindo esta manhã, quando saí de casa, então não tive a chance de perguntar a ela.

— Foi divertido — murmuro. — A Kiara é…

— Bem difícil, às vezes, eu sei. Ela definitivamente nos mantém alertas.

— Eu ia dizer incrível — digo a ele. — Sua filha é incrível.

— Eu não posso aceitar todo o crédito. A Colleen fez um trabalho incrível educando as crianças. A Kiara só precisa sair um pouco da casca. Foi bom você levá-la. Sei que ela gostou muito. Agora, tenho certeza de que o Alex não queria me encontrar aqui só pra jogar conversa fora. Qual o problema?

— Conte a ele o que você me contou — ordena Alex.

— Por quê?

— Porque ele é foda.

Olho para a careca de Westford. Foda o caralho. Talvez ele tenha sido, mas não é mais. Ele agora é um psicólogo, não é mais um soldado.

— Apenas fale — diz Alex, impaciente.

Não tenho outra opção, então eu conto. Talvez Westford possa pensar em algo que não pensei. Improvável, mas vale a pena tentar.

— Você lembra quando fui espancado e eu disse que me pegaram perto do shopping?

Ele acena com a cabeça.

— Eu menti. A verdade é… — Olho para Alex, que me incentiva a continuar. — Eu fui recrutado por um cara chamado Devlin.

— Eu sei quem é o Devlin — diz o professor. — Eu nunca o conheci, mas já ouvi falar dele. Ele trafica drogas. — Seus olhos se estreitam, e eu detecto um pouco daquela personalidade dura tentando emergir. — Espero que você não esteja vendendo drogas pra ele.

— Esse é o meu problema — digo ao professor. — Ou eu vendo drogas, ou ele me mata. Neste momento, prefiro vender drogas a morrer.

— Você não vai fazer nenhum dos dois — diz Westford.

— Devlin é um homem de negócios que só se preocupa com os lucros.

— Lucros, é? — Westford se recosta na cadeira, as engrenagens em seu cérebro em pleno movimento. A cadeira se inclina tanto que ele precisa se

agarrar à sua mesa para não cair. O professor é durão, claro. Durão até a sola dos seus chinelos acolchoados de grife.

— Alguma sugestão? — pergunta Alex. — Estamos sem ideias.

Westford ergue o dedo.

— Acho que eu posso ajudar. Quando você vai se encontrar com ele?

— Esta noite.

— Vou com você — diz Westford.

— Eu também — completa Alex.

— Ah, que bom. Vamos fundar nossa própria gangue de *renegados* — digo, dando uma breve risada. — Você não pode simplesmente confrontar o Devlin.

— Não duvide — diz Westford. — Não importa o que for preciso, vamos te tirar dessa.

Esse cara está me zoando? Ele não é sequer da minha carne e sangue. Ele deveria pensar em mim como um fardo e uma responsabilidade em vez de alguém por quem vale a pena lutar.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto a ele.

— Porque a minha família se preocupa com você. Escuta, Carlos, acho que já é hora de te contar sobre o meu passado, pra você entender do que estou falando.

Preciso ouvir isso.

Eu me reclino na cadeira, pronto para ouvir uma longa e triste história sobre como seus pais eram malvados, porque não compraram o brinquedo exato que ele pediu em seu sexto aniversário. Ou como os garotos do Ensino Médio o espancavam para tirar seu dinheiro do almoço. Talvez ele tenha ficado traumatizado porque seus pais lhe deram um carro usado em vez de um carro zero, quando ele completou dezesseis anos. O professor espera realmente que eu sinta pena dele? Acho que posso vencê-lo no departamento de soluços, com apenas uma das mãos.

Westford se ajeita, desconfortável, em sua cadeira e, em seguida, solta um longo suspiro.

— Meus pais e meu irmão morreram em um acidente de carro quando eu tinha onze anos. — Uau. Eu não estava esperando por isso. — Nós estávamos voltando pra casa uma noite, estava nevando, e meu pai perdeu o controle do carro.

Espere.

— Você também estava no carro?

Ele acena com a cabeça.

— Eu me lembro dele se desviando, do carro rodando na pista — ele hesita — e, então, de um caminhão colidindo com o carro. Ainda consigo ouvir os gritos da minha mãe ao ver os grandes faróis apontando diretamente pra ela, e meu irmão olhando pra mim como se eu pudesse ajudar de alguma forma.

Ele pigarreia e engole em seco, e minha capacidade de ganhar o jogo de "quem teve a pior infância" começa a desaparecer rapidamente.

— Depois do impacto, quando meu corpo parou de se mexer como uma boneca de pano, abri meus olhos e vi sangue espalhado por todo o carro. Eu nem sabia se era meu ou dos meus pais… ou do meu irmão. — Seus olhos estão vidrados, mas ele não derrama uma lágrima. — Era como se ele estivesse em pedaços, Carlos. Apesar de achar que morreria se me movesse, por causa da dor que sentia, eu precisava salvá-lo. Eu precisava salvar todos eles. Segurei o corte na barriga do meu irmão pelo tempo que pude, o sangue quente e fresco escorrendo por minhas mãos. Os paramédicos tiveram que forçar minhas mãos a se soltarem, porque eu não queria largar. Não podia deixá-lo morrer. Ele só tinha sete anos, um ano mais velho do que o Brandon.

— Todos morreram, menos você?

Ele acena com a cabeça.

— Eu não tinha parentes com quem pudesse morar, então passei os sete anos seguintes indo de lar adotivo em lar adotivo. — Ele olha diretamente nos meus olhos. — Na verdade, fui expulso da maioria deles.

— Por quê?

— O que você puder imaginar. Brigas, drogas, fugas… Basicamente, eu precisava de um pouco de compreensão e orientação, mas ninguém estava disposto ou teve tempo pra cuidar de mim. Por fim, fiz dezoito anos e acabei nas ruas. Acabei chegando a Boulder, onde havia muitos jovens como eu. Mas viver nas ruas era sujo, e eu estava sozinho e não tinha dinheiro. Um dia, eu estava pedindo dinheiro e um homem zombou de mim e disse "Sua mãe sabe onde você está e o que você está fazendo com a sua vida?". Naquele momento, eu pensei sobre isso. Se a minha mãe estivesse no céu olhando pra mim, ela ficaria puta por eu sequer tentar fazer algo melhor comigo mesmo. Percebi que nenhuma quantidade de revolta traria minha

família de volta — continua ele. — Nenhuma quantidade de drogas apagaria de uma vez por todas o olhar do meu irmão, que me implorava pra ajudá-lo. E nunca consegui fugir daquela imagem, porque, quanto mais fugia, mais as coisas pioravam. No fim, consegui redirecionar essa energia entrando no Exército.

— Eu não quero que você arrisque sua vida por mim, professor. Já é ruim o bastante eu querer namorar a sua filha.

— Podemos adiar essa discussão. Agora vamos nos concentrar no problema mais urgente. Quando você deve encontrar o Devlin? — pergunta Westford. O homem irradia determinação.

Combinamos de nos reunir às sete horas e botar nosso plano em ação. Qual plano, não tenho ideia. Espero que até as sete horas Westford tenha pensado em alguma coisa. A verdade é que é um alívio colocar minha vida nas mãos de alguém em quem confio.

capítulo 54

Kiara

Minha mãe está fazendo panquecas para o café da manhã, na segunda-feira.

— O que você ainda está fazendo em casa? — pergunto.

— Pedi pra alguns funcionários abrirem a loja. — Ela sorri com ternura, aquele sorriso doce que sempre fez com que eu me sentisse melhor quando tinha que ficar em casa por estar doente, no Ensino Fundamental. — Vai ser bom ver você e Brandon e levá-la para a escola, pra variar um pouco.

— Você ou o papai conversaram com o Carlos? — pergunto pela trilionésima vez desde ontem. Meus pais estão agindo de forma estranha desde que meu pai chegou do trabalho ontem. Ele se trancou em seu escritório com minha mãe por horas. Os dois, desde então, parecem aflitos, e eu não consigo descobrir o motivo.

Carlos me disse que iria para casa de Alex, pouco antes de falar que me amava. Gostaria que ele estivesse aqui, assim poderia me garantir que tudo ficará bem entre nós, mas sei que ele precisa se afastar e colocar a cabeça no lugar.

O problema é que nunca aliviei seu maior medo. Ele precisa saber que eu não vou desistir dele ou de nós repentinamente. Gostaria de ter conversado com ele antes da escola hoje, mas não foi possível. Ele não voltou desde que me deixou em casa no domingo de manhã.

Observo minha mãe, enquanto ela mistura com vigor a massa de panqueca, mexendo rápido a sua tigela.

— Não tenho certeza.

— O que isso significa?

— Significa que não quero falar sobre isso.

Eu me aproximo e coloco a mão sobre seu braço, impedindo-a de continuar a misturar a massa.

— O que está acontecendo, mãe? Você precisa me contar. — Eu engulo em seco. Não vou recuar e deixar o garoto que eu amo viver na miséria porque ele também me ama. Não vale a pena. Eu desistiria dele se isso o fizesse feliz. — Preciso saber.

Quando ela olha para mim, seus olhos estão cheios d'água. Com certeza, está acontecendo alguma coisa.

— Seu pai disse que está cuidando disso. Eu tenho confiado nele nos últimos vinte anos. Não vou deixar de fazer isso agora.

— Tem alguma coisa a ver com Carlos? Com o fato de ele ter levado uma surra? Ele está em perigo?

Minha mãe coloca a mão em meu rosto.

— Kiara, meu amor, vá para a escola. Desculpa por estar um pouco tensa esta manhã. Tudo isso vai acabar logo.

— O que vai acabar, mãe? — pergunto em pânico. — Só me con-con-conte.

Ela se afasta, obviamente contemplando as consequências de contar o que quer que esteja escondendo.

— Seu pai disse que está resolvendo. Ele teve uma longa conversa com o Tom e o David ontem, seus amigos do serviço militar que trabalham no escritório do Departamento de Narcóticos.

— Estou me sentindo mal — digo.

— Vai ficar tudo bem, Kiara. Agora se apronte para a escola e não fale uma palavra sobre isso a ninguém.

— O café da manhã está pronto? — pergunta meu irmão, entrando na cozinha.

Minha mãe volta a bater a massa de panqueca.

— Quase. Teremos panquecas de trigo integral.

Brandon a encara com sua famosa expressão de descontentamento, aquela a qual ninguém em casa consegue resistir. Eu me pergunto se essa expressão vai deixar de ser eficiente algum dia. Conhecendo Brandon, ele a usará quando estiver com cinquenta anos.

— Você pode colocar gotas de chocolate nelas? Por favoooor?

Minha mãe suspira, então o beija no rosto.

— Posso, mas calce seus sapatos, pra não se atrasar para o ônibus da escola.

Enquanto ela coloca a massa na frigideira quente, entro no escritório do meu pai. Sei que isso é terrível da minha parte, e é muitíssimo inapropriado, mas eu me sento diante do computador do meu pai e dou uma vasculhada em seu histórico. Primeiro na internet e depois em cada uma de suas pastas de documentos. Se há alguma pista do que está acontecendo, preciso saber.

E já que ninguém vai me contar, não tenho escolha a não ser bisbilhotar e investigar sozinha.

Para a tristeza do meu pai, mas para a minha alegria, ele não apagou seu histórico. Eu vejo tudo em que ele trabalhou nas últimas vinte e quatro horas. Vejo uma carta que ele escreveu para seu chefe, sobre introduzir um novo currículo, um esboço da prova em que ele está trabalhando para sua aula e uma planilha com um monte de números.

Eu a analiso. É financeira… detalhando uma de nossas contas bancárias. A última entrada é de hoje — um débito de cinquenta mil dólares —, deixando meus pais com um saldo de cinquenta dólares. Na linha de descrição há apenas uma palavra: dinheiro.

Meu pai está tirando cinquenta mil dólares de sua conta bancária hoje. De algum jeito, esse dinheiro está ligado à surra que Carlos levou, eu sei disso.

— Kiara, as panquecas estão prontas! — grita minha mãe, da cozinha.

É óbvio que ela não vai me contar por que meu pai está sacando cinquenta mil dólares de nossa conta bancária. Eu banco a inocente, comendo minhas panquecas com uma expressão falsa de despreocupação e sorrindo.

Assim que terminamos o café da manhã, minha mãe coloca Brandon dentro do ônibus da escola. Com pressa, volto a me esgueirar para o escritório e o computador do meu pai, porque tenho mais uma ideia. Acesso o site de mapas que ele usa com frequência e clico nas suas buscas recentes.

Claro, as duas últimas buscas são de endereços que desconheço. Um fica próximo a Eldorado Springs e o outro é em Brush, uma cidade que fica a uma hora e meia da minha casa. Sei que lá há muitos problemas com drogas, e fico com o coração apertado. O que está acontecendo? Depressa, anoto os endereços, fecho o computador e tento parecer inocente quando minha mãe entra em casa.

Na escola, abro meu armário e encontro duas rosas sobre os meus livros, uma vermelha e a outra amarela. Estão unidas por um rosário de contas escuras e um bilhete. Não tenho dúvida de que são de Carlos.

Ajoelho diante do meu armário e leio o bilhete, escrito em um pedaço amassado de papel.

K.,

A senhora da loja disse que amarelo significa amizade, e vermelho, amor. O rosário é a única coisa que eu tenho que tem valor para mim. É seu. Sou seu.

— Essa é Kiara Westford? — pergunta Tuck, vindo até mim. — Aquela que não retorna telefonemas?

Aperto as flores, o rosário e o bilhete contra o peito.

— Oi. Desculpa. As coisas estão meio loucas.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— O que você está segurando?

— Coisas.

— Do mexicano sensual?

Olho para as lindas flores.

— Ele está com pro-pro-problemas, Tuck. Meu pai está com ele e minha mãe está agindo de um jeito estranho, e eu preciso ajudar de algum jeito. Não posso ser deixada no escuro, quando todos estão em pe-pe-perigo. Me sinto tão inútil. Eu só… não sei o que fa-fa-fazer. — Eu nem percebo, a princípio, mas estou acariciando as contas do rosário.

Tuck me puxa até uma das salas de aula vazias.

— Que tipo de problema? Para de tremer, você está me assustando.

— Eu não p-p-posso falar. Acho que tem a ver com Carlos e alguns traficantes. Estou enlouquecendo, porque meu pai acha que ele é o Rambo e pode consertar isso. O Departamento de Narcóticos pode estar envolvido também. Tenho um pressentimento de que ele está bem encrencado, Tuck. Nem sei quem é esse traficante, com exceção de que, quando Carlos levou a surra, o chamou de "*El Diablo*".

— *El Diablo?* — Tuck balança a cabeça. — Isso não me diz nada. Sabe com quem você deveria falar?

— Com quem? — pergunto.

— Com Ram Garcia. A mãe dele trabalha no escritório do Departamento de Narcóticos. Ela veio conversar com a gente faz pouco tempo, sobre seu trabalho.

Beijo-o no rosto.

— Você é um gênio, Tuck! — digo e saio correndo para encontrar Ram.

Meia hora depois, estou sentada diante da sra. Garcia, a mãe de Ram.

Ela está usando um terno azul-marinho e uma impecável camisa branca, a imagem exata de uma agente do Departamento de Narcóticos. Quando Ram me deu o número do telefone da mãe dele, entrei no meu carro e telefonei para ela. Conto a ela tudo que sei. Nunca cabulei aula, mas, de novo, nunca estive tão preocupada com meu pai e Carlos.

A sra. Garcia acabou de desligar o telefone, estava falando com minha mãe.

— Ela está a caminho — diz para mim. — Mas você vai ter que ficar aqui algumas horas. Não posso te deixar sair deste prédio.

— Não entendo — digo a ela. — Por quê?

— Porque você sabe o endereço em Brush. Saber disso pode colocar várias pessoas em perigo. — A sra. Garcia suspira e, então, se inclina sobre sua mesa cheia de pastas de papel manilha. — Pra ser bem direta, Kiara, seu pai, Alex e Carlos deram de cara com uma coisa na qual trabalhamos há meses.

— Por favor, diz pra mim que eles não estão correndo perigo — imploro, porque meu coração está batendo cada vez mais rápido.

— Nossos agentes especiais, infiltrados na gangue, já sabem que seu pai e os irmãos Fuentes devem ser protegidos. Eles estão tão seguros quanto é possível estar à beira de uma operação do Departamento de Narcóticos em busca de drogas, e seu pai vai tomar todas as precauções necessárias.

— Como a senhora sabe disso?

— Seu pai trabalhou conosco em alguns perfis criminais, e, às vezes, como infiltrado — diz ela. — Ele está mantendo a operação em segredo, sem o Carlos e o Alex saberem, para a proteção deles. Quanto menos eles souberem, melhor.

O quê? Meu pai já trabalhou com o Departamento de Narcóticos? Por quanto tempo? Ele nunca falou disso para nós. Eu sempre o vi como meu pai, não como um cara que trabalha disfarçado com a Agência de Combate às Drogas dos Estados Unidos. Tudo que eu sabia é que ele tinha amigos da época do serviço militar com quem ele mantinha contato e saía de vez em quando.

A sra. Garcia provavelmente consegue ver a confusão estampada em meu rosto, porque ela sai de sua mesa e agacha diante de mim.

— Seu pai participou de algumas missões de combate pesadas, com

alguns de nossos agentes. Ele é bem respeitado e sabe o que está fazendo. — Ela olha para o relógio. — Tudo que posso dizer é que nós os temos sob vigilância constante, e nossos agentes que estão trabalhando disfarçados dentro da gangue são muito bem treinados.

— Não me importo que sejam bem treinados. — Lágrimas caem dos meus olhos e penso em todas as coisas que quero dizer para Carlos e não disse e em todas as vezes que deveria ter dito a meu pai o quanto o admiro. — Quero uma garantia de cem por cento de que eles ficarão bem — digo para a sra. Garcia.

Ela dá um tapinha em meu joelho.

— Infelizmente, não há garantias na vida.

capítulo 55

Carlos

Olho para meu irmão, seus dedos brancos de tensão segurando o volante do carro. O professor passou o dia considerando diferentes cenários para o caso de Devlin ou qualquer um de seus homens resolver não cumprir sua palavra e começar a atirar em nós.

Quando nos encontramos na noite passada, o professor chegou ao apartamento de Alex com uma blusa preta de gola alta e uma calça também preta, como se fosse o Zorro. Acho que o pobre homem tem saudade das operações militares secretas nas quais ele costumava estar envolvido, porque sua empolgação não poderia ser mais óbvia.

Não me pergunte como Westford teve a ideia de fazer um acordo com Devlin. Passei uma hora discutindo com ele, dizendo que de jeito nenhum o deixaria pagar dezenas de milhares de dólares de seu próprio dinheiro para resolver meus problemas. Eu discuti até minha garganta ficar dolorida, mas Westford insistiu. Ele disse que negociaria com Devlin com ou sem o meu consentimento.

Antes de completar o acordo, Westford e eu nos sentamos para uma longa conversa. Ele estava disposto a pagar Devlin o que fosse necessário… com uma condição.

Eu precisaria me alistar ou ir para a faculdade.

Era isso. O professor estava disposto a usar um caminhão de seu próprio dinheiro para comprar minha liberdade, mas com as regras anexas.

— É como escravidão — disse a ele esta tarde, quando repassamos cada mínimo detalhe do plano.

— Para de enrolar, Carlos. Temos ou não um acordo? — disse ele.

Apertamos as mãos, mas, para minha surpresa, ele me puxou e me deu um abraço de urso, dizendo que estava orgulhoso de mim. É muito estranho ter alguém que sabe toda a verdade sobre mim e sobre o que já fiz, mas ainda assim se importa com meu futuro e quer que eu seja feliz.

Devlin deu ao professor vinte e quatro horas para arranjar cinquenta mil dólares para me comprar. Mas só depois de eu aparecer em algum local

secreto em Brush e ir junto com Rodriguez a um encontro com os aliados dos *Guerreros*. Acho que algum negócio está prestes a acontecer, mas os fornecedores mexicanos não confiam em Devlin. Será que a guerra nas ruas com o R6 já começou?

Estamos no carro, a caminho do encontro com Devlin e Rodriguez em Brush. A mochila com o dinheiro está entre os pés de Westford. Estou no banco de trás, olhando para os dois caras que se tornaram meu esquadrão. Meu coração está batendo forte e pesado com a perspectiva de levar junto meu irmão e o professor. Eu deveria ir sozinho, sem arriscar a vida de mais ninguém. Devlin é problema meu, eles têm os deles.

Lembro de quando Kiara passou os dedos por uma das minhas tatuagens. *La rebelde*. Belo rebelde sou eu, que preciso de um homem velho careca e de meu irmão mais velho como guarda-costas. Mas se deixá-los vir comigo me dá um frio na barriga, admito que não sei o que faria sem eles.

— Ainda há tempo pra vocês dois voltarem. Eu posso entrar sozinho.

— Não vai acontecer — diz Alex. — Eu vou com você, não importa para onde.

Westford dá um tapinha na mochila cheia de dinheiro.

— Estou preparado…

— É muito dinheiro, professor. Tem certeza de que quer se separar dele? Você pode lavar suas mãos e ficar com o dinheiro. Eu jamais o culparia.

Ele balança a cabeça.

— Não vou dar pra trás agora.

— Se alguém pressentir algo errado, saiam rápido — digo a eles. — Devlin com certeza vai ter um monte de gente ao seu lado.

Alex dirige devagar por Brush. As ruas me lembram Fairfield, a cidade onde morávamos em Illinois. Nós não vivíamos do lado rico da cidade. Algumas pessoas se recusavam a dirigir pelo lado sul por medo de serem assaltados e perderem o carro, mas era o nosso lar.

Um grupo de rapazes da minha idade está parado na esquina, olhando o carro desconhecido de Alex com desconfiança. Se aparentarmos saber o que estamos fazendo e ter um motivo para estar aqui, ficaremos bem. Se agirmos como se não tivéssemos ideia de onde estamos ou como chegar aonde queremos ir, estamos fritos.

Quando Alex pega uma entrada sinuosa e para em frente ao que parece ser um armazém abandonado, calafrios percorrem minha espinha. Por que

Devlin insistiu que nos encontrássemos aqui?

— Prontos pra fazer isso? — pergunta Alex, estacionando o carro.

— Não — eu respondo. Westford e Alex se viram para mim. — Eu só queria agradecer — murmuro. — Você acha que o Devlin vai pegar seu dinheiro e me deixar ir ou vai matar a gente e pegar o dinheiro de qualquer forma?

Westford abre a porta do carro.

— Só há uma maneira de descobrir.

Saímos do carro, nossos sentidos em alerta. Apesar de eu ter achado muito divertido que Westford estivesse todo de preto de novo, ele parece bem fodão. Um fodão *velho* e quase careca, mas ainda assim fodão.

— Há um cara no telhado, mais dois, um às duas horas e outro às dez horas — diz Westford.

Qual era o apelido dele no Exército, Olho de Águia?

Um cara está parado na entrada, esperando por nós. Ele tem uns vinte anos e um cabelo loiro tão desbotado que parece branco.

— Estamos esperando vocês — diz ele, com uma voz gutural.

— Bom — digo, tomando a frente e entrando primeiro. Se alguém começar a atirar, eu serei o primeiro alvo, e Alex e Westford terão uma chance de fugir. Enquanto o rapaz de cabelos brancos nos revista procurando armas, Westford permanece agarrado à mochila de dinheiro, como se fosse muito doloroso se separar dela. Pobre Westford. Ele está sem dúvida fora de seu ambiente. — Você sabe que não quero que você faça isso, não sabe? — pergunto a ele.

— Não discuta — diz Westford. — Seria uma perda de tempo e não levaria a lugar nenhum.

O cara de cabelos brancos nos leva a uma pequena sala lateral.

— Esperem aqui — ordena ele.

Aqui estamos nós, dois irmãos Fuentes e um ex-militar agarrado a uma mochila contendo cinquenta mil dólares, o preço da minha liberdade.

Rodriguez entra na sala e senta-se à mesa.

— Então, o que você trouxe, Carlos?

— Dinheiro. Para o Devlin — digo. Acho que "O Maioral" não veio.

— Disseram que você tinha um benfeitor pagando a conta. Você conhece pessoas bem-posicionadas — diz ele, olhando para o professor.

— Mais ou menos.

Ele estende a mão.

— Passe pra cá.

Westford segura a mochila mais apertado.

— Não. Devlin e eu fizemos o acordo, vamos acabar com isso juntos.

Rodriguez o encara.

— Deixa eu te explicar uma coisa, vovô. Você não tem nenhum poder aqui. Na verdade, você deveria estar beijando meus pés, ou você pode acabar no chão com um buraco nos seus, ou dois.

— Ah, mas eu tenho algum poder — diz Westford. — Porque a minha esposa tem uma carta, que ela está pronta pra levar para a polícia se nós não voltarmos pra casa em segurança. Acredite, um professor universitário respeitado não será esquecido facilmente. Você e o Devlin serão caçados pra sempre.

Westford não solta a mochila.

Um Rodriguez bastante frustrado se afasta e nos deixa a sós de novo. Fico me perguntando se, da próxima vez, ele não vai apenas atirar e pegar o dinheiro.

— O que você acha, que o Devlin vai te dar um recibo? — pergunto ao professor. — Eu acho que você não pode descontar uma coisa dessas do imposto de renda.

Ele balança a cabeça.

— Mesmo frente a frente com o perigo, você continua engraçadinho. Você nunca para com isso?

— Não. É parte do meu charme.

— Como você sabe se o Devlin está mesmo aqui? — pergunta Alex.

O professor nem pisca.

— Se há um cara no telhado e mais dois monitorando o movimento, o chefe está aqui. Confie em mim.

E de fato, meia hora depois, Devlin aparece. Ele obviamente nos fez esperar de propósito, para não deixar dúvidas sobre quem está no comando. Devlin olha para a mochila.

— Quanto tem aí? — pergunta ele.

— O valor que combinamos… cinquenta mil.

Devlin anda pela sala, nos lançando um olhar cético.

— Eu fiz uma pesquisa sobre você, professor Westford.

Por meio segundo, Westford parece nervoso. Ele mascara o nervosismo

um instante depois. Não sei se meu irmão ou Devlin perceberam, mas eu, sim.

— E o que você descobriu? — pergunta Westford.

— Essa é a parte estranha — diz Devlin. — Quase nada. O que me faz imaginar se você não tem algum tipo de conexão com agências de inteligência policial. Talvez você tenha vindo aqui só pra armar pra cima de mim.

Não consigo conter o riso. O professor não tem conexões com agências de inteligência. Talvez, em seus dias de glória, ele tenha sido algum tipo de soldado de operações especiais, mas agora ele é apenas o pai de Kiara e Brandon. Um cara que fica realmente empolgado com a "Noite da Diversão em Família", pelo amor de Deus.

— As únicas conexões que tenho são com o departamento de psicologia da universidade.

— Bom mesmo, porque se eu descobrir que você tem alguma ligação com a polícia, você e esses garotos vão se arrepender de ter me conhecido. Rodriguez me disse que a sua esposa tem uma carta para a polícia, pra garantir sua segurança. Não gosto de ameaças, professor. Abra a mochila.

Westford abre e tira o dinheiro. Quando Devlin se convence de que está tudo lá e que o dinheiro não está marcado, ele me diz para pegá-lo e entregá-lo a ele.

— Ah, tem mais uma coisa — diz Devlin, apontando para mim. — Você e o Rodriguez vão encontrar alguns amigos meus muito importantes. No México.

O quê? De jeito nenhum.

— Isso não fazia parte do acordo — diz Westford.

— Bom, estou mudando o acordo — diz Devlin. — Eu tenho o dinheiro, as armas e o poder. Você não tem nada.

Assim que ele diz isso, o chão começa a tremer, como se estivéssemos no meio de um terremoto.

— É uma armadilha — grita alguém através da porta. Os homens de Devlin estão se espalhando, abandonando seu dever de proteger seu chefe e tentando salvar a própria pele.

Agentes do Departamento de Narcóticos em jaquetas azuis invadem o armazém, armas em riste. Eles mandam todos deitarem no chão.

Os olhos de Devlin se arregalam de loucura, e ele puxa uma pistola .45

da cintura e a aponta para o professor.

— Não! — eu grito e me lanço para a frente, tentando derrubar a arma da mão dele. Ninguém vai matar Westford, nem que eu tenha que acabar no necrotério. Eu ouço a arma disparar e sinto como se minha coxa estivesse pegando fogo. O sangue escorre pela minha perna para o chão de cimento. É surreal, e tenho medo de olhar para minha perna. Não sei quão grave é o ferimento, mas parece que mil abelhas me aferroaram. Alex corre para Devlin, mas o cara é rápido demais. Ele aponta a arma para meu irmão, e um pânico mortal me domina. Eu me arrasto em direção a Devlin para detê-lo, mas Westford me segura no instante que o cara de cabelos brancos surge na sala com uma Glock.

— Polícia! Solte a arma! — ordena ele.

Que merd…?

Em um movimento rápido, Devlin vira sua arma para o cara e eles trocam tiros. Prendo a respiração e só volto a respirar quando Devlin cai, as mãos sobre o peito. Seus olhos estão abertos e o sangue está escorrendo no chão debaixo dele. A dor lancinante de quase ter perdido meu irmão ou Westford nas mãos de Devlin me faz fechar os olhos.

Quando os abro novamente, vejo Rodriguez pelo canto do olho. Ele tem uma arma apontada para o agente de cabelo desbotado. Tento gritar para avisar o agente, mas, para minha surpresa, Westford pega a arma de Devlin e atira em Rodriguez como se fosse um atirador de elite.

Westford grita ordens para um dos agentes do Departamento de Narcóticos enquanto ele e Alex me carregam para fora do armazém.

— Você é do Departamento de Narcóticos? — pergunto a Westford com os dentes cerrados, porque a minha perna dói como o cão.

— Não exatamente. Digamos que ainda tenho amigos bem-posicionados.

— Isso significa que você vai ficar com os cinquenta paus?

— Sim. Acho que isso significa que nosso acordo está desfeito. Você não precisa ir para a faculdade ou para o Exército.

Dois paramédicos correm com uma maca. Eles me amarram, mas eu seguro o professor antes que eles possam me levar.

— Só pra você saber, vou me alistar.

— Estou orgulhoso de você. Mas por quê?

Eu gemo de dor, mas consigo abrir um meio sorriso.

— Eu quero ter certeza de que a Kiara vai ter um namorado que pode

oferecer mais do que apenas um corpo gostoso e um rosto que faria um anjo chorar.

— Você *alguma vez* deixa seu ego de lado? — pergunta Westford.

— Sim.

Quando sua filha me beija, meu ego desaparece.

capítulo 56

Kiara

Acaricio o braço de Carlos e deixo que ele aperte a minha mão enquanto esperamos para ouvir o que o médico tem a dizer sobre sua perna. Um Alex impassível também não saiu do lado de Carlos, desde que chegamos ao hospital. Ele está apavorado e parece se culpar por não ter evitado que seu irmão tenha se machucado. Mas tudo finalmente acabou.

Meu pai descobriu que a mãe e o irmão de Carlos foram ameaçados, então, com sua permissão, deu um jeito de eles virem para o Colorado. Ele também os está ajudando a conseguir uma casa temporária, o que é ótimo.

— Meu pai diz que você vai sobreviver — digo a Carlos, enquanto me inclino para beijar sua testa.

— Isso é bom?

Tudo bem, Kiara, é hora de falar, digo a mim mesma. *É agora ou nunca*. Eu chego perto dele, de modo que só ele possa me ouvir.

— Eu… Eu acho que preciso de você, Carlos. Do tipo preciso pra sempre. — Olho para ele. Seus olhos estão grudados nos meus. Eu quero isso, quero Carlos. Mais do que isso, realmente preciso dele. Precisamos um do outro. Quanto mais perto fico dele, mais me alimento da força e da energia que irradiam dele.

Percebo que ele quer falar algo para preencher o silêncio, como geralmente faz, mas ele se contém. Nossos olhos ainda não se desgrudaram, e eu não vou desviar o olhar. Não desta vez.

Devagar, estendo a mão trêmula e toco seu peito sobre sua camiseta, querendo tirar sua dor. Ele está com a respiração pesada agora, e consigo sentir seu coração batendo contra a palma da minha mão.

Ele segura meu rosto, acariciando com ternura minha pele. Fecho meus olhos e repouso em seu toque, derretendo com o calor de sua mão.

— Você é perigosa — diz ele.

— Por quê?

— Porque me faz acreditar no impossível.

Depois da cirurgia de Carlos, minha família inteira está ao redor de sua cama no hospital. Alguém bate na porta. Brittany, hesitante, entra no quarto.

— Obrigada por me ligar, Kiara — diz ela.

Carlos me disse para ligar para ela um pouco antes de sua cirurgia, após me contar que Alex e Brittany terminaram.

— De nada. Estou feliz por você estar aqui.

— Eu também — diz Carlos. — Mas estou cheio de morfina, então talvez você deva escrever isso.

Alex está prestes a sair do quarto, mas quando ele se aproxima da porta, Carlos grita:

— Alex, espera.

Alex pigarreia.

— O quê?

— Sei que vou me arrepender de dizer isso, mas você e a Brittany não podem terminar.

— Já terminamos — diz Alex, depois olha para Brittany. — Não é, Brit?

— Como *você* quiser, Alex — responde ela, frustrada.

— Não. — Ele vai até ela. — *Você* quis terminar. *Mamacita*, não coloque a culpa em mim.

— *Você* quer manter nosso relacionamento escondido dos meus pais. *Eu* não. Quero gritar para o mundo todo que estamos juntos.

— Ele está com medo, Brittany — diz Carlos.

— De quê?

Alex estende a mão e coloca uma mecha do cabelo loiro de Brittany atrás de sua orelha.

— De que seus pais façam você perceber que merece alguém melhor.

— Alex, você me faz feliz, faz com que eu me esforce pra trabalhar duro. Eu me empolgo com os seus sonhos para o futuro e estou ansiosa pra fazer parte deles. Quer você queira ou não, você é parte de mim. Ninguém pode mudar isso. — Ela olha para ele, lágrimas escorrendo por seu rosto. — Acredita em mim.

Ele segura o rosto dela e enxuga suas lágrimas. Sem uma palavra, ouço Alex engasgar quando a puxa para si e não a solta.

Meia hora depois, Alex, Brittany e meus pais vão para a cafeteria do hospital. Tuck entra segurando um grande vaso cheio de cravos cor-de-rosa e um balão preso nele, onde se lê: CINQUENTA POR CENTO DE TODOS OS

MÉDICOS SE FORMARAM ABAIXO DA MÉDIA DE SUA TURMA — ESPERO QUE SUA CIRURGIA TENHA CORRIDO BEM!

— Ei, *muchacho*! — diz ele.

— Ah, inferno — diz Carlos, fingindo irritação. Isso faz com que eu me sinta bem, saber que ele não perdeu seu espírito combativo, depois do que aconteceu hoje. — Quem te convidou?

Tuck coloca o vaso no parapeito da janela e sorri.

— Ah, qual é. Não seja tão rabugento. Estou aqui pra te animar.

— Trazendo flores cor-de-rosa? — pergunta Carlos, apontando para o vaso.

— Na verdade, as flores são para a Kiara, porque ela tem que lidar com você. — Ele pega o balão e o prende no estrado da cama do hospital. — Pense em mim como sua fadinha da sorte.

Carlos balança a cabeça.

— Kiara, diz pra mim que ele não acabou de se chamar de fadinha.

— Seja legal — digo a Carlos. — Tuck veio até aqui porque se importa com você.

— Vamos dizer que você subiu no meu conceito — admite Tuck, então tira seu longo cabelo do rosto. — Além disso, se eu não tivesse você pra irritar, minha vida não seria a mesma. Aceite isso, *muchacho*… você me completa.

— Você é *loco*.

— E você é um homofóbico, mas com a orientação de Kiara e a minha, você tem potencial pra se tornar um ser humano decente e tolerante.

O celular de Tuck começa a tocar. Ele o tira do bolso e anuncia:

— É o Jake. Já volto.

Ele desaparece pelo corredor, me deixando sozinha com Carlos. Bom, não completamente sozinhos. Brandon está numa cadeira no canto do quarto, ocupado jogando um de seus videogames.

Carlos agarra meu pulso e me puxa para a cama com ele.

— Até hoje, eu estava planejando ir embora do Colorado — diz ele para mim. — Eu achei que seria melhor se eu não fosse mais um fardo para seus pais e para o Alex.

— E agora? — pergunto, nervosa. Preciso ouvi-lo dizer que ele quer ficar aqui pra sempre.

— Não posso ir embora. Seu pai te contou que a minha mãe e o Luis estão vindo pra cá?

— Contou.

— Esse não é o único motivo pra eu ficar, *chica*. Eu não posso deixar você, assim como não poderia sair por aquela porta agora, com a minha perna toda engessada. Eu só estava pensando… a gente deveria contar para os seus pais agora ou mais tarde?

— Contar o que pra eles? — pergunto, arregalando os olhos.

Ele me dá um beijinho, depois responde orgulhoso:

— Que estamos em um relacionamento sério, monogâmico e comprometido.

— Estamos?

— *Sí*. E quando eu sair daqui, vou consertar a porta do seu carro.

— Não se eu a consertar primeiro.

Ele morde o lábio e olha para mim, como se eu tivesse acabado de deixá-lo excitado.

— Ouvi um desafio implícito na sua voz, *chica*?

Pego sua mão e entrelaço nossos dedos.

— Sim.

Ele me puxa para mais perto de si.

— Você não é a única neste relacionamento que ama um desafio — diz ele. — E só pra você ficar avisada, gosto de cookies de chocolate, com gotas de chocolate, quentes e macios por dentro… sem ímãs grudados neles.

— Eu também. Quando você quiser fazer alguns pra mim, me avisa.

Ele ri, depois inclina sua cabeça na direção da minha.

— Vocês vão se beijar de língua? — pergunta Brandon, do nada.

— Sim. Então feche seus olhos — responde Carlos, então puxa o cobertor sobre nós, nos dando o máximo de privacidade possível no momento. — Eu nunca vou te deixar de novo — murmura ele, contra meus lábios.

— Bom. Eu nunca vou te deixar partir. — Eu me reclino um pouco.

— Nem eu te deixarei ir embora. Lembre-se disso, o.k.?

— Lembrarei. Então, isso significa que você vai aprender a escalar montanhas comigo?

— Farei qualquer coisa com você, Kiara — diz ele. — Você não leu o bilhete que eu coloquei no seu armário? Sou seu.

— E eu sou sua — digo a ele. — Pra sempre, por toda a eternidade e um pouco mais.

epílogo

Vinte e seis anos depois

Carlos Fuentes observa a mulher que é sua esposa há vinte anos conferir os recibos do dia. Os negócios vão bem na oficina McConnell, que os dois compraram quando ele saiu do Exército. Mesmo durante os anos difíceis, ficaram bem. Sua esposa sempre apreciou as coisas simples da vida, mesmo quando podiam ter mais. Caramba, caminhar pelo The Dome sempre a fez sorrir mais do que qualquer outra coisa — o passeio tornou-se um ritual semanal para eles.

Agora, esqui e snowboard eram outra história. Carlos levou Kiara e suas filhas para resorts no inverno, mas só observou à distância enquanto Kiara ensinou as três meninas a esquiar, e depois a andar de snowboard. Elas gostavam especialmente quando seu tio Luis ia junto, o único dos irmãos Fuentes louco o suficiente para descer com elas pelos declives em formato de diamante.

Carlos limpa as mãos numa estopa depois de trocar o óleo do carro de seu velho amigo Ram.

— Kiara, a gente precisa conversar sobre esse menino que o seu pai me forçou a deixar morar aqui.

— Ele não é um garoto mau — diz Kiara, abrindo um sorriso reconfortante para o marido. — Ele só precisa de um pouco de orientação e uma casa. Ele me lembra um pouco você.

— Você está brincando? Você viu quantos piercings o delinquente tem? Aposto que ele tem alguns em lugares que eu nem quero saber.

Como se estivessem esperando a deixa, sua filha mais velha, Cecilia, para seu carro na porta da oficina, com o delinquente no banco do passageiro.

— O cabelo dele é muito longo. Ele parece uma *chica* que precisa se barbear — diz Carlos.

— Shhh, seja gentil — repreende Kiara.

— Onde vocês dois estavam? — pergunta Carlos com um tom de acusação, quando os dois saem juntos do carro de Cecilia.

Nenhum deles responde.

— Dylan, venha comigo. Precisamos ter uma conversa de homem pra homem. — Carlos vê o delinquente revirar os olhos, mas ele o segue até sua sala no canto da oficina. Carlos fecha a porta e se instala na cadeira atrás da mesa, gesticulando para que Dylan se sente na cadeira em frente.

— Você já está com a gente há uma semana, mas estive tão ocupado na oficina que não consegui conversar com você sobre as regras da casa — diz Carlos.

— Olha, meu velho — diz o garoto com uma voz preguiçosa, inclinando-se para trás na cadeira e apoiando seus tênis sujos na mesa de Carlos. — Eu não sigo regras.

Velho? *Não segue regras*? Merda, esse garoto precisa de uns bons safanões. Verdade seja dita, Carlos de fato reconhece um pouco de seu velho eu rebelde no menino. Dick foi o melhor pai adotivo que Carlos poderia ter encontrado quando veio para o Colorado… Porra, ele começou a chamar o professor de "pai" antes mesmo de se casar com Kiara, e não conseguia nem imaginar como sua vida teria sido sem sua orientação.

Carlos empurra os pés de Dylan de sua mesa, então pensa naquele momento em que o pai de Kiara recitou um discurso semelhante ao que estava prestes a sair de sua boca.

— *Uno*, sem drogas ou álcool. *Dos*, sem palavrões. Eu tenho três filhas e uma esposa, então mantenha a boca limpa. *Trés*, o horário de estar em casa durante a semana é dez e meia; nos fins de semana, meia-noite. *Cuatro*, você deve manter suas coisas e seu quarto arrumados e ajudar nas tarefas da casa quando solicitado, como nossas próprias filhas. *Cinco*, televisão só depois de terminar o dever de casa. *Seis*… — Ele não conseguiu lembrar qual era a sexta regra de seu sogro, mas não importava. Carlos tinha sua própria sexta regra, que queria deixar bem clara. — Namorar Cecilia está fora de questão, então nem pense nisso. Alguma pergunta?

— Sim, uma. — O delinquente se inclina para a frente e olha diretamente os olhos de Carlos com um sorriso malicioso. — O que acontece quando eu quebrar uma das suas regras de merda?

Agradecimentos

Este livro não seria possível sem Emily Easton, minha editora, que encarou comigo muitos rascunhos da história de Carlos. Acho que você merece ser canonizada pelo que fez.

A dra. Olympia González merece um agradecimento especial por passar tempo comigo me ajudando a temperar meu livro com as culturas espanhola e mexicana. Assumo o crédito por todos os erros, mas espero tê-la deixado orgulhosa.

Tenho muita sorte em ter Ruth Kaufman e Karen Harris como amigas e colegas. Ambas me ajudaram do início ao fim. Não posso agradecer a vocês duas o suficiente por estarem lá quando eu mais precisava.

Quero agradecer a Alex Strong por servir de inspiração para Tuck. Espero que ele seja divertido e espirituoso como você, Alex.

Também quero agradecer à minha agente, Kristin Nelson, por seu apoio interminável enquanto eu escrevia este livro. Significou muito para mim ter uma torcida me animando. Você até concordou em praticar canoagem comigo no Colorado enquanto eu fazia pesquisa para o livro, pobre querida. Isso que é uma agente dedicada.

Outras pessoas que me ajudaram com este livro ou que foram amigos e familiares maravilhosamente solidários são Nanci Martinez, Dayna Plusker, Marilyn Brant, Erika Danou-Hasan, Meko Miller, Randi Sak, Michelle Movitz, Amy Kahn, Joshua Kahn, Liane Freed, Jonathan Freed, Debbie Feiger, Nickey Sejzer, Marianne To, Melissa Hermann, Michelle Salisbury e Sarah Gordon. As conversas com Jeremy, Maya, Sarah, Koby, Victor e Savi foram extremamente úteis para me ajudar a entender o que é ser adolescente no Colorado. E eu jamais poderia deixar de agradecer a Rob Adelman pela sua infinita sabedoria.

Quero também agradecer aos meus fãs. Eles são a melhor parte de escrever romances, e eu nunca me canso de ler as cartas e os e-mails que eles me enviam.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer a Samantha, Brett, Moshe e Fran. Eles definitivamente são minha inspiração e foram maravilhosos e pacientes enquanto escrevia este livro.

Adoro saber mais sobre meus leitores. Então, não se esqueça de me visitar em www.simoneelkeles.net!

Notas

1. Abreviação de “Scholastic Aptitude Test”, teste de aptidão escolar ao qual jovens norte-americanos são submetidos no fim do Ensino Médio. A nota que obtêm os ajuda a entrar na faculdade. (N. T.)

[««]

---

2. Montanhas do Colorado com altura de quatro mil metros. *Fourteen thousand feet* em inglês. (N. T.)

[««]

---

3. Flor de lapela para homens usarem em eventos sociais. (N. T.)

[««]

Sobre a autora



© Paul Barnett

Simone Elkeles foi criada nos subúrbios de Chicago e tem muito em comum com os personagens que cria. É autora de outras séries de romances adolescentes que entraram na lista de mais vendidos do *New York Times* e do *USA Today*. Da autora, a Globo Alt também publica o primeiro volume da trilogia *Química perfeita* e os dois livros da série *Wild Cards: Amor em jogo* e *A garota dele*.

Copyright © 2010 by Simone Elkeles
Copyright da tradução © 2018 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Rules of Attraction*

Editora responsável **Sarah Czapski Simoni**
Editora assistente **Veronica Armiliato Gonzalez**
Capa **Thiago de Barros**
Imagem de capa **kieferpix/iStock by Getty Images**
Diagramação **Douglas Kenji Watanabe**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Revisão **Monise Martinez e Tomoe Moroizumi**

Editora de livros digitais **Lívia Furtado**
Conversão e cotejo do e-book **Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

1ª edição impressa, 2018
1ª edição digital, abril de 2018
ISBN: 978-85-250-6602-2 (digital)
ISBN: 978-85-250-6437-0 (impresso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E42L
Elkeles, Simone, 1970-
Leis da atração [recurso eletrônico] / Simone Elkeles ; tradução Fal Azevedo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Alt, 2018.
recurso digital (Química perfeita ; 2)

Tradução de: Rules of attraction
Sequência de: Química perfeita
Formato: ebook
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788525066022 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Azevedo, Fal. II. Título. III. Série.

18-48263

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439
05/03/2018 07/03/2018

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.
R. Marquês de Pombal, 25
20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br